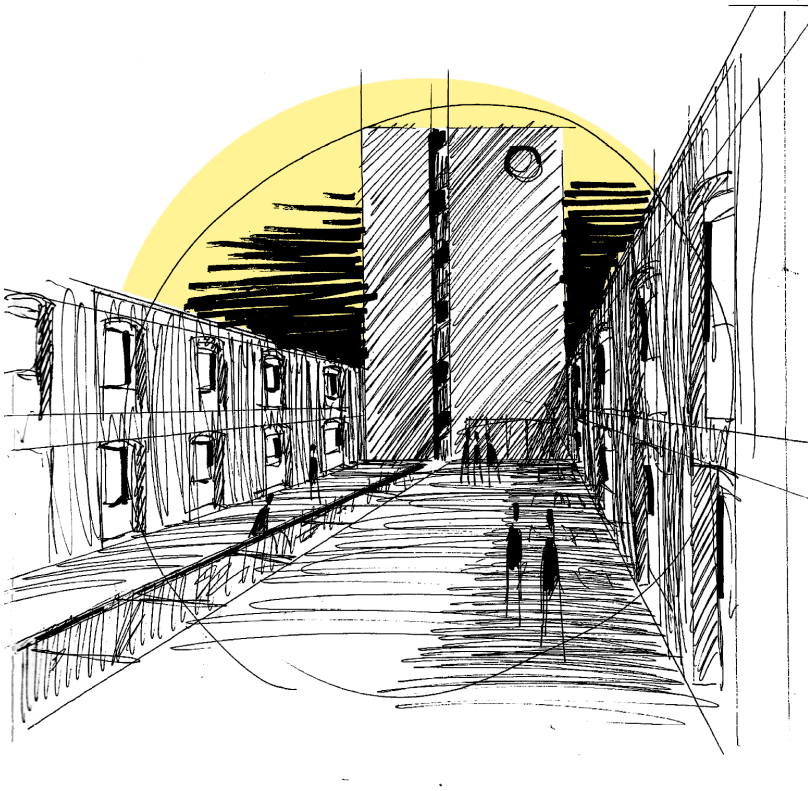
U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

F R A G M E N T O PERPÉTUO

REINTERPRETAR A FÁBRICA DA SAMARITANA



FRANCISCO VIEIRA GUEDES
(LICENCIADO)

PROJETO PARA GRAU DE MESTRE EM ARQUITETURA
(MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITETURA)

ORIENTADORES CIENTIFÍCOS
PROFESSOR ANTÓNIO PEDRO MOREIRA PACHECO
PROFESSOR LUÍS FILIPE FERREIRA AFONSO

DOCUMENTO DEFINITIVO

LISBOA, FAULISBOA, JULHO 2018

PROFESSOR ANTÓNIO LEITE (VOGAL)
PROFESSORA CRISTINA CAVACO (PRESIDENTE)

F R A G M E N T O PERPÉTUO

REINTERPRETAR A FÁBRICA DA SAMARITANA

FRANCISCO VIEIRA GUEDES
(LICENCIADO)

PROJETO PARA GRAU DE MESTRE EM ARQUITETURA
(MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITETURA)

ORIENTADORES CIENTIFÍCOS
PROFESSOR ANTÓNIO PEDRO MOREIRA PACHECO
PROFESSOR LUÍS FILIPE FERREIRA AFONSO

DOCUMENTO DEFINITIVO

LISBOA, FAULISBOA, JULHO 2018

PROFESSOR ANTÓNIO LEITE (VOGAL)
PROFESSORA CRISTINA CAVACO (PRESIDENTE)

RESUMO

Atualmente, a cidade de Lisboa encontra-se sujeita a um forte desenvolvimento. Este, por sua vez, demonstra cada vez mais a sua saturação, pelo que é eminente a expansão deste desenvolvimento para a periferia, na procura de novas centralidades.

Muito devido à sua relação com o rio, a frente ribeirinha oriental de Lisboa vai decerto ser engolida por esta expansão. O recente passado industrial vivido nesta área esquecida da capital deixou para trás inúmeros espaços expectantes, dos quais a cidade procura agora apropriar-se.

O Vale de Chelas / Xabregas, apontado como novo corredor verde oriental confronta-se com esta responsabilidade, devido à sua proximidade com o centro e a sua história. Surge a oportunidade de intervenção, uma proposta urbana de carácter regenerativo que ao mesmo tempo provoca ligações com o resto da cidade. Para garantir esta nova vida do vale é importante intervir sobre elementos, agora obsoletos, fulcrais à regeneração urbana.

É perpetuada a memória destes fragmentos, cidade e património.

PATRIMÓNIO | REGENERAÇÃO URBANA | REABILITAÇÃO | FÁBRICA DA SAMARITANA | MEMÓRIA

ABSTRACT

There is a strong development to which the city center of Lisbon has been subject, this shows, more and more its saturation, it is eminent its expansion to the periphery in the search for new centralities.

Much owing to its relationship with the river, the eastern riverfront of Lisbon is bound to be swallowed up by this expansion. The recent industrial past lived in this forgotten area of the capital left behind numerous expectant spaces, which the city now seeks to take ownership.

The valley of Chelas / Xabregas, designated as the new eastern green corridor, is confronted with this responsibility, due to its proximity to the center and its history. The opportunity for intervention emerges, an urban proposal of a regenerative nature that at the same time causes links with the rest of the city. To guarantee this new valley life, it is important to intervene on now obsolete elements that are crucial to the urban regeneration.

It is perpetuated the memory of these fragments, city and heritage.

HERITAGE | URBAN REGENERATION | REHABILITATION | SAMARITANA'S FACTORY | MEMORY



Professor Luís Filipe Ferreira Afonso

Professor Auxiliar António Pedro Moreira Pacheco

Obrigado.

AGRADECIMENTOS

Pai
Mãe

Guedes

Carlos
Rui

Patrícia
Ricardo

Rafa
Carol

Joana

Obrigado por tudo!

ÍNDICE DE FIGURAS

001 Topo Sul da Fábrica Topo Sul da Fábrica
Autor, 2018

002 Ortofotomapa Caminho do Oriente
Autor, 2018
(baseado em google earth)

003 Varinas de Lisboa
Artur Pastor, s/d.
Arquivo Municipal de Lisboa

004 Fotografia aérea do Caminho do Oriente
Autor desconhecido, 1950.
Arquivo Municipal de Lisboa

005 Diagrama da evolução da costa de Lisboa
Autor, 2018

006 Passado industrial da zona da Expo
Autor desconhecido, 1944.
restosdecoleccao.blogspot.com/2015/02/fabrica-de-gas-da-matinha.html

007 Fase limpeza da zona da Expo
Autor desconhecido, s/d.
skyscrapercity.com/showthread.php?t=261289

008 Fase de construção da zona da expo
Autor desconhecido, s/d
pinterest.pt/pin/471892867200868123/

009 Estado atual da zona da expo
Catalão Monteiro, 2003
flickr.com/photos/biblarte/26891245422

010 Fotografia do Vale de Chelas
Autor desconhecido, 1990
biclaranja.blogs.sapo.pt/485027.html

011 Fotografia do viaduto de Xabregas
Eduardo Portugal, 1938
Arquivo Municipal de Lisboa

012 Fotografia da Vila Dias
Alberto Carlos Lima, 1910
Arquivo Municipal de Lisboa

013 Descarrilamento de comboio à saída do túnel de Xabregas
Joshua Benoliel, 1914
Arquivo Municipal de Lisboa

014 Estrada de Chelas
Autor desconhecido, 1921
Arquivo Municipal de Lisboa

015 Património Industrial do Vale de Chelas
Autor, 2018

016 Fábrica de Gás de Belém
Joshua Benoliel, 1912
Arquivo Municipal de Lisboa

017 Demolição das fábricas em Belém
Autor desconhecido, 1950
Arquivo Municipal de Lisboa

018 Exposição do Mundo Português
Mario Novais, 1940
flickr.com/photos/biblarte/2679905048

019 Expoição do Mundo Português
Horácio Novais, 1940
flickr.com/photos/biblarte/3788450584

020 Vista aérea do Bairro da Madre Deus
Mario de Oliveira, 1920
Arquivo Municipal de Lisboa

021 Vista aérea do Vale de Chelas
Autor, 2017
Colaboração com o Gabinete de Comunicação da Fa-UL

022 Xabregas em fotografias
Autor, 2017

023 Património Industrial do Vale de Chelas
Autor, 2018

024 Salvaguarda do património
Autor, 2018

025 Mapa do edificado relevante vs edifícios indústriais
Autor, 2018

026 Diagrama de indentificação das vias
Autor, 2018

027 Esquema dos limites do Vale de Chelas
Autor, 2017

028 Estrada de Chelas
Autor, 2017

029 Beco dos Touchinheiros
Autor, 2017

030 Chaminé da Fárbica da Samaritana
Autor, 2017

031 Edificado sem ornamento
Autor, 2017

032 Linha de caminho de ferro
Autor, 2017

033 Conflito entre o Museu do Azuleijo e a linha ferrea
Autor, 2017

034 Esquemas de análise do Vale de Chelas
Autor, 2018

035 O rio e a cidade
Autor, 2018

036 Altimedria
Autor, 2018

037 Bacias hidrográficas
Autor, 2018
Baseado no PDM da C.M.L.

038 Edificado
Autor, 2018

039 Sistema verde
Autor, 2018
Baseado no PDM da C.M.L.

040 Evolução da costa
Autor, 2018

041 Alçado da Fábrica
Autor, 2017

042 Brazão da Freguesia do Beato
Eduardo Lourenço Brito, s/d.
jf-beato.pt/beato/costumes-e-heraldica/

043 Levantamento da Fábrica da Samaritana
Autor, 2017

044 Topo Sul da Fábrica da Samaritana
Autor, 2017

045 Alçado da Fábrica da Samaritana
Autor, 2017

046 Interior do terceiro piso da Fábrica da Samaritana
António Maria A. Santos, s/d.
Arqveologia e História. Lisboa: Edições Colibri, 2000. Pág. 138

047 Materialidades da Fábrica da Samaritana
Autor, 2017

048 Esquema evolutivo da Fábrica da Samaritana
Autor, 2018

049 Gravura da Sociedade Textil do Sul
Autor desconhecido, 1945
Caminho do Oriente: Guia do Património Industrial. Lisboa: Livros Horizonte, 1999. Pág.80

050 Primeiro contacto com a Fábrica
Autor, 2017

051 Samaritana em fotografias
Autor, 2017

052 Uma nova paisagem
Gonçalo Ribeiro Telles, 2003
A Utopia e os pés na Terra. Lisboa: Instituto Português dos Museus, 2003. Pág.111

053 Plano de Urbanização do Vale de Chelas
Câmara Municipal de Lisboa, 1998

054 Estudo da zona baixia do Vale de Chelas
Autor, 2017

055 Centralidades de Lisboa
Autor, 2018
Baseado no PDM da C.M.L.

056 Esquema de espaço natural
Gonçalo Ribeiro Telles, 2003
A Utopia e os pés na Terra. Lisboa: Instituto Português dos Museus, 2003. Pág.71

057 Esquema de bacias de retenção
Gonçalo Ribeiro Telles, 2003
A Utopia e os pés na Terra. Lisboa: Instituto Português dos Museus, 2003. Pág.121

058 Praça de Xabregas
Autor desconhecido, s/d.
Arquivo Municipal de Lisboa

059 Desenhos técnicos e fotografias, Stone Art Gallery
LIKYFOTO, 2015
archdaily.com/566825/stone-art-gallery-o-office

060 Arco da Vila Dias e viaduto de Xabregas
Eduardo Portugal, 1940
Arquivo Municipal de Lisboa

061 Desenho levantamento John Ruskin
Ruskin, 1849
The Sevens Lamps of Architecture. Nova Iorque: Smith, Elder & Co, 1849. Pág. 54

062 Desenho levantamento Viollet-le-Duc
Viollet-le-Duc, 1990
The Foundations of architecture. Selections from the Dictionnaire raisonné. Nova Iorque, 1990. s/p.

063 Desenhos técnicos e fotografias, Hedmark Museum
Helene Binet, s/d.
architecturenorway.no/stories/photo-stories/binet-hamar-09/

064 Desenhos técnicos e fotografias, Fondazione Prada
OMA, 2015
fondazioneprada.org/

065 Fotomontagem da industria têxtil
Autor, 2018
pinterest.pt/pbrandwood/the-old-cotton-mill/?lp=true

066 Fotografia antiga da industrial têxtil
Autor desconhecido, s/d.
pinterest.pt/pbrandwood/the-old-cotton-mill/?lp=true

067 Mapa da produção de lã em Portugal
Autor desconhecido, 1947
restosdecoleccao.blogspot.com/2012/09/industria-textil-em-portugal-e-fnil.html

068 Mapa da indústria de lanifícios em Portugal
Autor desconhecido, 1947
restosdecoleccao.blogspot.com/2012/09/industria-textil-em-portugal-e-fnil.html

069 Indústria têxtil hoje
FG+SG Architectural Photography, s/d.
proj3ct.eu/industry

070 Rótulos Sociedade Textil do Sul
Autor desconheicdo, s/d.
restosdecoleccao.blogspot.com/2012/09/industria-textil-em-portugal-e-fnil.html

071 Fotografia do areal em frente a Xabregas
Eduardo Portugal, 1940/48
Arquivo Municipal de Lisboa

072 Desenhos técnicos e fotografias, Santo Thyrso
Nuno Pinto, 2005
fabricasantothyrso.com

073 Desenhos do plano urbano
Autor, 2018

074 Percursos
Autor, 2018

075 Sistema hidrográfico
Autor, 2018

076 Edifícios de habitação
Autor, 2018

077 Estacionamento
Autor, 2018

078 Remate do sistema hidrográfico
Autor, 2018

079 Tinturaria Portugalia
Autor, 2018

080 Sistema de articulação entre cotas
Autor, 2018

081 Peça junto ao mercado multifuncional
Autor, 2018

082 Sistema de articulação entre cotas
Autor, 2018

083 Proposta urbana para o Vale de Chelas
Autor, 2018

084 Desenhos do projeto
Autor, 2018

085 Fábrica da Samaritana como um *landmark* da cidade
Autor, 2018

086 Esquema explicativo da Fábrica da Samaritana
Autor, 2018

087 Topo Sul da Fárbica da Samaritana
Autor, 2018

088 Esquema de evolução da proposta
Autor, 2018

089 Proposta conceptual
Autor, 2018

090 Esquema de usos da Fábrica
Autor, 2018

091 Esquema do rasgo que percorre a proposta
Autor, 2018

092 Receção
Autor, 2018

093 Corredor de distribuição
Autor, 2018

094 Escada de acesso ao terraço
Autor, 2018

095 Terraço
Autor, 2018

096 Auditório
Autor, 2018

097 Sala de costura
Autor, 2018

098 Esquema de organização do piso de produção
Autor, 2018

099 Atelier
Autor, 2018

100 Biblioteca
Autor, 2018

101 "Manga"
Autor , 2018

102 Sala de estudo
Autor, 2018

103 Estudo da caixinharia do terraço
Autor, 2018

104 Estudo construtivo da "manga"
Autor, 2018

105 Complexo
Autor, 2018

106 Estudo do edificado da restauração
Autor, 2018

107 Epaço expositivo
Autor, 2018

108 Estudo do posto de informação
Autor, 2018

109 Proposta de reabilitação para a Fábrica da Samaritana
Autor, 2018

110 Livros
Autor, 2018



INTRODUÇÃO 001
OBJETIVOS 003
METODOLOGIA 005

CAMINHO DO ORIENTE 009
CEMITÉRIO DAS FÁBRICAS 013
PATRIMÓNIO INDUSTRIAL 019
OLHA! XABREGAS! 023

FÁBRICA DO BLACK 031
REGENERAÇÃO URBANA 037
REABILITAÇÃO 045
DA INDUSTRIA AO DESIGN 053

QUIMERAS DA MEMÓRIA 065
~~COSER XABREGAS À CIDADE~~ 065
FÁBRICA DA SAMARITANA COMO NÚCLEO DA INDUSTRIA TÊXTIL MODERNA 083

CONSIDERAÇÕES FINAIS 095
BIBLIOGRAFIA 099
ANEXOS 105

Desespera o vale
Desligado o rio
Aqui jaz a industria
Sem vida ou brio

Pessoas passam
Tristeza no olhar
Pedem aos demais
Que salvem o lugar

Pinta-se o vale
Dum verde fogaz
Liga-se o vale
À cidade sem paz

No espectro da Samaritana
Nasce um gigante
Comtempla a vida quotidiana
Perpetua a memória atenuante

Vislumbra-se o futuro



INTRODUÇÃO

Lisboa é caraterizada pela convivência entre edifícios pertencentes a várias épocas. O rápido crescimento urbano a que as cidades estão sujeitas, leva a que muitas vezes, os tecidos urbanos, tal como edifícios do passado não acompanhem esse desenvolvimento, ficando por vezes fora de contexto, esquecidos, podendo conduzir à sua perda e ruína.

Assim sendo, o projeto a ser desenvolvido surge como continuação do trabalho executado em Laboratório de Projeto VI, "Construir no (e com o) Construído - O Caminho do Oriente: Reabilitar o Património Industrial / criar novas centralidades" com o objetivo de pegar nas construções industriais existentes na parte Oriental de Lisboa, que acabaram por se enraizar no meio urbano, constituindo parte da paisagem da cidade, com importância histórica e valor cultural.

Como seguimento para a tese final de mestrado é feito um foco na zona de Xabregas, uma área industrial desativa, onde desagua o Vale de Chelas. Esta encontra-se numa posição desligada da cidade, apesar da sua localização privilegiada tão perto do centro de Lisboa e da sua relação com o rio Tejo.

O objetivo deste trabalho passa, num primeiro plano, por analisar a evolução dos espaços urbanos, elementos fulcrais na estrutura da cidade, em que se inserem elementos atrativos com potencial revitalizador e estimulador de crescimento, pretendidos para a regeneração urbana e social da área de intervenção. Tendo este território grandes marcas do seu passado industrial, é realizada, à escala do edifício, a opção de intervir sobre o património industrial de modo a assegurar a desejada revitalização e atratividade, procurando ao mesmo tempo uma centralidade urbana, mas acima de tudo, um modo de resgatar a história deste edificado, oferecendo-lhe uma nova vida.

A colocação destas questões estimulou a pesquisa sobre o assunto. É essencial para a perceção da situação em que Xabregas se encontra atualmente, relativamente ao crescimento da cidade de Lisboa, a compreensão da história desta fratura urbana e o seu enquadramento no Caminho do Oriente. Assim, deve perceber-se o seu desenvolvimento desde o período em que era maioritariamente povoada por quintas, passando pela formação da área industrial, que foi uma das principais influências no discurso urbano desta zona baixia do Vale de Chelas, até ao progressivo desaparecimento das industrias, levando-nos a compreender a sua situação atual.

"A área oriental da cidade experimentou uma vocação industrial, cujas marcas ficaram traçadas na paisagem, desde a época da expansão. Oficinas, manufaturas, fábricas, chaminés, fornos, grandes conjuntos industriais, bairros operários, trabalho, greves, ideologias da emancipação foram o leitmotiv de espaços urbanos e rurais, acumulando- se gradativamente no tecido periurbano." [1]

Com base na análise das várias marcas físicas e temporais estabelecidas neste lugar, a estratégia urbana proposta procura resolver os problemas a nível de ligações urbanas, através do estudo de mecanismos regeneradores. Para tal, as articulações dos espaços marcados pelas diferentes épocas deverão ser consideradas, assim como a composição de arranjos exteriores, reabilitação e construção de edificações e novos espaços, de maneira a coexistirem como elo de ligação à cidade.

A nível de intervenção no Património Industrial, e após a análise dos diferentes edifícios industriais presentes no Vale de Chelas, a escolha para a intervenção de projeto recai sobre a Fábrica da Samaritana ou Fábrica de Tecidos e Fiação de Xabregas. Esta opção é feita pelo seu forte valor patrimonial, histórico, arquitetónico e singularidades espaciais com potencial de utilização de novos espaços dinamizadores, tanto a nível social, como urbano e cultural, aspetos dos quais a zona carece.

O projeto apresenta-se assim em diferentes fases: colocação do problema; análise do lugar; elaboração e apresentação do projeto, descrevendo processos e soluções arquitetónicas. Reflete ainda a respeito de projetos desenvolvidos, tanto a nível urbano como em edifícios arruinados que já não têm capacidade de acolher qualquer função.

1 FOLGADO et.al., 1999, pág.9

OBJETIVOS

A escolha da temática do Património Industrial como oportunidade de intervenção tem como base o seguimento do trabalho efetuado no primeiro semestre, *"Construir no (e com o) Construído - O Caminho do Oriente: Reabilitar o Património Industrial / criar novas centralidades"* [2]. Este é um tema cada vez mais pertinente devido ao elevado número de edifícios da época industrial presentes na cidade de Lisboa, tendo como foco de intervenção o caso do Vale de Chelas / Xabregas, que ostenta um contexto de grande presença industrial.

A área de intervenção apresenta diversos desafios, como a falta de conexões com o centro da cidade, a carência de caraterização de vazios urbanos existentes, a relação destes vazios com o edificado, assim como a sua conformidade. A revitalização do comércio local, a produção de meios que promovam a cultura, a interação entre as diferentes faixas etárias e terminar com a segregação da população residente nesta parte da cidade, são pontos a ter em conta, de maneira a criar uma coesão urbana, social e económica no território a intervir e com a restante cidade.

De modo a resolver estes desafios é feita uma reflexão na intervenção sobre o Património Industrial, em busca de um método de operação que possa ajudar a reduzir estes problemas. Esse método passa por perceber como é que a reabilitação destes fragmentos da história industrial pode servir para solucionar estas questões.

A finalidade deste projeto final de mestrado, assenta no estudo de conceitos e definições associados à relação entre regeneração urbana e a intervenção em edifícios esquecidos, que passa por uma operação urbana no que é o futuro corredor verde da parte Oriental de Lisboa. Este abrange a área jusante ao Vale de Chelas e a sua relação com a frente ribeirinha e a reabilitação do Património Industrial, sempre na tentativa de perceber o objeto, o seu uso passado, como funcionava, a sua arquitetura e quem nele trabalhava, de maneira a que a intervenção proposta seja a mais apropriada, enaltecendo todas as suas características.

A proposta de reabilitação para a Fábrica da Samaritana, na área de estudo, tem como intenção transformá-la num núcleo do design da industria têxtil moderna, sendo que a fábrica esteve outrora ligada à industria têxtil, em busca da dinamização da sua envolvente.

---

2 Trabalho realizado na cadeira de Laboratório de Projeto VI com orientação dos professores José Aguiar e Pedro Pacheco

"You cannot understand architecture merely by looking at photographs. You cannot understand architecture just by reading words. Yet many books on architecture have only words and/or photographs. The only way to approach an understanding of architecture is through the medium used in its creation – drawing." [3]

3 Unwin, Simon 2015, pág. 3

METODOLOGIA

Todas as fases da metodologia utilizada neste processo de investigação foram auxiliadas por referências e casos de estudo, tendo sido feita uma leitura de referências bibliográficas ou estudo de projetos e exemplos de temáticas semelhantes, sempre que se inicia uma nova fase.

A primeira fase, compreende os dois primeiros capítulos e resume-se à pesquisa de documentos, casos de estudo, imagens, documentários, planos, entrevistas, ..., procurando uma definição conceptual de investigação e âmbito de estudo.

Na segunda fase é feita a descrição do projeto per si, uma memória descritiva, de maneira a facilitar a compreensão do projeto e a justificar as razões das decisões tomadas.

Sendo assim, nos primeiros capítulos e num momento inicial, procura-se compreender o Caminho do Oriente e como este se insere em Lisboa. Posteriormente foi feito um foco na pesquisa de Xabregas, local de intervenção, percebendo as suas características e a sua história, assim como o porquê da escolha do lugar e a implantação do objeto de estudo nesta área, ou como este surge no Vale de Chelas. Foi, também, estudado o Património Industrial do Caminho do Oriente, em procura da sua definição e valor.

Por fim, neste capítulo, foi feita uma análise territorial, para compreender as oportunidades, necessidades, fragilidades e os pontos fortes do Vale de Chelas e da Fábrica, objeto de intervenção.

O segundo capítulo passa por perceber a Fábrica da Samaritana, como era, como funcionava, a sua história e caracterização, de modo a que a intervenção seja feita da melhor maneira possível, havendo uma harmonia entre a intervenção e a ruína pré-existente.

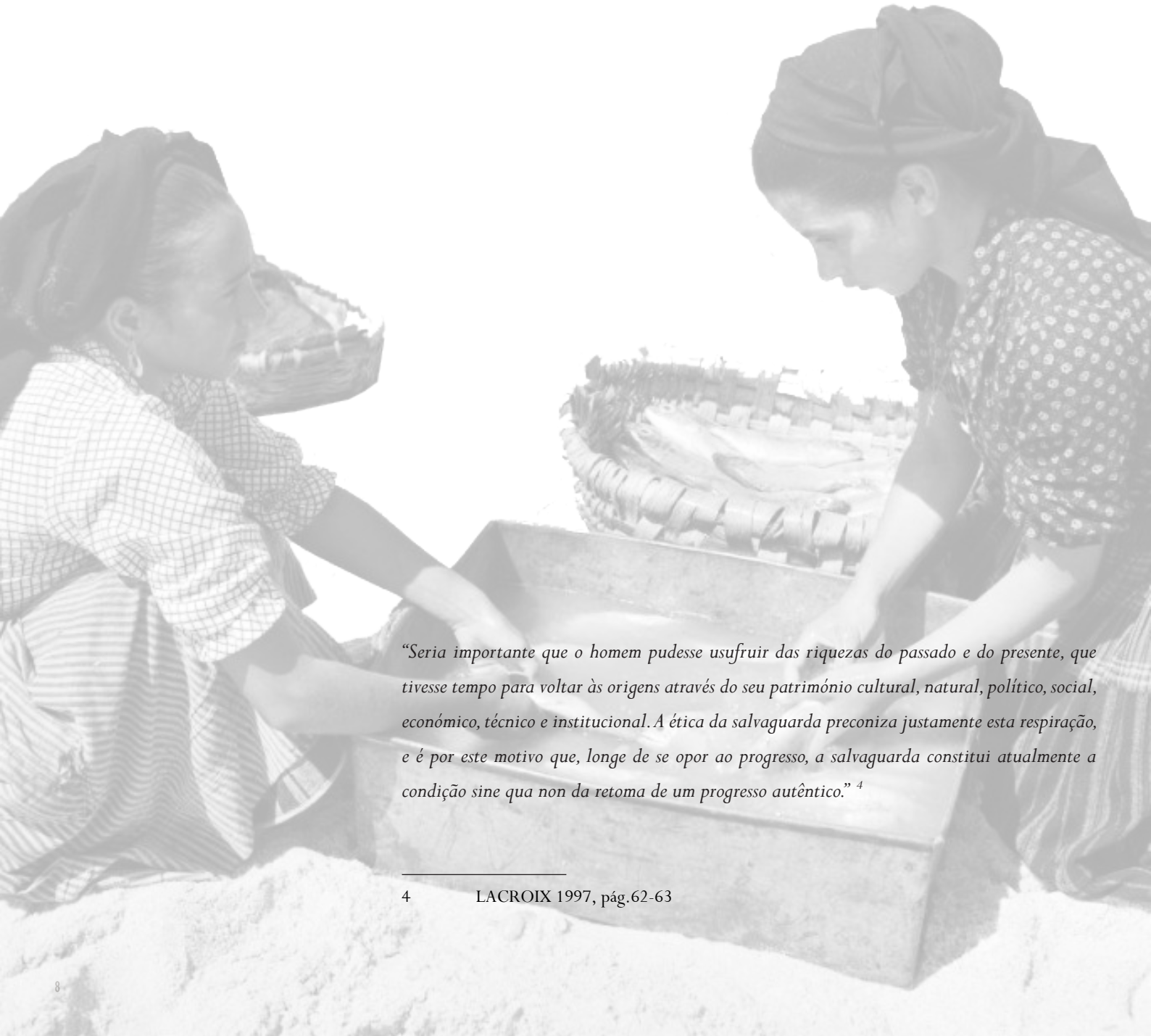
Neste capítulo foram também estudados os temas basilares desta tese, nomeadamente, regeneração urbana, reabilitação e industria têxtil, temas que vão ajudar na execução da segunda fase, o projeto. Estes temas são acompanhados de projeto de referência como forma de ajuda à elaboração do projeto.

Na segunda fase, como referido anteriormente, é feita uma descrição do projeto. Com a ajuda de casos de estudo, é explicado o porquê do programa, o que é e como funciona, a ideia conceptual, vivências do espaço, materialidades, sistemas estruturais/ construtivos, mobilidade, análise da intervenção, observando a conjugação entre a ruína e o projeto e, por fim, a dinamização criada com o mesmo.

A elaboração do documento escrito que acompanha a proposta de projeto, decorreu ao longo de todas as fases, e procura acompanhar as descobertas feitas ao passo que o projeto avança.




2018



"Seria importante que o homem pudesse usufruir das riquezas do passado e do presente, que tivesse tempo para voltar às origens através do seu património cultural, natural, político, social, económico, técnico e institucional. A ética da salvaguarda preconiza justamente esta respiração, e é por este motivo que, longe de se opor ao progresso, a salvaguarda constitui atualmente a condição sine qua non da retoma de um progresso autêntico." [4]

4 LACROIX 1997, pág.62-63

CAMINHO DO ORIENTE

Este capítulo intenta relatar o desenvolvimento do *Caminho do Oriente,* uma área compreendida entre o centro de Lisboa e a Expo [5], desde os tempos áureos até ao seu esquecimento, com apontamentos de acontecimentos significativos.

Por volta do século XVI, desenvolveu-se em grande escala a atividade portuária de Lisboa, tornando-se numa das mais importantes cidades da Europa a nível do comércio, num tempo em que ainda decorria a época dos Descobrimentos[6].

É por esta altura que o percurso terrestre que percorria a frente ribeirinha do rio Tejo, criado para ligar a cidade a Santarém, atual Estrada de Xabregas, sofre um investimento. Os eixos que criava, proporcionados pelos encontros com os vales ao longo do seu percurso, eram ideais para espaços de cultivo e produção agrícola devido às características do terreno, que era, também, povoado por espaços de referência, tais como, quintas de recreio, conventos e palácios, o que provocou um reconhecimento de localidades como Xabregas e Marvila em relação à cidade de Lisboa.

A frente ribeirinha de Lisboa era então marcada por três grandes praças junto ao rio Tejo, a frente de Belém, o Terreiro do Paço e o Paço Real de Xabregas. No terceiro, um complexo de conventos servia a ordem religiosa franciscana, que realizava, aquando os descobrimentos, expedições missionárias com os navegadores.

Todavia esta paisagem de palácios, campos hortícolas, conventos e quintas foi-se alterando com o passar dos anos, muito devido ao desenvolvimento manufatureiro do século XVII, que vai culminar na transformação a nível de tecidos urbanos, económicos e sociais.

Porém, foi no século XVIII, com o terramoto de 1755, que se originou a maior transformação da paisagem, com o abandono ou destruição de diversos palácios, campos hortícolas, conventos e quintas, o que provocou um período de transformação na zona oriental de Lisboa.

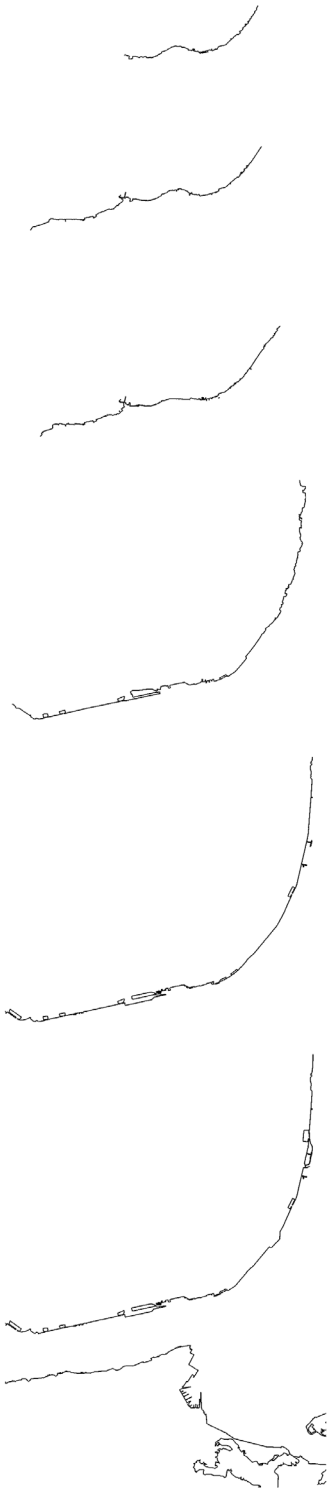
No final do século XIX surgia um impulso fabril nesta área de Lisboa, associado à construção da linha de caminho-de-ferro que fazia a ligação de Lisboa ao Carregado, seguida por uma transformação das instalações portuárias da capital.

A ligação de caminho de ferro criada em 1856, conhecida por linha do Norte, que parte de Santa Apolónia, vai protagonizar a expansão da zona Oriental, a industria já não acontece somente junto á frente ribeirinha, mas também no interior do território.



5 Expo, Parque das Nações, sendo a zona mais a Este de Lisboa

6 Época dos Descobrimentos começa no século XV, é marcada pela ocupação dos portugueses a Ceuta, 1415, e passagem do cabo Bojador, 1434



005 Diagrama da evolução da costa de Lisboa

Nas cartas topográficas de Lisboa, é possível perceber como a linha de costa da frente ribeirinha se transformou ao longo do tempo, consequente da reconstrução da cidade pós-terramoto e da necessária conquista do rio Tejo, de modo a acomodar a construção da Avenida Infante D. Henrique, nas décadas de trinta e quarenta, apoderando-se de praias, quintas, cais e docas.

O surgimento de atividades industriais e do caminho de ferro, incitaram um surto de novos elementos que se sobrepunham às malhas urbanas existentes e edifícios de referência que deram lugar a fábricas, armazéns de comércio, pequenas empresas ligadas a atividades portuárias e vilas operárias. Com elas, surgem novas vias de ligação entre a cidade e regiões.

A extinção de ordens religiosas, bem como a nacionalização dos seus bens, vai permitir a compra de propriedades outrora pertencentes às mesmas, sendo adquiridas pela burguesia liberal, permitindo, deste modo, o aparecimento de uma nova exploração agrícola articulada com os edifícios industriais.

No ano de 1871, a carta topográfica de Lisboa representava uma linha de costa, resultado da reconstrução de Lisboa pós-terramoto. Contudo, a decisão da construção do Porto de Lisboa trás consigo novas ideias de modernização desta frente ribeirinha, através da instalação de novas linhas de caminho-de-ferro junto ao rio e melhoramentos de apoio às atividades portuárias.

Em 1890 é atingido o auge da industrialização. Um inquérito de 1891 revelava que existiam, nesta área, 156 ramos industriais.[7] Estas grandes fábricas mecanizadas aparecem no lugar das pequenas industrias, com relevante impacto na paisagem.

O crescimento acaba na década de oitenta e inicia-se uma época de desindustrialização. Por essa altura dá-se uma migração de algumas fábricas para os arredores de Lisboa, outras acabam mesmo por extinguir trabalhos. Esta alteração de paradigma é em muito protagonizada pela Exposição do Mundo Português em 1940, que será descrita mais à frente neste documento.

No início da preparação para a EXPO 98, a área Oriental de Lisboa confrontava-se com uma situação de abandono e ruína. Com as obras desta exposição ocorreu uma transformação do lugar em que se inseria, que trouxe uma nova organização do território, desenvolvendo o fim da vivência industrial dos séculos anteriores, o que levou a oficinas, manufaturas, fábricas, chaminés, fornos, grandes conjuntos industriais e bairros operários a acumular-se no tecido urbano, elementos marcantes da paisagem atual.

As constantes alterações no paradigma urbano do Caminho do Oriente, discutidas ao longo do texto, resultaram numa sobreposição de várias épocas, o que provocou as dificuldades urbanas, económicas e sociais que tornam esta área da cidade num lugar expectante e esquecido de Lisboa. (FOLGADO et.al., 1999)

7 Em 1915 os trabalhadores da Lisboa Oriental já ultrapassavam os 15 000



006 Passado industrial da zona da Expo



007 Fase limpeza da zona da Expo



008 Fase de construção da zona da expo



009 Estado atual da zona da expo



010 Fotografia do Vale de Chelas

"As condições para o crescimento da indústria neste local eram favoráveis, pelo que desde logo se tende a intensificar, devido á proximidade com o rio, (área estratégica onde as trocas comerciais podiam ter lugar), e á implantação do caminho-de-ferro - 1856, que partia da Estação de Santa Apolónia e seguia para Leste e para Norte, centrando assim naquela área as condições propícias para o crescimento a nível industrial de toda esta área Oriental de Lisboa." [8]

8 FOLGADO et.al. 1999, pág. 12-15

CEMITÉRIO DAS FÁBRICAS

Xabregas [9], situada na parte jusante do Vale de Chelas, encontra-se entre duas realidades distintas, o centro de Lisboa e o Parque das Nações, sendo limitada a sul pelo Porto de Lisboa.

Esta área, inserida no *Caminho do Oriente* é caracterizada pelos seus declives, passado rural e industrial e encontra-se, de certo modo, com um futuro adiado.

Foi uma zona em tempos povoada por quintas, palácios e conventos, devido aos seus solos propícios para cultivo, porém, com a industrialização abraçou uma nova realidade industrial que, nos dias que correm, incorpora a paisagem de Xabregas, havendo até quem chame este sítio de "*Cemitério das Fábricas*".

A atividade industrial aqui passada iniciou-se na época pombalina, em que se observou um crescente desenvolvimento da manufatura. Estas industrias desenharam-se fora do centro da cidade, mais propriamente na zona oriental, com o intuito de usufruir da proximidade entre o rio e a linha de ferro que ligava Lisboa ao Norte. (MATOS et.al., 1999)

Ao chegar a Lisboa, oriundo da zona oriental, existia um ambiente peculiar que caia sobre quem lá passasse, uma paisagem industrial desenhada por chaminés, *"Estava ali o motor industrial da cidade"*. (BOUGARD et.al., 2016)

A grande presença destas unidades surte uma necessidade de alojar o operariado ao seu redor, o que causou um crescimento da construção precária, formando pátios e vilas operárias que residem até hoje.

Atualmente, no vale de Chelas são ainda presentes vilas como a Vila Dias, a Vila Flamiano, a Vila Amélia Gomes e a Vila Emília, que de mão dada com as unidades industriais deram densidade ao vale, e acabaram por tirar o lugar a quintas e terrenos agrícolas. (PEREIRA et.al., 1995)

O fim das industrias estabelecidas na parte oriental de Lisboa, vai ser protagonizado pelo advento da industria mais tecnológica na zona oriental de Lisboa. Este resulta de diferentes motivos, entre eles, duas medidas do Estado Novo [10], a Exposição do Mundo Português, em 1940, e a criação do Porto de Lisboa, 1942.

A escolha do espaço para a realização deste evento recai sobre a zona ocidental de Lisboa, devido ao seu forte passado, ligado aos descobrimentos, de enorme relevância para Portugal. A pertença de libertar Belém do seu carácter industrial, resulta na exorcização dos edifícios industriais, transferindo-os para a zona Oriental da cidade. Belém acolhe um adjetivo cultural através da Exposição do Mundo Português, da qual o Estado Novo se vai aproveitar para enaltecer a magnificência do povo Português ao mundo. (Vieira, 2001)



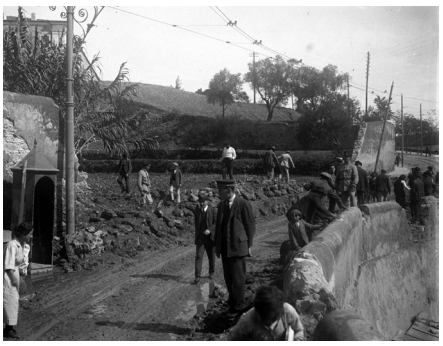
011 Fotografia do viaduto de Xabregas



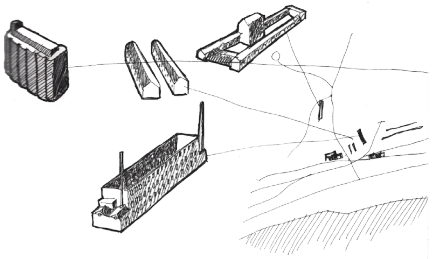
012 Fotografia da Vila Dias



013 Descarrilamento de comboio à saída do túnel de Xabregas



014 Estrada de Chelas



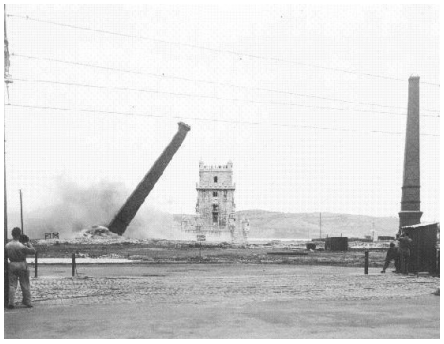
015 Património Industrial do Vale de Chelas

9 Xabregas, anteriormente chamada Enxobregas

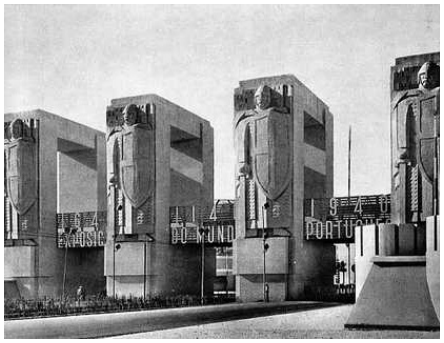
10 Estado Novo, regime político autoritário, que regeu Portugal durante 41 anos até ao seu declínio com a Revolução de 25 de Abril de 1974



016 Fábrica de Gás de Belém



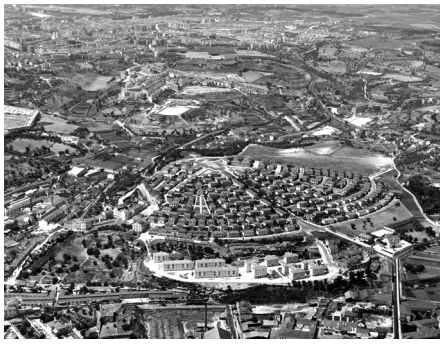
017 Demolição das fábricas em Belém



018 Exposição do Mundo Português



019 Expoição do Mundo Português



020 Vista aérea do Bairro da Madre Deus

Com a deslocação das industrias modernas para a zona oriental de Lisboa, também as industrias de suporte ao Porto de Lisboa, vão mudar-se para o Oriente.

Estes movimentos de unidades fabris mais atuais à data, simultaneamente com alterações económicas, resultado da revolução de 25 de Abril, vão traduzir-se no aceleramento da desindustrialização dos complexos industriais, que já mostravam sinais de envelhecimento, localizados na área entre Santa Apolónia e o Braço de Prata.

O melhoramento dos meios de transporte, vai possibilitar que estas industrias se restabeleçam nas periferias da cidade, em que o espaço era mais abundante e a baixo custo, deixando para trás uma paisagem desoladora, a Lisboa invisível.

Onde no passado existiu vida, vive agora o abandono. (BOUGARD et.al., 2016)

Nesta parte invisível da cidade, o vale em que se insere Xabregas é um dos pontos de referência central da parte oriental de Lisboa, com valor histórico e patrimonial. Este encontra-se, ao mesmo tempo, estruturado e dividido pela Rua Gualdim Pais, construída em 1933, sobre o eixo fluvial do Vale. Simultaneamente a sobreposição dos caminhos de ferro na parte baixia do vale, acaba, também por desligá-lo da frente ribeirinha, o que, juntamente com a sua forte topografia, cria uma barreira física debilitando as ligações com a cidade.

Esta zona desenhou-se pelo encontro do Vale com o Tejo e o caminho marítimo, de modo a aproveitar as vantagens da relação terra-rio, em que se estabeleceram diversas quintas e à posteriori industrias, como já foi referido.

A falta de investimento público, levou a que esta seja uma das zonas mais desqualificadas da cidade, sendo que a sobreposição das malhas urbanas das diferentes épocas aqui vivenciadas é causa do caos em que se encontra o Vale, construções sobrepostas, sem regras, desorganizadas e com falta de ordenamento territorial.

Apesar da sua localização entre os dois grandes polos de Lisboa que oferecem um potencial a este sítio, Xabregas encontra-se expectante, num quadro em que se sente uma forte pressão de interesses sobre esta zona da cidade.

"Chelas, nunca será o grande bairro operário, inserido num contexto urbano- portuário-industrial, conceito que esteve na decisão que originou o seu planeamento, mas configurar-se-á rapidamente como um enorme ghetto social, que a estruturação "celular" e certos conceitos arquitetónicos contribuirão para acentuar, quer enquanto espaço vivido, quer enquanto espaço percecionado (...)" [11]

11 GASPAR 2017, pág.11

021 Vista aérea do Vale de Chelas









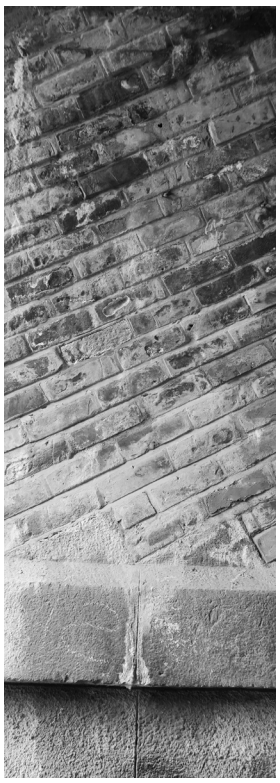




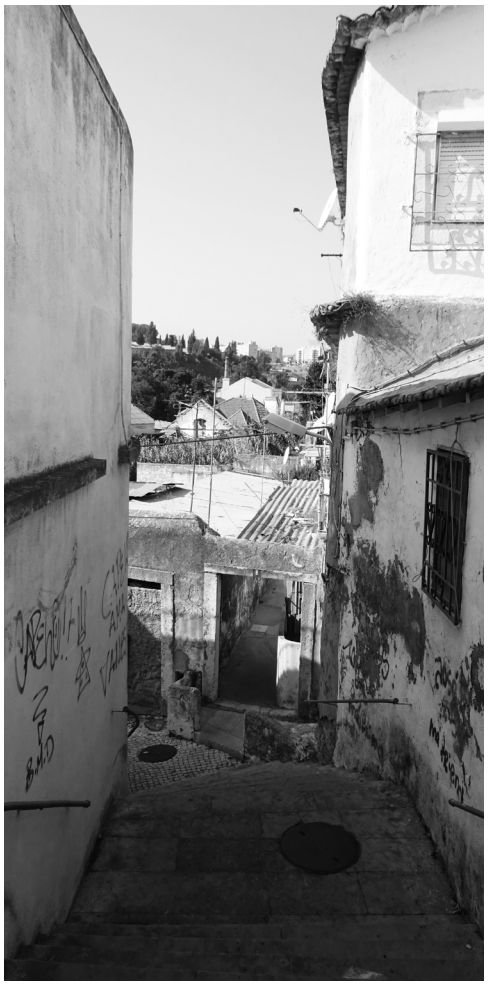



meo
meo





















XABREGAS EM FOTOGRAFIAS

022

"E fe lhe parecer muito dobrados paços, ou fer pefada Lisboa de fer amigo da liberdade do campo e da caça do monte, acabe V.A.(Vossa Alteza) os paços de Emxobregas, que fão muito para iffo. E fe tiver faudade do monte e da caça (emquanto é obrigado a ter conta com Lisboa e com fua côrte) cerque mea legoa de terra d'ali até Chelas e até além de S.Bento, e faça um parque | com muitos porcos e veados e aves, e matas e arvoredos, e fontes e cafas de prazer muito milhores que as que fez em Fonte Nebleo El Rei de França, que tudo póde ter dentro.(…) E acabe V.A. os paços d'Emxobregas que tem milhor fitio e mais real que Santos, e muito mais efcolhido e livre que todos outros de Lisboa e fóra das importunações d'ella entre dous moefteiros nobeliffimos, principalmente o da Madre de Deus com lhe nacer a aurora e o fol com os primeiros raios fobre o mar do meio dia" [12]

---

12 Texto por Francisco de Holanda 1517-1585, humanista, arquiteto, escultor, desenhador, iluminador e pintor português - HOLANDA *"Da fábrica que Falece à Cidade de Lisboa"*, 1571, pág.11

13 TICCIH 2003, pág.3

PATRIMÓNIO INDUSTRIAL

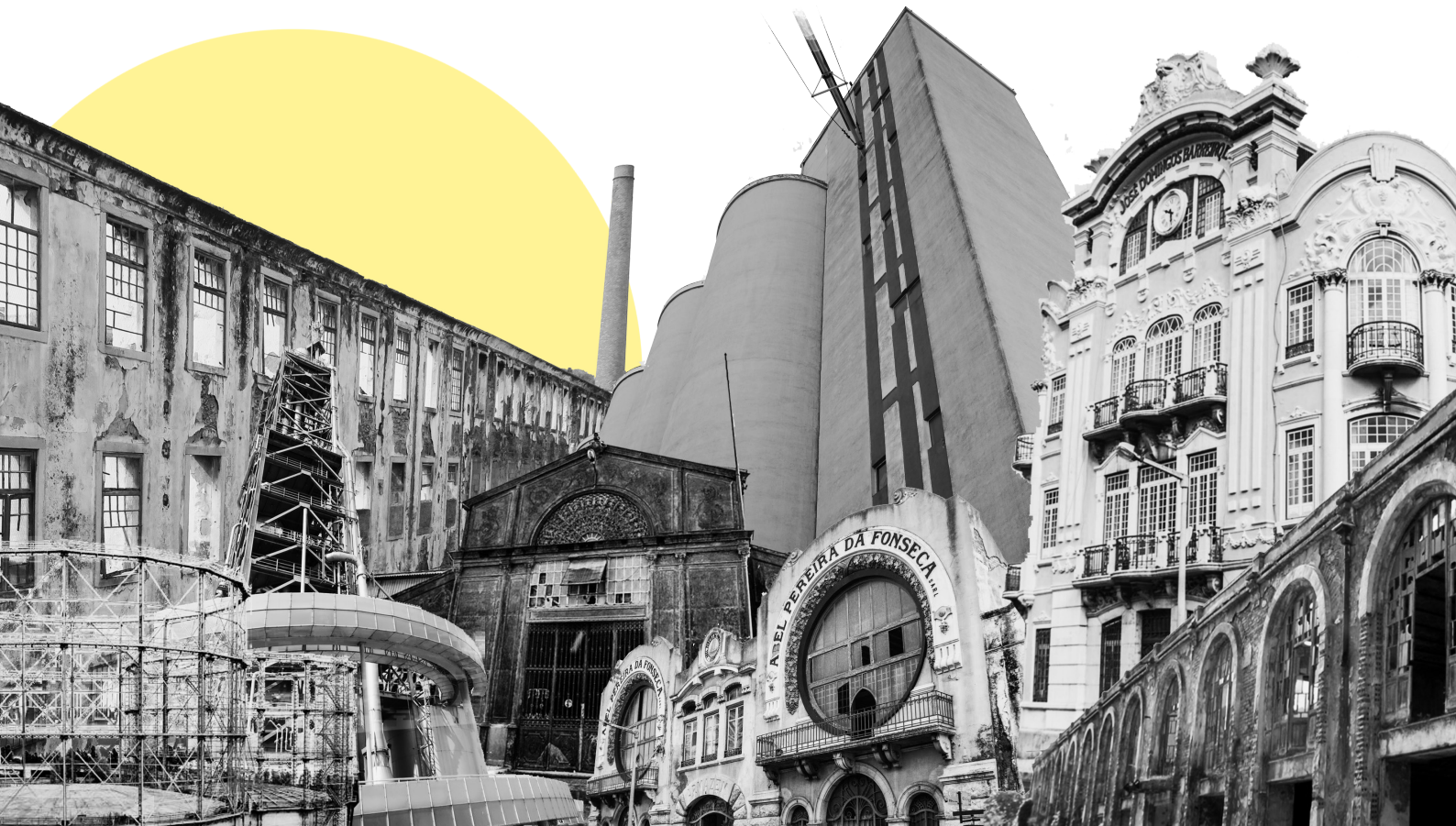
O início da década de 70, arrasta consigo o processo de desindustrialização, tanto em Portugal, como em toda a Europa, o qual provocou o abandono de inúmeras fábricas da arquitetura industrial.

O crescimento das áreas circundantes das cidades e o abandono de exemplares arquitetónicos de características industriais, brotam as primeiras preocupações destinadas à salvaguarda destes elementos com carácter histórico. Ao mesmo tempo que se alargava o conceito de património aos edifícios industriais, presente na carta de Nizhny Tagil sobre o Patimónio Industrial, erigida em 2003.

É nesta carta que podemos perceber a vontade de englobar edifícios de cariz industrial no conceito de património, na qual são consideradas as mudanças desenvolvidas por inovações como geradoras de evoluções sociais, técnicas e económicas e, por consequente, carregadas de valor humano universal, considerados de grande importância o seu estudo e conservação. A industria representa isso mesmo, uma alteração de parâmetros como resultado da inovação, pelo que deve ser considerada património, sendo ensinada e dada a conhecer ao mundo. A conferência de 2003 na Rússia assim o ditou e de acordo com a carta de Veneza, os edifícios industriais devem ser inventariados, protegidos e conservados.

"O património Industrial compreende os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitetónico ou científico." [13]

Hoje em dia, as marcas e fragmentos deixados pelo património industrial, ocupam uma das mais importantes e emaranhadas questões urbanísticas por resolver.



Deste modo, o presente capítulo procura dissecar o que é o Património Industrial, e como este pode levar à regeneração do tecido urbano, tendo este projeto como foco a intervenção na preexistência da Fábrica da Samaritana.

O que é o Património? Algo que nos conta uma história, exibindo identidade e valorização territorial, num conjunto de peças contruídas e de enquadramento paisagístico, intervenções que surgem da interação das pessoas com o espaço.

Assim, a valorização do património propõe-se a salvaguardar e potencializar os valores históricos, urbanísticos, arquitetónicos, sociais, técnicos e artísticos, que estes fragmentos acarretam. (CHOAY, 2008)

Segundo Françoise Choay (1992) a expressão património histórico, descreve um quadro, através do qual, é possível perceber uma memória histórica do passado destinado à comunidade.

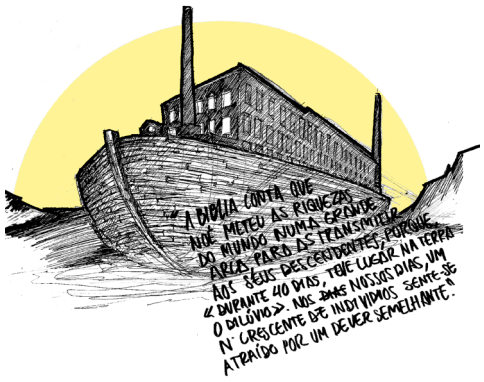
"O culto prestado hoje em dia ao património histórico exige, pois, mais do que uma verificação de prazer. Exige um questionário, uma vez que ele é revelador, negligenciado e, contudo, incontestável, de um estado de sociedade e das questões que nela existem." [14]

A Carta de Veneza de 1964 sobre a conservação dos monumentos e dos lugares de Veneza, resultou da segunda Conferência de arquitetos e técnicos de monumentos históricos, tendo sido redigida com influências da escola italiana da conservação, e teorias de Cesare Brandi. Surge uma noção de monumento histórico, e uma definição de conservação e restauro, temas já referidos na Carta de Atenas, 1931.

O estudo e proteção do património industrial é deveras recente. Este movimento de defesa dos bens industriais nasce em Inglaterra, devido à destruição de inúmeras unidades fabris durante a Segunda Guerra Mundial. Este tem vindo a ganhar cada vez mais enfâse na arquitetura, apesar de transportarem consigo problemáticas urbanas.

A escritura pública da constituição do ICOMOS-Portugal realizou-se em Dezembro de 1982 e a primeira Assembleia Geral nacional teve lugar em 1983. O ICOMOS surge com o intuito de consertar e proteger o património cultural. Sendo a única organização do género, promove a aplicação de teoria, metodologia e técnicas científicas para a conservação do património. De notar que os seus princípios são baseados na Carta Internacional para a Conservação e Restauro de Monumentos e Sítios (Carta de Veneza, 1964). (ICOMOS) [15]

Atualmente, em Portugal, existem Institutos como a Direção Geral do Património Cultural (DGPC), criada pelo Ministério da Cultura em 2012, que têm a responsabilidade pela gestão do património do território nacional, e promovem a



14 CHOAY, 1992

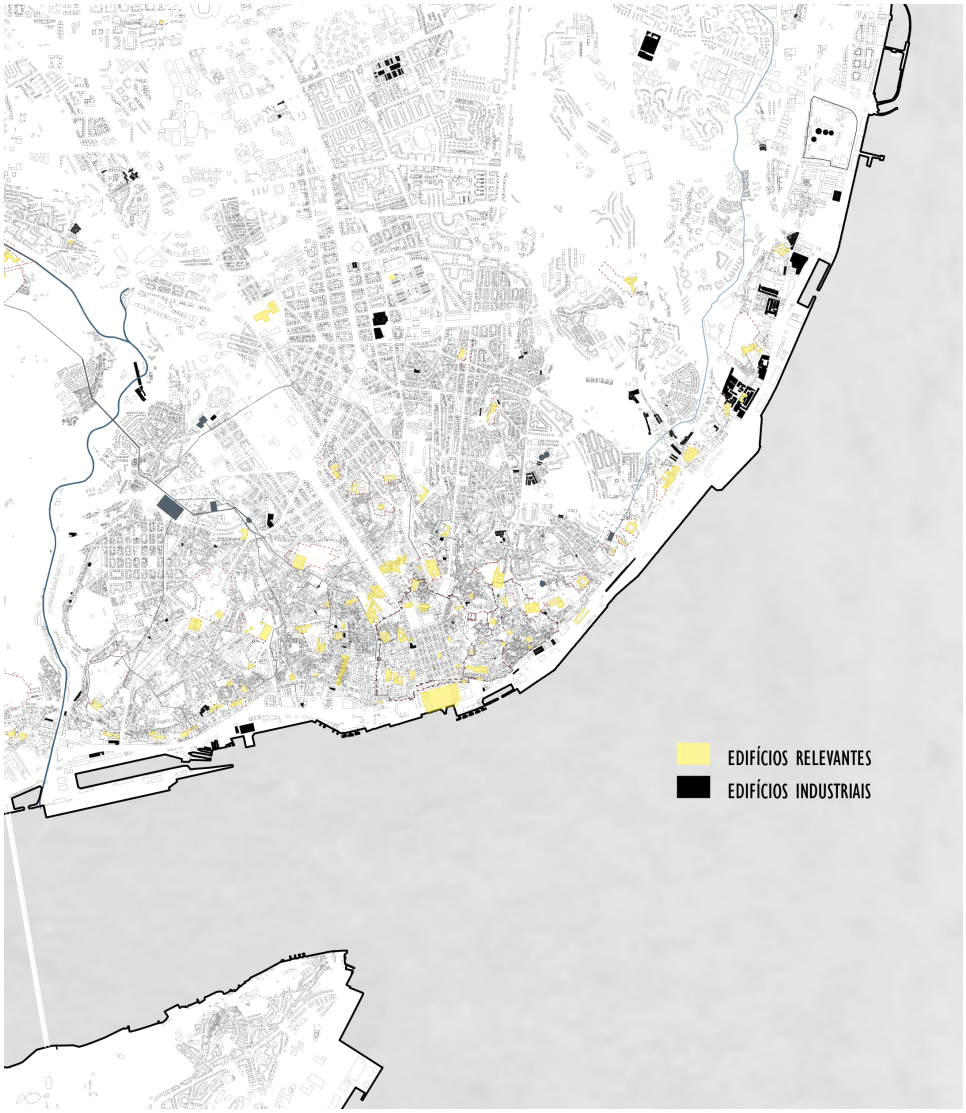
15 Comissão nacional portuguesa do conselho internacional de monumentos e sítios

sua salvaguarda, valorização e divulgação.

A necessidade de conservar o património, surge de modo a salvaguardar a *"herança cultural do passado, vivida no presente, que será transmitida às gerações futuras."*[16]

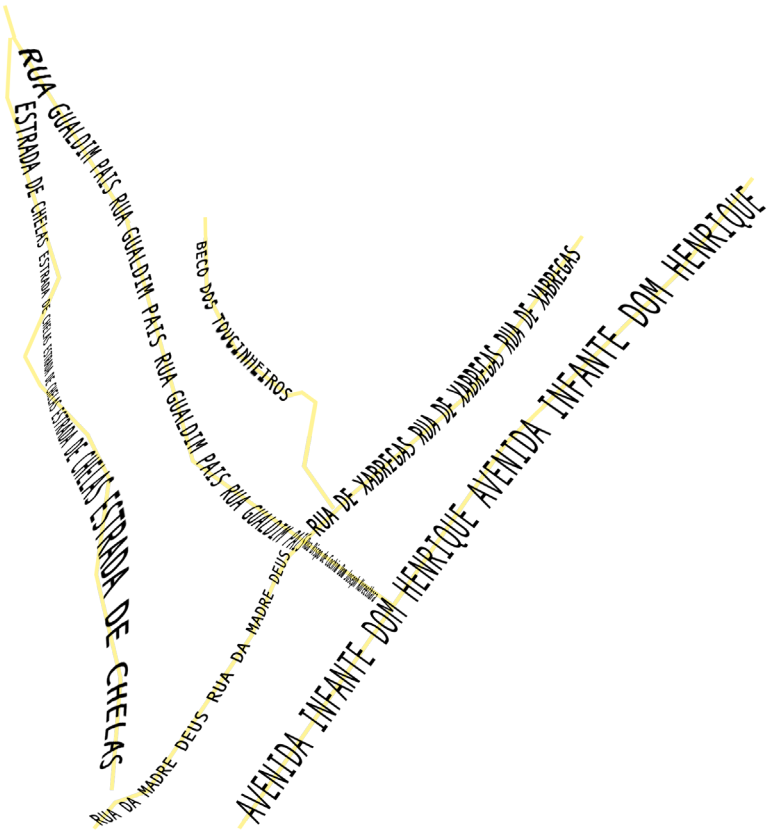
Antigos povoamentos fabris, como é o caso de Xabregas, são agora cada vez mais sedutores, devido ao seu posicionamento em relação à cidade e, muitas vezes, à linha marítima. Do mesmo modo é também importante, a oportunidade que oferecem ao nível do esboço do programa, que possibilita um carater estimulante para a recuperação de tecidos urbanos, assim como as memórias que implicam.

É também possível a compreensão do interesse que o património industrial surtiu em diferentes arquitetos, devido aos avanços tecnológicos existentes nas unidades fabris. Estes tornaram praticável a utilização de novos materiais como o betão, o ferro e o vidro, assim como, simultaneamente, a criação de novos programas e sistemas que provocaram novas linguagens na arquitetura.



16 RODRIGUES, pág. 4

025 Mapa do edificado relevante vs edifícios indústriais



026 Diagrama de indentificação das vias

"Adaptar e continuar a utilizar edifícios industriais evita o desperdício de energia e contribui para o desenvolvimento económico sustentado. O património industrial pode desempenhar um papel importante na regeneração económica de regiões deprimidas ou em declínio. A continuidade que esta reutilização implica pode proporcionar um equilíbrio psicológico às comunidades confrontadas com a perda súbita de uma fonte de trabalho de muitos anos." [17]

17 TICCIH, 2003, pág.11

OLHA! XABREGAS!

"(…) Os elementos da imagem urbana até aqui estudados, que podem referir-se a formas físicas, são passíveis de uma classificação conveniente em cinco tipos de elementos: vias, limite, bairros, cruzamento e elementos marcantes." [18]

A zona de estudo em questão, que se confina na frente ribeirinha entre dois polos de Lisboa, apresenta-se com uma limitação espacial de difícil leitura. Esta área outrora vasta, encontra-se agora mais condensada e restringida por limites que a cidade lhe impôs ao longo do tempo.

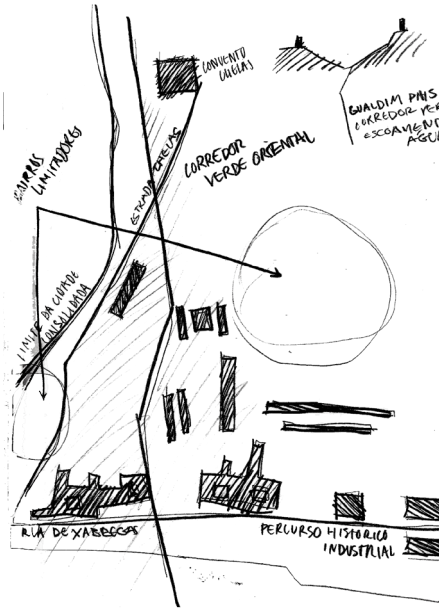
Sendo Xabregas um sítio onde os seus limites interiores são inexistentes, este acaba onde outro sítio ou local começa, pelo que apenas o seu limite orientado a sudoeste é percetível pelo seu contato com o rio Tejo. Esse contato com o rio, é marcado por dois conventos que, de certo modo, fazem a transição entre o interior da cidade e a água.

Embora o sítio de Xabregas pertença na sua maior área à Freguesia do Beato, engloba também uma pequena parte da frente-ribeirinha da Freguesia de São João, mais concretamente na área que abrange a Igreja e o Convento da Madre Deus, o Museu do Azulejo, a atual Casa Pia de Lisboa (antigo Palácio dos Marqueses de Niza), prolongando-se para o interior do território pela Rua Gualdim Pais.

A Norte, o limite é marcado pela diferença entre a área mais plana junto ao rio e o inicio da encosta/colina, onde se localiza o Bairro da Madre Deus. Nesta zona onde começam as diferenças de cotas mais acentuadas, localizam-se as linhas de caminho-de-ferro do Norte e do Leste, as vilas operárias e algumas construções mais precárias. (MATOS et.al., 1999)

Este lugar na parte baixia do vale é fortemente representado pelas suas pré-existências, como:

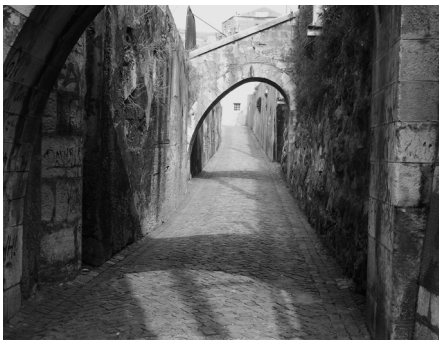
- Duas antigas azinhagas: a azinhaga da estrada de chelas e a azinhaga do beco dos toucinheiros, ambas de pavimento em basalto escuro e acompanhadas na sua maior parte por muros mais altos do que a largura das mesmas, o que as torna ainda mais estreitas a nível visual. Estas faziam a ligação com o interior da cidade, permitindo a chegada de matéria prima ao vale, uso esse que se foi perdendo com a desindustrialização, ganhando assim um caracter de barreira física, ao invés de rua;
- Diferentes complexos fabris que por ali permanecem esquecidos e sem importância, conhecidos como elementos atrativos, caiem sobre si à espera de que neles reparem;
- As chaminés que se erguem aos céus, transformam a paisagem e relembram-nos da glória de outros tempos;



027 Esquema dos limites do Vale de Chelas



028 Estrada de Chelas



029 Beco dos Touchinheiros



030 Chaminé da Fábrica da Samaritana

18 LYNCH, 1960, pág.57



031 Edificado sem ornamento



032 Linha de caminho de ferro



033 Conflito entre o Museu do Azulejo e a linha ferrea

- O edificado construído sem ordenamento que provoca ruído visual e é gerador de vazios urbanos;
- A linha de caminho de ferro lá pousada, resulta num constrangimento visual e físico, desligando o Vale da nobre frente ribeirinha, pois atravessa o vale no seu sentido longitudinal e transversal;
- Conventos, que em tempos pertenceram a antigas ordens religiosas, vivem hoje espalhados por Xabregas sem qualquer relacionamento com a cidade.

As duas vias principais são estruturantes e, estando ligadas à Avenida Infante Dom Henrique, fazem a distribuição do vale, a Rua Gualdim Pais que liga o Tejo ao interior da cidade e a Rua Madre Deus/ Rua de Xabregas, considerada uma via histórica que, paralelamente ao rio, nos conduz através de diversos monumentos e património.

O Beato, freguesia em que se insere Xabregas, conta com uma população de quase 13000 habitantes, a maior parte idosa. Sendo assim, as suas características de aspeto social são de uma população envelhecida e, ao mesmo tempo, uma população composta por indivíduos, maioritariamente de classe baixa, que vive do trabalho, podendo até ser possível comparar a sua população atual com a do seu passado operário. (Junta de Freguesia do Beato)



EDIFÍCIOS RELEVANTES



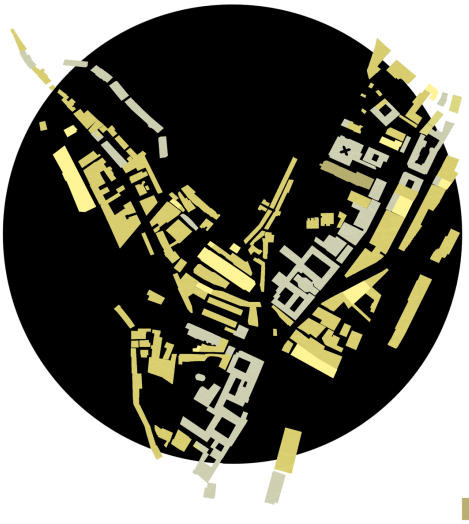
VIAS PRIMÁRIAS
VIAS SECUNDÁRIAS
LINHA FÉRREA



HABITAÇÃO
EQUIPAMENTO
SERVIÇOS
RESTAURAÇÃO
COMÉRCIO
DEVOLUTO



BOM
MÉDIO
MAU
DEVOLUTO



EDIFÍCIOS GRANDES
EDIFÍCIOS MÉDIOS
EDIFÍCIOS PEQUENOS
DEVOLUTO

035 O rio e a cidade



036 Altimedria



037 Bacias hidrográficas



038 Edificado



039 Sistema verde



040 Evolução da costa



LISBOA EM MAPAS

Mapas completos em anexo







042 Brazão da Freguesia do Beato

"Simbologia:

A águia segurando um tinteiro: Representa a Ordem dos Lóios, porque foi famoso na freguesia, o Convento dos "Bons Homens de Vilar de Frades", ou "Cónegos Azuis", chamados Lóios, cujo símbolo era precisamente a águia segurando o tinteiro.

As folhas de tabaco: Invocam a antiga fábrica da Companhia dos Tabacos.

A roda dentada: Simboliza o passado industrial mais recente da freguesia.

A campanha ondada de azul e prata: representa o rio Tejo, principal via de comunicação, escolhida pela industrias para escoarem os seus produtos." [19]

19 Junta de Freguesia do Beato

FÁBRICA DO BLACK

O seguinte capítulo procura entender a fábrica da Samaritana, a sua história, os seus aspetos tectónicos e a sua importância como peça do puzzle que é Xabregas. Para tal, são utilizados os seguintes livros, *Do Antigo Sítio de Xabregas, Arqveologia e História, Esta Lisboa - As aldeias de Lisboa, Operários de Lisboa na vida e no Teatro, Portugal Antigo e Moderno, e Caminho do Oriente - Guia do Património Industrial.*

O vale começa ao sair das portas da Cruz de Pedra, na extremidade oriental da linha de circunvalação que limita a cidade de Lisboa. Esta depressão na altimetria da cidade era toda cultivada, cheia de hortas na parte mais baixa e plana, e de olivais e terras de semeadura pelas encostas.

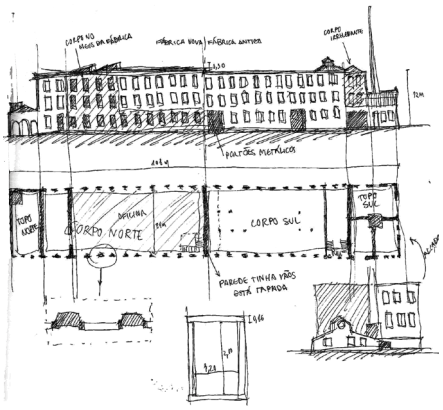
Tudo intercalado pitorescamente de habitações e várias fábricas, do qual resultavam excelentes paisagens realçadas pela margem do rio e pelas encorajadas pinturas do caminho de ferro. Este fecha o estuário do vale, correndo ao longo da margem do Tejo, de onde começa a afastar-se no sitio da Samaritana, atravessando a profunda barreira de Xabregas, celebre, no passado, pelas sucessivas quedas e movimentos do terreno que em si aconteceram.

O edifício da fábrica da Samaritana foi erguido em 1854, num terreno que pertencia ao hospital de S. José, depois comprado pela empresa, cujos fundadores foram João Scott Howorth e Alexander Black. Este último também arquiteto e engenheiro de todo o edifício e maquinismo.

No princípio, esta empresa teve que lidar com impedimentos e contrariedades próprias de um país atrasado na industria têxtil. Para os remediar e para desenvolver mais o estabelecimento, os fundadores intentaram formar uma companhia anónima por meio de ações. Só depois, algumas pessoas já com algum êxito e inteligência dedicaram-se à industria fabril, formando a Companhia de Fiação e Tecidos de Lisboa em Fevereiro de 1858. Após esta transformação a fábrica teve um rápido e progressivo melhoramento.

A fábrica dava diariamente trabalho a 140 / 150 pessoas. Esta gerava produtos, utilizando tecidos de algodão ingleses, linha e cordas de algodão, fio em trama e urdidura, cru, branco e de cores, próprio para fabrico de tecidos.

Os teares que a companhia possuía caíram em desuso, preferindo-se produzir fio para os fabricantes de tecidos, adequado aos seus diversos trabalhos, pelo menor preço possível. A empresa atenuou assim, quanto pode, os efeitos da crise do algodão, e levou aos nossos fabricantes de tecidos este produto, que já eram muito numerosos na pequena industria, prestando-lhes um valioso serviço. O tempo de trabalho diário era de 12 horas, tanto de verão como de inverno, apenas interrompidas pelo almoço e jantar. O horário laboral era considerado excessivo, visto prejudicar o desenvolvimento psicológico das crianças.



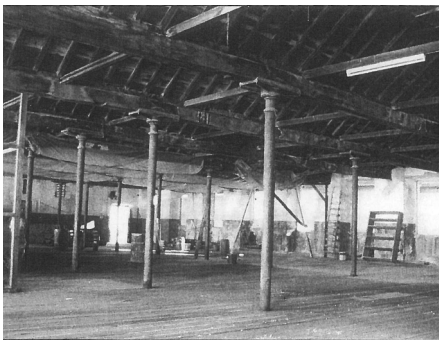
043 Levantamento da Fábrica da Samaritana



044 Topo Sul da Fábrica da Samaritana



045 Alçado da Fábrica da Samaritana



046 Interior do terceiro piso da Fábrica da Samaritana









Nos estatutos da companhia havia a prudente disposição de terem os diretores a receber percentagem sobre os lucros líquidos. Sendo, também, deduzida outra percentagem sobre os mesmos lucros para dividir pelos operários, segundo os seus salários e tempo de trabalho.

A então conhecida Fábrica da Samaritana ou Fábrica do Black, viveu em três momentos.

Primitivamente ocupava uma área de 787m2 e desenvolvia-se em três pisos.

No seu alçado mais nobre, virado ao Tejo, doze vãos por piso compunham a fachada, a fábrica dispunha de uma sala para a sua modesta máquina a vapor inicial, incorporada no topo sul do piso térreo, a chamada "casa das caldeiras", em que habitava também a chaminé. Nos pisos superiores laboravam os teares e engenhos de fiação.

A estrutura da fábrica era composta por duas filas de colunas de ferro fundido, que formavam três naves em cada piso, ritmadas pelas vigas em madeira que percorriam a fábrica na sua perpendicularidade. As materialidades usadas na edificação da fábrica eram o ferro, sendo das primeiras unidades fabris em Portugal em que foi utilizado; madeira, utilizada em vigas e pavimentos; e, alvenaria tosca de pedra e tijolo, empregada na composição das fachadas que em comunhão com as pedras das janelas compunham o volume.

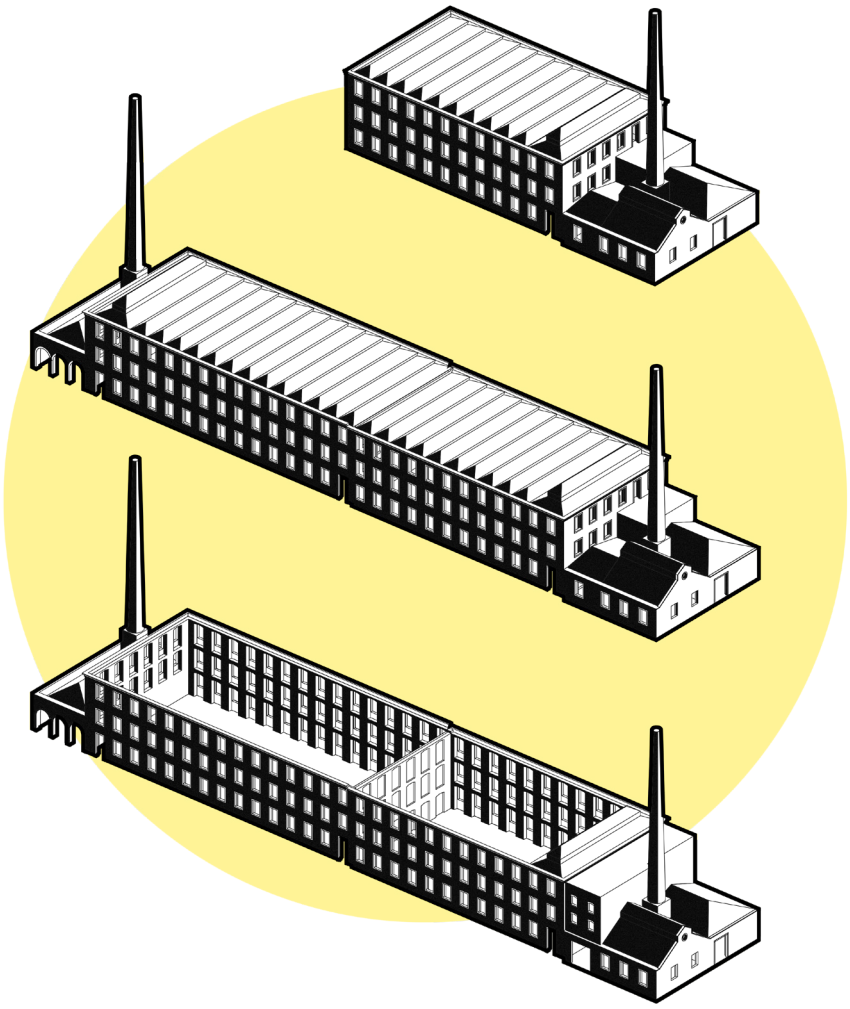
A sua cobertura era composta em módulos de quatro águas, que se apresentavam a ocupar o espaço equivalente a um vão da fachada, à exceção das duas pontas da fábrica, em que ocupavam o espaço de dois vãos, apresentando nesse caso um lanternim, a cobertura era toda em estrutura de madeira.

Na sequência do incêndio de 1877, a fábrica vivia assim o seu segundo momento, tendo sido contruído um novo edifício adossado ao original, com a mesma disposição e desenho, que passa a formar um único e longo bloco de 83 metros de comprimento. No seu topo norte foi adicionado um novo volume para uma outra casa das caldeiras.

Curiosamente seria este último topo referido, que causaria o último incêndio de 1948, provocando a ruína da unidade fabril, na sua maior parte, que a deixou abandonada até ao seu último momento, o presente.

"-Não sei está assim já há bueda tempo, ela não tava assim, eu quando vim praqui à uns 20 e tal anos atrás, tava tudo completo pronto, tinha as janelas tinha tudo, as grades, depois o pessoal pah, os carochos, pó ferro, começaram a roubar porque aquilo é tudo em cobre, aquilo não é ferro á cobre, ainda é à antigo, então como aquilo sabe-se que o cobre tá a 5 euros o kilo eles foram afanando, aquela parte do outro lado tá toda afanada, mas deste lado não ta tanto porque a gente tá sempre de porta aberta, e de vez em quando távamos ao gritos com eles, e eles pronto lá fugiam. E assim está, e deve ser daqui po chão, sabes como é que é cá em Portugal, é assim." [20]

De notar que a fábrica é hoje povoada por um volume alienado de estrutura em zinco, em que funciona uma oficina, elemento descaracterizador da fábrica que ignora a mesma na sua existência.



048 Esquema evolutivo da Fábrica da Samaritana



049 Gravura da Sociedade Textil do Sul



050 Primeiro contacto com a Fábrica

20 Entrevista a morador, acerca da torre da antiga fábrica de sabão de Marvila. BOUGARD et.al., 2016


PROPRIEDADE PRIVADA
TRÂNSITO CONDICIONADO
A PEDIDO





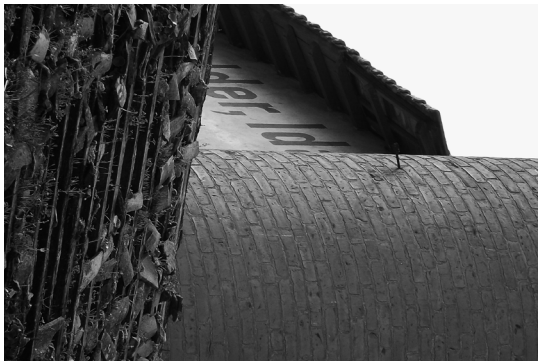


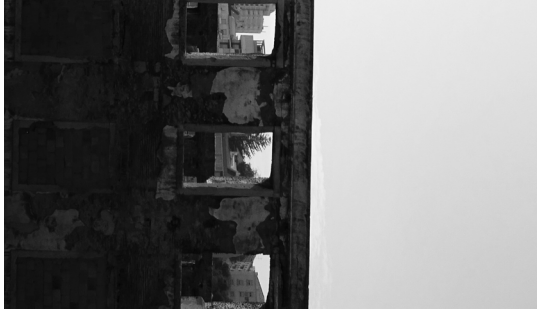


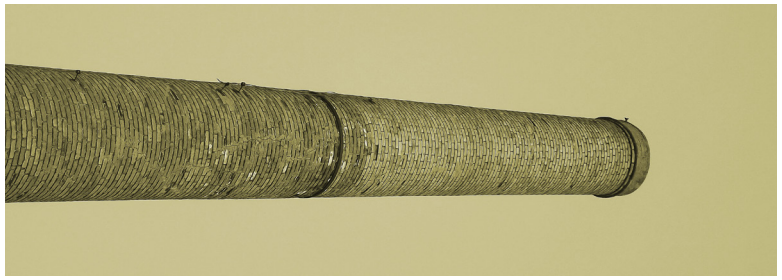










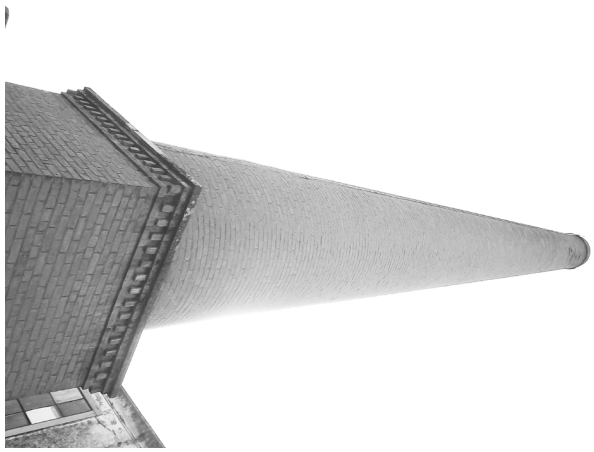














FÁBRICA DA SAMARITANA EM FOTOGRAFIAS

"Xabregas, à semelhança, de Marvila, Poço do Bispo, Beato, Alfama, Santos, Alcântara, etc., foi essencialmente zona ribeirinha, podendo mesmo afirmar-se que toda ou grande parte da sua história assenta neste pressuposto.

Hoje, apartado do Tejo por completo, o transeunte apressado mal se apercebe desse facto, e nada o faz recordar, sobretudo às gerações mais novas, o que foi esse namoro constante entre a terra e o mar e terra. E, no entanto, a ruptura definitiva com o rio, embora inexorável, foi muito lenta e deixou um lastro de memória que, porventura, valerá a pena evocar um pouco." [21]

21 FURTADO, 1997, pág.143

REGENERAÇÃO URBANA

Em O principio de *Noé* ou a *Ética da Salvaguarda*, Michel Lacroix refere que *"as grandes obras, as cidades novas e as construções desmedidas já passaram à história"*, o urbanismo já não passa por reinventar ou construir a cidade do futuro, mas sim pela sua reconquista, Lacroix cita ainda Paul Chemetov [22], *"É necessário consertá-la, cosê-la de novo"* (invoca a cidade). (LACROIX 1999)

Segundo Nuno Portas, a mudança da condição industrial e comercial oferecida pela revolução foi responsável por cordões logísticos, portuários, ferroviários, rodoviários e industriais. Estes elementos, intercalados entre os centros históricos ou de maior relevância juntamente com a presença da água, que hoje pretendemos reapropriar para a vida urbana, é atualmente muito marcante no novo papel das margens aquáticas.

Estas marcas são agora desejadas de modo a serem utilizadas como regeneradoras físicas e sociais. (PORTAS, 2005)

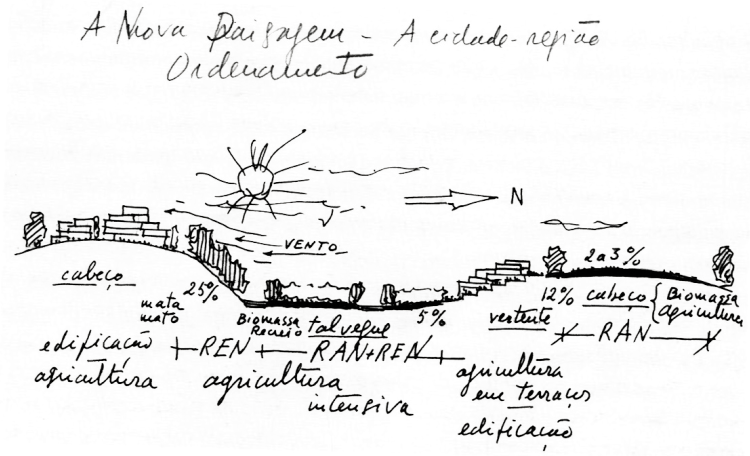
A deslocalização das industrias para a periferia permitiu que as cidades em que habitavam, ganhassem extensas frentes ribeirinhas.

O conceito de regeneração urbana é agora determinado por oportunidades, onde questões patrimoniais e de coesão social estão na ribalta.

As já executadas intervenções, em frentes de água de diversas cidades, têm exibido sintomas de contaminações positivas.

Pioneiro em teorias relacionadas ao conceito de Património Urbano, Gustavo Giovannoni, arquiteto e historiador de arte, promove o desenvolvimento do contexto urbanístico, como catalisador da salvaguarda de Centros Históricos.

Giovannoni, este defensor do restauro filológico, ao abordar o papel do urbanismo, defende o papel inovador dos avanços nos transportes e comunicação, das infraestruturas, do urbanismo territorial e do conceito de cidade difusa. (AGUIAR, 2002)



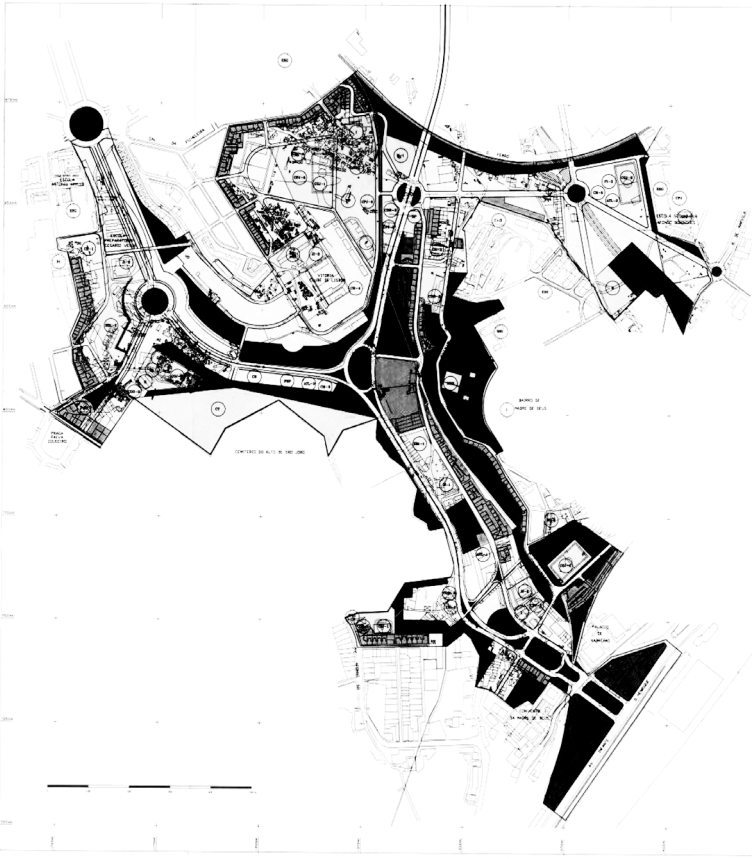
22 Paul Chemetov, arquiteto urbanista francês, nascido em 1928

A sua teoria sintetiza o conceito de Património Urbano, onde é percetível o reconhecimento das antigas cidades como objeto escultórico, assim como a atribuição de valor ao passado, sendo considerada a sua permanência no tecido urbano essencial para a criação de lugares de permanência, convívio, integrando centros históricos num novo conceito de urbanismo.

"Uma cidade histórica constitui em si um monumento, mas ela é ao mesmo tempo um tecido vivo." [23]

O processo de regeneração urbana, pesado de influências dos teóricos anteriormente referidos, deve resultar numa coesão do território, ao suscitar mutações sociais, económicas e culturais, ativadoras do espaço que representam.

Esta temática social, acaba por aparecer sempre de mão dada com a regeneração urbana. Henri Lefebvre [24], refere que muitos ideólogos ligados ao tema, imaginam uma sociedade que não é composta por citadinos, mas sim por cidadãos livres, libertos da divisão de trabalho, das classes sociais e da luta das classes, no que estes afirmam ser uma comunidade, o chamado modelo da cidade ideal. (LEFEBVRE, 2012)



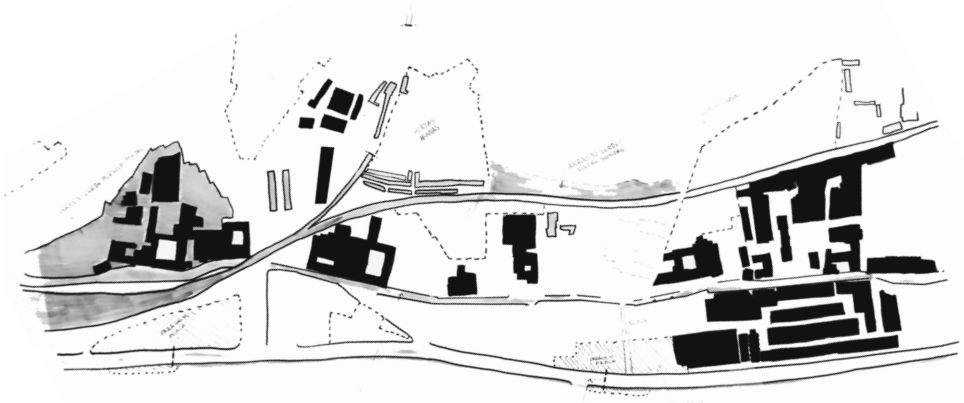
23 AGUIAR 2005, pág. 50

24 Lefebvre, filósofo marxista e sociólogo francês, 1901 - 1991

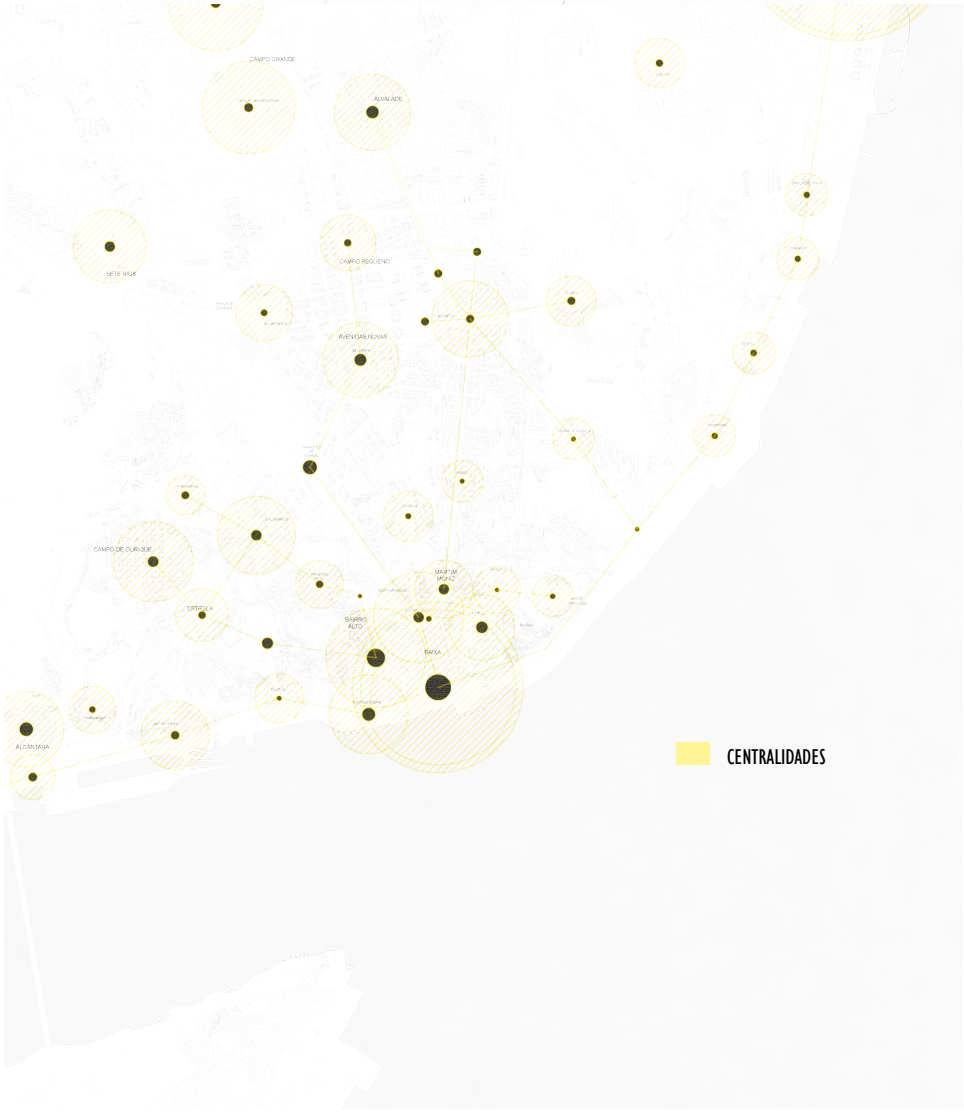
O CASO DE LISBOA, XABREGAS

O centro histórico de Lisboa tem vindo a carecer de espaço, sendo iminente a expansão do círculo em que se insere, o que irá resultar no engolir de Xabregas como um novo centro da cidade.

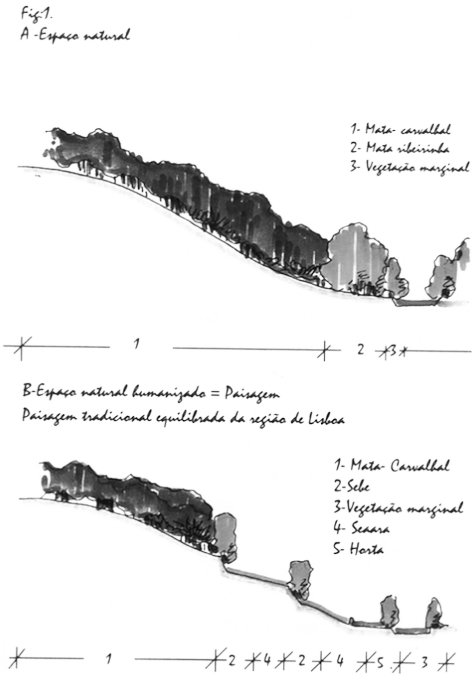
Esta necessidade de crescimento das cidades incitam o aparecimento de novos planos urbanísticos, como é o caso do Plano Diretor Municipal. No caso da zona de intervenção o plano é desenvolvido com os seguintes objetivos principais, que serão apropriados para a proposta de projeto urbano.



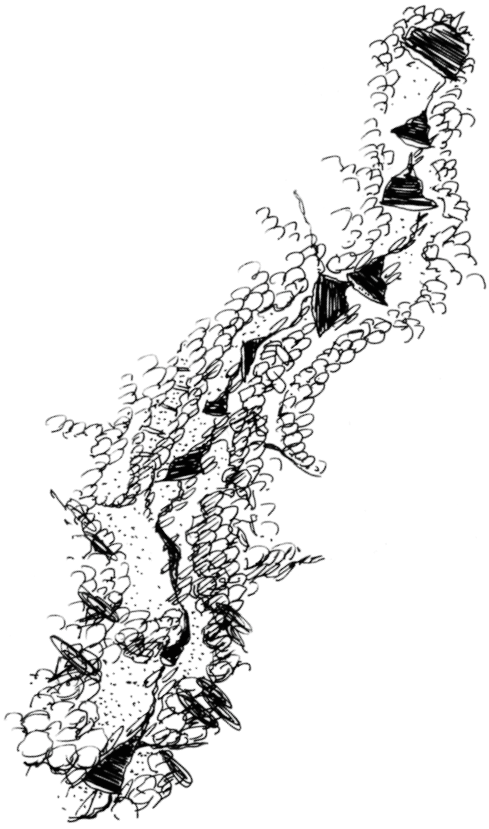
054 Estudo da zona baixia do Vale de Chelas



055 Centralidades de Lisboa



056 Esquema de espaço natural



057 Esquema de bacias de retenção

- Requalificação do património existente como potenciador do tecido urbano, enaltecendo a sua memória e história;
- Criação de um sistema verde, como articulador e estrutura do vale, que sirva como corredor de conexão à "hinterland" [25];
- Impulsionar a instalação de atividades culturais em edifícios de passado industrial;
- Aumento das áreas permeáveis, da qual a área de intervenção tem enorme carência;
- Organizar o território de modo a acolher funções urbanas necessárias para a cidade;
- Interligação de espaços públicos e bairros;
- Reconhecimento das necessidades de drenagem e medidas difusoras ao nível de escoamento de águas pluviais.

O projeto final de mestrado, vai procurar resolver os objetivos propostos pelo Plano Diretor Municipal, assim como através de uma intervenção à escala do edificado, solucionar os problemas de coesão social que, por vezes, acabam por ficar em plano de fundo nos mesmos.

A proposta de criação de dois eixos de desenvolvimento da cidade que abrangia a área do Vale de Chelas, realizada pelo urbanista Étienne de Gröer em 1938 a convite da câmara de Lisboa, foi pensada para que a sua conclusão acontece-se10 anos após o projeto, porém a sua concretização não aconteceu.

Em seu lugar surge o Plano de Urbanização do Vale de Chelas já mencionado anteriormente, com a intenção de organizar usos e regras de planeamento, e desenhado em 1998. Este plano foi começado e foram feitas algumas obras em prol do realojamento das populações residentes em construções precárias na área, ficando minimamente resolvido este objetivo. Quanto aos outros objetivos, ficaram ou mal resolvidos ou nem sequer foi comtemplada a sua intenção.

Serviram como base para o presente capítulo os seguintes documentos da CML [26]:

CML, Plano Estratégico de Lisboa, Lisboa 1992

CML, Plano de Estrutura da zona Oriental, Lisboa 1992

CML, Plano Diretor Municipal de Lisboa, Lisboa 1994

CML, Plano de Urbanização do Vale de Chelas, Lisboa 1998

CML, Documento Estratégico de Monitorização da Zona Ribeirinha Oriental, Lisboa 2008

25 Hinterland, zona mais interior de uma cidade ribeirinha

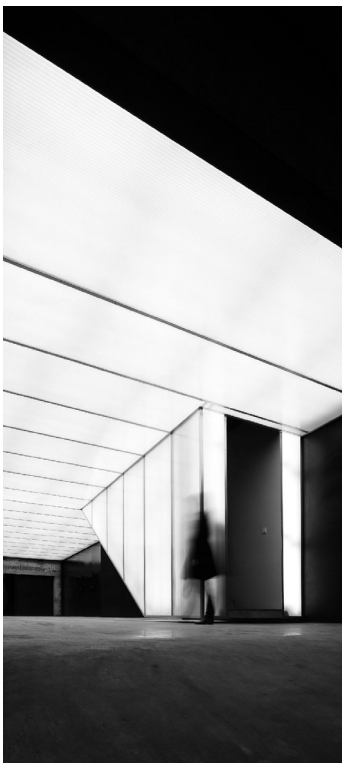
26 CML, Câmara Municipal de Lisboa

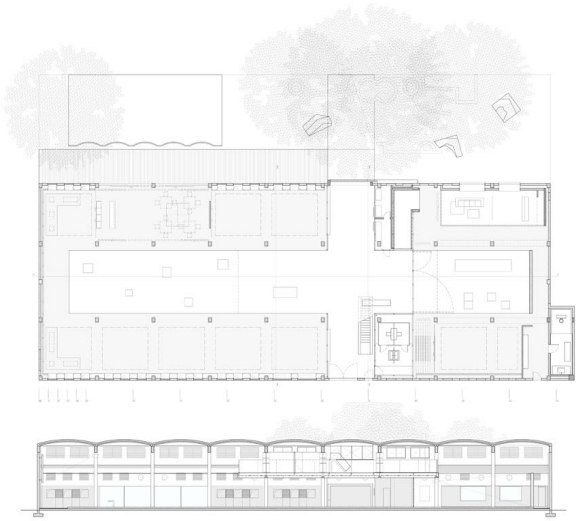
















059 Desenhos técnicos e fotografias, Stone Art Gallery

Stone Art Gallery, O-Office Architects

Localização Guangzhou, Guangdong, China

Ano 2013

A zona ribeirinha do rio Delta Pearl, em que se insere este projeto, viveu, nas ultimas décadas, um cenário de rápido crescimento urbanístico, numa paisagem maioritariamente industrial, havendo até quem a nomeie de *"World Factory"*.

Nesta área são produzidos 70% dos produtos utilizados mundialmente no quotidiano, devido ao seu célere desenvolvimento. Ao nível da sua pegada urbana, a cidade sofre agora uma transformação morfológica, com a transição da industria para a periferia do centro.

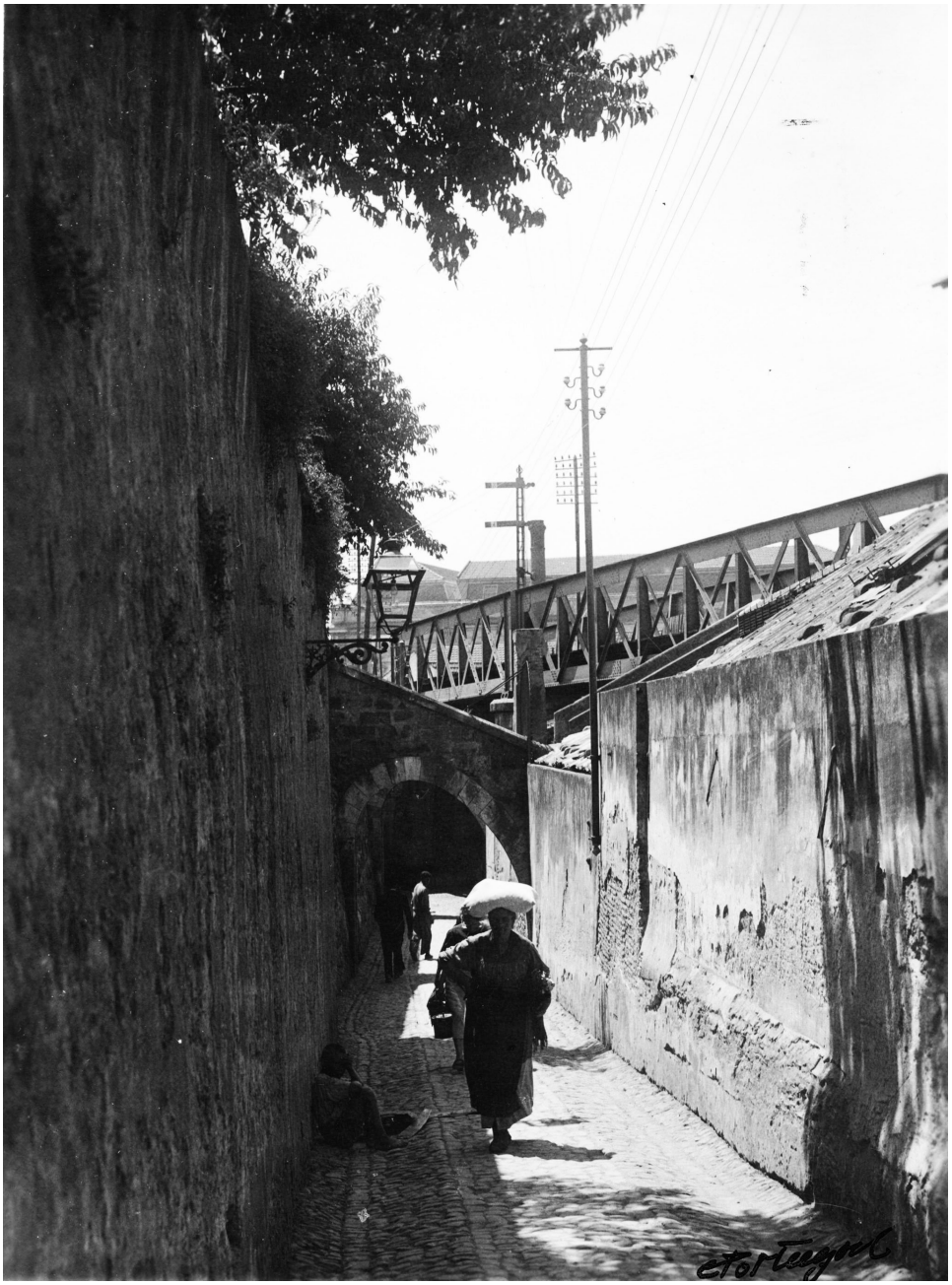
Esta mudança de condição deixou para trás complexos fabris que, são hoje vistos como preciosidades, com valor histórico e de memória, o que suscita interesse na sua reutilização como catalisadores da regeneração urbana que a área tem sofrido.

O projeto Stone Art Gallery, passa pela reabilitação de uma das unidades fabris que foram abandonadas. A fábrica de 1960, que pertencia à empresa YJQ Food Factory, ligada à industria alimentar, serve agora como galeria de arte da EMG group, resultado da sua parceria com o atelier de arquitetura O-Office Architects.

A renovação do espaço resulta num antro cultural de grande atratividade, necessária para a regeneração urbana em que são exibidas arte e cultura da pedra.

Com o intuito de preservar a memória do conjunto industrial, carregado de história da empresa que ali laborou, a pré-existência é preservada e a sua métrica conservada, originando um projeto com lógica espacial similar à anterior. Esta preservação da métrica original, resulta num espaço em cruz, de vocação pública e que liga o interior ao exterior. Ao nível programático este espaço possibilita uma versatilidade de exposições e atividades, como oficinas de arte e espaços de conferências. O espaço excedente recebe as exposições específicas e a zona de cafeteria e sala de estar.

Os arquitetos procuraram uma comunhão entre o novo e o velho, passado e futuro, que resulta num ambiente de mística industrial que, em contraste com a pedra (máteria central da galeria) funciona em harmonia. (O-Office, 2014)



060 Arco da Vila Dias e viaduto de Xabregas

"(…) Architecture is to be regarded by us with the most serious thought.We may live without her, and worship without her, but we cannot remembre without her." [27]

27 RUSKIN "*The Lamp of Memory*", 1849 pág.147

REABILITAÇÃO



Ao fazer um projeto de reabilitação torna-se vital estudar o modo como surge este conceito.

Assim, numa tentativa de perceber o tema e as teorias, é através de uma análise da evolução histórica do assunto que são adotadas algumas estratégias de abordagem conscientes e estabelecidas, que valorizem a identidade e história do objeto em causa.

A modernidade traz por arrasto uma nova consciência em relação ao património, com esta nova consciência, descobre-se o valor do que, por desleixo, temos vindo a perder. É enaltecida a vontade da salvaguarda de determinados fragmentos da história e ganha-se um reconhecimento dos diferentes edifícios em desuso como património, e a vontade de manter vivas memórias de outras épocas.

Porém, preservar estes restos de memórias não basta. Com a rápida evolução da sociedade é necessária a ocupação destes edifícios agora inúteis, adaptando-os à atualidade.

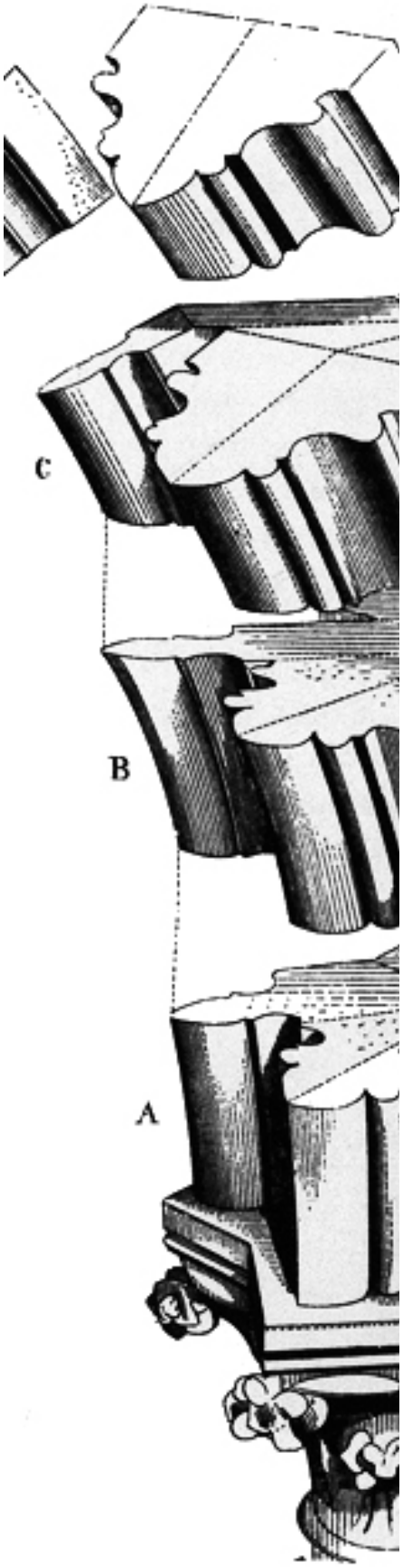
No século XVIII, com a Revolução Francesa, inúmeros monumentos são levados à sua ruína e destruição, e passa a ser necessária uma definição de critérios e métodos de intervenção de modo a proteger os mesmos.

Surgem as primeiras ideias e longas disputas de teoria idealistas, que ultrapassam a vida dos seus criadores, como é o caso de Jonh Ruskin e Viollet-le-Duc. Em França fazem-se ouvir teorias como a de Viollet-le-Duc, o *"Restauro Estilístico"*; em Inglaterra, a ideia de nostalgia de John Ruskin, meados do século XIX, ganha reputação, o chamado *"Restauro Romântico"*.

Ruskin, escritor e crítico de arte, vai ter um importante papel como percursor da preservação de monumentos, pois para ele a execução de adulterações ou acrescentos feitos à posteriori num edifício eram falsos procedimentos. Acreditava na conservação da arquitetura em leito de morte, pois esta permitia-nos conhecer os estilos e técnicas arquitetónicas de culturas passadas. Manter estes testemunhos vivos no quotidiano da cidade, oferecia uma leitura dos espaços urbanos e fragmentos históricos, referências de identidade e memória.

Aos olhos de Ruskin o restauro seria a ruína do edifício. Este considerava intangível reconstruir o que outrora foi magnífico. Este acreditava piamente que o restauro de um edifício se resumia a mimicar o passado, o que tornava o edifício um embuste. Ao mesmo tempo, condenava as ações realizadas na Europa, principalmente as de Viollet-le-Duc. (RUSKIN, 1849)

Em oposição a Ruskin, o arquiteto Viollet-le-Duc, concebe uma teoria, tendo em conta elementos de forma, estrutura e função. A sua busca insaciável para entender a lógica de desenho de um edifício, complementava o seu método de intervenção, ao não se contentar em fazer uma reconstituição do edifício original.



Optava por fantasiar com uma recomposição pressuposta do que seria o mesmo, se aquando da época da construção, sustivessem os conhecimentos da atualidade em que vivia.

"Restaurar um edifício não é mantê-lo, repará-lo ou refazê-lo, é restabelecê-lo a um estado que pode nunca ter existido em um dado momento." [28]

Esta ideologia de Viollet, levava a que, muitas das vezes, o resultado final consistisse numa construção distinta da obra primordial e, em alguns casos, até com um uso diferente, com o propósito de enquadrar o edifício na sociedade contemporânea.

Em paralelo, defendia que o arquiteto, ao restaurar, devia dar enfâse à diferença entre o passado e o presente, ao não ocultar a sua intervenção. Propunha ainda que as peças a serem substituídas ou restituídas, deveriam ser substituídas por peças de igual forma, e de melhor material. (VIOLLET-LE-DUC, 2000)

É ainda, de severa importância, referir idealismos de Camillo Boito, arquiteto e escritor, este, referia-se ao restauro como algo de cariz científico, e vai definir os mandamentos do restauro.

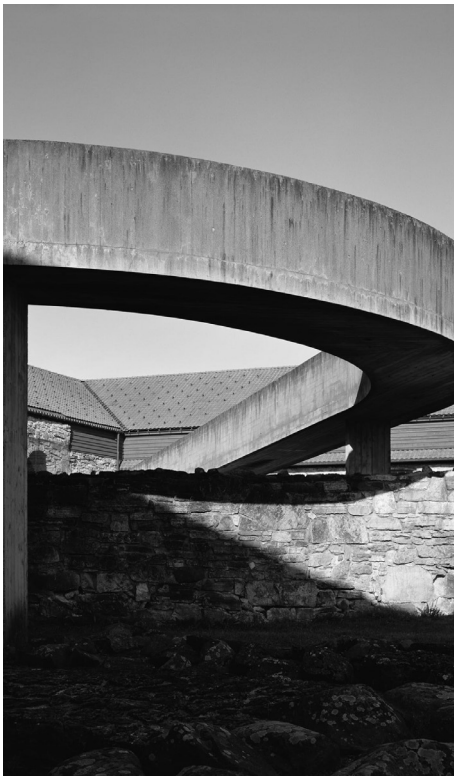
A teoria que idolatrava, defendia a simbiose entre salvaguarda dos valores históricos e estilísticos do património, sendo que as alterações feitas ao mesmo deveriam conduzir à glorificação, aquando a sua reabilitação.

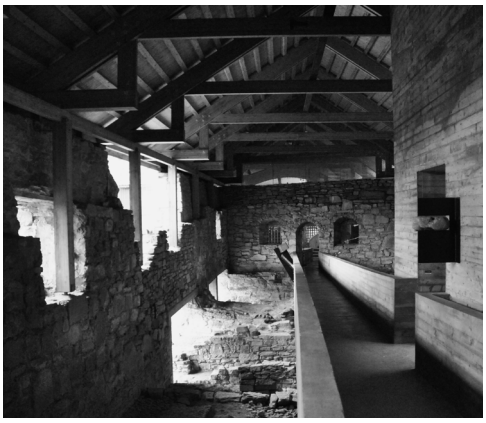
Os âmbitos defendidos por estes três teóricos são dispares entre si, Jonh Ruskin tem uma intervenção mais aproximada da conservação, ato preventivo para com a obra de modo a assegurar a sua integridade física, Camillo Boito é revisto na área do restauro, operação de reparação e reposição que respeita a essência original do objeto e por fim Viollet-le-Duc, que defende a reabilitação, utilização de técnicas atuais e sistemas de construção para o usufruto do edifício, muitas vezes com uma nova programática.

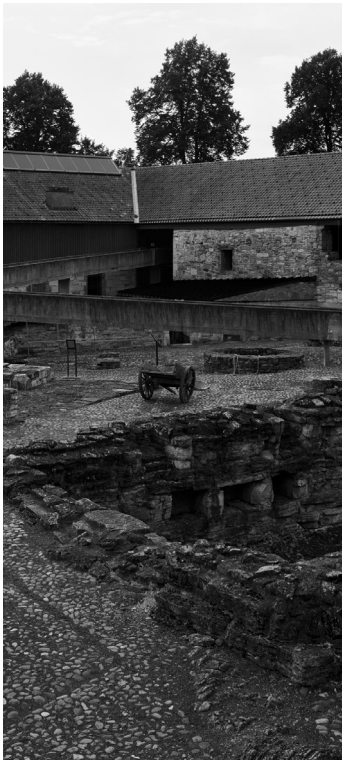
Pensamentos como os destes ideólogos são nos dias de hoje tidos em conta no âmbito do restauro, reabilitação e conservação, o que prova a sua contemporaneidade em relação aos tempos em que viveram. (FAGULHA, 2016)

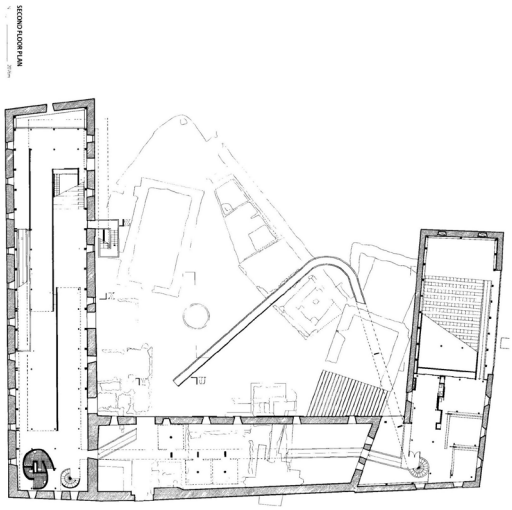
28 VIOLLET-LE-DUC 2000, pág.29















063 Desenhos técnicos e fotografias, Hedmark Museum

HEDMARK MUSEUM, Arquiteto Sverre Fehn

Localização Hamar, Noruega

Ano de começo 1979

"My most important journey was perhaps into the past,in the confrontation with the Middle Age, when I built a museum among the ruins of the Bishops' Fortress at Hamar. I realized, when working out this project, that only by manifestation of the present, you can make the past speak. If you try to run a er it, you will never reach it." [29]

É nas ruínas de uma antiga fortificação do século 13 em Hamar, Noruega, que Sverre Fehn vai realizar este projeto. A ruína em que outrora viveram Bispos transformou-se no que é agora um museu pelas mãos do arquiteto.

A citação acima prescrita evoca a sua ideologia principal para este museu, *"ao manifestar o presente, pode-se fazer o passado falar"* [30], este conceito é notável no projeto, o arquiteto não se limitou a imitar ou recriar o passado, mas sim a separar as épocas. A sua intervenção nas poucas vezes em que toca o edifício original, apresenta-se de modo delicado e pensado.

Os materiais que ao mesmo tempo evocam o antigo e o novo, são aplicados de modo exemplar, ao criar uma simbiose entre a ruína, o betão e a madeira.

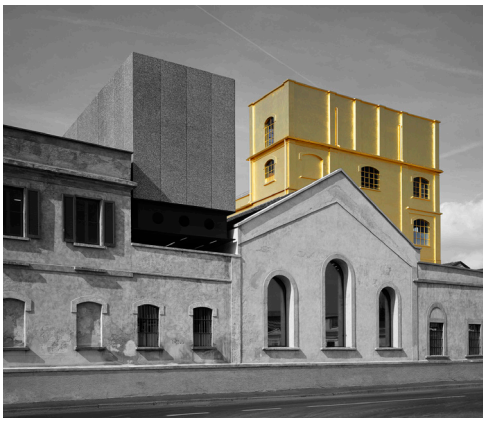
É procurado o confronto dos visitantes com a degradação do passado, as escavações arqueológicas e os objetos encontrados nas mesmas, num ambiente notavelmente marcado por influências de Carlo Scarpa, e teorias de Viollet-le-Duc e William Morris. É na defesa deste ambiente que Sverre Fehn prefere comprometer o projeto e não o passado, quiçá seja esse o problema de muitas reabilitações dos dias que correm, em que é mais venerada a matéria do que a memória.

29 FEHN 1997 pág.2

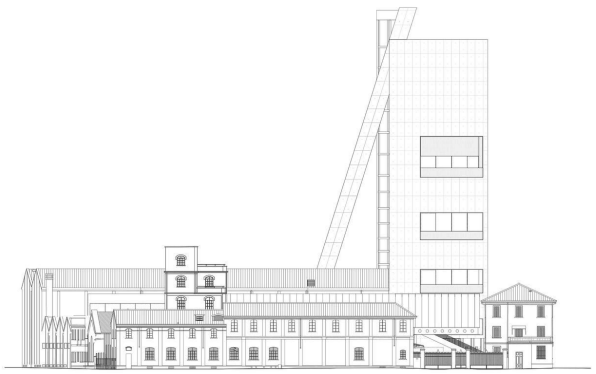
30 Tradução do autor















064 Desenhos técnicos e fotografias, Fondazione Prada

FONDAZIONE PRADA, OMA

Localização Milão, Itália

Ano 2015 / 2018

"The Fondazione is not a preservation project and not a new architecture. Two conditions that are usually kept separate here confront each other in a state of permanent interaction—offering an ensemble of fragments that will not congeal into a single image, or allow any part to dominate the others. (…) By introducing so many spatial variables, the complexity of the architecture will promote an unstable, open programming, where art and architecture will benefit from each other's challenges". [31]

Localizado em Milão, o projeto realizado pelo atelier OMA ocupa a antiga destilaria de gin que data de 1910. Após a reabilitação o complexo vive como casa da nova Fundação Prada, num conviver entre o novo e a regeneração de edifícios (armazéns, laboratórios e silos de fermentação).

Com Rem Koolhas na liderança, o projeto ganha um enorme reportório de tipologias, em que arte pode ser exibida, com o articular de sete edifícios existentes e três novos volumes, que provocam um contraste entre duas condições, preservação e construção nova.

Quanto à construção nova, são adicionados um pavilhão de exposição, uma torre e um cinema.

A torre foi acabada de construir apenas em 2018, erguendo-se com uma altura de 60 metros, à qual o grupo de arquitetos se refere como um *landmark*, um corpo de betão branco que se revela por entre a paisagem de Milão. Nos seus nove pisos encontram-se espaços de exposição, um restaurante e no seu topo um terraço com vista panorâmica sobre a cidade.

A forma desta torre tem uma geometria irregular, de modo a termos uma vista diferente dependendo do ponto de vista, ao mesmo tempo que abraça as diferentes formas do complexo num todo. (OMA, 2015 / 2018)

31 KOOLHAAS, 2018



065 Fotomontagem da industria têxtil

DA INDÚSTRIA AO DESIGN

A origem da produção têxtil está intrinsecamente ligada à Revolução Industrial [32]. Teve início em Inglaterra no final do século XVIII, alargando-se depois por toda a Europa. Caracteriza-se sobretudo pela passagem da manufatura à indústria mecânica, o que provocou um aumento substancial da produção; este crescimento foi uma das bases do capitalismo.

A revolução tecnológica foi seguida por um aumento da população devido a melhorias das condições de higiene e as reformas postas em prática no sector agrícola.

A expansão do algodão, associada ao aparecimento da máquina a vapor (inventada por James Watt [33]) impulsionaram definitivamente o desenvolvimento da indústria têxtil. Poder-se-á mesmo dizer que o sector têxtil foi o grande *"propulsor"* da Revolução Industrial. (LOPO et.al, 2017)

Na arquitetura industrial em Portugal é possível rever diferentes períodos que mostram diferentes perspetivas e soluções arquitetónicas para os programas apresentados pelas diversas unidades fabris. A Revolução Industrial trouxe efeitos a nível do crescimento demográfico e da quebra da qualidade de vida principalmente das classes operárias.

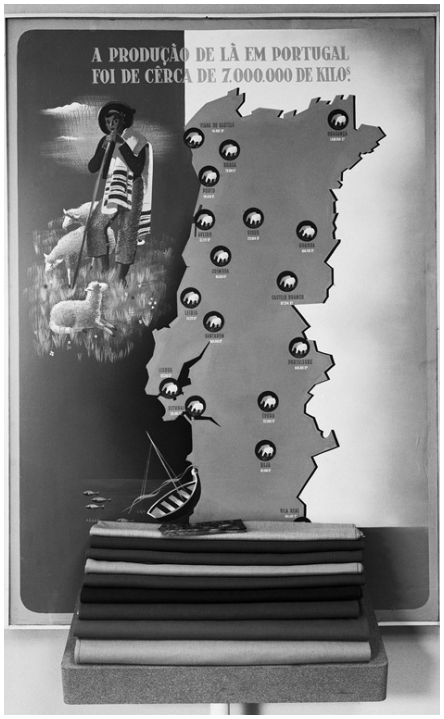
Nos finais do século XVIII, dá-se em Portugal o início da industrialização, que aparecia principalmente no Norte; porém o linho cultivava-se por todo o território e a seda era abundante sendo maioritariamente usada na feitura de cordão.

No século XIX, com a Revolução Industrial Inglesa, verifica-se o aparecimento de novos produtos para importação, nomeadamente nos tecidos de algodão, com uma considerável redução nos preços de custo. Isso permite melhorar consideravelmente as suas condições de concorrência e ingressar no interior do país sem grande diferença em relação aos preços nacionais. Este fenómeno totalmente novo vai extinguir algumas das indústrias portuguesas que teriam que se adaptar a uma nova realidade. Essa fase de adaptação durou cerca de 50 anos e foi responsável pela destruição da estrutura oficial da indústria têxtil portuguesa, tornando a economia nacional integralmente subsidiária da estrangeira.

É também com a revolução industrial inglesa que surge o termo design, criado por um conjunto de artesões, ligados maioritariamente ao fabrico de padrões ornamentais da industria têxtil, que se intitulavam *designers*. Estes assumiam a necessidade de enraizar o *design* como um processo necessário aliado à produção, ao dedicar essa responsabilidade a um indivíduo especializado.



066 Fotografia antiga da industrial têxtil



067 Mapa da produção de lã em Portugal



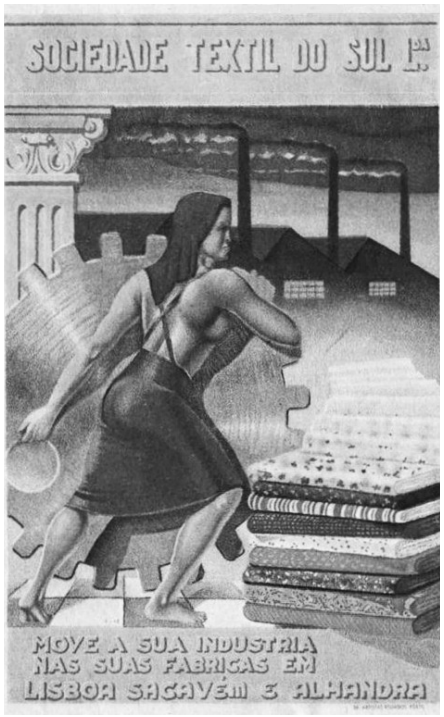
068 Mapa da indústria de lanifícios em Portugal

32 Revolução Industrial foi um processo de grandes transformações económico-sociais iniciado em Inglaterra no século XVIII, é a transformação que substituiu a mão de obra humana pela energia motora.

33 James Watt, engenheiro e matemático escocês (1736 – 1819)



069 Indústria têxtil hoje



070 Rótulos Sociedade Textil do Sul

Assim, começam a aparecer escolas embrionárias de design, o que levou ao nascimento de uma nova profissão, o designer, que partilhava do mesmo pensamento intrínseco do consumidor e que intentava gerar um produto de identidade social. (FERRAZ, 2018)

Hoje em dia, a industria têxtil não passa só pelo fabrico, a industria têxtil moderna é evocada, agora, caracterizada pelo design, os avanços tecnológicos, novos tecidos e matérias, em si patenteados, levando a que os modelos convencionais se tornem obsoletos e estimulem o seu desenvolvimento, inovação e criatividade.

De notar que, em Portugal, o sector têxtil encontra-se agora no seu apogeu, após a primeira década do século, em que o sector se encontrou num momento de crise, devido à entrada da China para a Organização Mundial do Comércio em 2004, que trazia custos mais baixos.

O tempo em que vivemos, áureo para o sector, foi estimulado pelo ciclo de transformação que este viveu. Apostas em têxteis técnicos, novas tecnologias e produtos sofisticados, aliados a uma maior mostra internacional, dinamizam agora o sector que se julgou à beira da morte.

Atualmente, as industrias têxtil e vestuário representam 10% das exportações nacionais, Paulo Vaz [34] relata que o *"made in Portugal"* é uma etiqueta que acarreta valor, sendo uma das melhorias em relação ao passado, Portugal passa a vender e a criar marcas. (FELISMINO 2017)

Ligado ao sector, surgem iniciativas como é o caso do projeto de Regeneração ITV, com o intuito de dinamizar a fileira têxtil e vestuário, ao facilitar o crescimento de empresas inovadoras, qualificadas e criativas, com potencial a nível internacional.

Este Projeto, incentiva a educação, formação, capacitação, acesso ao mercado, infraestruturas e instituições de apoio, entre outros, o que justifica a temática deste projeto final de mestrado. (R'ITV, 2016)

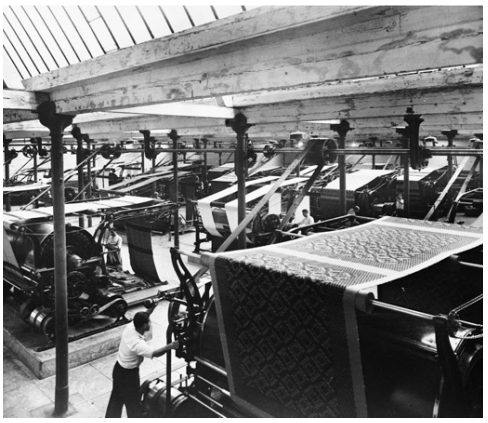
34 Paulo Vaz diretor-geral da Associação têxtil e vestuário de Portugal

071 Fotografia do areal em frente a Xabregas

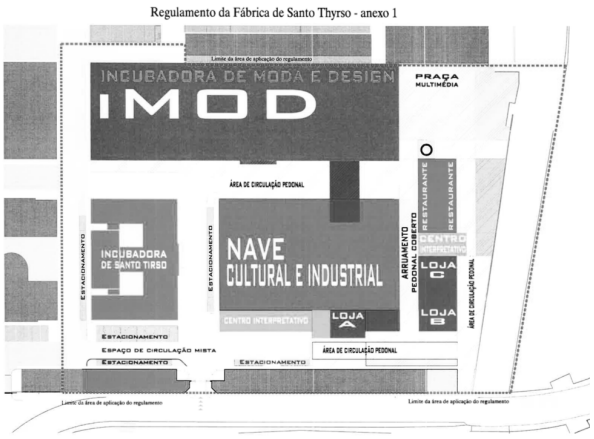


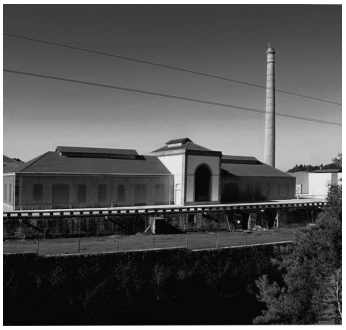









Regulamento da Fábrica de Santo Thyrso - anexo 1
Limite da área de aplicação do regulamento
INCUBADORA DE MODA E DESIGN
IMOD
PRAÇA MULTIMÉDIA
ÁREA DE CIRCULAÇÃO PEDONAL
RESTAURANTE
RESTAURANTE
CENTRO INTERPRETATIVO
ARRUAMENTO PEDONAL COBERTO
ESTACIONAMENTO
INCUBADORA DE SANTO TIRSO
ESTACIONAMENTO
NAVE CULTURAL E INDUSTRIAL
LOJA C
LOJA B
LOJA A
CENTRO INTERPRETATIVO
ESTACIONAMENTO
ESPAÇO DE CIRCULAÇÃO MISTA
ESTACIONAMENTO
ÁREA DE CIRCULAÇÃO PEDONAL
ESTACIONAMENTO
Limite da área de aplicação do regulamento
Limite da área de aplicação do regulamento





Fábrica de Santo Thyrso, Arquiteto Nuno Pinto

Localização Vale do Ave, Porto

Ano de começo 2005

O Vale do Ave, devido à sua localização, próximo de recursos como a água e a linha férrea, recebeu no século XIX, uma realidade industrial maioritariamente do setor têxtil. A construção da fábrica de tecidos de Santo Thyrso, projeto de José Luis de Andrade [35], foi concluída a 1897; porém, só no ano seguinte seriam instaladas as primeiras máquinas no edifício e iniciada a produção. No ano de 1899, o complexo industrial sofre uma duplicação em tamanho, o que permite novas áreas de produção. (SANTOS 2013)

A fábrica têxtil abandonada nos anos 80, devido à crise e falta de competitividade, foi reabilitada como Fábrica de Santo Thyrso, um centro de moda, design e cultura. A intervenção do Arquiteto Nuno Pinto, que transformou a antiga fábrica numa incubadora de empreendimentos, especializada em moda e *design*, hoje acolhe espaços de trabalho, cultura e lazer.

O projeto tem uma programática diversa e multifuncional de serviços, comércio e restauração, oferecendo à fábrica um carácter cultural e criativo.

Deste projeto interessa, para o corrente trabalho, o espaço da incubadora de *design* de moda, de modo a perceber as necessidades e espaços da mesma, para mais tarde ser utilizado na elaboração do projeto final.

Para que as empresas baseadas nesta incubadora funcionem de melhor maneira, a fábrica de Santo Thyrso tem neste edifício diferentes espaços e equipamento de apoio, dos quais as empresas podem usufruir. Os espaços são os seguintes:

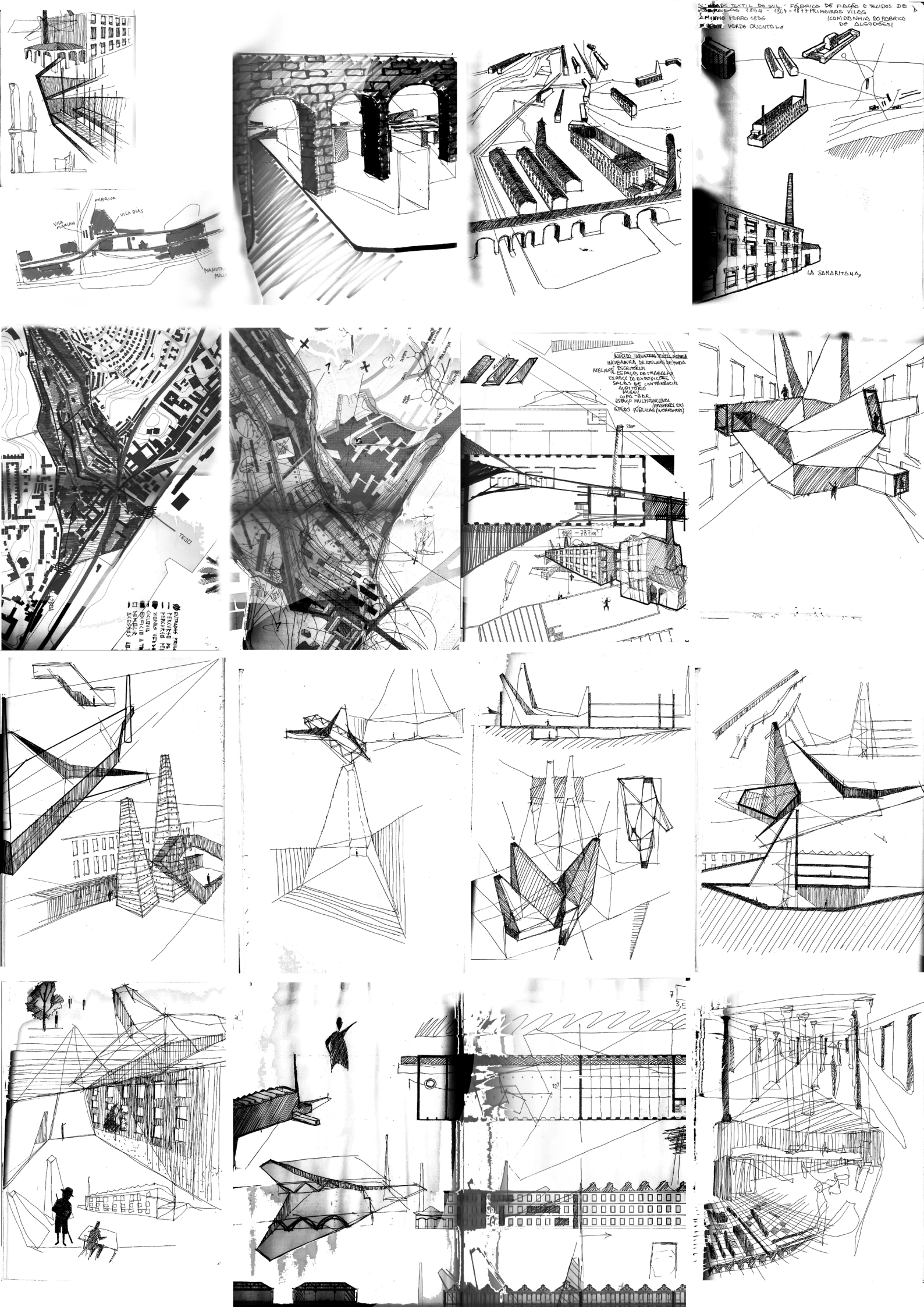
- Salas de trabalho individuais para cada atelier;
- Sala de *brainstorming*;
- Estampagem têxtil;
- CAD/CAM e fabricação digital (mesa digitalizadora, traçador de moldes, máquina de corte e gravação a laser e máquina de bordar digital).

Existem ainda espaços do complexo para usufruto de todos os ateliers: um auditório e um espaço para exposição e desfiles de moda.

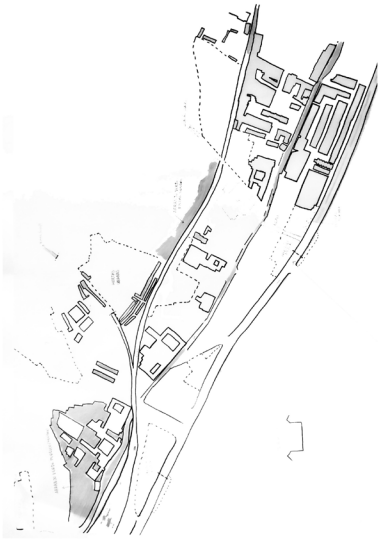
35 Sobrinho do Conde de S.Bento, cujo qual a seu mando, a fábrica foi edificada.

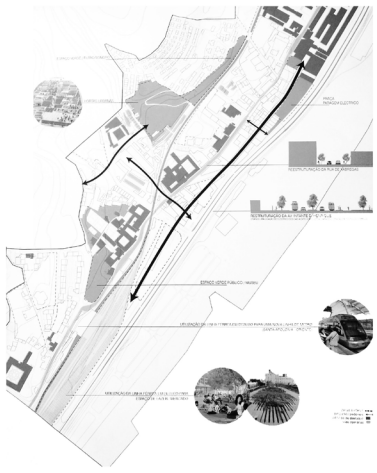
DESENHOS DO PLANO URBANO

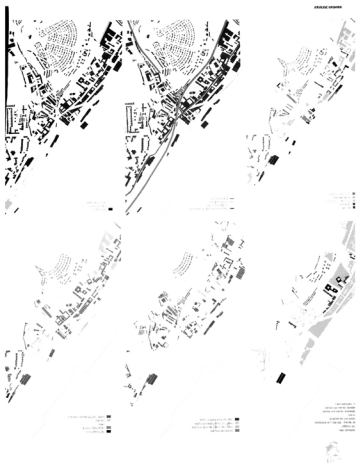
073



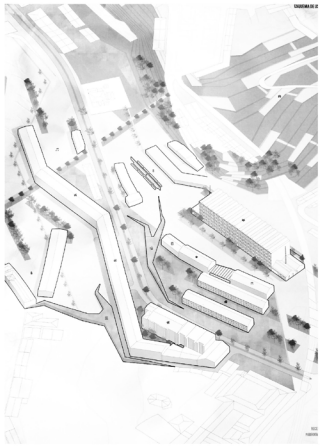
FÁBRICA
VILA DIAS
VILA FLAMIANO
MANUTE
LA SAMARITANA
INCIBADORA DE ATELIERS DE MODA
ESPAÇOS DE TRABALHO
ESPAÇO DE EXPOSIÇÕES
SALAS DE CONFERÊNCIA
AUDITÓRIO
MUSEU
COPA-BAR
ESPAÇO MULTIFUNCIONAL
ÁREAS PÚBLICAS

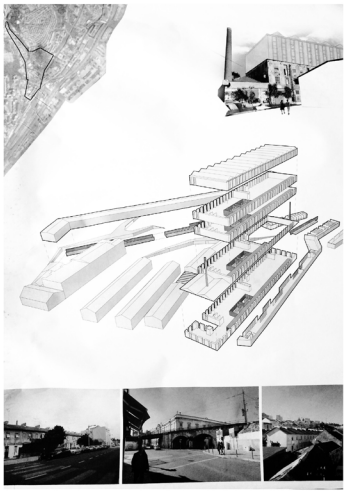


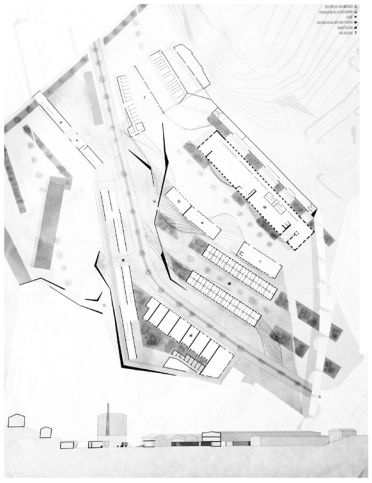


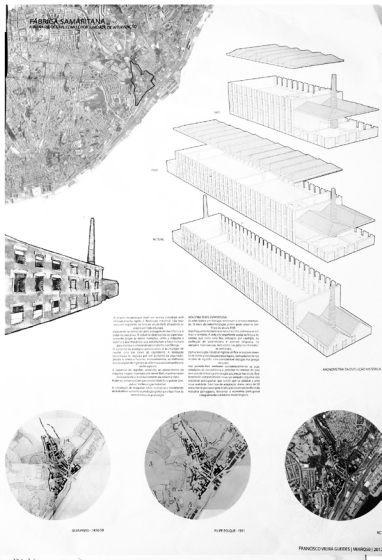


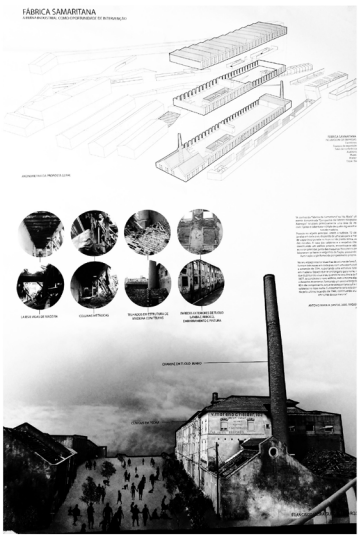


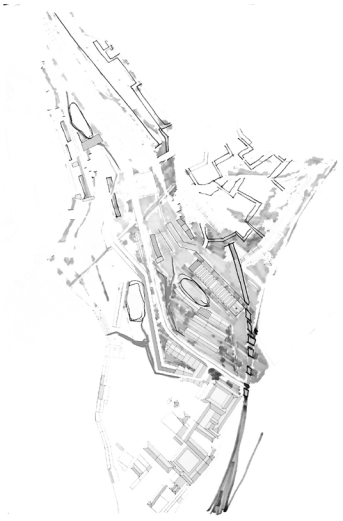


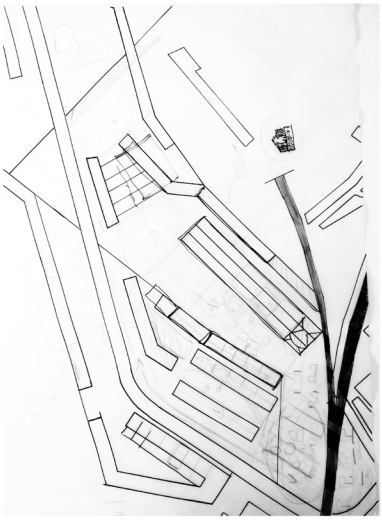




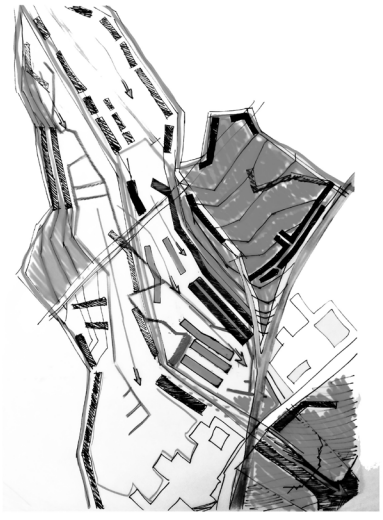

FÁBRICA SAMARITANA


FÁBRICA SAMARITANA

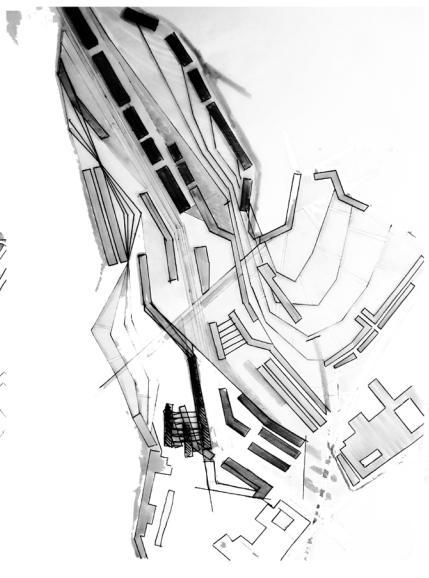




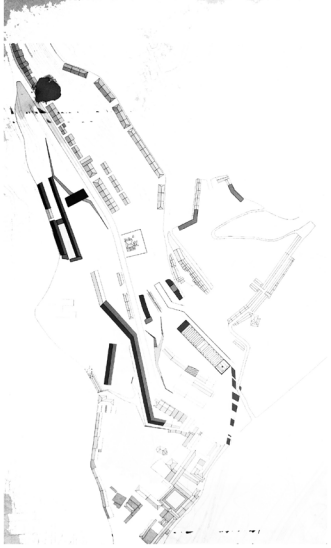


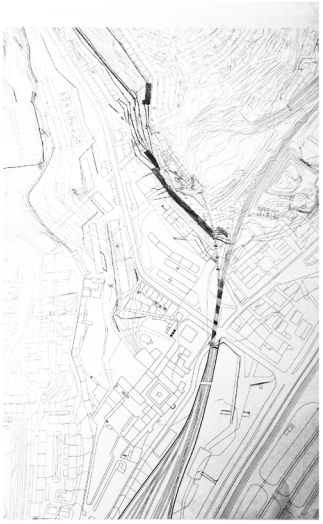




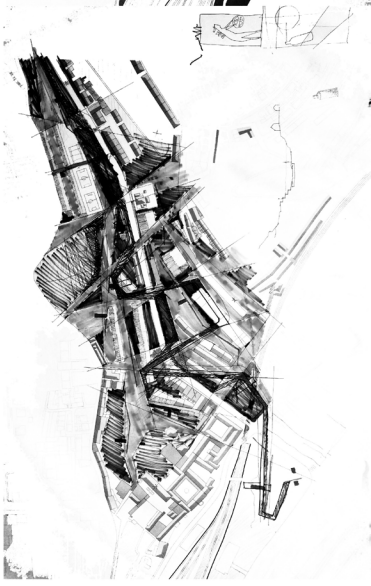


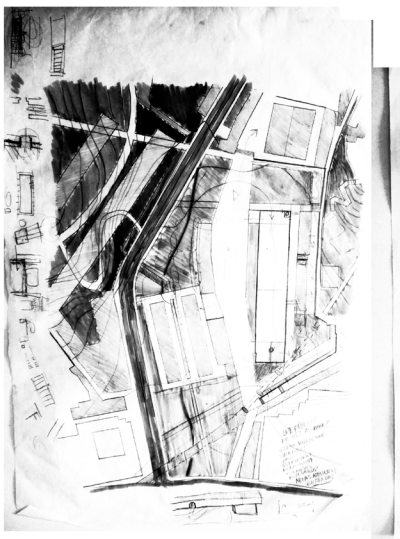
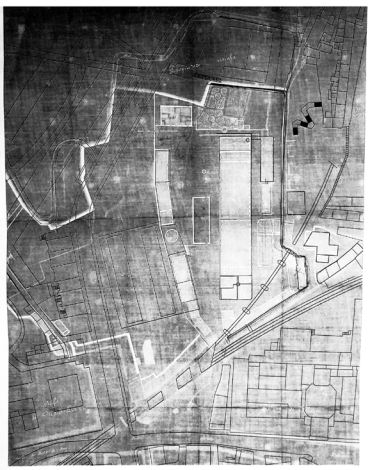


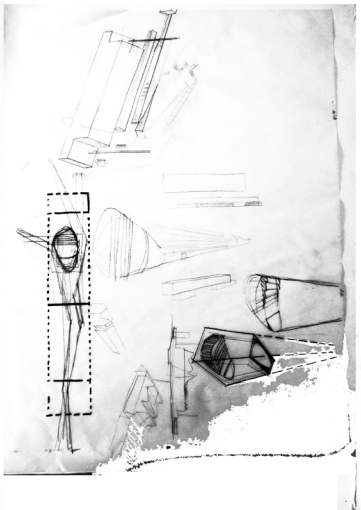
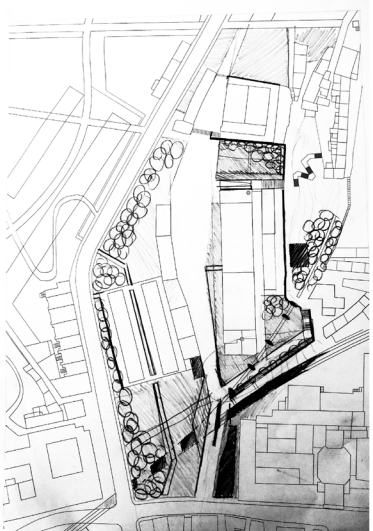
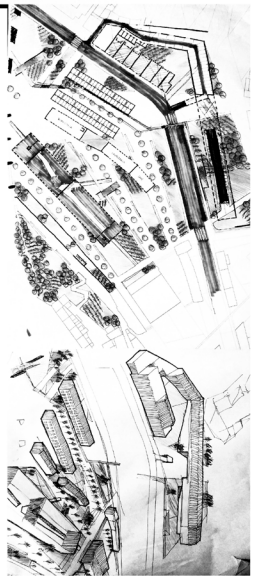


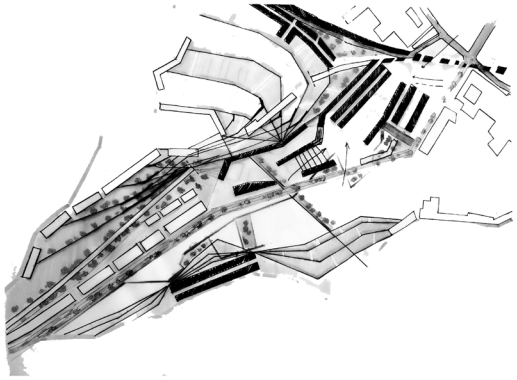
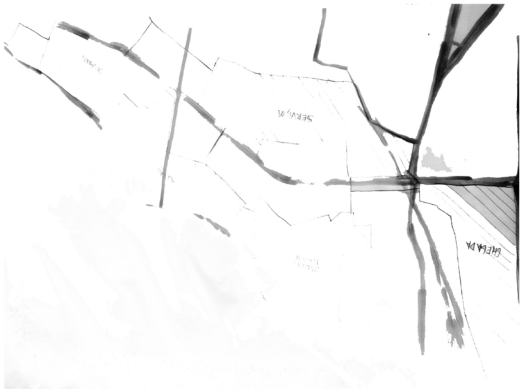
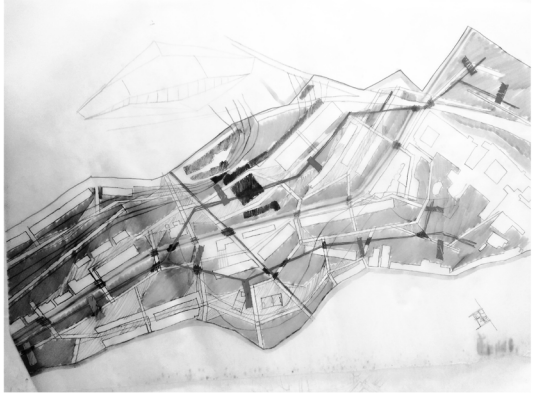
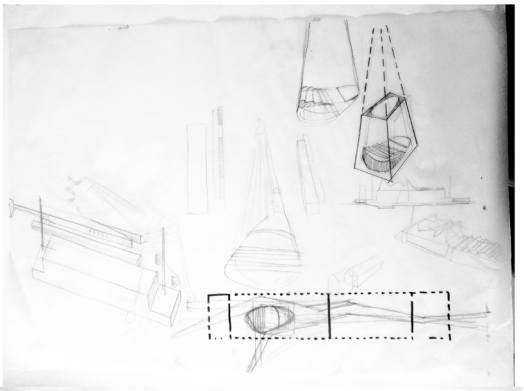
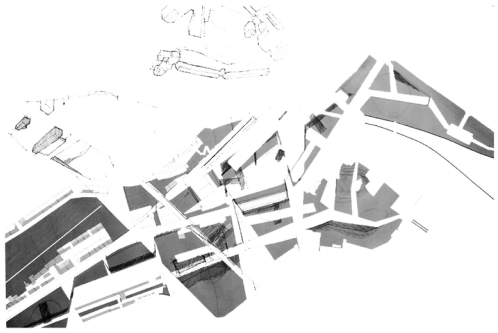
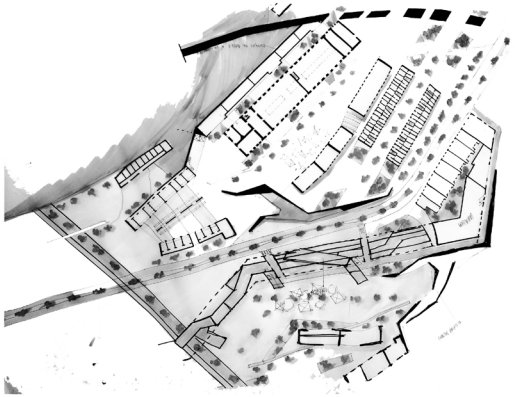
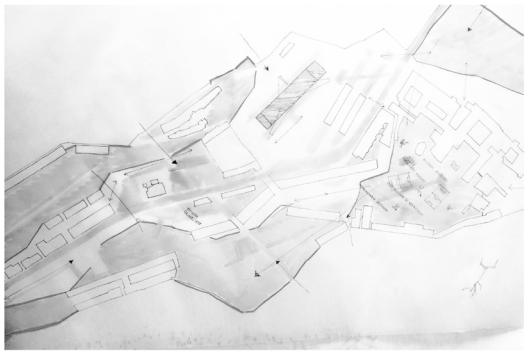
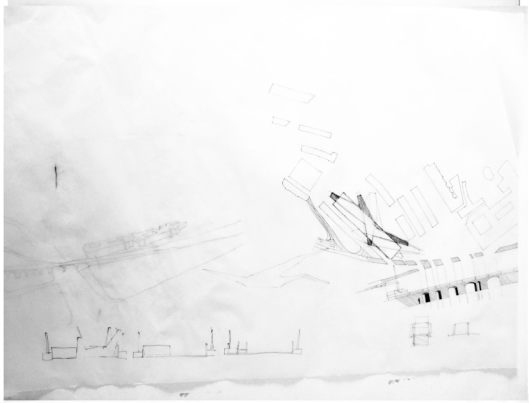
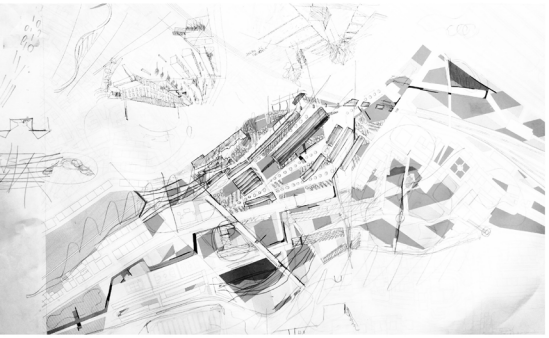
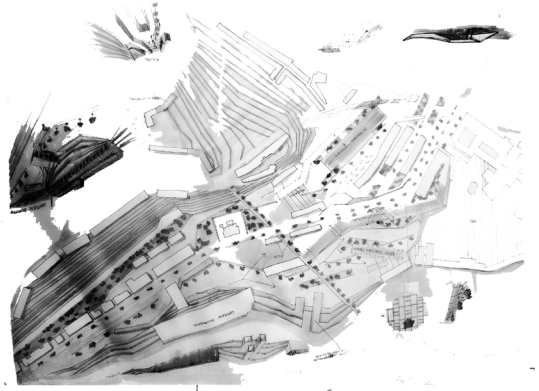
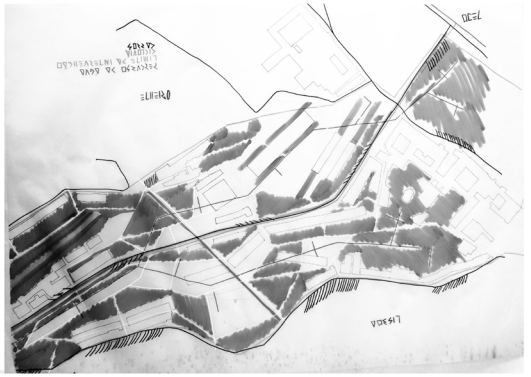


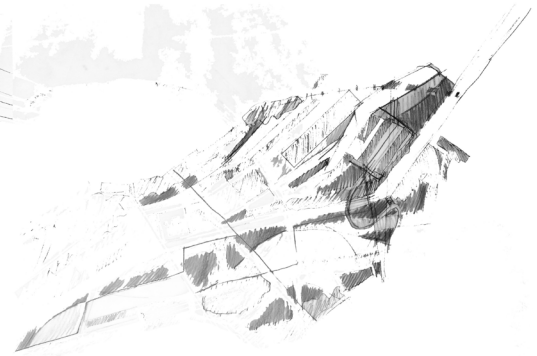
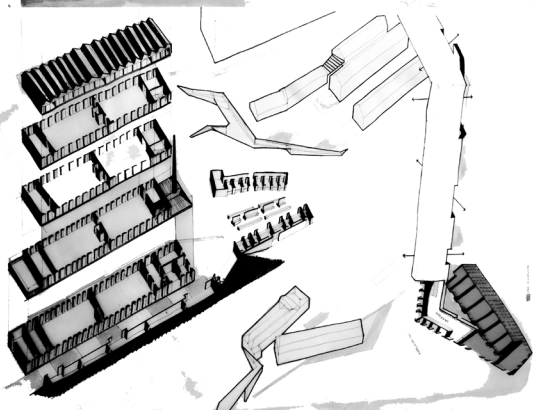
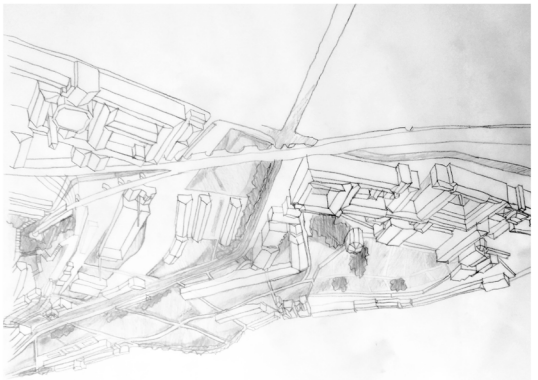
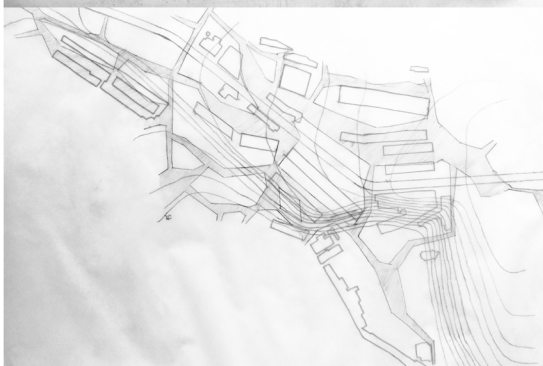


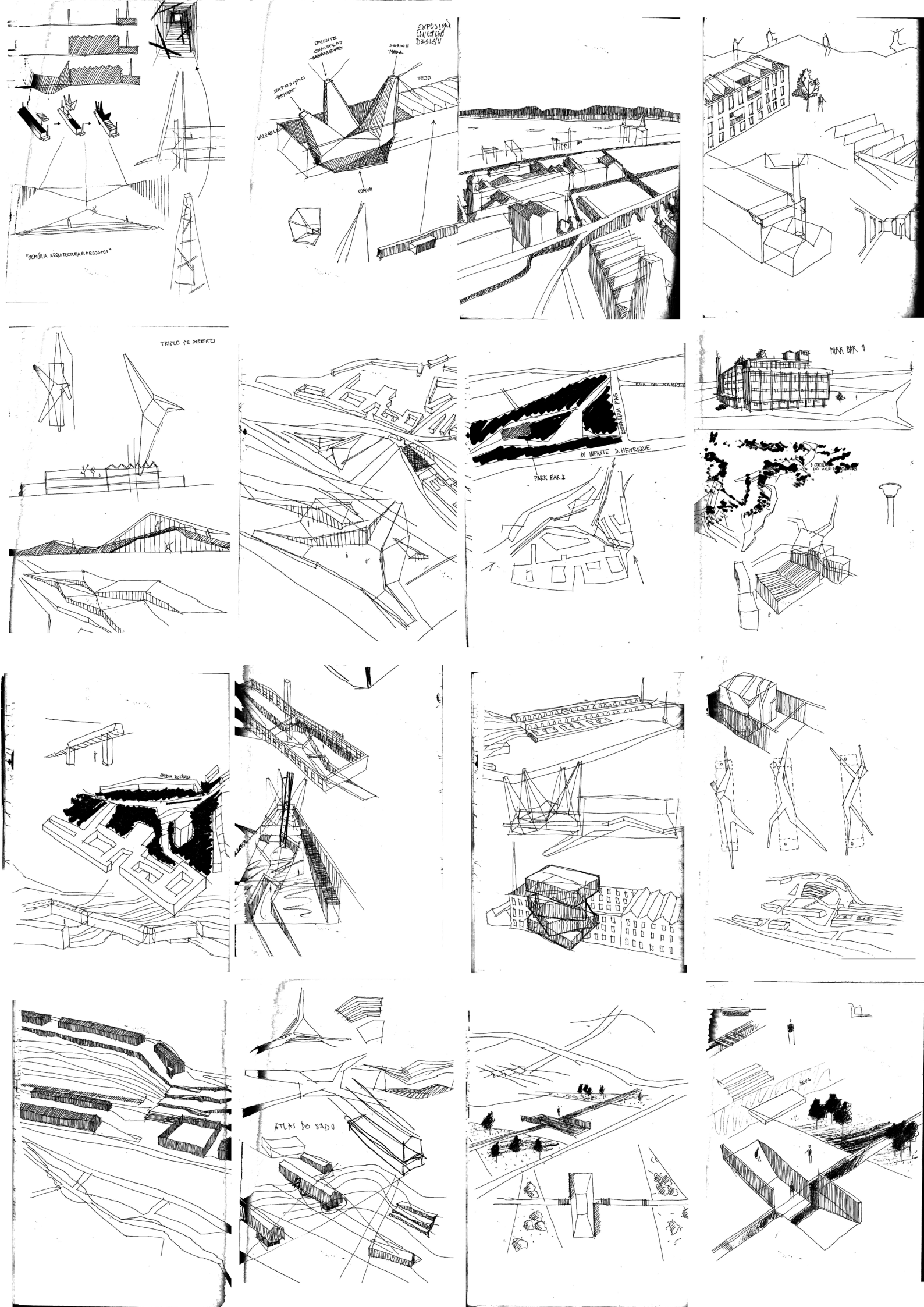




"MEMÓRIA ARQUITECTURA E PROJETOS"
EXPOSIÇÃO CONCEITO DESIGN
ORIENTE CONCEPÇÃO ARQUITECTURA
DESIGN MODA
TEJO
EXPOSIÇÃO DESIGN
VOLUMETRIA
COMUM
TRIPLO DE DIREITO
RUA DE XABREGA
RISOALDIM PAIS
AV INFANTE D. HENRIQUE
PARK BAR I
PARK BAR II
JARDIM BOTÂNICO
ATLAS DO SADO

"There is no one right way to do anything in architecture. It is not possível to write instructions (formulae, rules) for how to do architecture without restricting its possibilities (…)" [36]

36 UNWIN, 2015, pág. 3

QUIMERAS DA MEMÓRIA

O seguinte capítulo procura fazer uma descrição do trabalho desenvolvido, proposta de plano urbano e projeto. Uma fantasia que aqui gera um confronto com o obsoleto, daí o seu título quimeras da memória, a liberdade de sonhar com o passado.

~~COSER XABREGAS À CIDADE~~

Nesta periferia de Lisboa, é de notar o seu forte potencial devido à sua localização, todavia, perante o seu passado, Xabregas encontra-se esquecida e desligada do centro da capital e do parque das nações.

O projeto urbano, que procura novas dinâmicas de intervenção, numa área com um enquadramento futuro promissor em relação à cidade de Lisboa, expõe-se aqui como objeto catalisador para este sítio expectante.

Tendo em conta a análise feita da área de intervenção, foram assinalados os pontos fracos, fortes e oportunidades, de modo a fazer uma proposta de intervenção sóbria e adequada.

O desenho urbano procura, desta forma, esboçar um parque urbano para esta fração da cidade, que é assinalada como o novo corredor verde Oriental. A proposta provoca uma consolidação da malha urbana e insere este fragmento na cidade, dissecando o que foi um solo povoado por fábricas e quintas de cultivo, transformando-o num sistema verde da cidade de Lisboa.

Estes territórios acarretam assim uma dificuldade, bem como uma responsabilidade, pois fazem parte da memória dos espaços a intervir.

De acordo com as dificuldades apresentadas neste sítio de Xabregas, o projeto proposto ostenta maioritariamente uma preocupação de cariz social, com o intuito de elevar a zona à ribalta, com conexões físicas e intrínsecas à cidade.

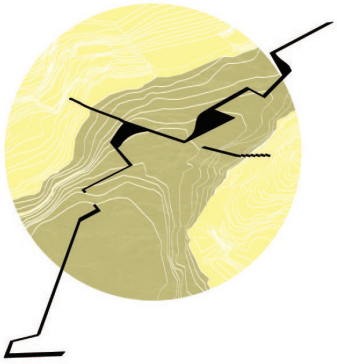
Passo então a fazer uma descrição mais pormenorizada da proposta de intervenção.

Sendo o vale considerado um Parque Urbano que se insere no sistema verde da cidade a ação fulcral deve ser a de cobrir o vale com um manto verde, no que é uma das áreas mais impermeáveis da cidade, devido à sua narrativa. Deste modo, o projeto deste parque visa a plantação de vegetação, geradora de coesão entre pontos do corredor verde de Lisboa. A vegetação ponderada, em união com o sistema de águas que será mencionado à posteriori neste capítulo, aponta para uma estratégia de controlo das águas pluviais desta bacia hidrográfica da cidade.

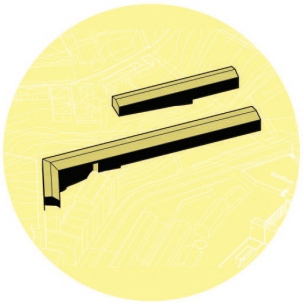
A análise feita do Vale possibilitou a dissecação do mesmo, o que deixou perceber os elementos fulcrais, assim como elementos a permanecer e a demolir. Deste modo, o primeiro ponto do projeto urbano é identificar o edificado não relevante ou de fraca construção, fazendo uma proposta de demolição dos mesmos,



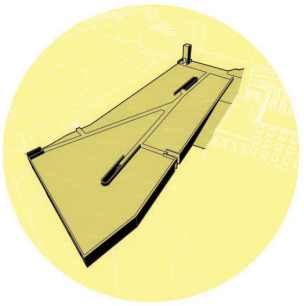
074 Percursos



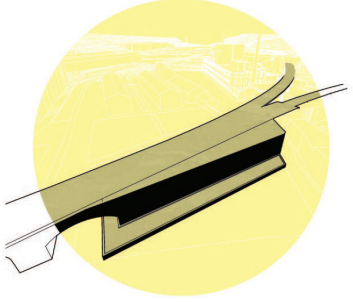
075 Sistema hidrográfico



076 Edifícios de habitação



077 Estacionamento



078 Remate do sistema hidrográfico

o que deixou o Parque Verde beneficiar de grandes áreas permeáveis. Estes edifícios, podem ser demolidos, pois não acrescentam qualquer tipo de carácter ao vale; Foram construídos sem ordenamento, e apresentam características de construção débil.

O desenho é primordialmente atento às ligações entre o Vale e a cidade, assim como a ligação entre bairros e diferentes cotas altimétricas. Estes vínculos promovem o percorrer do vale e o seu atravessamento e vão melhorar a sua conexão com Lisboa. Para o fazer, é plantado um sistema de percursos que faz estes acessos, que resolve as diferenças de altimetria com escadas ou rampas.

Dentro do vale os percursos funcionam num todo direcionando os visitantes aos espaços de interesse, como o Museu do Azulejo, o mercado proposto, a praça do **Black**, entre outros.

Justaposto a estes caminhos de ligação são criadas diferentes praças e espaços urbanos, momentos de pausa e apreciação da paisagem ao longo de todo o Vale de Chelas, o que permite que as pessoas habitem o Parque Verde, ao invés de o percorrerem apenas. Estes espaços públicos procuram proporcionar algo que há muito se perdeu nesta zona, a convivência entre moradores.

Paralelamente aos percursos propostos, é pensado um sistema de águas que visa a drenagem de águas pluviais, assim como a sua retenção, para utilização na rega do Sistema Verde, o seu desenho é indispensável, visto o vale ser uma das mais importantes bacias hidrográficas de Lisboa. Este percurso tenta percorrer as cotas mais baixas do vale e acompanha o mesmo com diferentes direções de modo a recolher a maior quantidade de águas possível. É ainda desenhada uma linha de água, perpendicular ao correr do vale, onde outrora viveu o aqueduto do Alviela, que acompanhada de um percurso pedonal, faz a principal linha de atravessamento do parque, e vai de encontro a duas pré-existências do antigo aqueduto.

A vegetação inserida neste parque surge em primeiro plano, esta vai possibilitar a densificação do controlo da água e aumentar o solo permeável, ao mesmo tempo que gera vida.

Deste modo, a vegetação pensada é maioritariamente ripícola, para uma maior absorção das águas pluviais, esta encontra-se na sua maioria junto ao percurso de água. Nas cotas mais altas é plantada vegetação com raízes maiores e densas para estabilização dos solos, e prevenir o movimento de terras. As clareiras formadas nas partes mais baixias são compostas por prados, pouco exigentes e de baixa manutenção. É ainda proposto um pomar com diferentes espécies de árvores de fruto para usufruto da população.

Toda a vegetação é possibilitada pelo percurso hídrico do qual a flora se vai alimentar.

Devido às demolições propostas, é necessária a construção de novos edificados para receber as pessoas desalojadas. Estas novas construções são pontuais e

são pensadas em confronto com o desenho do plano urbano, para que não interfiram com o sistema verde ou pré-existências. Estes edifícios de habitação propostos são dois e encontram-se junto ao convento, onde são inseridos em alinhamento com os prédios de habitação já existentes. Os dois volumes pairam sobre o verde, sendo que ao nível do piso térreo apenas tocam o solo pontualmente, de modo a não interferir com os percursos propostos.

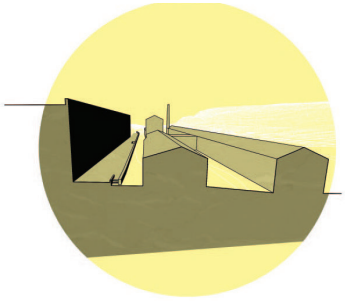
"Uma casa sobre um jardim pode ser uma representação próxima da ideia de cidade-jardim, onde os edifícios elevam-se sobre pilotis e o terreno torna-se num parque contínuo, no qual as pessoas são livres de circular onde estão garantidas as condições básicas do habitar, o sol, o espaço e a vegetação." [37]

Outro edifício novo que é desenhado é um mercado, este localiza-se abaixo do túnel que leva a linha férrea para o norte, este resolve o espaço ao criar uma barreira física entre o Parque e a linha de comboio. O seu desenho foi previsto para receber este uso, indispensável na vida do vale, e para que possa funcionar em simbiose com as hortas urbanas existentes e propostas.

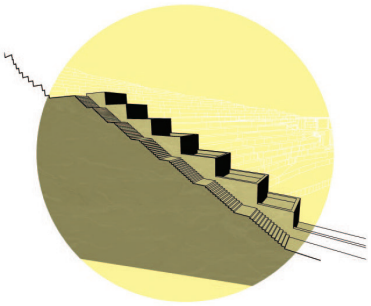
São também recuperados alguns fragmentos de outras épocas, que por ali resistem, e que pertencem à memória do Vale. Para o antigo complexo da Tinturaria Portugália é pensado um complexo desportivo, programa visto como necessário pelo Plano Diretor Municipal, e para o edifício que se encontra abaixo da linha férrea (antiga fábrica de artes gráficas), um estacionamento com bar na cobertura à semelhança do Park [38] em Lisboa. A escolha para esta função recai sobre este edifício visto a sua localização ser à "entrada" do Parque, junto ao rio, com o objetivo de manter os automóveis fora do mesmo.

Na área jusante do Vale em que se insere a fábrica da Samaritana, objeto de intervenção, é concebido o coração do Parque. O antigo pátio é convertido em praça, conhecido por Black nome dado outrora onde se insere o complexo da Samaritana, que engloba o edifício fabril e os elementos circundantes.

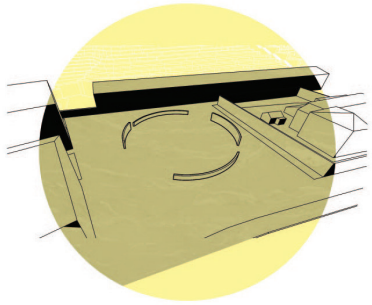
Esta praça é o ponto menos permeável do sistema verde e torna-se fulcral no Parque, sendo nela que acontecem as atividades lúdicas necessárias, revitalizadoras e catalisadoras do Vale.



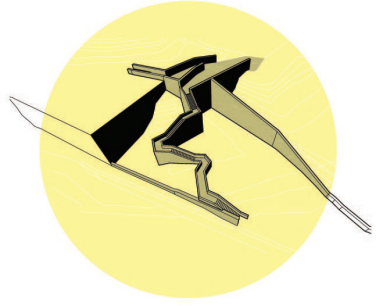
079 Tinturaria Portugalia



080 Sistema de articulação entre cotas



081 Peça junto ao mercado multifuncional



082 Sistema de articulação entre cotas

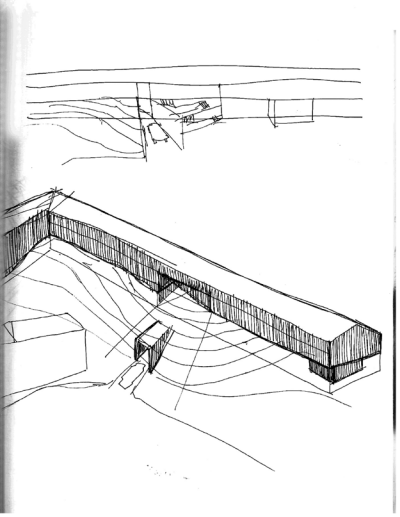
37 TELLES, 2003, pág.153

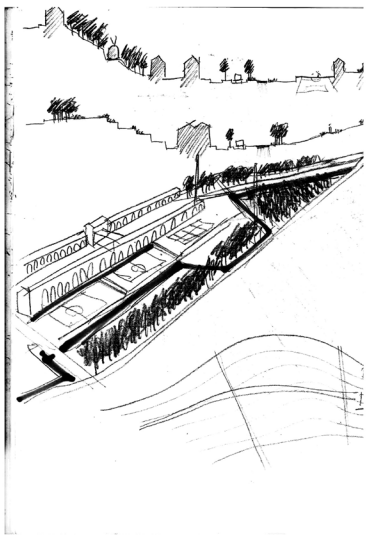
38 Park, parque de estacionamento situado na Calçada do Combro, construído entre 2003 e 2005 por Appleton e Domingos Arquitetos, Lda

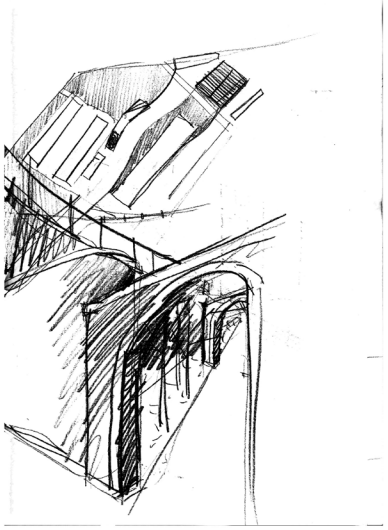


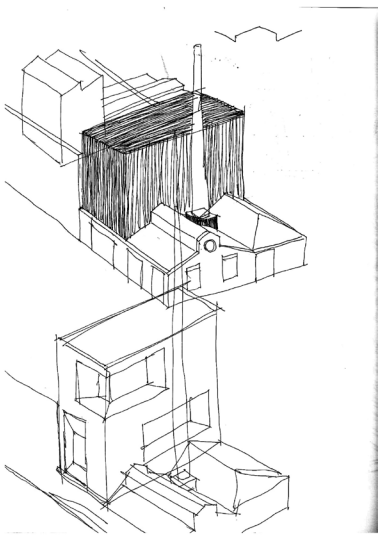
DESENHOS DO PROJETO

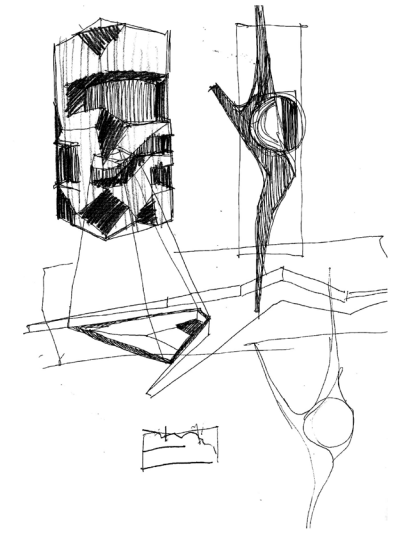
084

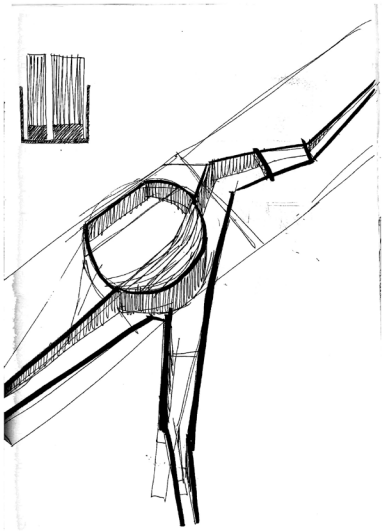


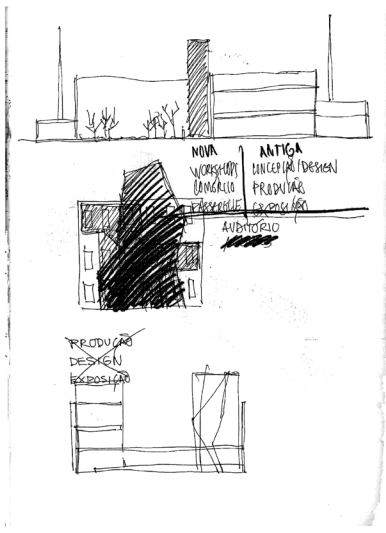


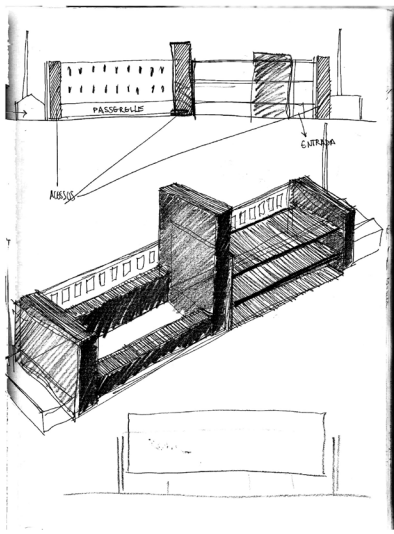


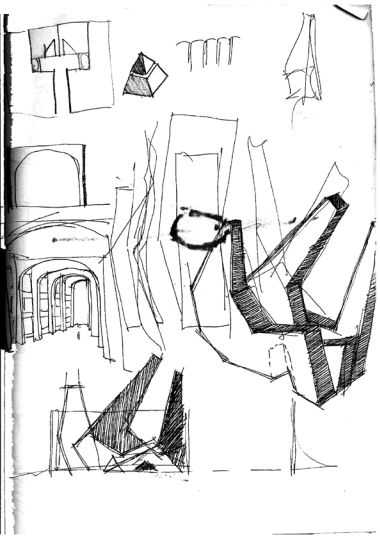


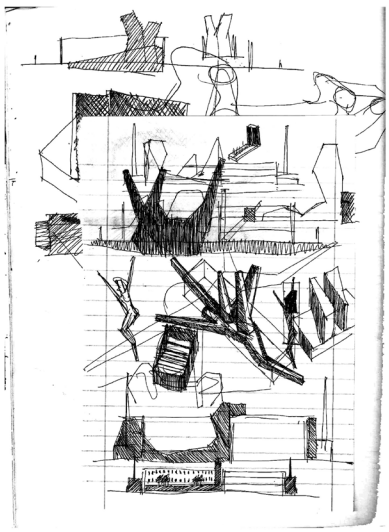


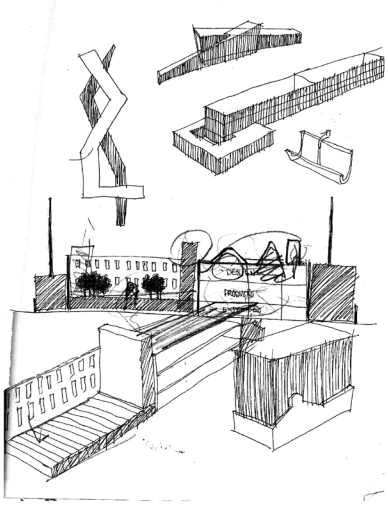


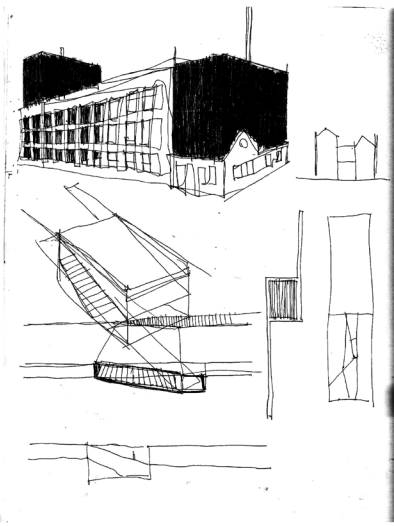

NOVA
ANTIGA
AUDITÓRIO
PRODUÇÃO
DESIGN
EXPOSIÇÃO

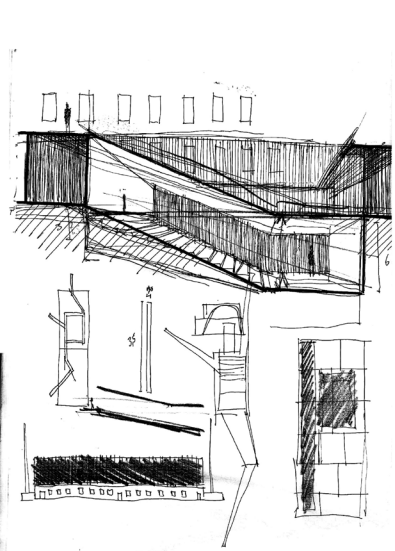

PASSERELLE
ENTRADA
MUSEUS

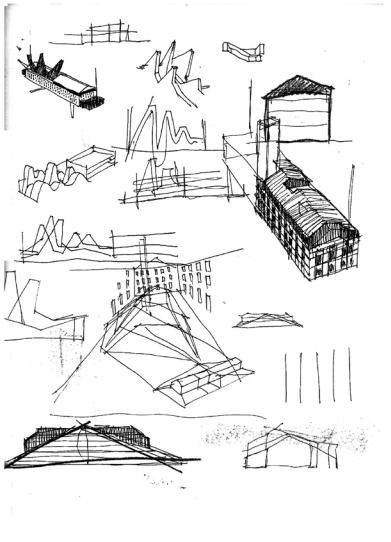


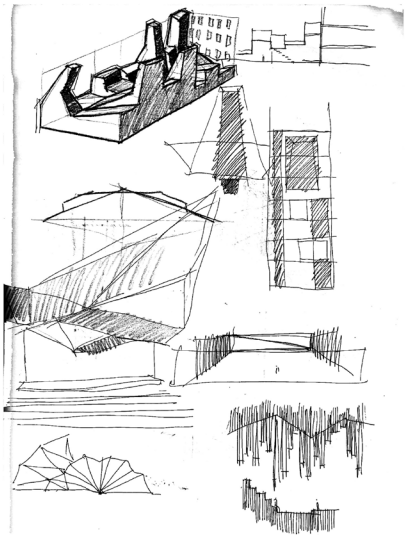


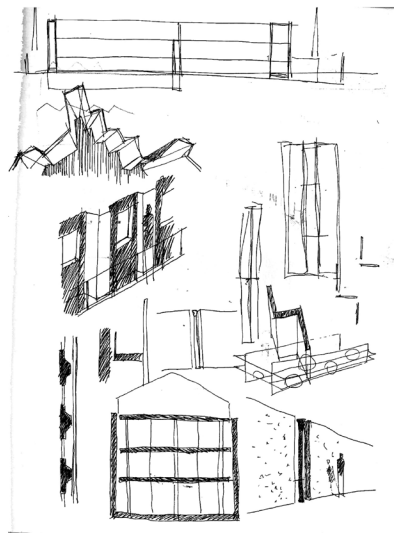


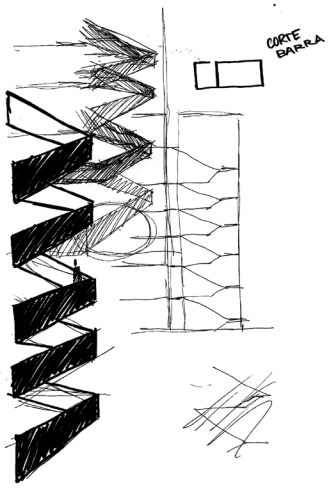


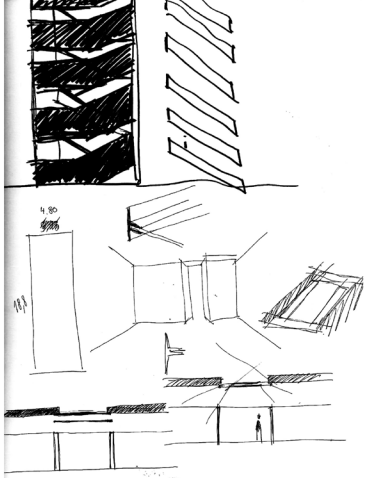


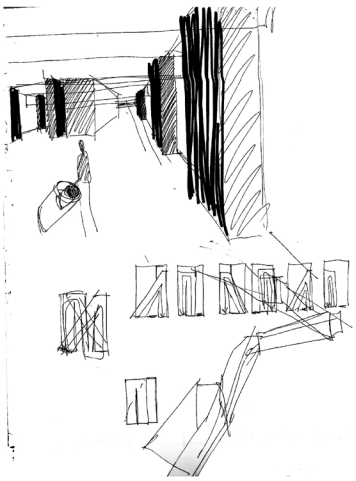


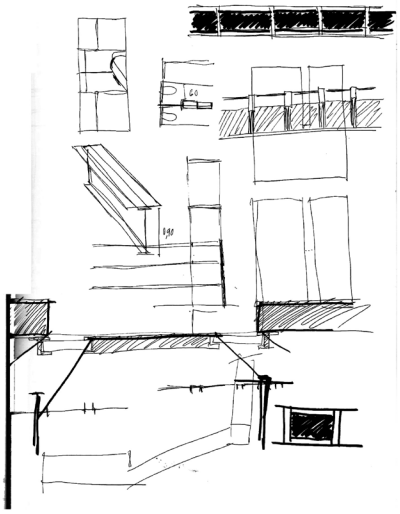


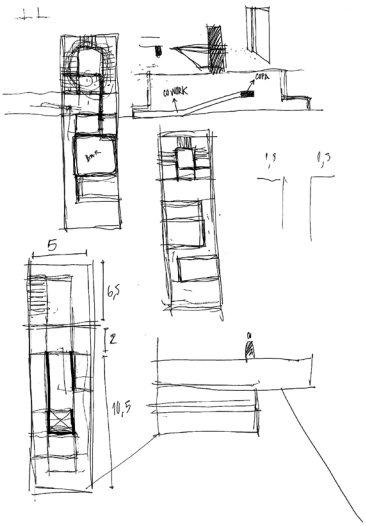


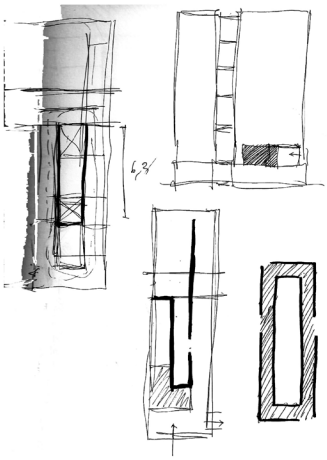

CORTE
BARRA

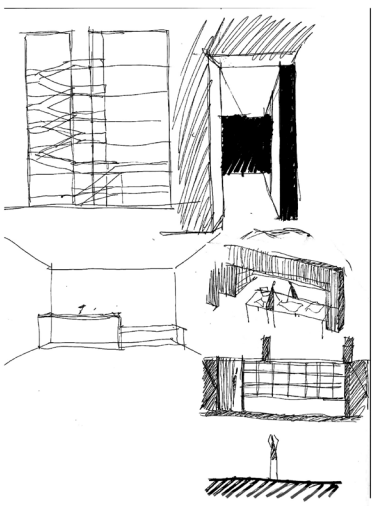


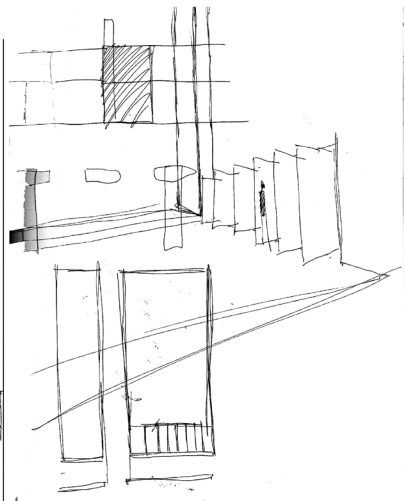


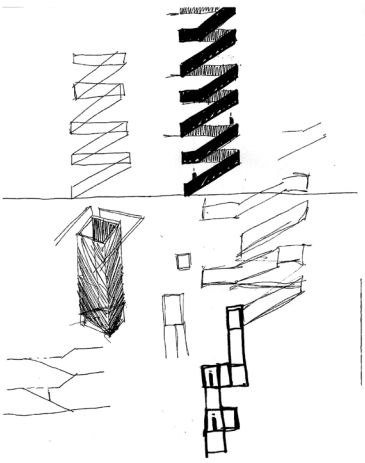


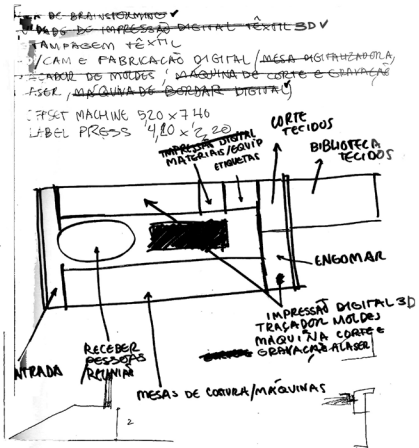

COPA
1,5
1,3
6,5
2
10,5

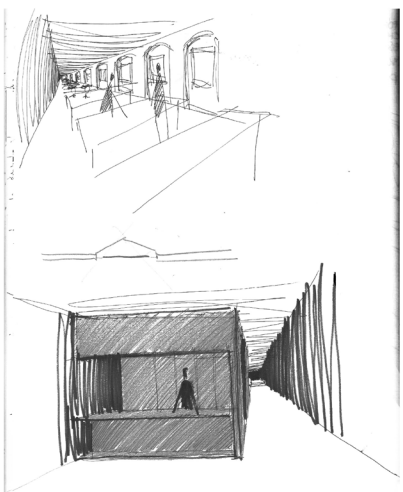

4,3

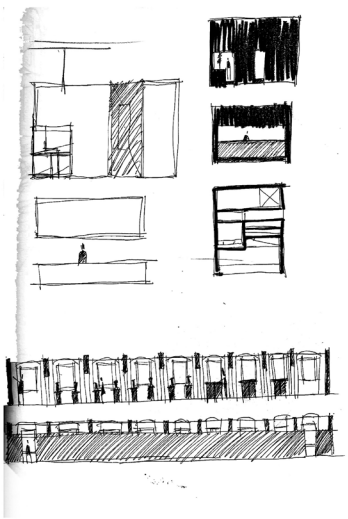


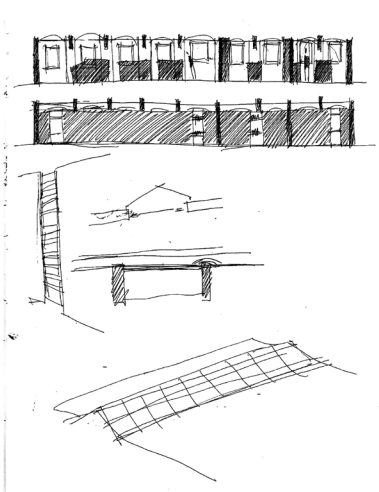


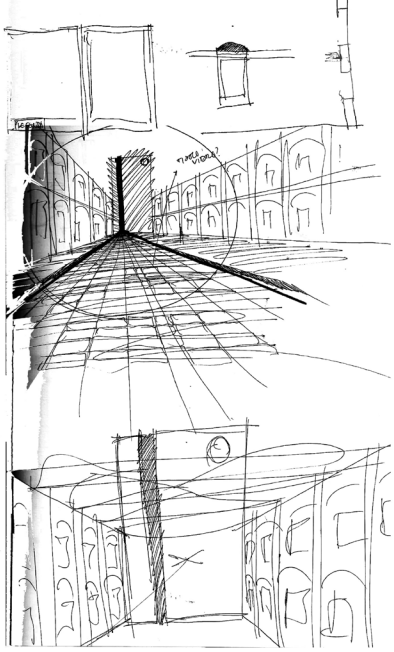


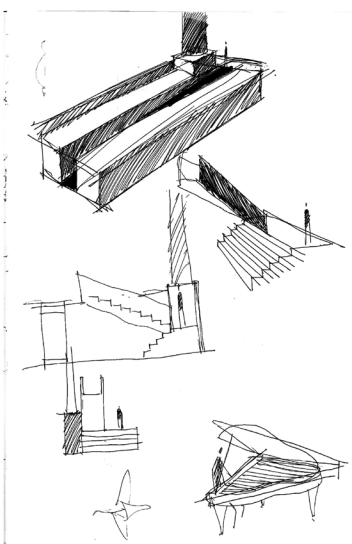

IMPRESSÃO DIGITAL TÊXTIL 3D
TAMPAGEM TÊXTIL
CAM E FABRICAÇÃO DIGITAL / MESA DIGITALIZADORA
OFFSET MACHINE 520 x 740
LABEL PRESS 4,80 x 2,20
CORTE TECIDOS
IMPRESSÃO DIGITAL MATERIAIS/OBJETO
BIBLIOTECA TECIDOS
ENGOMAR
IMPRESSÃO DIGITAL 3D
TRAÇADOR MOLDES
MAQUINA CORTE E GRAVAÇÃO A LASER
ENTRADA
RECEBER PESSOAS REUNIAR
MESAS DE COSTURA/MÁQUINAS

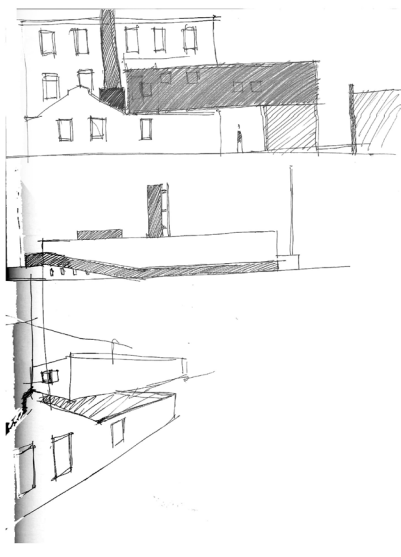


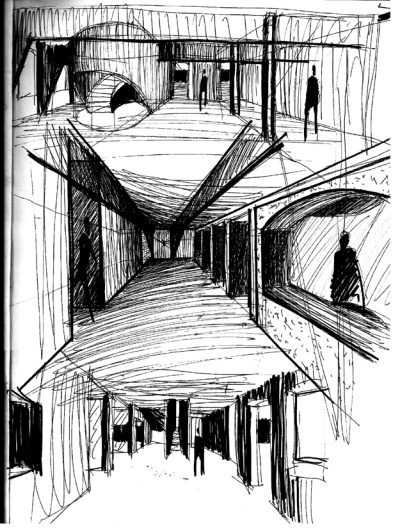


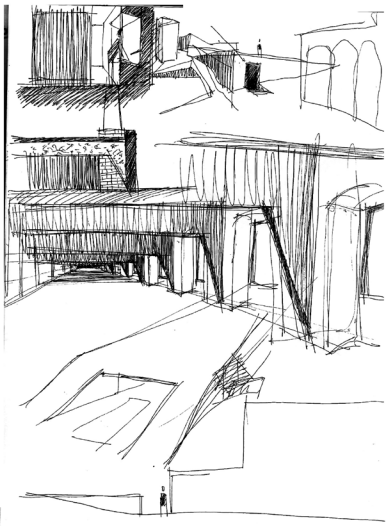


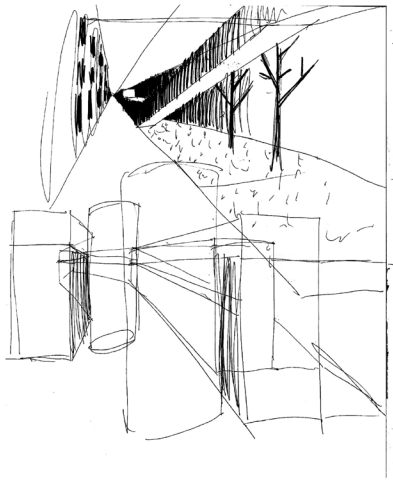


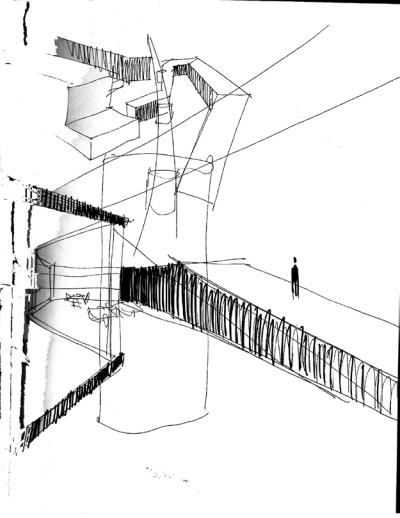


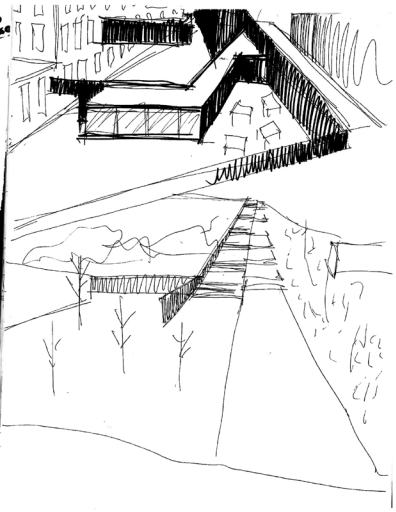


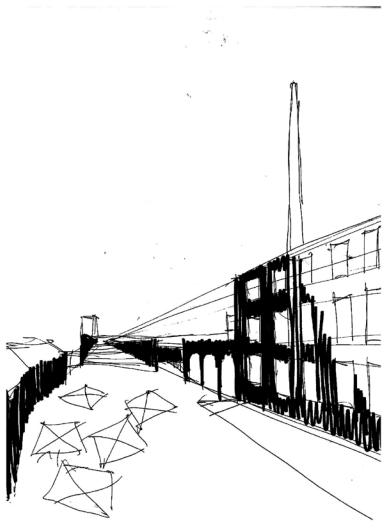


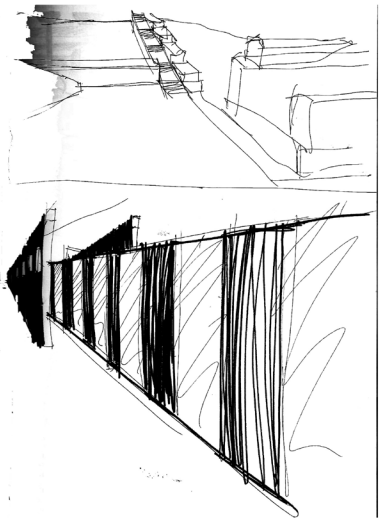


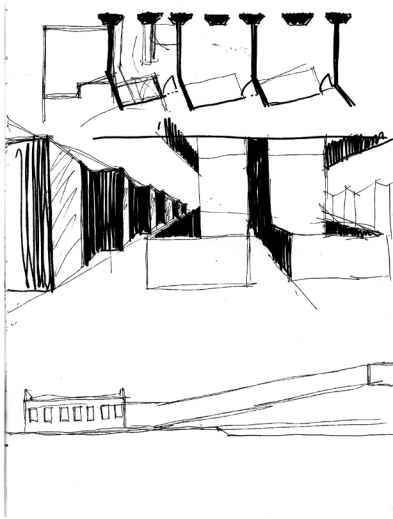


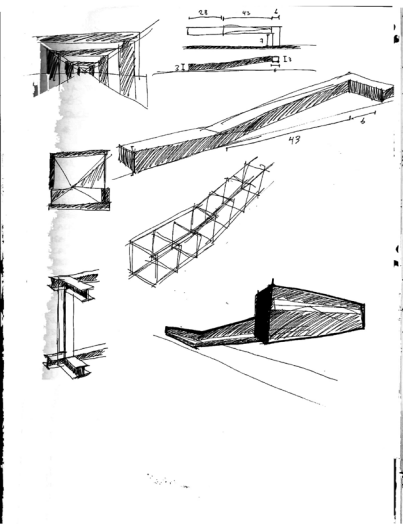




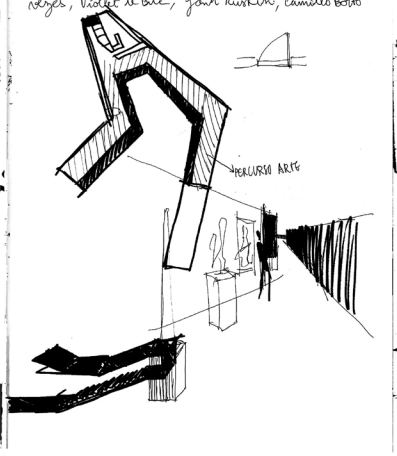


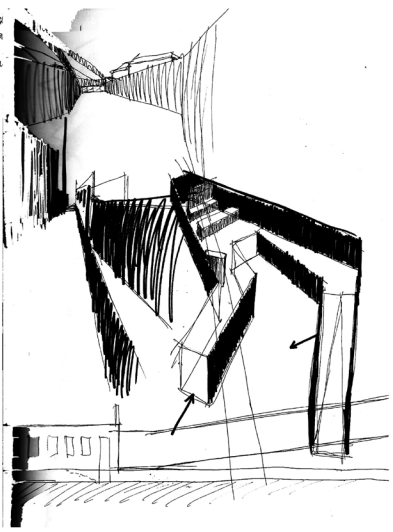




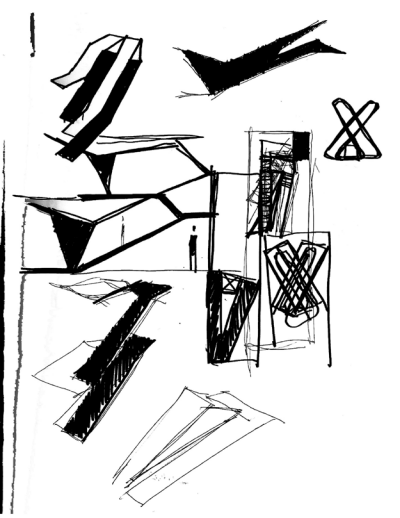


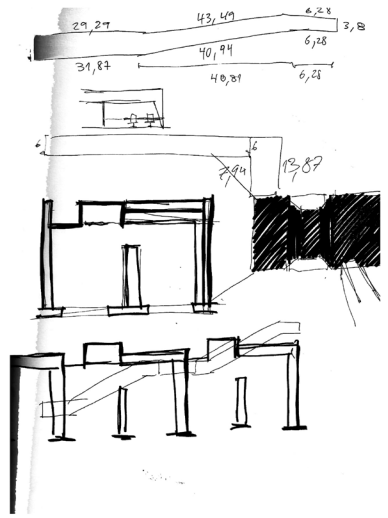
Primeiros passos relativos à teorização do Património e da sua realidade surgem no séc XIX quando alguns poiser (Francis) reclama preocupação em manter e cuidar dos seus edifícios góticos.
Nesta altura surgem as primeiras teorias, divergentes ou vezes, Viollet le Duc, John Ruskin, Camillo Boito

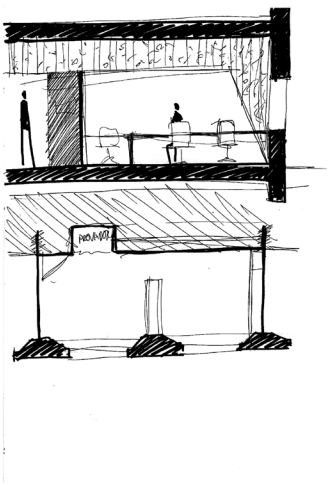


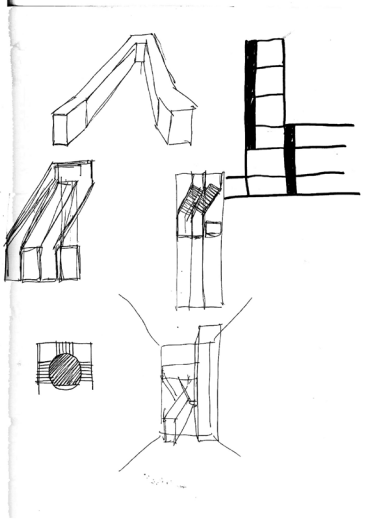


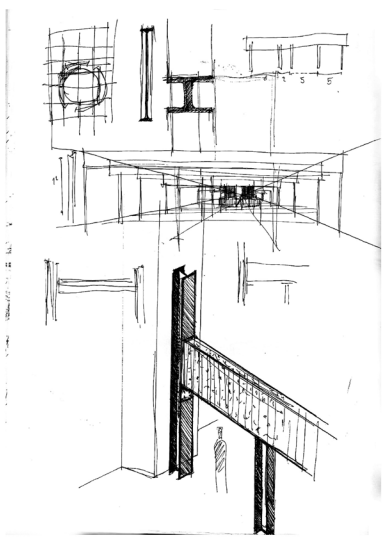


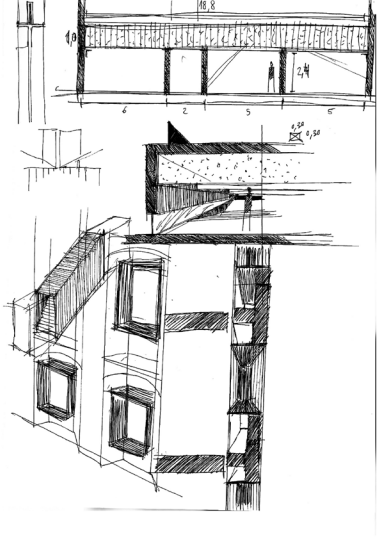


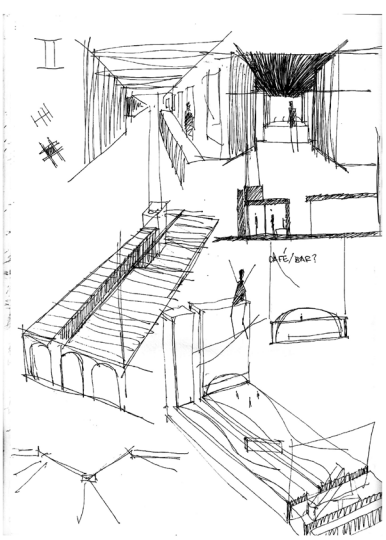


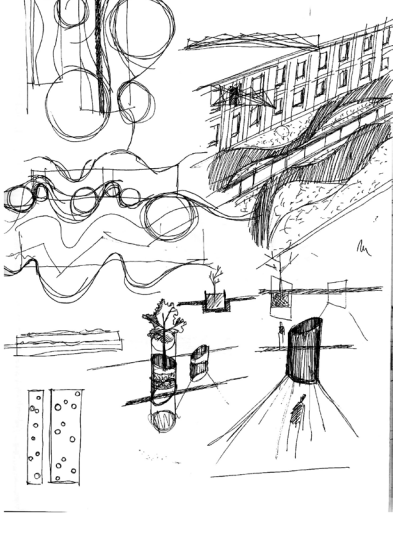


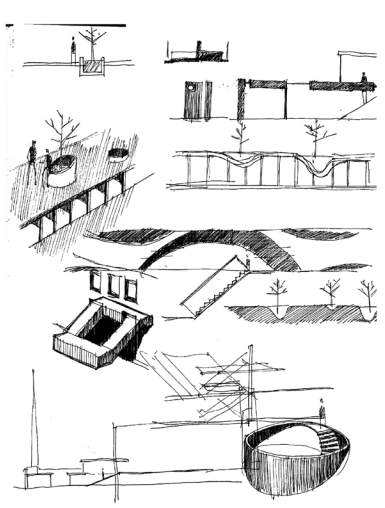


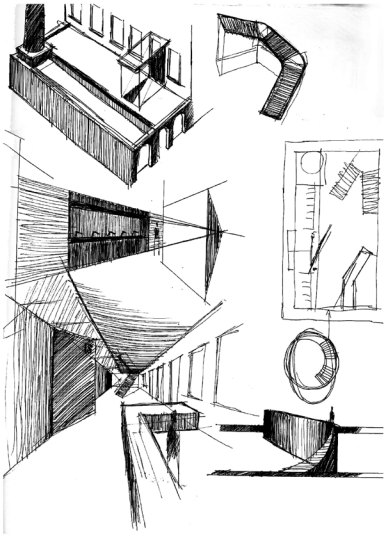


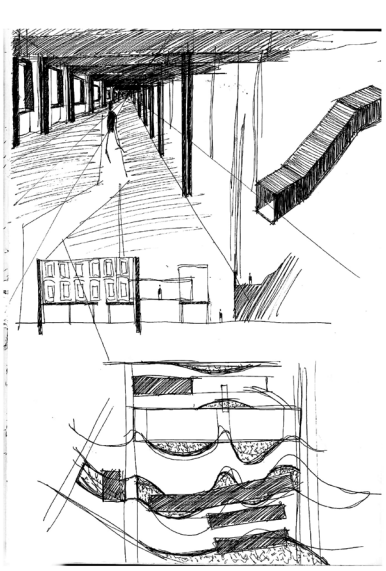


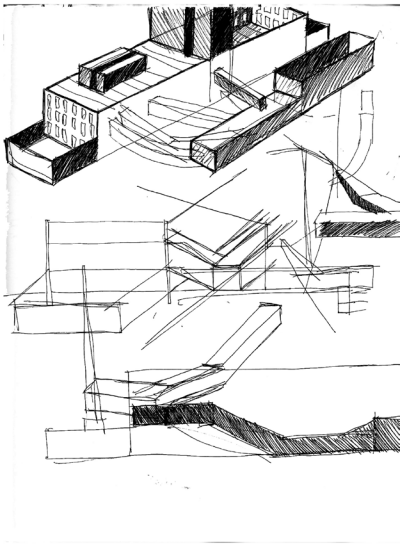

CAFÉ/BAR?

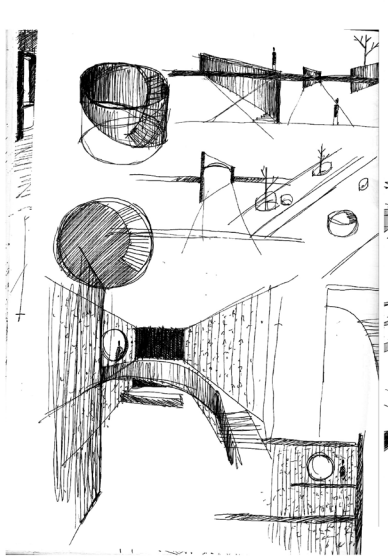


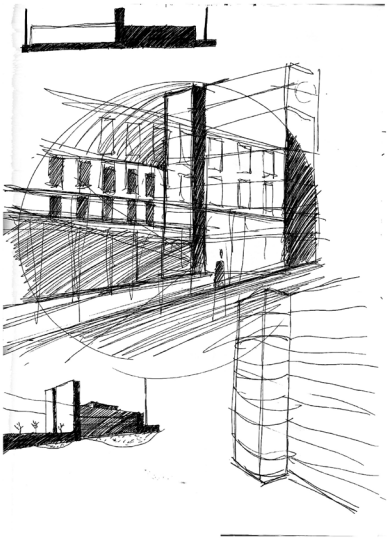


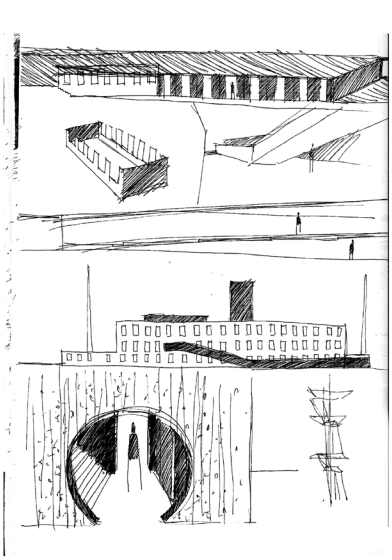


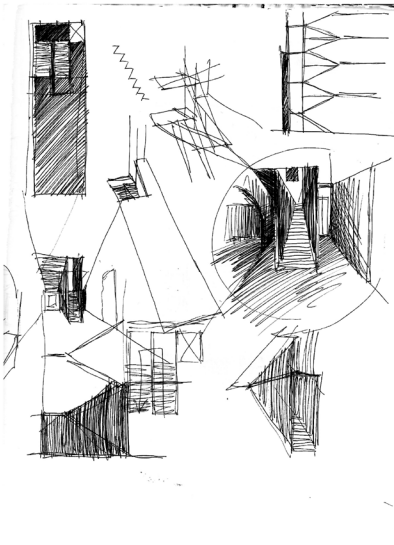


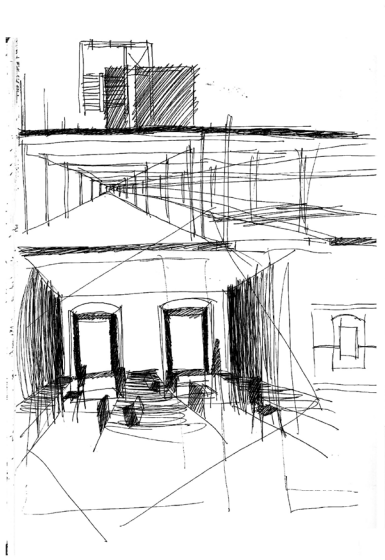


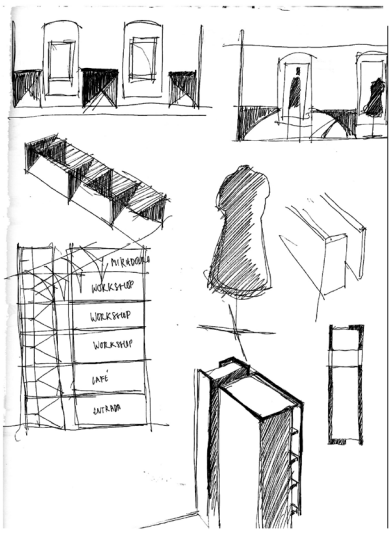


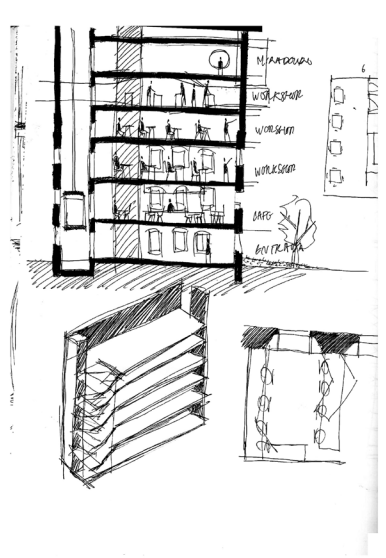


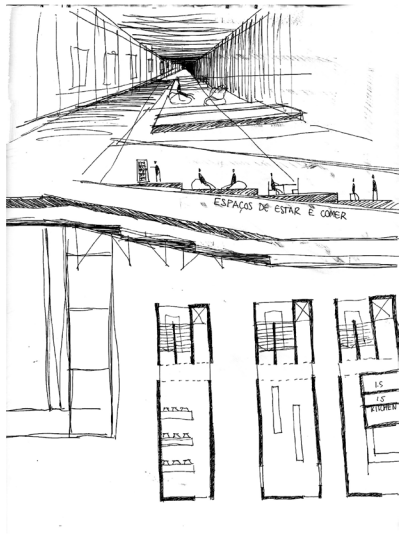


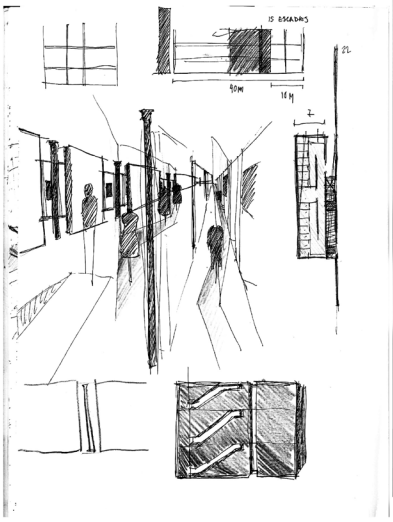


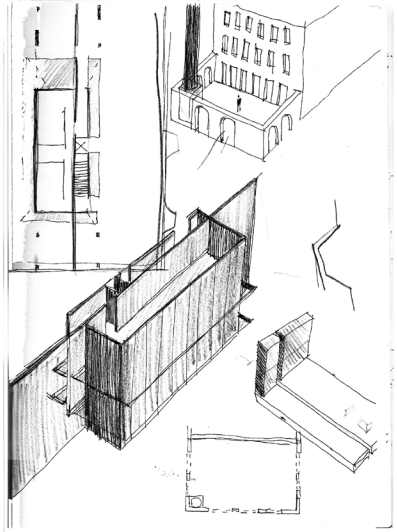


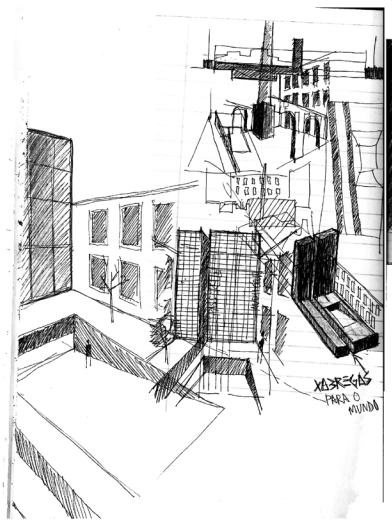

WORKSHOP
WORKSHOP
WORKSHOP
CAFÉ
ENTRADA

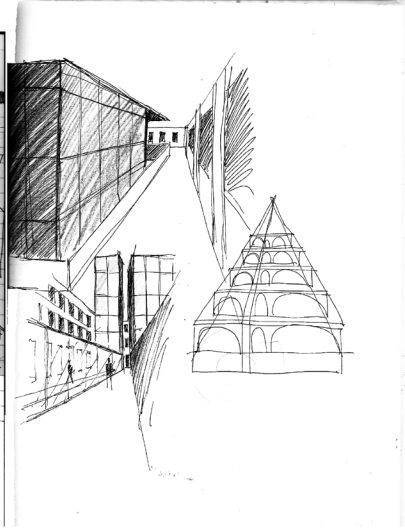

WORKSHOP
WORKSHOP
WORKSHOP
CAFÉ
ENTRADA

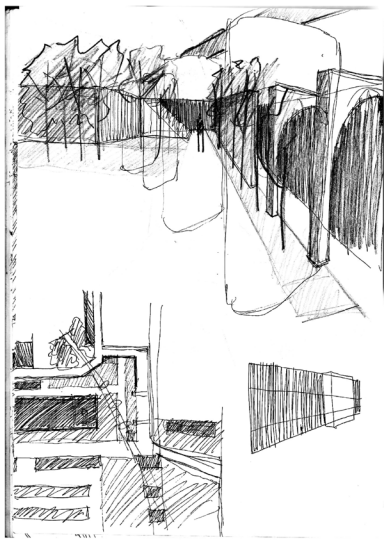

ESPAÇOS DE ESTAR E COMER

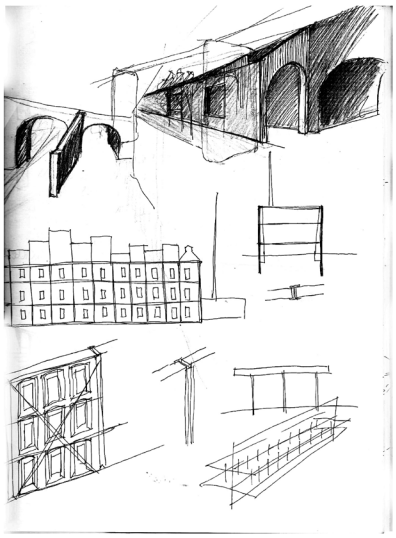

15 ESCADAS
90M
16M

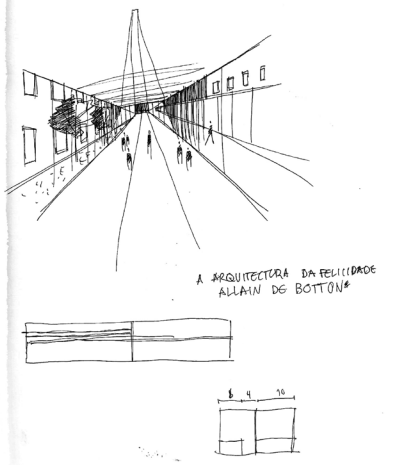


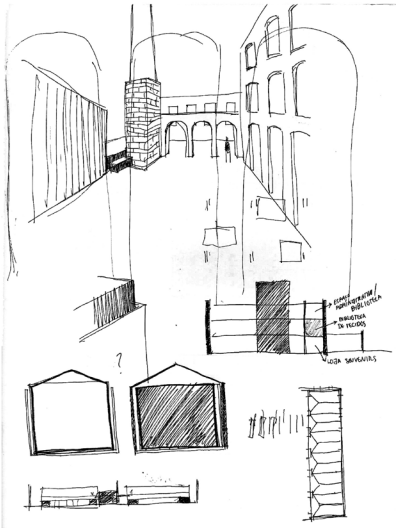


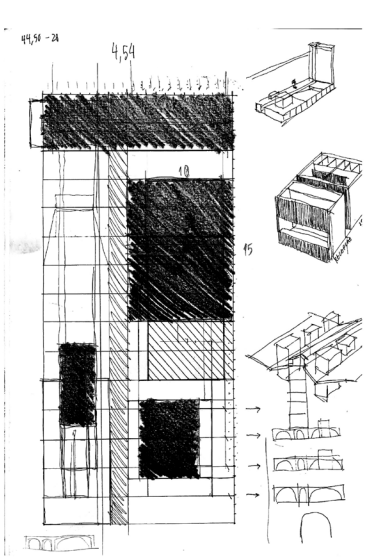


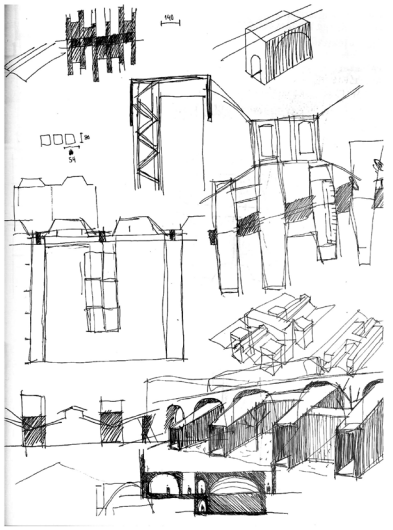


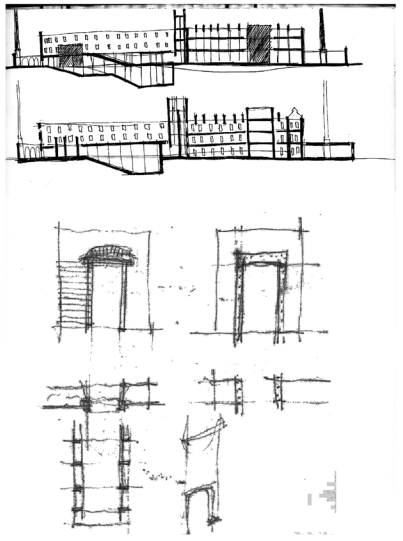


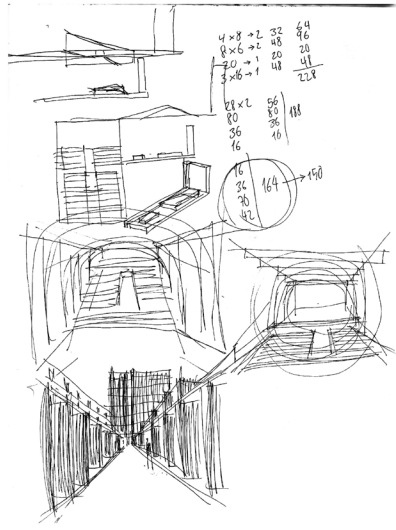

A ARQUITECTURA DA FELICIDADE
ALAIN DE BOTTON

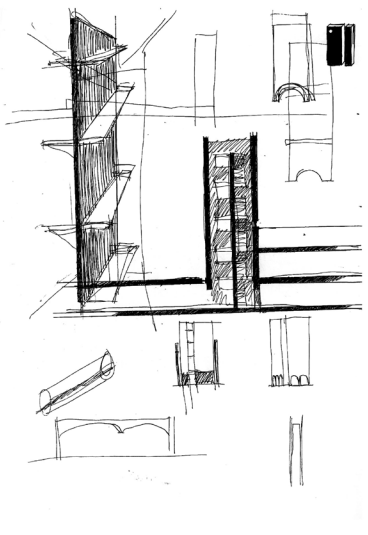


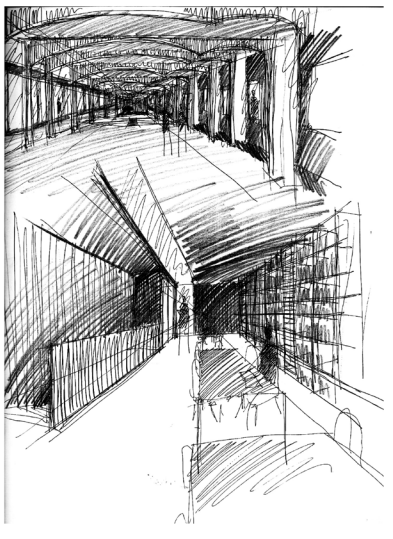

44,50 - 2A
4,54
10
15

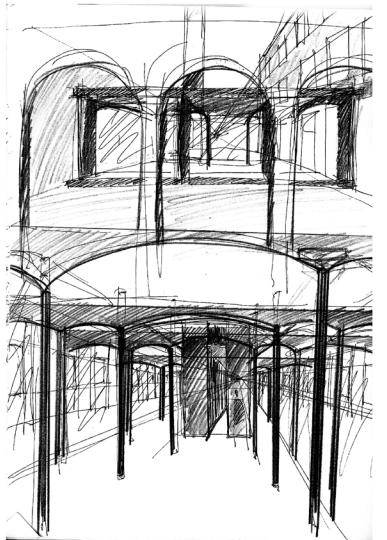


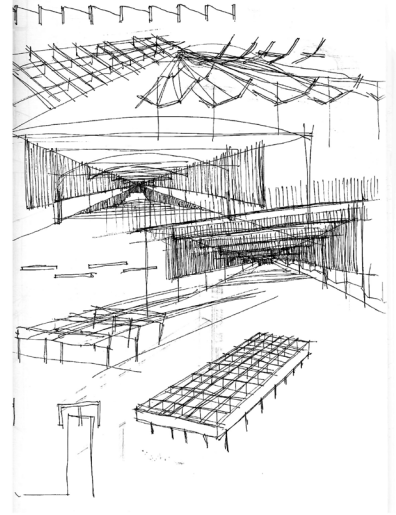


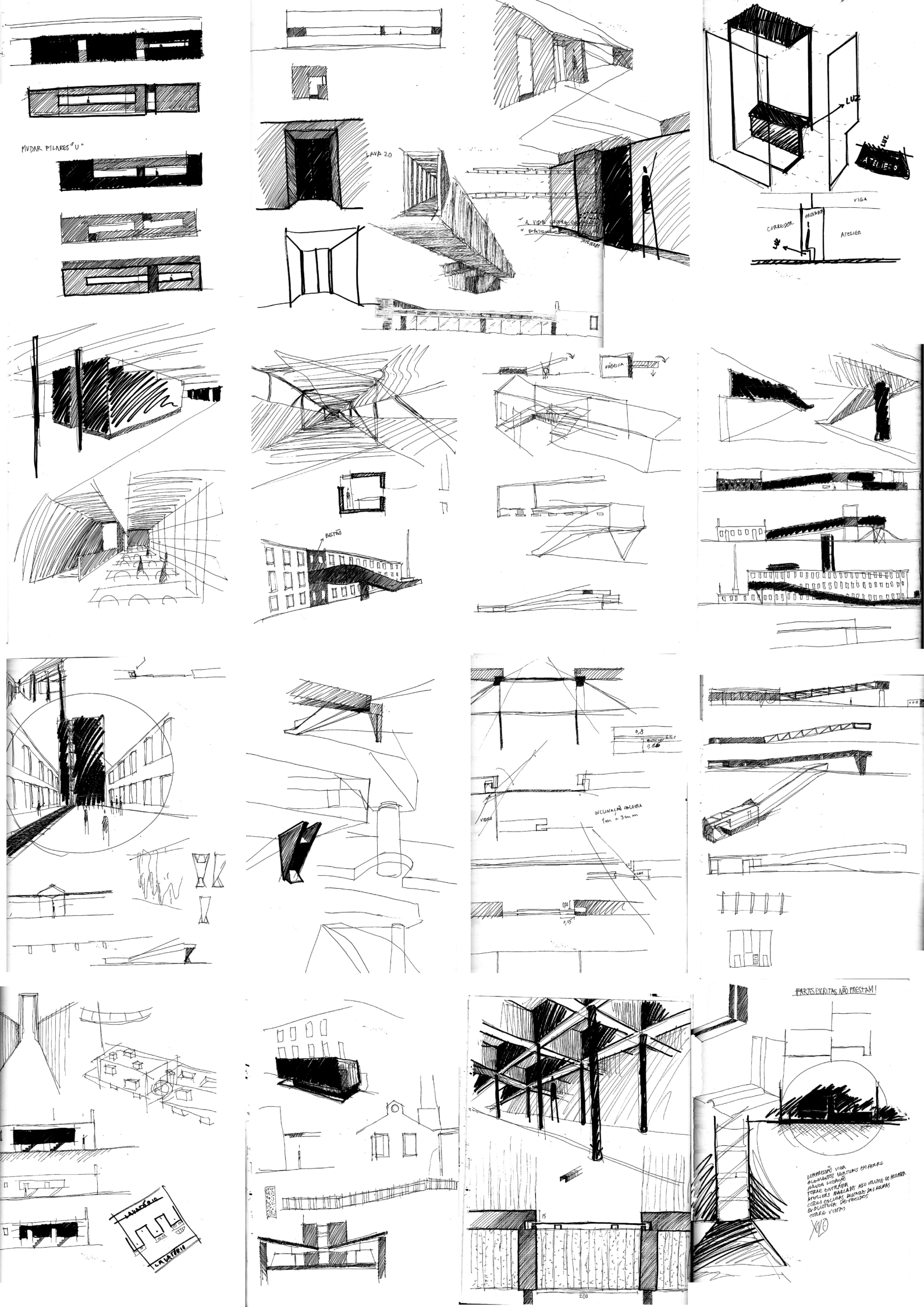


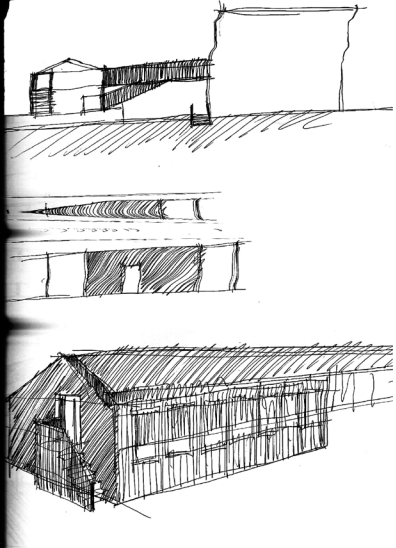


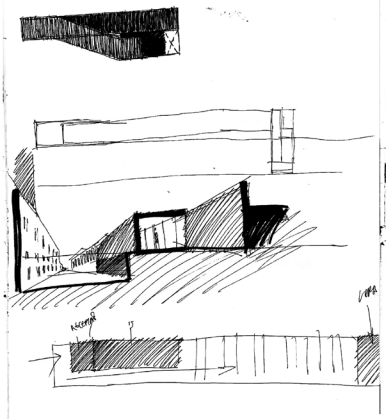


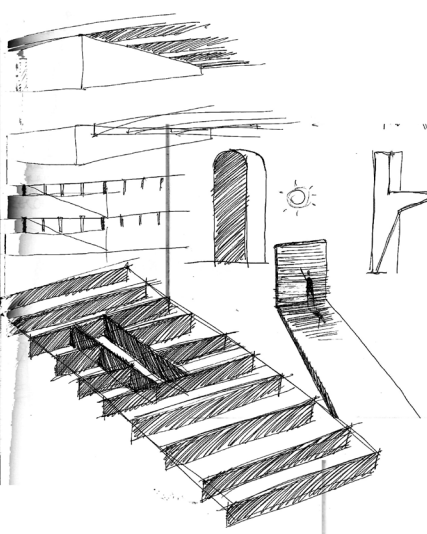


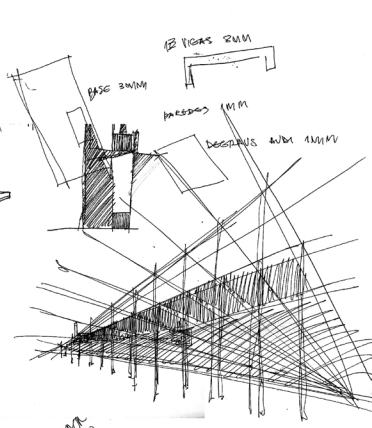


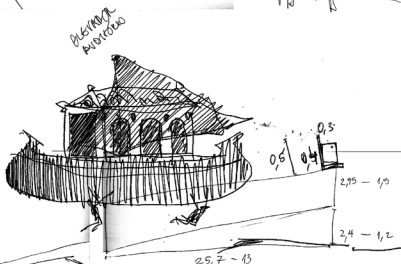

MUDAR PILARES "U"
LAVA 20
LUZ
ATELIER 0
VIGA
CORREDOR
PROVADOR
ATELIER
FÁBRICA
BETÃO
INCLINAÇÃO CALEIRA
1m = 3mm
PARTES ESCRITAS NÃO PRESTAM!
COMPRESSÃO VIGA
ALEMENTOS VERTICAIS EM FERRO
MANGA LIGAÇÃO
TORRE ENTRADA
ATELIERS MARCADOS ASSO VOLUME DO PROVADOR
CORES ESCUDAS DESTAQUE DAS ROUPAS
BIBLIOTECA DE FECIDOS
TORRE VISTAS
200









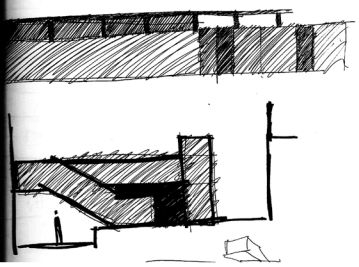


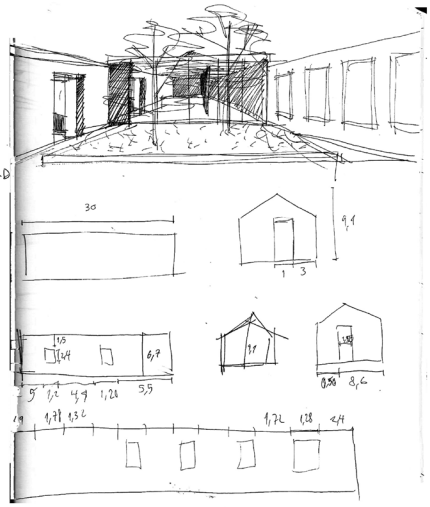
MENTO PERFÉTUO"

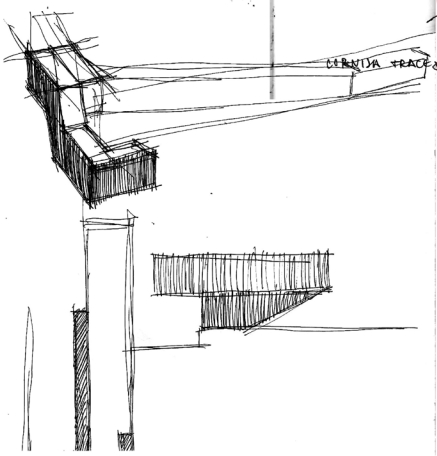
PASSADO ATUAL DA FÁBRICA DA SAMARITANA.
PASSADO MUITO PRESENTE

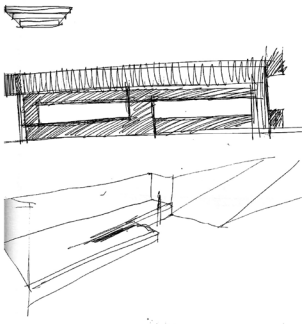
MÓNIO INDUSTRIAL" SEMINÁRIO PERMANENTE
OS PRATA ARQUITETO FAUL | ABRIL 2018
ROS DOURO
RO SPACO

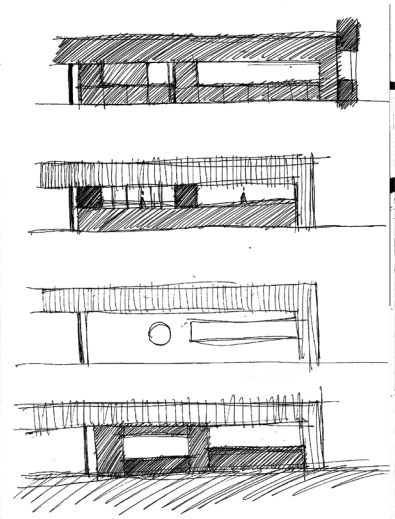
MÓNIO CONSTROI-SE TODOS OS DIAS"
TRAL DE VALORIZAÇÃO ORGÂNICA DE RESÍDUOS SÓLID
ONGO
SCONCEREÃO ARMAZÉM FRIGORÍFICO PORTO

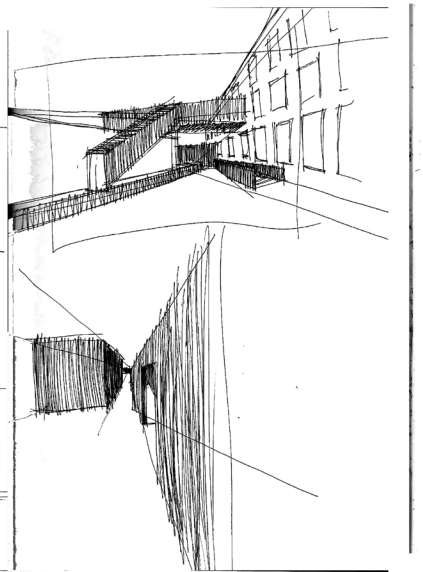


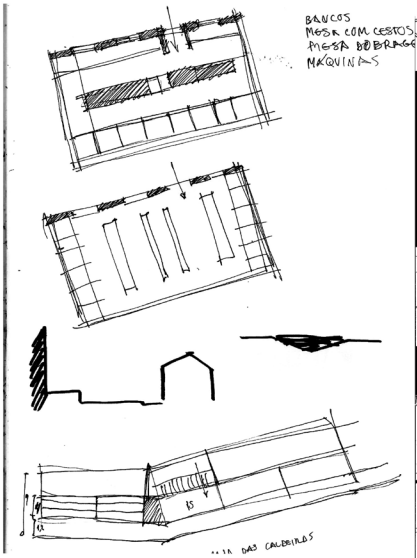


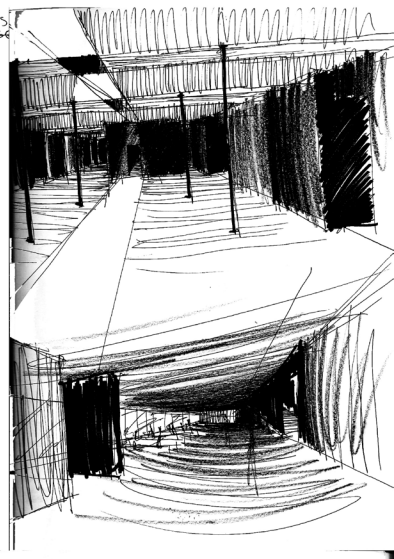


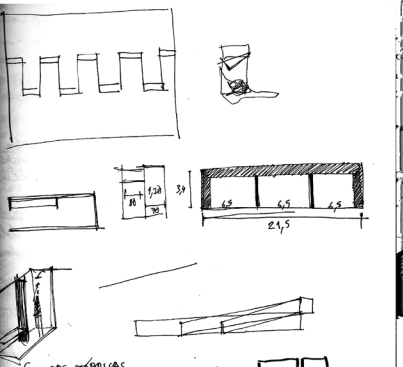






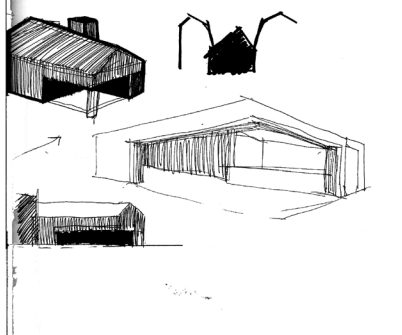


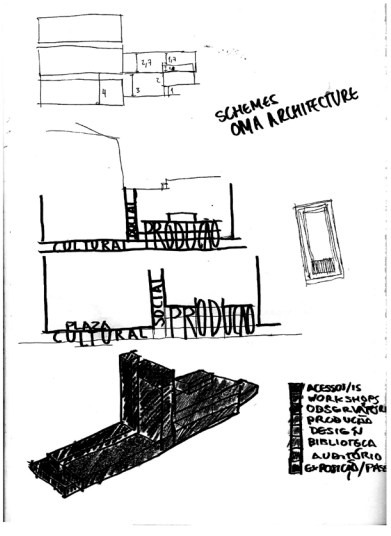


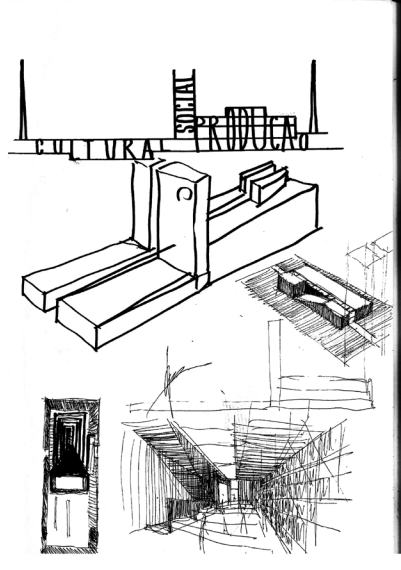


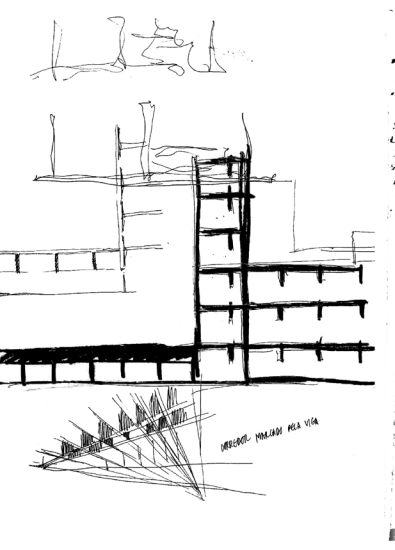
EMITÉRIO DAS FÁBRICAS
NTA PORTUÁRIA PODERÁ SERVIR DE LIGAÇÃO
CIA HIDROGRÁFICA MAIS IMPORTANTE
RTIL POR CAUSA MISSO
RTAS
LOJETOS PARTICIPATIVOS
ISTEMA VALES ALCANTARA, VALEVERDE, CHELAS
PULAÇÃO ENVELHECIDA
RADO – COTAS
VINTAS ESTRUTURAS RURAIS (CONVENTOS)
ES EDIFÍCIOS HISTÓRICOS LIGAM ABI A PARTE NORTE DA CIDADE E O RIO
RINHAGA
ESINDUSTRIALIZAÇÃO – MONOFUNCIONAL – INDUSTRIA E HABITAÇÃO

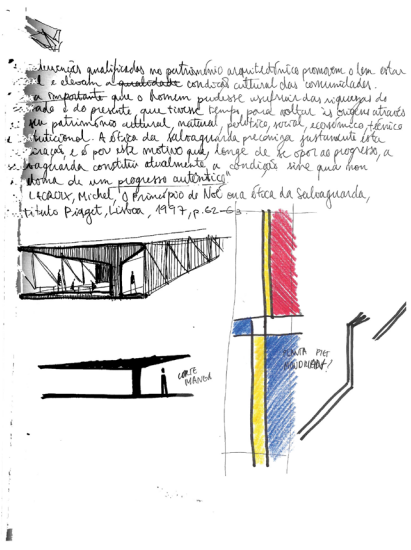
rana Nacional lugares de concentração industrial
am dissociados das preocupações com o desenho
bano. Segunda metade do séu XX surgem
as Gerais de melhoramento, melhorar comunicaç
ndições sociais das zonas industriais.
deslocação das fábricas deixou para trás antigas
nas monofuncionais completamente desenvolvidas
estabilizadas em espaços obsoletos que passam
existir como memória de outra época.
ricas são parte integrante do tecido e determinante
LHEIRO FIGUEIRA "O FIM DA FÁBRICA" P92.

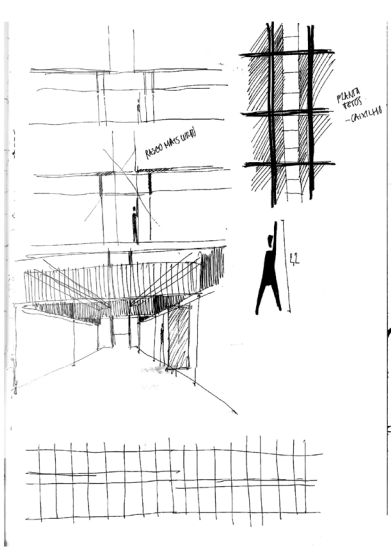


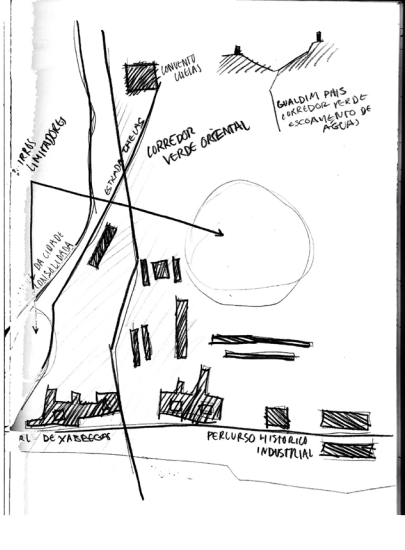




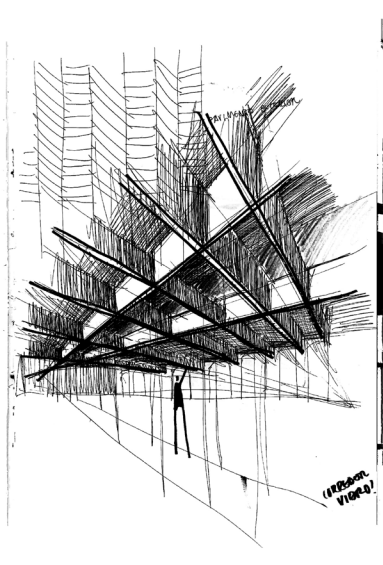

CORREDOR MARCADO PELA VIGA

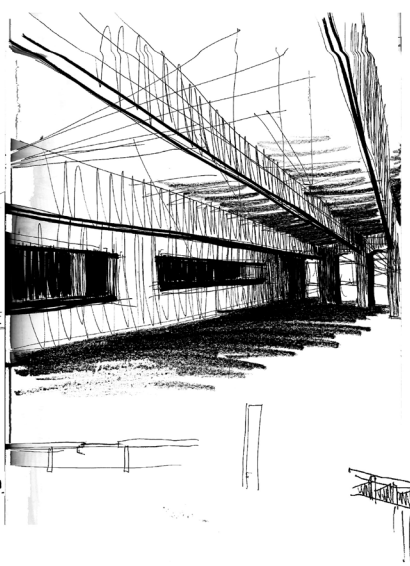

"Intervenções qualificadas no património arquitetónico promovem o bem estar
e elevam a qualidade
e a importante que o homem produzisse ao longo
do presente que tivesse
seu património histórico, natural, político, social, económico, técnico
e artístico. A ótica da salvaguarda pressupõe instrumentos
para o povo
progresso, a
salvaguarda constitui atualmente a condição sine qua non
de um progresso autêntico"
LECOQUIR, Michel, O Princípio do Not, ou a ética da Salvaguarda,
Título Projet, Lisboa, 1997, p. 62-63
CORTE
PLANTA
PISO
CIRCULAÇÃO

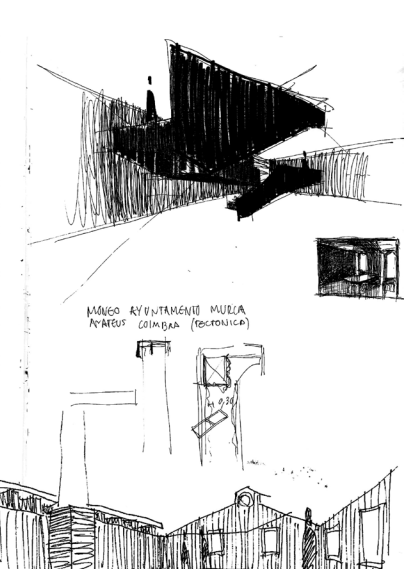

PILARES
PISOS
-CIRCULAÇÃO
PASSO HOMEM LEVE

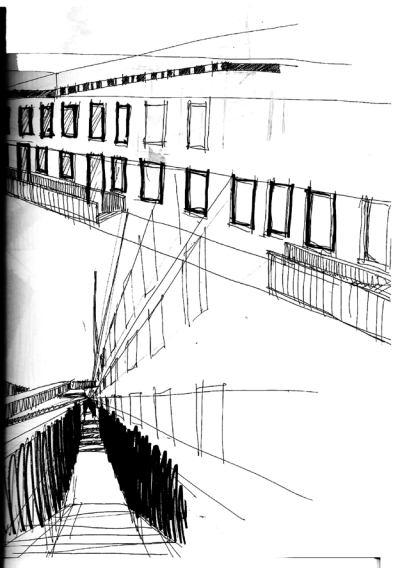

CONVENTO
CORREDOR VERDE ORIENTAL
CORREDOR VERDE DE ESCOAMENTO DE AGUAS
AV. DE XABREGAS
PERCURSO HISTÓRICO INDUSTRIAL

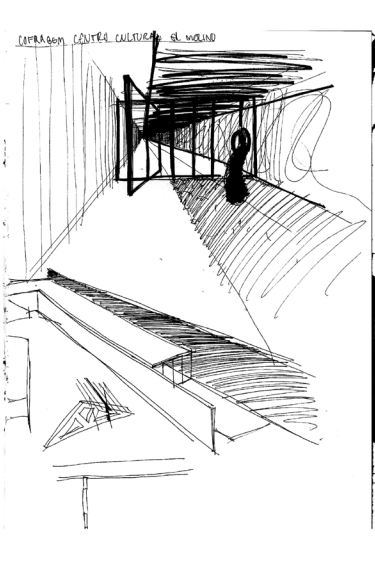


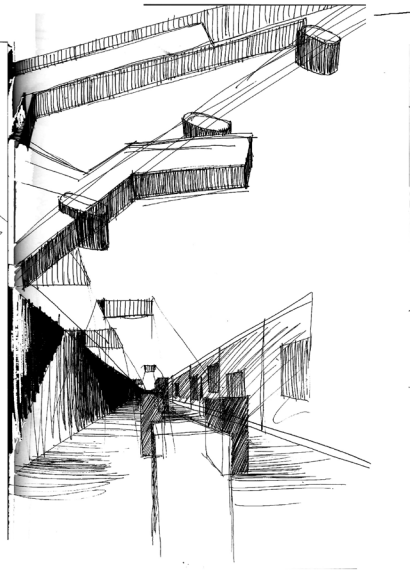

(URBAN VIGIL)

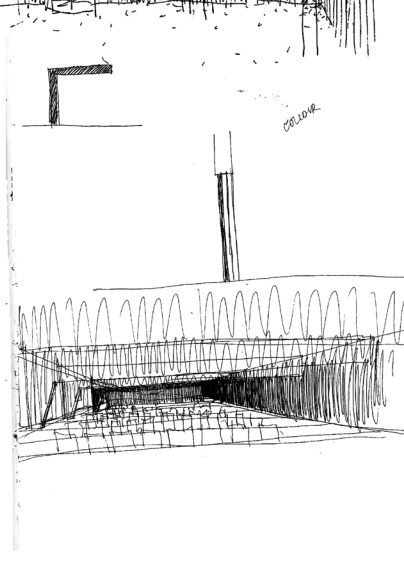


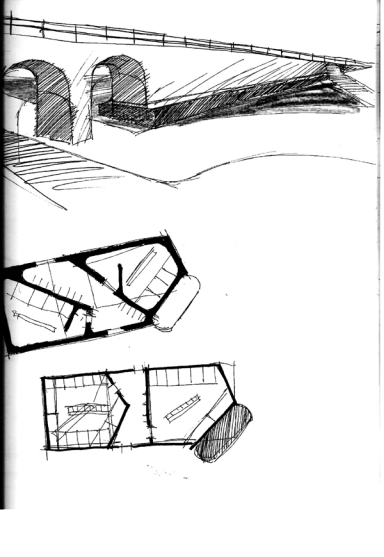

MUSEU AYUNTAMIENTO MURCIA
MATEUS COIMBRA (TECTONICA)

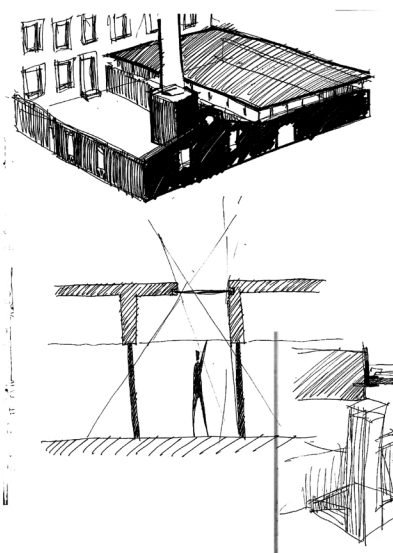


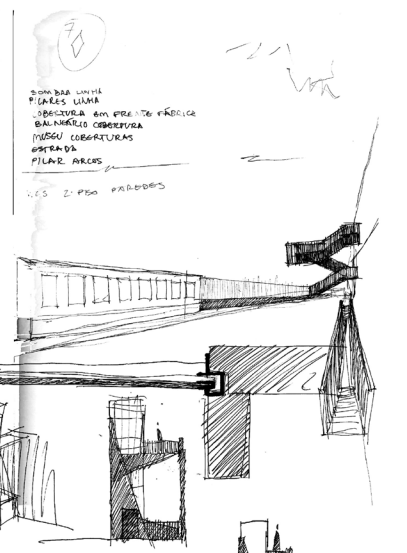

CAMBRIDGE CENTRE CULTURAL EL MOLINO

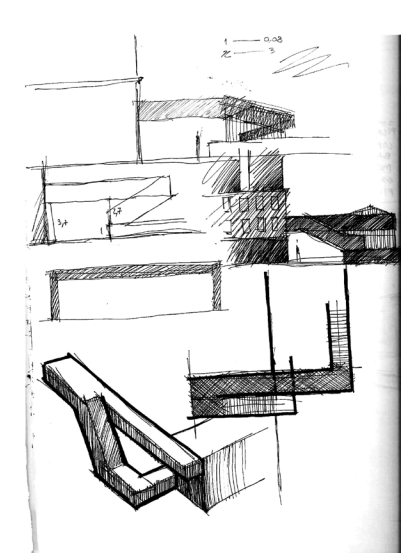


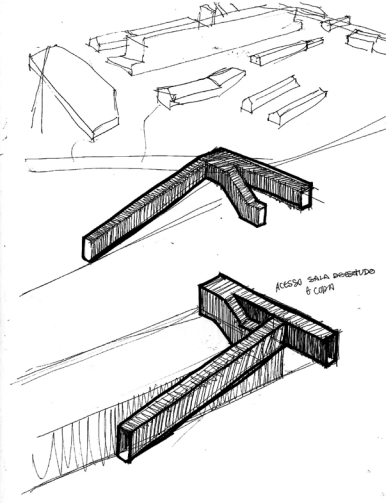

COLOUR

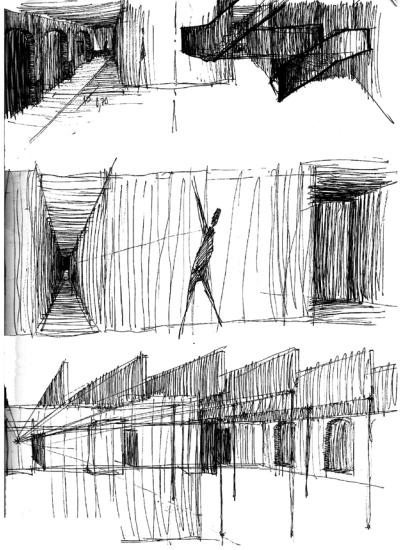


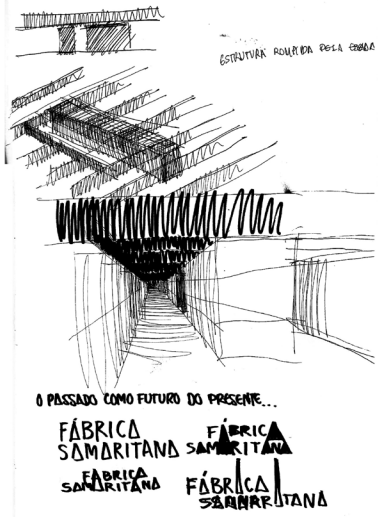


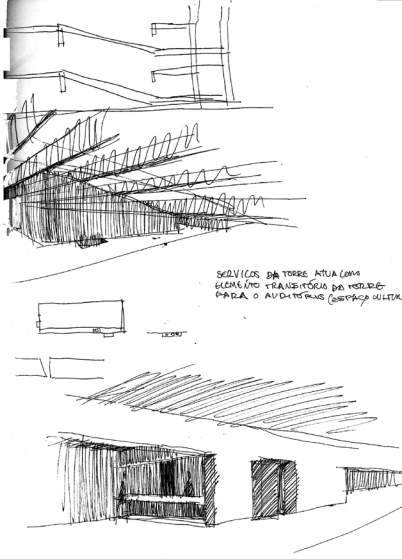

COIMBRA LINHA
PILARES LISBOA
OBSERVATORIO EM PROJETO FÁBRICA
BALNEÁRIOS COBERTURA
MUSEU COBERTURAS
ESTRADA
PILAR ARCOS
LICES 2º PISO PAREDES

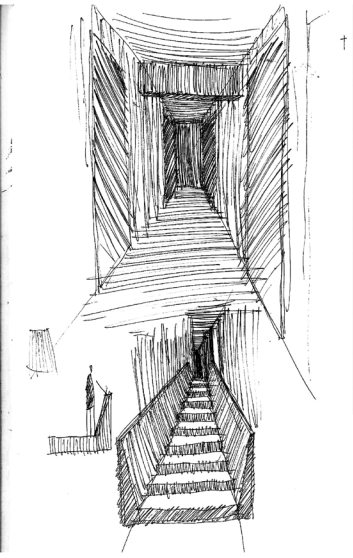


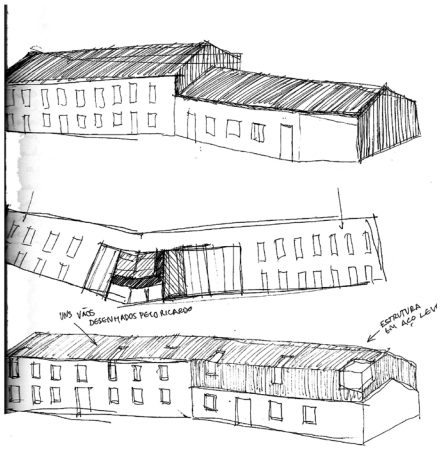

ACESSO SALA DESTUDO E CODA

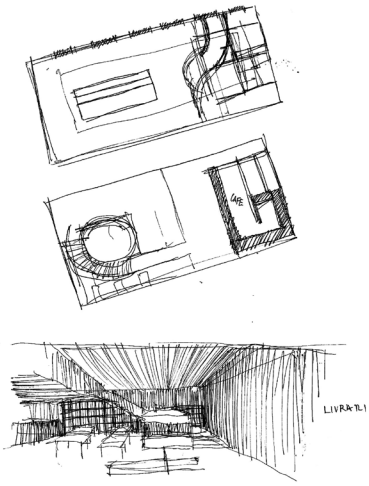


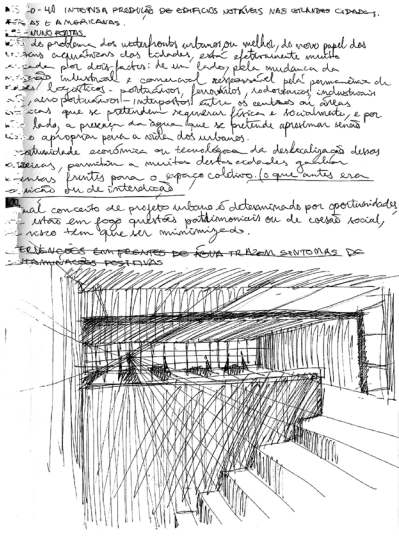

ESTRUTURA ROMPIDA PELA CABEÇA
O PASSADO COMO FUTURO DO PRESENTE...
FÁBRICA SAMARITANA
FÁBRICA SAMARITANA
FÁBRICA SAMARITANA
FÁBRICA SAMARITANA

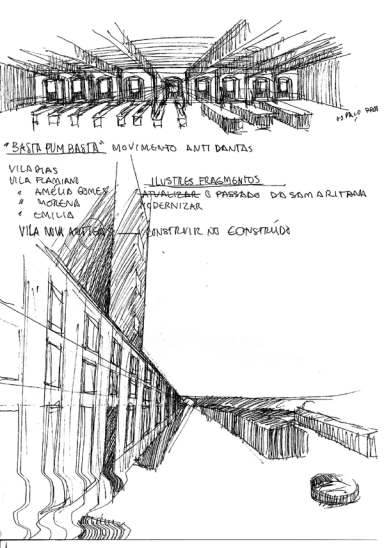

SERVIÇOS DA TORRE ATUA COMO ELEMENTO TRANSITÓRIO DA TORRE PARA O AUDITÓRIO (ESPAÇO CULTUR

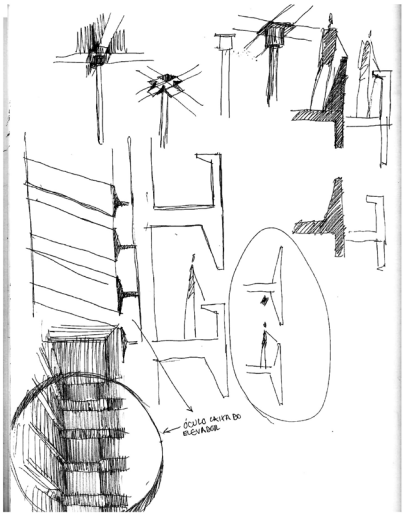


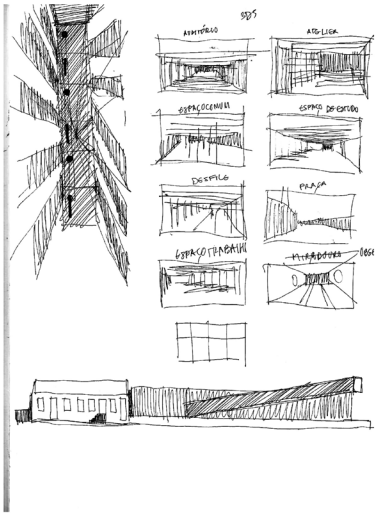

UNS VÃOS DESENHADOS PELO RICARDO
ESTRUTURA EM AÇO LEVE

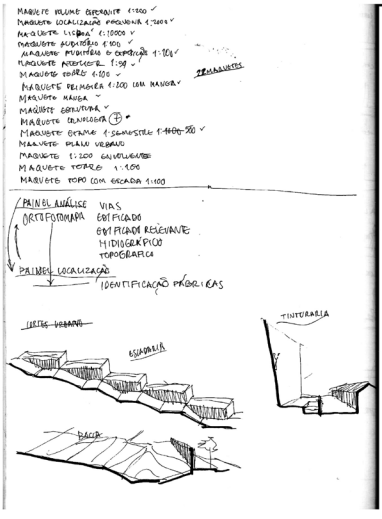

LIVRARIA

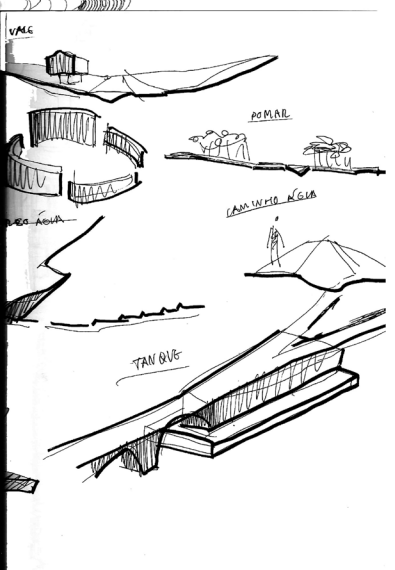

...20-40 INTENSA PRODUÇÃO DE EDIFÍCIOS NOTÁVEIS NAS GRANDES CIDADES.
...AS E AMERICANAS.
...NUNO PORTAS
...do problema dos waterfronts urbanos, ou melhor, do novo papel dos ...ens aquáticas das cidades, está efetivamente muito ...cada por dois factos: de um lado, pela mudança da ...ção industrial e comercial responsável pela permanência de ...s logísticos - portuários, ferroviários, rodoviários, industriais ...ais, aeroportuários - interpostos entre os centros ou áreas ...cas que se pretendem requerer física e socialmente, e por ...lado, a presença da água que se pretende aproximar senão ...o apropriar para a vida dos urbanos.
...atividade económica ou tecnológica de deslocalização dessas ...ciais, permitiu a muitas destas cidades ganhar ...ensas frentes para o espaço coletivo. (o que antes era ...ição ou de interdição
...al conceito de projeto urbano é determinado por oportunidades ...estão em jogo questões patrimoniais ou de coesão social, ...risco tem que ser minimizado.
...ERVENÇÕES EM FRENTES DE ÁGUA TRAZEM SINTOMAS DE ...TAMINAÇÕES POSITIVAS

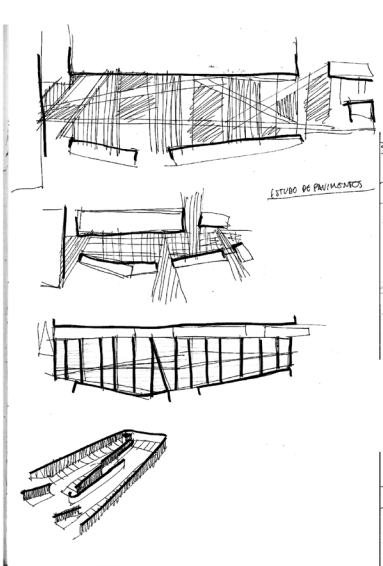

"BASTA PUM BASTA" MOVIMENTO ANTI DANTAS
VILA DIAS
VILA FLAMIANO
AMÉLIA GOMES
MORENA
EMÍLIA
VILA NOVA ARTÍCULO
ILUSTRES FRAGMENTOS
ATUALIZAR O PASSADO DA SAMARITANA
MODERNIZAR
CONSTRUIR NO CONSTRUÍDO

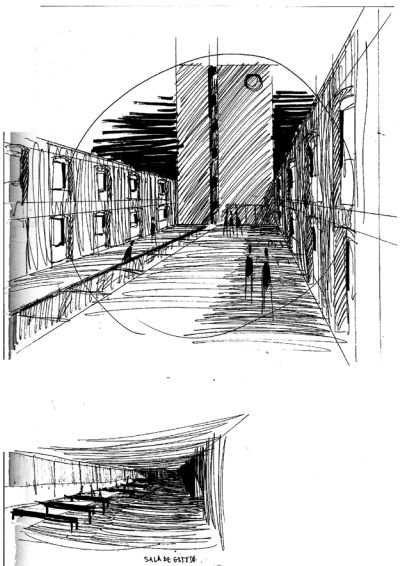

ÓCULO CAIXA DO ELEVADOR

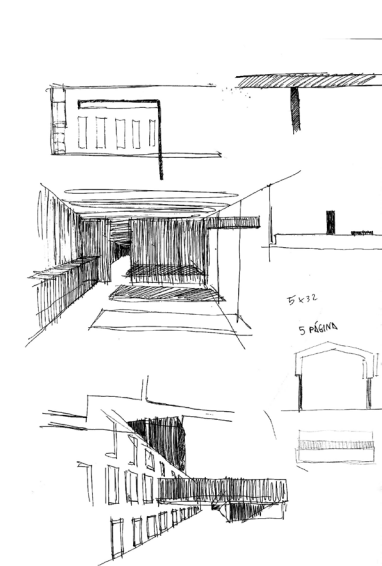

AUDITÓRIO
ATELIER
ESPAÇO COMUM
ESPAÇO DE ESTUDO
DESFILE
PRAÇA
ESPAÇO TRABALHO
MIRADOURO

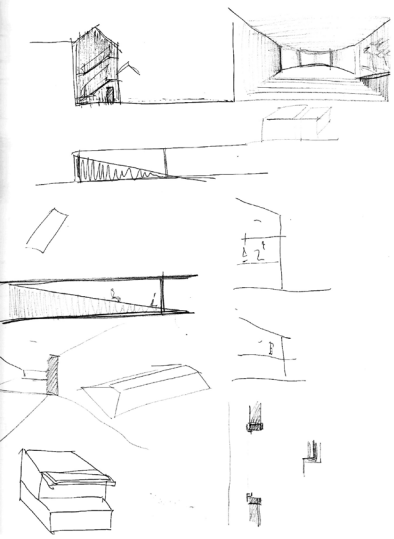

MAQUETE VOLUME ESPERANTE 1:200
MAQUETE LOCALIZAÇÃO PEQUENA 1:2000
MAQUETE LISBOA 1:10000
MAQUETE AUDITÓRIO 1:100
MAQUETE AUDITÓRIO E EXPOSIÇÃO 1:100
MAQUETE ATELIER 1:50
MAQUETE TORRE 1:100
MAQUETE PRIMEIRA 1:200 COM MANGA
MAQUETE MANGA
MAQUETE ESTRUTURA
MAQUETE CONCORDIA
MAQUETE EXAME 1-SEMESTRE 1:100 500
MAQUETE PLANO URBANO
MAQUETE 1:200 ENVOLVENTE
MAQUETE TORRE 1:100
MAQUETE TOPO COM ESCADA 1:100
PAINEL ANÁLISE
ORTOFOTOMAPA
VIAS
EDIFICADO
EDIFICADO RELEVANTE
MIDIOGRÁFICO
TOPOGRÁFICO
PAINEL LOCALIZAÇÃO
IDENTIFICAÇÃO FÁBRICAS
CORTES URBANOS
ESCADARIA
TINTURARIA
RACIA

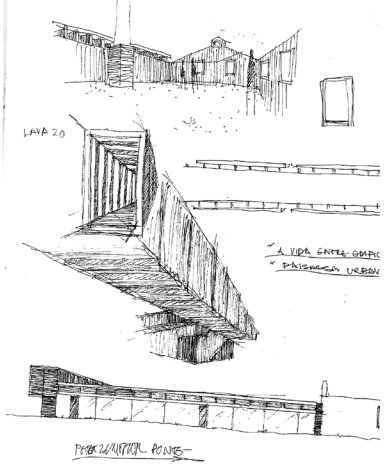

VALE
POMAR
CAMINHO ÁGUA
TANQUE

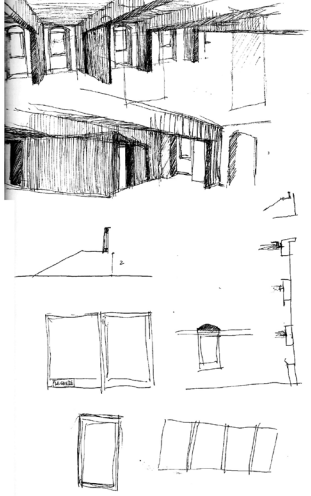

ESTUDO DE PAVIMENTOS

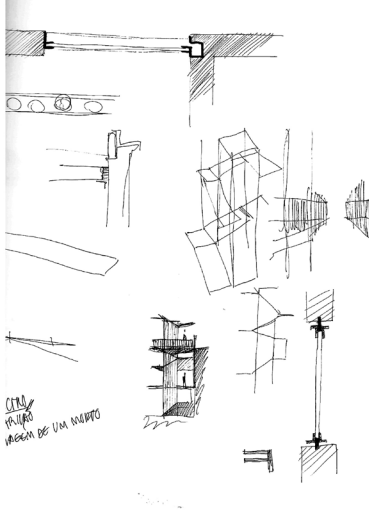

SALA DE ESTUDO

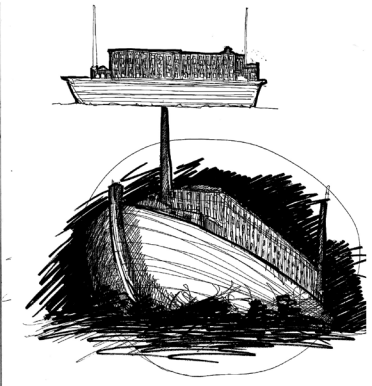

5 x 32
5 PÁGINA





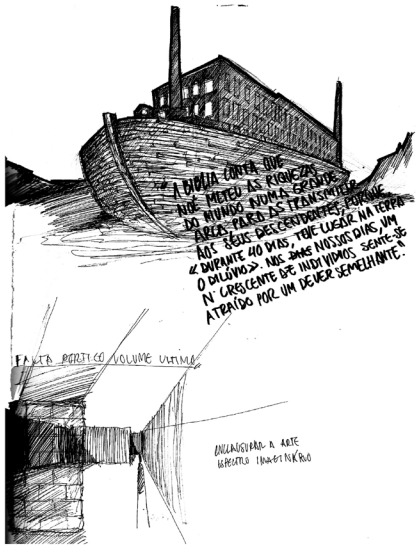






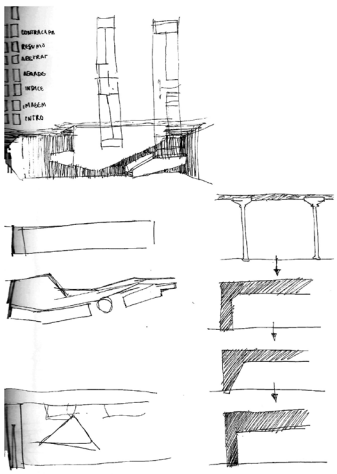
AGO VS PAREDE FÁBRICA
RESTAURANTES
APRESENTAÇÃO PLANTAS CORTES
PORMENORES
MANGA
EVOLUÇÃO FÁBRICA
DISTRIBUIÇÃO ARMAZENS - LUMIARES
ÚLTIMO PISO CESTA PLANTA
COMO FAZER PAVIMENTOS 1:200
ONDE PASSAR PORMENOR CORTE
GENERAL FÁBRICA 1:5M 1
FOLHAS DIÁRIO NA ESCRITA

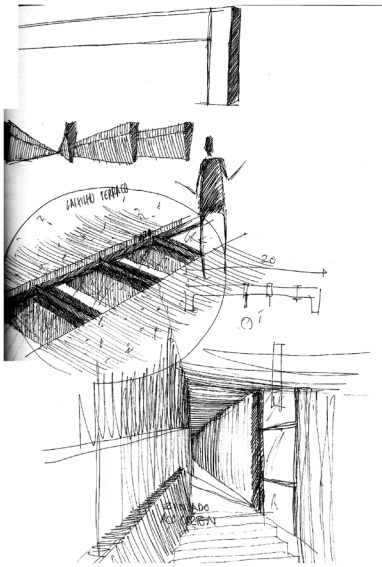
MAQUETES A FAZER
RECORTE BIBLIOTECA
CORTE ESTUDO TORRES

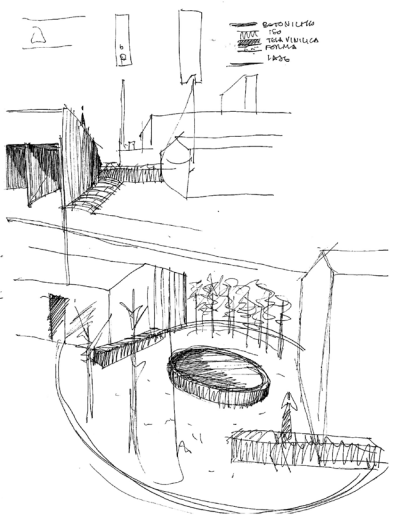


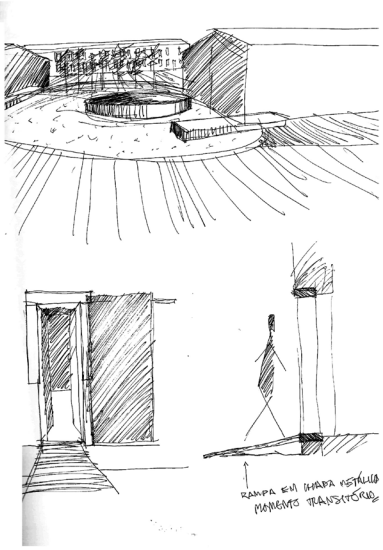
FALTA PÓRTICO VOLUME ULTIMO

UNIVERSIDADE A ARTE
ARQUITETO IMAGINÁRIO







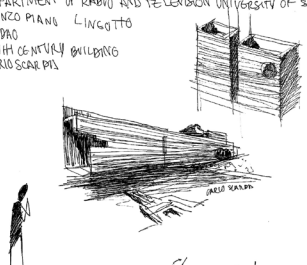


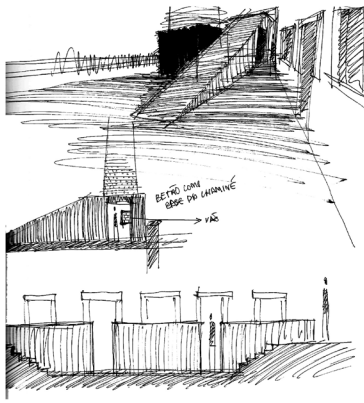
IGREJA MONTA UNGARIA
IGREJA DO POÇO
IGREJA COLEGIO DE JESUS
SVERRE FEHN HEDMARK
CASA DOS 24
DEPARTMENT OF RADIO AND TELEVISION UNIVERSITY OF SYDNEY
RENZO PIANO LINGOTTO
TADAO
20TH CENTURY BUILDING
CARLO SCARPA

SEM VERDE NUNS,
LONGE DO RIO,
ALDEIA SEM LAVANDARIA,
SEM VIDA E SEM BELOS
AS PESSOAS PASSAM
SEM TRISTEZA NA OLHAR,
PENSAM NOS SEUS
QUE SALVEM A LISBOA

PINTA-SE DE AZUL
DE VM VERDE MUSGO
LISA-SE OVAS
A CIDADE SEM PAZ

ALI NASCE UMA TORRE
PARA OS PESSOAS
A VIDA
RICA-SE NOS VM POUCO

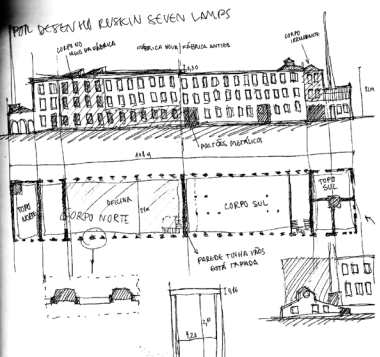




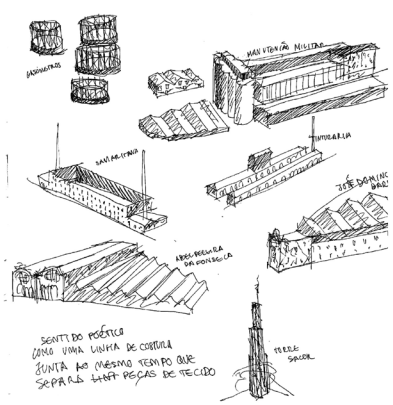
ARTZUMARIO MAPA NOL

FRANCISCO DE HOLANDA - ARTE ARCHEOLOGIA ARTISTICA VOLUME II - FASCICULO VI
PUBLICADA POR JOAQUIM DE VASCONCELLOS - PORTO IMPRENSA PORTUGUEZA
ARCHEOLOGIA ARTISTICA N.6 - FRANCISCO DE HOLANDA:
EDIÇÃO PÁG 11 a) DA FABRICA QUE FALECE A CIDADE DE LISBOA
b) DA SCIENCIA DO DESENHO

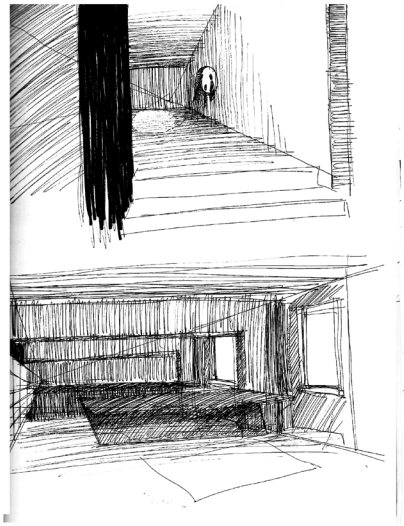
UNHA UNE O EDIFICIO E AO MESMO TEMPO DISTRIBUI E DIVIDE
ESPAÇOS

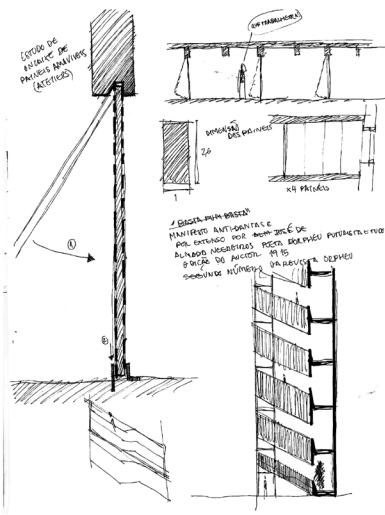


POR DESENHO RUSKIN SEVEN LAMPS



SENTIDO POÉTICO
COMO UMA LINHA DE COSTURA
JUNTA AO MESMO TEMPO QUE
SEPARA DUAS PEÇAS DE TECIDO







FÁBRICA DA SAMARITANA
COMO NÚCLEO DA INDUSTRIA TÊXTIL MODERNA

O projeto proposto passa pela reabilitação de uma fábrica de fiação de algodão e tecidos, inserida numa área de Lisboa com carência de espaços culturais e sociais. O projeto é ainda composto por algumas reabilitações de edifícios adjacentes à fábrica, que outrora compunham o complexo fabril associado à mesma, assim como a introdução de novas construções.

Atualmente, da fábrica per si, sobram apenas as suas fachadas, devido ao último incêndio ocorrido, que deixou esta pré-existência no estado em que se encontra até hoje. Esta existe, ainda que sem pavimentos ou coberturas, com a sua volumetria inicial.

Estes edificados são potenciais dinamizadores do local em que se inserem e podem gerar uma *"ponte"* de ligação ao resto da cidade.

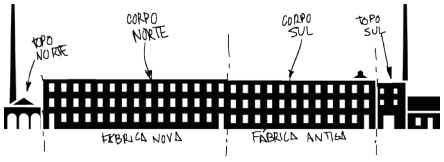
Sendo assim, pareceu oportuno projetar um núcleo ligado à industria têxtil, de modo a acolher o forte passado da área de implantação do objeto, e que funcionasse em dois momentos. O primeiro com cariz cultural, que se propõe a gerar eventos, chamativos e revitalizadores para Xabregas, e um segundo momento com um fator mais económico-social, gerador de emprego e impulsionador à vivência de jovens num lugar em que a maioria dos habitantes é envelhecida.

Ao projetar uma reabilitação é fundamental entender o meio que a pré-existência habita, o seu papel em relação da cidade, a sua identidade. É, por isso, essencial estudar todos os elementos que interferem com o edificado, e o mesmo, para que a intervenção seja o mais adequada possível.

Desse estudo surgiram as primeiras ideias, relacionadas com a história da unidade fabril, de desenhar um programa que fosse, de certo modo, um atualizar do uso passado deste edifício, garantindo-lhe a modernidade desejada, ou seja, uma reinterpretação da memória.

O intento deste projeto, similar ao da Fábrica de Santo Thyrso, é o de desenvolver uma incubadora de design de moda (fator económico-social), que porventura beneficiasse de vínculos com escolas ou universidades do ramo e, ao mesmo tempo que tivesse espaços de que a sociedade pudesse usufruir (carácter social).

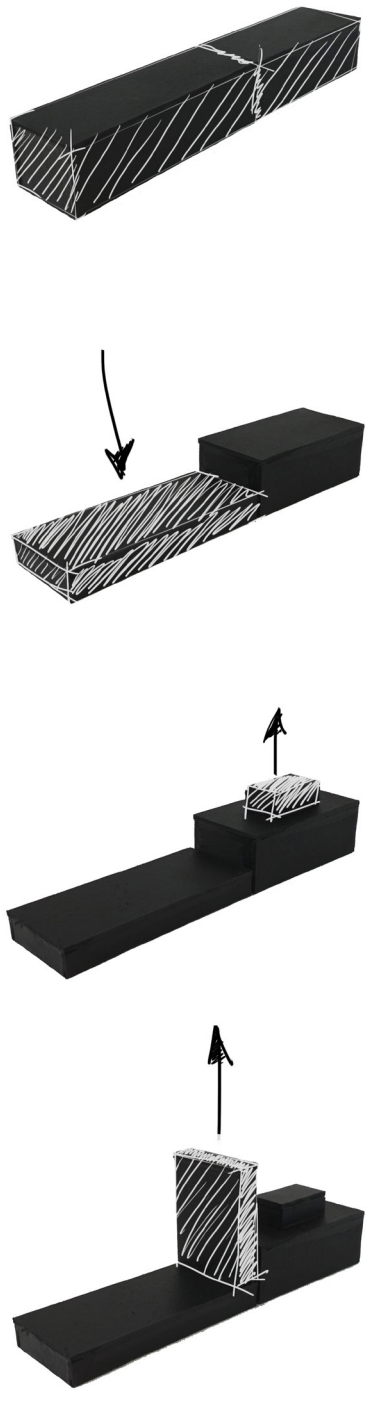
O então volume idealizado procura responder ao novo programa, mas ao mesmo tempo respeitar a fachada existente da fábrica, desse modo a escala da fábrica aquando do seu funcionamento pleno seria excessivo para a sua nova vivência pretendida. O desenho proposto é composto por duas partes, uma cultural, e outra económico-social, que se apresentam separadas pela parede existente que divide duas realidades da pré-existência, uma que representa o primeiro momento da fábrica, mais a sul, e outra que representa o segundo, mais a norte.



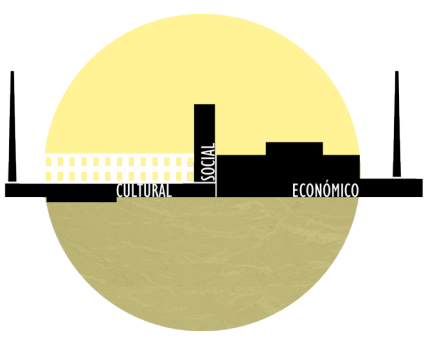
086 Esquema explicativo da Fábrica da Samaritana



087 Topo Sul da Fárbica da Samaritana



088 Esquema de evolução da proposta



089 Proposta conceptual

O volume norte, de maneira a adequar-se a dimensão do projeto, impõe-se de forma a ocupar apenas um piso da unidade fabril, expondo assim o resto da sua fachada, para que seja permitida a sua vivência e contraste com o projeto. Este acolhe, assim, o uso mais cultural, sendo composto por um auditório e um centro de exposições, ligado à identidade do volume sul, que pode também acolher desfiles de moda.

Ainda na fração a norte ergue-se uma torre em contraste com as duas chaminés presentes e que procura marcar a entrada do edifício, mas ao mesmo tempo dividir os usos do mesmo, acolhendo um observatório no seu piso mais elevado, para entendimento do vale, e ainda salas de workshops para uso da população.

Este gigante de betão (torre) vai ainda na sua expressão mais conceptual transformar o projeto num *landmark* da cidade, que nasce do espectro da fábrica da Samaritana e que evoca as pessoas à Lisboa esquecida.

A sul, mais ligado à incubadora de design de moda, e composto por 4 pisos, um volume em que se desenvolvem, ao nível do piso térreo, o espaço mais relacionado à produção e fabrico de peças têxteis, nos dois pisos superiores, as áreas de design, e num último surge uma biblioteca ligada à industria têxtil.

A ligar todos estes núcleos anteriormente referidos (corpo norte, torre e corpo sul), é desenhada no seu sentido longitudinal uma linha, que no seu sentido poético, implanta-se no projeto, como um fio de costura, que ao mesmo tempo que une peças de tecido, também as separa, tendo aqui a mesma função, unir o projeto num todo, ao mesmo tempo que divide espaços.

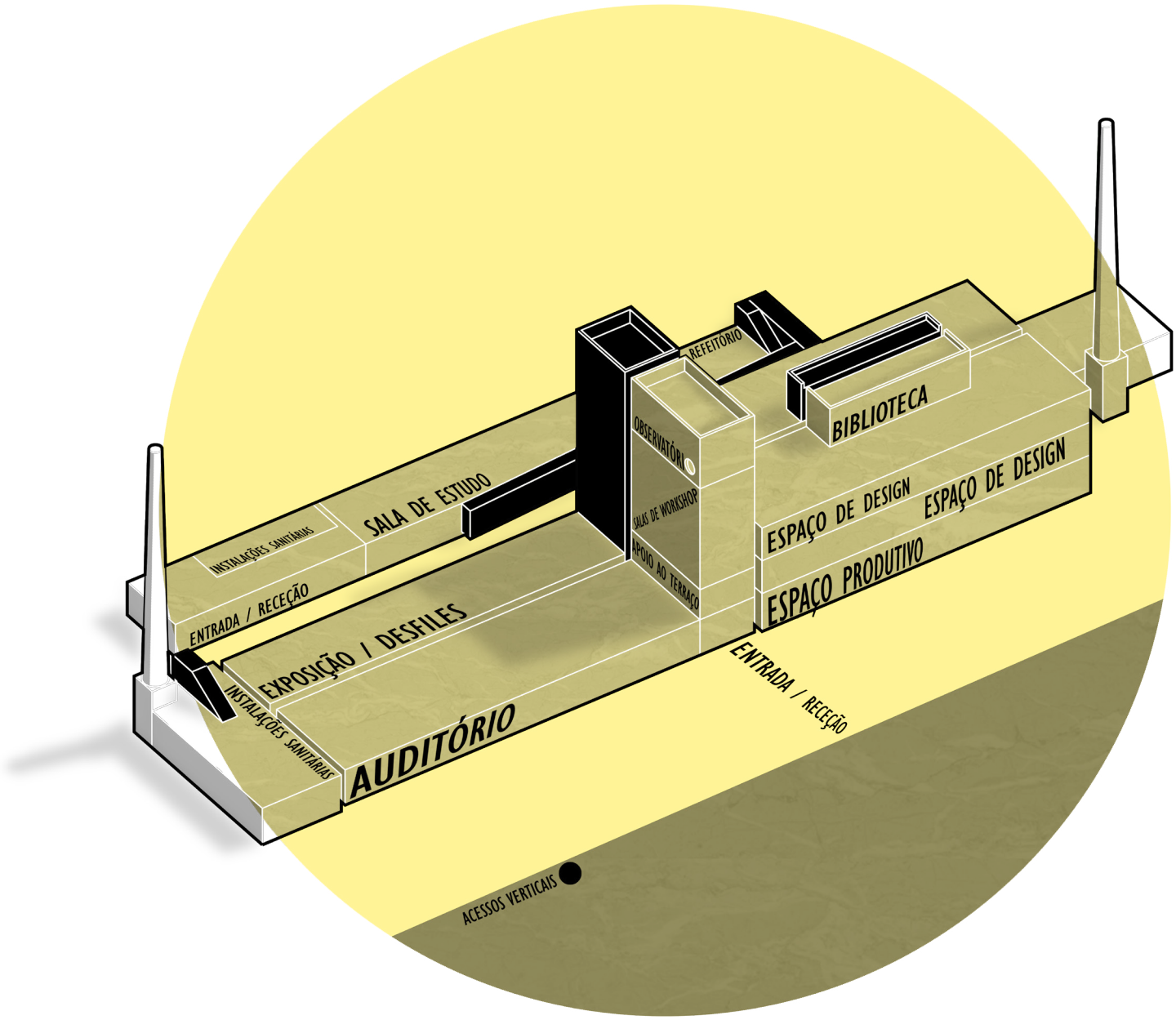
De frisar que a proposta é pensada de forma a criar uma estrutura independente que não se apoia na fachada existente.

Numa tentativa idealista de restabelecer algumas das características industriais do edifício a intervir, é feita, numa primeira ocasião, uma reinterpretação do que seria a estrutura existente, através da utilização de novos materiais, porém, seguindo ao máximo a sua métrica. Sendo assim, as vigas em madeira passam a ser em betão, criando pórticos, para que como foi dito anteriormente, seja uma estrutura independente; Estes pórticos são auxiliados por pilares de ferro semelhantes aos que se encontravam na fábrica e, em alguns casos, pilares que se encontram, ainda, na ruína da fábrica.

"quando se trata de completar um edifício em parte arruinado; é necessário antes de começar, tudo buscar, tudo examinar, reunir os menores fragmentos, e somente iniciar a obra quando todos esses remanescentes tiverem encontrado sua destinação e seu lugar(...) Ao reerguer as construções novas, o restaurador deve, tanto quanto possível, recolocar os antigos fragmentos, mesmo que alterados: é uma garantia que oferece da sinceridade e da exatidão de suas pesquisas" [39]

39 VIOLLET-LE-DUC, 2000, pág. 69-71

Devido ao anterior uso da fábrica, a altura dos seus pavimentos era excessiva, numa tentativa de, visualmente, criar um pé direito mais baixo e acolhedor; As vigas dos pórticos têm uma maior altura o que vai condensar o espaço. A estrutura proposta repete-se por todo o projeto, mantendo um ritmo pautado com os vãos da fachada, sendo apenas rompida pelos acessos verticais.



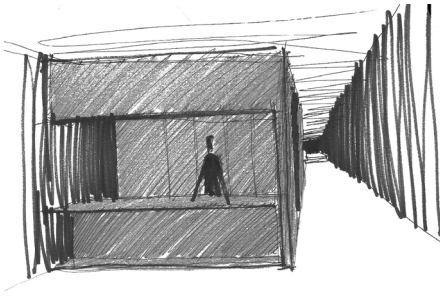
090 Esquema de usos da Fábrica



091 Esquema do rasgo que percorre a proposta

Passo então a explicar o projeto de modo mais detalhado.

Ao entrar na Samaritana, somos recebidos pelo contraste das paredes existentes e das paredes em betão do projeto proposto. O momento de entrada, em que se encontra a receção do edifício e o acesso ao volume da incubadora, convida-nos a passar por um corredor mais fechado que abre para um espaço de contraste, onde encontramos a escadaria da torre que circunda um vazado que se estende por todos os pisos.

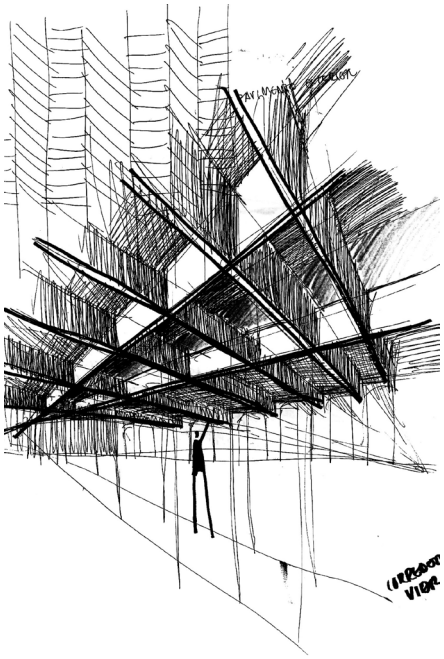


092 Receção

Daí, ainda ao nível do piso térreo, entramos no espaço cultural do edifício, que gera eventos com potencial atrativo e regenerador.

É então que percorremos um corredor, em que a estrutura já ritmada é marcada por duas vigas perpendiculares à mesma, que ajudam à divisão desta que é uma reinterpretação das antigas naves da fábrica, e que agora se propõe a fazer a distribuição dos espaços. A presença dos pilares de ferro cilíndricos neste espaço traduz sensualidade, contrapondo o resto da estrutura bruta e rígida.

"The cylindrical pillar is always beautiful, for God has so moulded the stem of every tree that is pleasant to the eyes." [40]

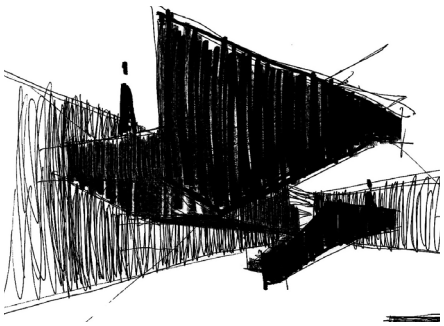


093 Corredor de distribuição

Este corredor tem ainda, ao longo do seu comprimento, uma entrada de luz zenital que ajuda a compor o espaço e, sendo este uma galeria interior dissipa o seu aspeto sombrio.

Do lado virado para a praça do Black, um romper do corredor acolhe o foyer do auditório, em que se encontra um bar de apoio e o bengaleiro; é também neste espaço que se acede ao auditório. Este é desenhado no que procura ser uma caixa, com uma das faces aberta para a fachada, enterrada abaixo da cota da rua, de modo a que o seu funcionamento seja o melhor possível.

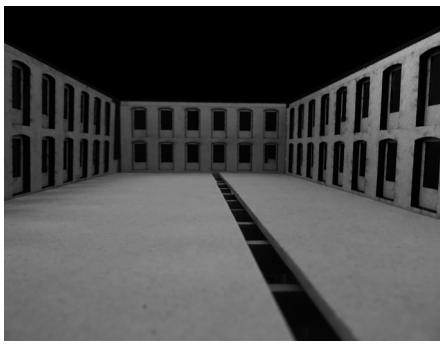
Do lado oposto ao auditório, com a fachada virada para a azinhaga do Beco dos Toucinheiros, está o espaço de exposição. Nele podem ser expostas diversas peças produzidas pelos ateliers da incubadora, assim como a realização de eventos ou desfiles de moda. O espaço é guarnecido por painéis móveis e giratórios que ajudam a compor o espaço conforme a sua utilização.



094 Escada de acesso ao terraço

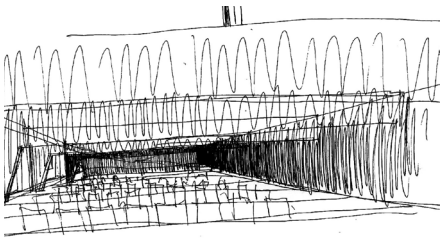
Ao fundo do corredor central, já no topo norte da fábrica, encontra-se uma área de descompressão, as instalações sanitárias e umas escadas de acesso à cobertura/ terraço da fração norte da fábrica, em que também podem decorrer eventos ao ar livre.

É neste terraço que acontece a maior presença do passado, aqui dois pisos da antiga fachada ficam livres de construção e somos acolhidos pelo passado e o

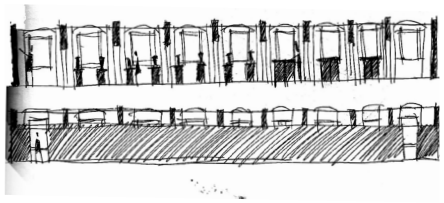


095 Terraço

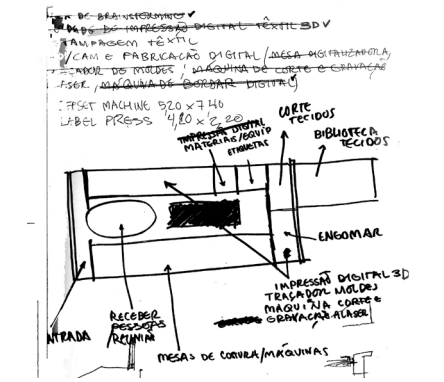
40 RUSKIN, 1849, pág.86



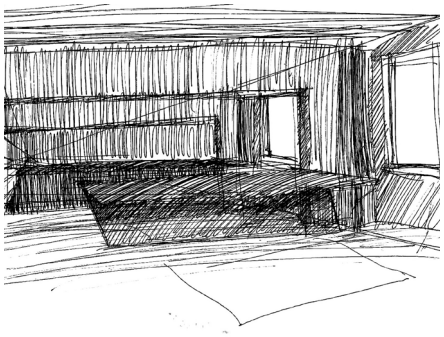
096 Auditório



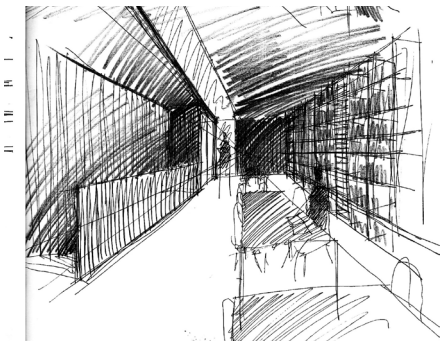
097 Sala de costura



098 Esquema de organização do piso de produção



099 Atelier



100 Biblioteca

presente, onde podemos sentir e observar.

Subindo as escadas da torre, no primeiro piso, um espaço amplo serve de apoio ao terraço, no eventual acontecimento de eventos. Nos três pisos que se seguem existem três salas de workshops polivalentes com instalação sanitária própria. Estas salas de workshop podem receber ações de sensibilização social, assim como workshops de trabalhos práticos.

Ao nível do último piso somos surpreendidos com um observatório; aqui dois vãos circulares, permitem-nos dar conta do contraste e da relação entre o Vale de Chelas e o Rio Tejo, duas paisagens dispares que aqui se unem. A sua forma circular deve-se ao óculo circular presente no alçado sul da fábrica (típico das unidades fabris), sendo quase como que uma reprodução ampliada do mesmo no topo da torre.

A sul, o volume de carácter produtivo recebe a incubadora de design de moda. Apresentado com três naves por piso, idênticas às que dantes ali existiam, o volume é habitado por um coração central onde se inserem as instalações sanitárias e os acessos verticais, e que se repete nos três pisos. Associado a este bloco existe um espaço mais amplo, na nave central, em que podem acontecer reuniões informais.
Ao entrar na incubadora, no piso da produçõa, deparamo-nos no piso da produção, o som da maquinaria a trabalhar que nos remete para o passado industrial. Aqui podemos encontrar seis espaços com funções distintas.

Virado para a praça do Black o espaço mais versátil, com mesas de trabalho e de costura, ocupando toda a extensão da nave em que se encontra. Na nave oposta, uma sala mais tecnológica procura acompanhar as inovações ligadas ao fabrico de tecidos, com impressão digital 3D, traçador de moldes, estampagem têxtil, máquina de bordar digital e máquina de corte e gravação a laser. É nesta nave que existe, também, uma sala de equipamento e materiais para uso dos ateliers, assim como uma sala de etiquetagem. O espaço adjacente à parede que fazia a divisão dos acessos verticais da fábrica, serve agora para acolher a sala de corte de tecidos e zona de engomadaria. É daqui que temos acesso à "biblioteca de tecidos", um espaço de arrumação dos tecidos que se encontra no topo sul da fábrica.

Neste nível temos ainda acesso a um pátio exterior, ladeado por paredes existentes e por uma das chaminés da fábrica, num momento de desafogo e vivência da ruína.

Nos dois pisos superiores assentam os ateliers, num total de 19.

Cada atelier ocupa o espaço de dois vãos da fábrica, e é composto por uma mesa maior para trabalhos práticos, uma mesa de trabalho para computadores, estantes para arrumação e um provador.

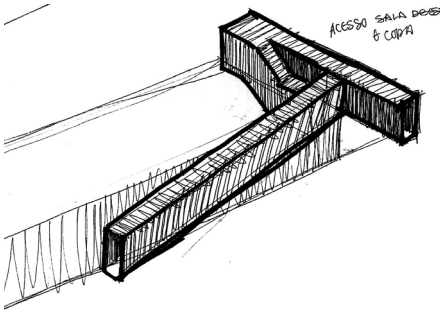
Nestes dois pisos, a parede, anteriormente falada, que fazia a divisão dos acessos verticais da fábrica, ganha agora protagonismo ao dividir as salas de uso extraordinário, existindo no primeiro piso uma sala de reuniões formal e uma

varanda interior e no segundo, um estúdio fotográfico e uma sala de administração.

Na última cota do volume central da incubadora, uma biblioteca dedicada ao sector, rompe a cobertura criando o quarto piso.

Acoplado à fachada tardoz da fábrica, é pensado um novo edifício que se apodera da antiga oficina de cardadores, que fazia parte do complexo fabril; Este volume que se encontra entre a fábrica e a azinhaga do Beco dos Toucinheiros, recebe a qualidade de sala de estudo, podendo servir a população local, assim como de estudantes da escola Ar.Co.[41] É também neste edifício que se encontra o espaço de copa da fábrica da Samaritana.

O toque do objeto com a fábrica é feito através de uma "manga", que realiza os acessos entre si. A fachada do mesmo é apenas trabalhada na face virada para a azinhaga, deixando uma fachada limpa em contraste com a fábrica, de modo a não retirar importância à mesma.



101 "Manga"



102 Sala de estudo

41 Ar.Co., escola que ocupou o edifício do antigo Mercado de Xabregas

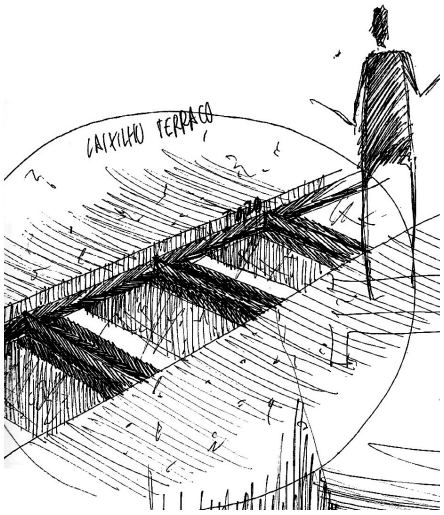
MATERIALIDADES

A nível de materialidades, os materiais e sistemas construtivos escolhidos para a fábrica e o resto dos elementos do complexo procuram relacionar-se com o ambiente industrial, através de materiais crus, como o aço e o betão.

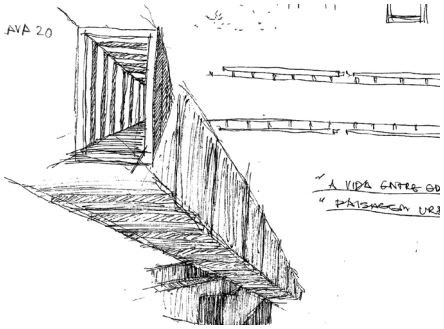
Na fábrica, primariamente estudou-se a preservação das paredes existentes e a conservação dos vãos originais. Sendo assim, similar à intervenção feita pelo arquiteto Eduardo Souto Moura [42] no projeto do Convento das Bernardas, é removido o reboco existente em cal e substituído por uma folha de betão projetada com pigmento de cor idêntica à antiga fábrica. Esta folha de betão é feita com malha polímera pelo exterior e malha metálica pelo interior. Para reforçar a fachada é ainda composta uma cinta em betão que contorna o perímetro das fachadas, pelo seu topo. De modo a proteger de infiltrações, é também desenhado um capeamento metálico no topo das paredes, estas intervenções permitem consolidar as paredes estruturalmente, assim como a sua preservação.

Quanto ao volume proposto, a sua estrutura é independente e as suas materialidades são consideradas com o seguinte conceito: todos os elementos horizontais serem em betão cru e, em contraste os elementos verticais em aço negro ou com um acabamento escuro.

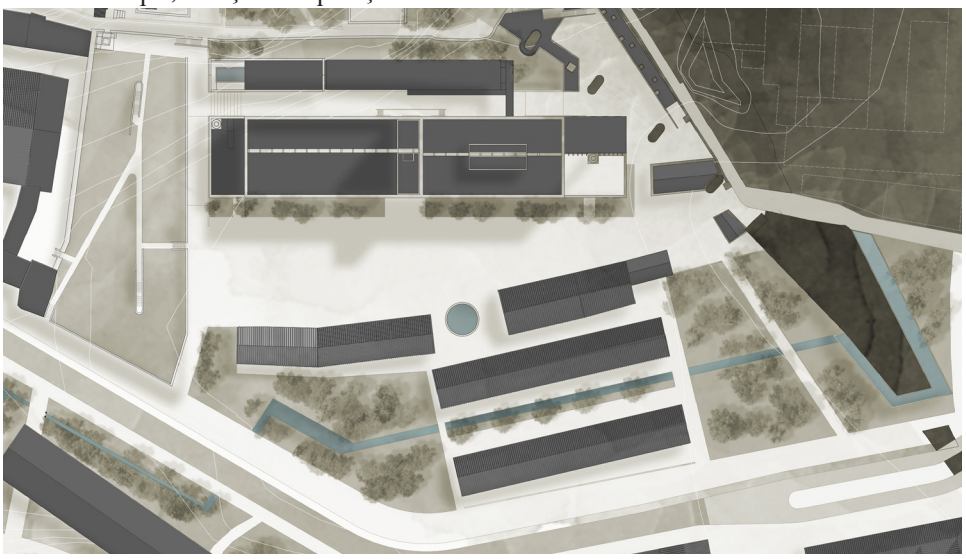
Haurido de influências do arquiteto Tadao Ando [43], a utilização do betão neste projeto é assumida com vaidade, deixando o material no seu estado cru, sendo apenas polido ao nível do pavimento. Assim, procura-se enfatizar a harmonia com o aço escuro, num casamento sóbrio e de contraste. O ambiente escuro e sombrio criado através das materialidades escolhidas, invocam o ambiente industrial que, ao mesmo tempo, realçam a oposição das cores vivas dos tecidos.



103 Estudo da caixinharia do terraço



104 Estudo construtivo da "manga"



105 Complexo

42 Arquiteto português, nascido a 1952, vencedor prémio pritzker arquitetura 2011

43 Arquiteto japonês, nascido a 1941, vencedor prémio pritzker arquitetura 1995

COMPLEXO

O complexo proposto é ainda composto por diferentes edifícios de caracter social e cultural.

Junto ao topo norte da Samaritana, é pretendido um edifício de estacionamento, de maneira a fechar a praça do Black, o objeto é semienterrado, sendo o menos perturbante possível na sua relação com a praça. Ajuda ainda na resolução de conexões entre cotas, e ao nível da cobertura usufrui de um jardim, que funciona como um patamar de transição entre a cota da azinhaga e da praça.

O limite da praça é imposto pela reabilitação de cinco construídos, que servem a mesma. Nestes encontram-se programas ligados ao lazer, três restaurantes, uma livraria com cafeteria e ainda uma lavandaria de apoio à Vila Flamiano, que acolhe habitações para os trabalhadores da fábrica.

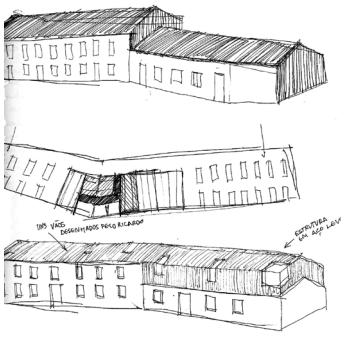
No arranque da azinhaga do Beco dos Toucinheiros, os edifícios que se adoçam à mesma são demolidos, para que o espaço possa acomodar uma nova construção que valorize o muro da azinhaga, assim como o viaduto da linha férrea. Este novo edifício, funciona como um centro de exposições para acolher obras dos estudantes da escola Ar.Co que, de momento, não têm nenhum espaço para o fazer, bem como obras de artistas que vivem em Xabregas.

O volume resulta numa espécie de exposição em corredor, valorizando o muro da azinhaga que, em certos pontos, nos permite observar a estrutura do viaduto. A forma deste edifício gera uma pequena praça em que se faz o acesso mais direto à cota da Vila Dias, esta praça tem ainda uma esplanada servida pelo café do centro de exposições.

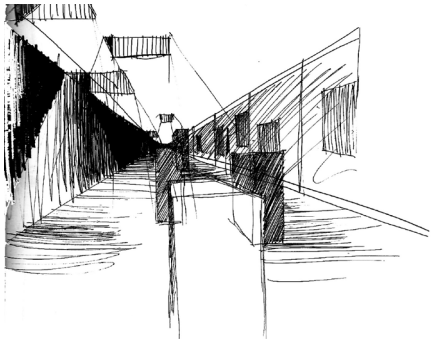
Junto à entrada, marcada pelo arco do viaduto, é ainda planeada a reabilitação de dois edifícios, o antigo escritório e a antiga casa do guarda.

No antigo escritório é desenhado um balneário público, para usufruto de pessoas que utilizam a bicicleta como meio de locomoção na cidade, e na antiga casa do guarda, um ponto de informação sobre o complexo e cabine do segurança.

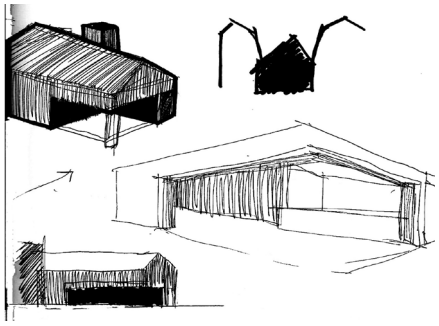
Na sua totalidade o complexo fabril reabilitado comporta-se como coração do parque urbano, no qual acontecem o maior número de atividades.



106 Estudo do edificado da restauração

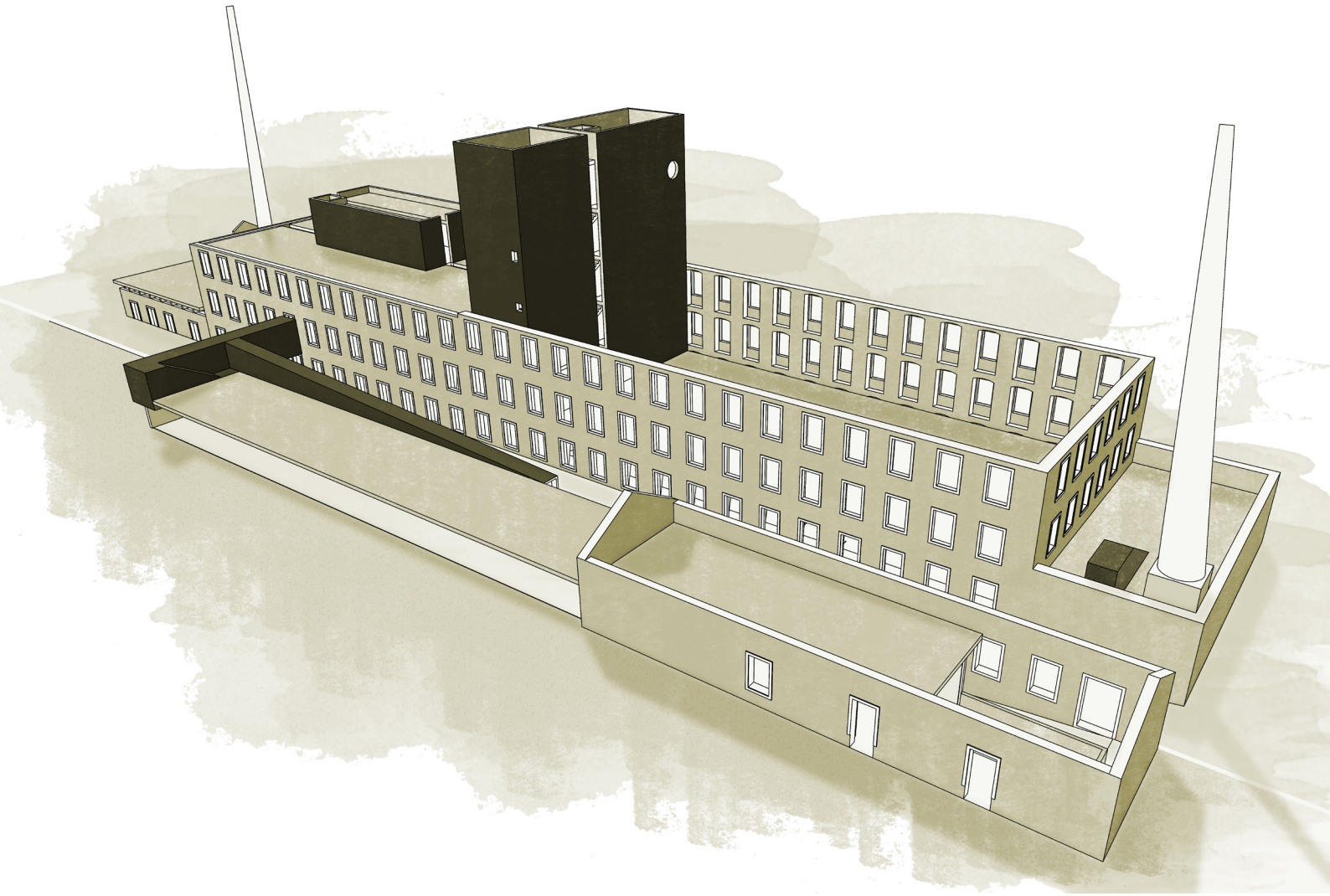


107 Epaço expositivo



108 Estudo do posto de informação

109 Proposta de reabilitação para a Fábrica da Samaritana



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estatuto da cidade de Lisboa leva-nos a repensar a forma como devemos intervir na mesma. É visível a falta de espaço para a expansão da cidade através de construções novas.

O trabalho final de Mestrado desenvolveu-se no seguinte sentido, de que modo pode a intervenção ao nível da regeneração urbana, aliada à salvaguarda do património industrial, integrar espaços esquecidos da cidade, promovendo o seu crescimento.

Neste contexto foi estudado o Caminho do Oriente sendo a parte da cidade mais esquecida e com maior potencialidade para crescimento, que se encontra em decadência. Esta área tem um forte passado industrial, pelo que fazia todo o sentido intervir sobre o mesmo, exibindo a sua valência atrativa e dinamizadora ao integra-lo na regeneração urbana.

O fragmento da frente ribeirinha escolhido (Vale de Chelas / Xabregas) para intervenção é capaz de ser dos mais débeis na sua interação com a cidade, apesar do seu forte potencial, sendo dos mais próximos do centro e com maior importância. Devido às suas caraterísticas de vale, deparamo-nos com dificuldades de ligação à cidade, simultaneamente a sobreposição de diversas marcas do passado geram o desinteresse dos transeuntes.

No entanto é do conhecimento de todos a sua importância para o sistema verde e hidrográfico da cidade, assim sendo, a proposta urbana intenta resolver todos estes dramas garantindo a vivência que lhe é devida.

Quanto à salvaguarda do património, a proposta teria que ao mesmo tempo, gerar um potencial atrativo em simbiose com a ressalva da preservação da memória. O desenho da proposta revela um edifício que se apresenta como um *landmark* na paisagem da cidade, que ao mesmo tempo e devido à sua programática resolve problemas de coesão social, económica e cultural.

Concluímos que é deveras pertinente a intervenção no património, sendo ele industrial ou não, é necessário perpetuar a memória destes espectros do passado, garantindo-lhes uma vivência adequada aos dias que correm, e fornecendo matéria à regeneração de vazios urbanos.

"Basta PUM Basta!" José de Almada Negreiros

110 Livros


KEVIN LYNCH
A IMAGEM DA CIDADE
O Princípio de Noé
ou a Ética da Salvaguarda
Álvaro Siza
CAMPO BAEZA
A Ideia Construída
Tadao Ando
CAMINHO DO ORIENTE
GUIA DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL
FRANÇOISE CHOAY
AS QUESTÕES DO PATRIMÓNIO
GORDON CULLEN
PAISAGEM URBANA
Eduardo Souto de Moura
Santa Maria do Bouro

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, J, Paiva, J, PINHO, A. Guia Técnico de Reabilitação Habitacional. Lisboa: LNEC-INH, 2006.

AGUIAR, José. Cor e cidade histórica. Estudos cromáticos e conservação do património. 1ª Edição. Porto: Rainho & Neves Lda., 2002.

ALMEIDA, Fernando António. Operários de Lisboa na Vida e no Teatro. Lisboa: Camiho, 1845-1870.

CHOAY, Françoise.
—. Alegoria do Património. 2ª Edição. Lisboa: Edições 70, 2008.
—. As questões do Património. Lisboa: Edições 70, 2011.

CML.
—. "Documento Estratégico de Monotorização da Zona Ribeirinha Oriental." Lisboa, 2008.
—. "Plano de Estrutura da zona Oriental." Lisboa, 1992. Plano.
—. "Plano de urbanização do Vale de Chelas." Lisboa, 1998. Plano.
—. "Plano Diretor Municipal de Lisboa." Lisboa, 1994. Plano.
—. "Plano Estratégico de Lisboa." Lisboa, 1992. Plano.

CONSIGLIERI, Carlos. Pelas Freguesias de Lisboa. Vol. II. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1993.

CUSTÓDIO, Jorge. 100 Anos de Património: Memória e Identidade. Portugal 1910-2010. Lisboa: Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico, 2010.

FAGULHA, João. Reabilitação e conservação do património arquitectónico. Lisboa: Ordem dos Arquitectos Secção Regional Sul, 2016.

FEHN, Sverre. "Ceremony Acceptance Speech." The Pritzker Architecture Prize. The Hyatt Foundation, 1997.

FELICIANO, João Paulo. Xabregas City. Lisboa: Sistema Solar, Crl., 2017.

FERREIRA, Paula Cristina, SANCHEZ, Paula e FIGUEIREDO, Sandra. A Freguesia do Beato na História. Lisboa: Junta de Freguesia do Beato, 1995.

FOLGADO, Deolinda e CUSTÓDIO, Jorge. Caminho do Oriente: Guia do Património Industrial. Lisboa: Livros Horizonte, 1999.

FURTADO, Mário. Do antigo sítio de Xabregas. Lisboa: Vega, 1997.

HOLLANDA, Francisco de. Archeologia Artística. Vol. II. Porto: Imprensa Portugueza, 1879.

LACROIX, Michel. O Principio de Noé ou a Ética da Salvaguarda. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

LEAL, Augusto Soares e FERREIRA, Pedro Augusto. Portugal Antigo e Moderno - Diccionario de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal. Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1890.

LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. 5ª Edição. São Paulo: Centauro, 2011.

LOPO, Wallace, LANZER, Edgar e OLIVEIRA, Grazyella. "A relação entre a engenharia têxtil/ produção e o design de moda em uma indústria têxtil." 5° Congresso Científico Têxtil e Moda. São Paulo: Centro Universitário FEI, 2017.

LYNCH, Kevin. A imagem da cidade e os seus elementos. Trad. Maria Cristina Tavares Afonso. Lisboa: Edições 70, 1960.

MATOS, José Sarmento e PAULO, Jorge Ferreira. O Caminho do Oriente: Guia Histórico . Vol. I e II. Lisboa: Livros Horizonte, 1999.

PEREIRA, Nuno Teotónio e BUARQUE, Irene. Prédios e Vilas de Lisboa. Lisboa: Livros Horizonte, 1995.

PORTAS, Nuno, DOMINGUES, Álvaro e CABRAL, João. Politícas Urbanas. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

RODRIGUES, Donizete. "Património Cultural, Memória social e Identidade: uma abordagem antropológica." Universidade da Beira Interior, s.d.

RUSKIN, Jonh. The Sevens Lamps of Architecture. Nova Iorque: Smith, Elder & Co., 1849.

SANTOS, António Maria A. Arqveologia e História - Património industrial em risco na cidade de Lisboa. Lisboa: Colibri, 2000.

SANTOS, José. Arquitectura Industrial, da obsolescência à reconversão. Tese de Mestrado. FAUP. Porto, 2013.

TELLES, Gonçalo Ribeira. Plano Verde de Lisboa: componente do Plano Director Municipal de Lisboa. Lisboa: Colibri, 1997.

TELLES, Gonçalo Ribeiro. A Utopia e os pés na Terra. Lisboa: Instituto Português de Museus, 2003.

UNWIN, Simon. Twenty-Five Buildings every architect should understand. 2ª Edição. Nova Iorque: Routledge, 2015.

VIEIRA, Alice. Esta Lisboa - As aldeias de Lisboa. Lisboa: Caminho, 1993.

VIEIRA, Joaquim. Portugal século XX, Crónica em imagens 1930-1940. Lisboa: Círculo de Leitores, 2001.

VIOLLET-LE-DUC, Eugène Emmanuel. On Restoration. São Paulo: Artes & Oficios, 2000.

WEBGRAFIA

BOUGARD, Joana e MALTA, João Carlos. Rádio Renascença Online. Março de 2016. <http://rr.sapo.pt/especial/48500/marvila_o_lado_invisivel_de_lisboa>.
Consultado a: Abril de 2018

FERRAZ, Queila. Fashion Bubbles. 2018. <http://www.fashionbubbles.com/historia-da-moda/design-de-moda-origem-evolucao/>.
Consultado a: Junho de 2018

KOOLHAAS, Rem. Fondazione Prada. 2018. <http://www.fondazioneprada.org/>.
Consultado a: Junho de 2018

OMA, Arquitetos. Archdaily. 2015 / 2018. <https://www.archdaily.com/628472/fondazione-prada-oma / https://www.archdaily.com/892898/fondazione-prada-torre-oma>.
Consultado a: Junho de 2018

O-OFFICE, Arquitetos. Archdaily . 2014. <https://www.archdaily.com/566825/stone-art-gallery-o-office>.
Consultado a: Junho de 2018

R'ITV. Regeneração Indústria Têxtil e Vestuário Portuguesa. 2016. <http://regeneracao-itv.pt/sobre/>.
Consultado a: Abril de 2018

VAZ, Paulo. "Têxtil: um setor que anda mais depressa do que o país." https://eco.pt/2017/05/02/textil-um-setor-que-anda-mais-depressa-do-que-o-pais/. Eisabete Felismino. 2017.
Consultado a: Abril de 2018

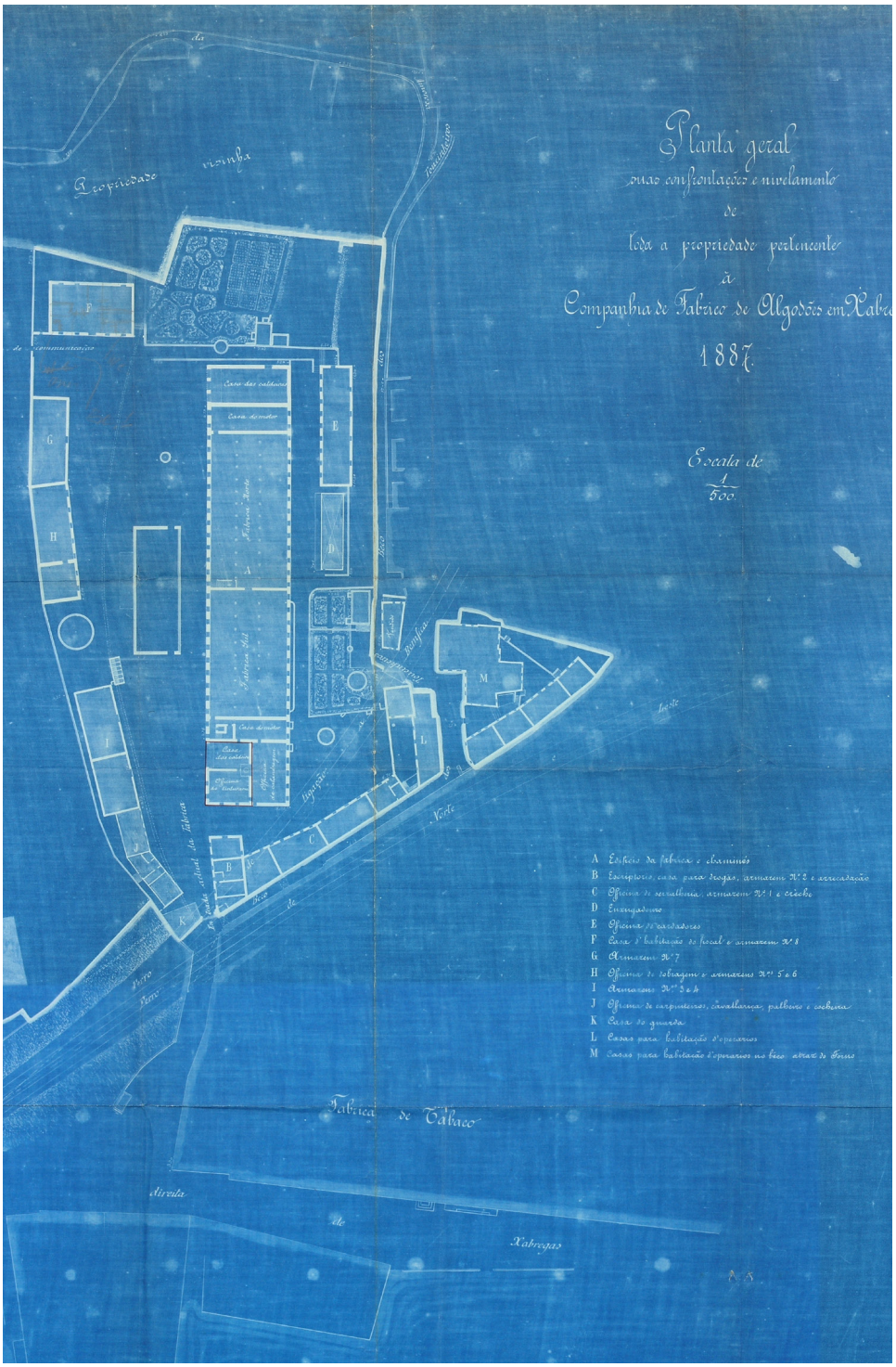
ANEXOS

DESENHOS DO ARQUIVO



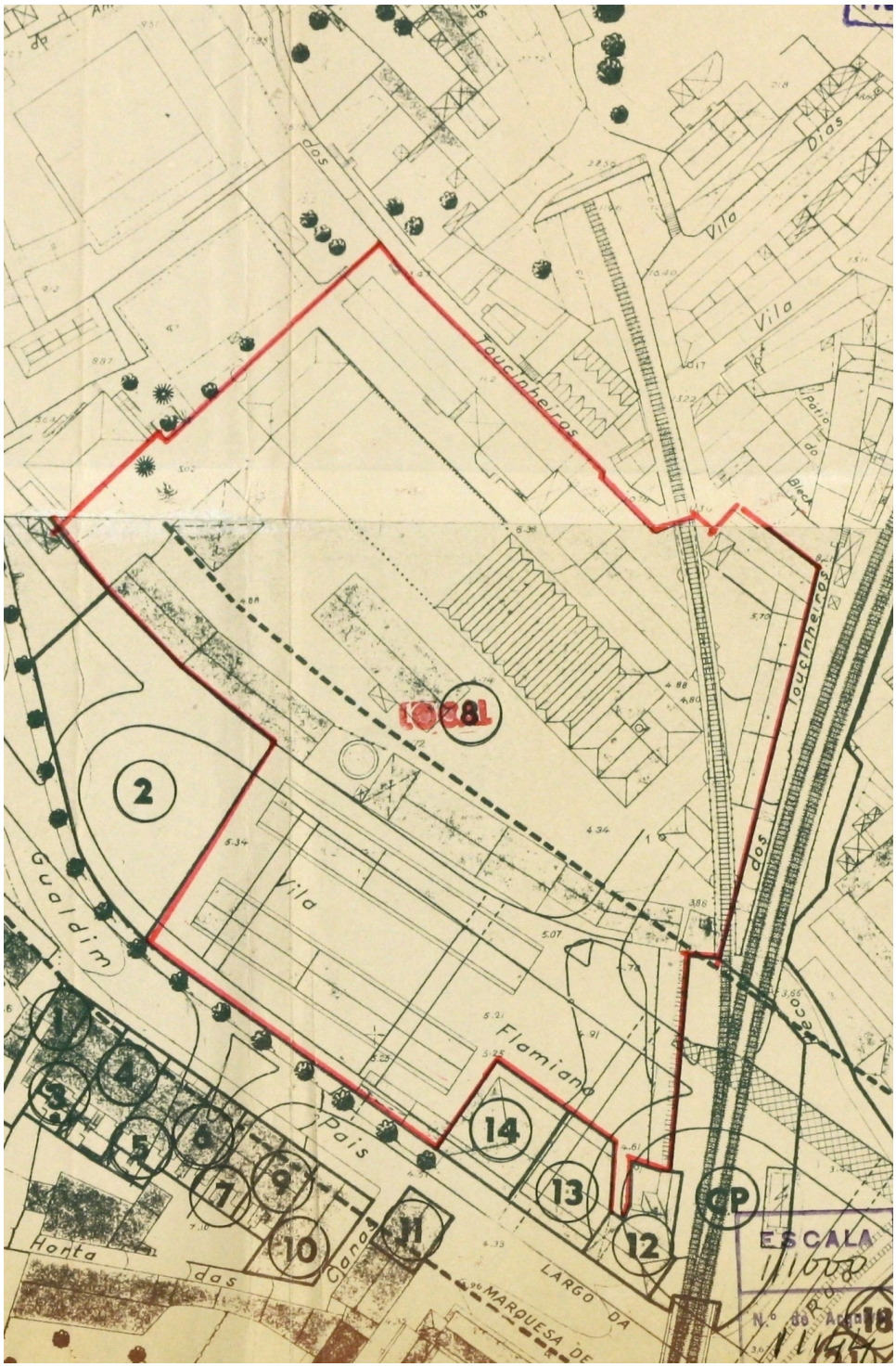
Planta da cidade de Lisboa (19--)

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



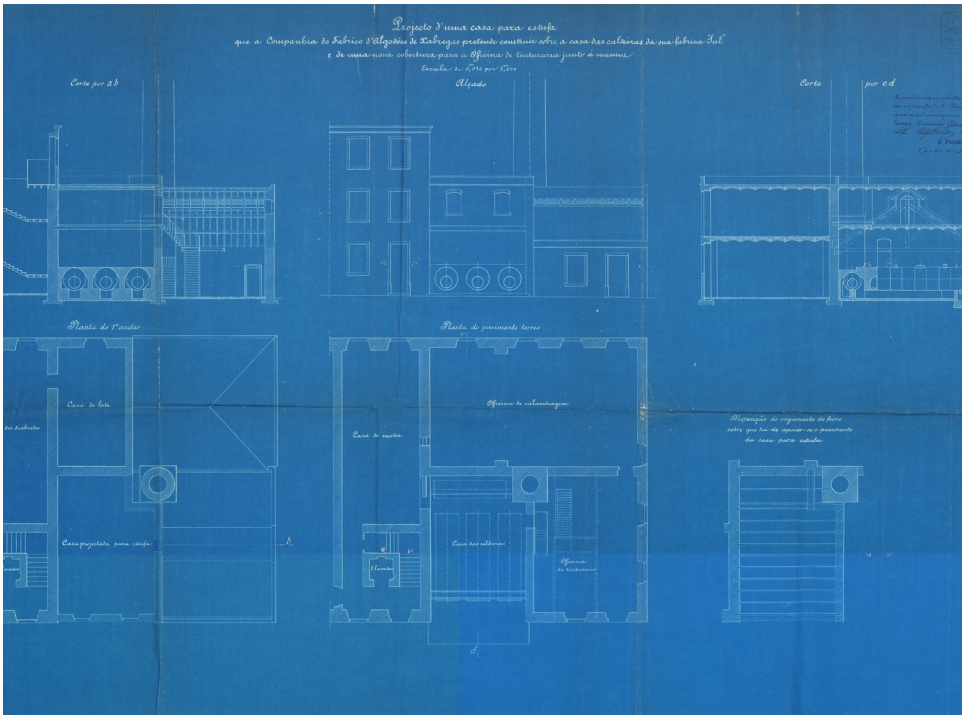
Planta do complexo da Fábrica da Samaritana. (1887)

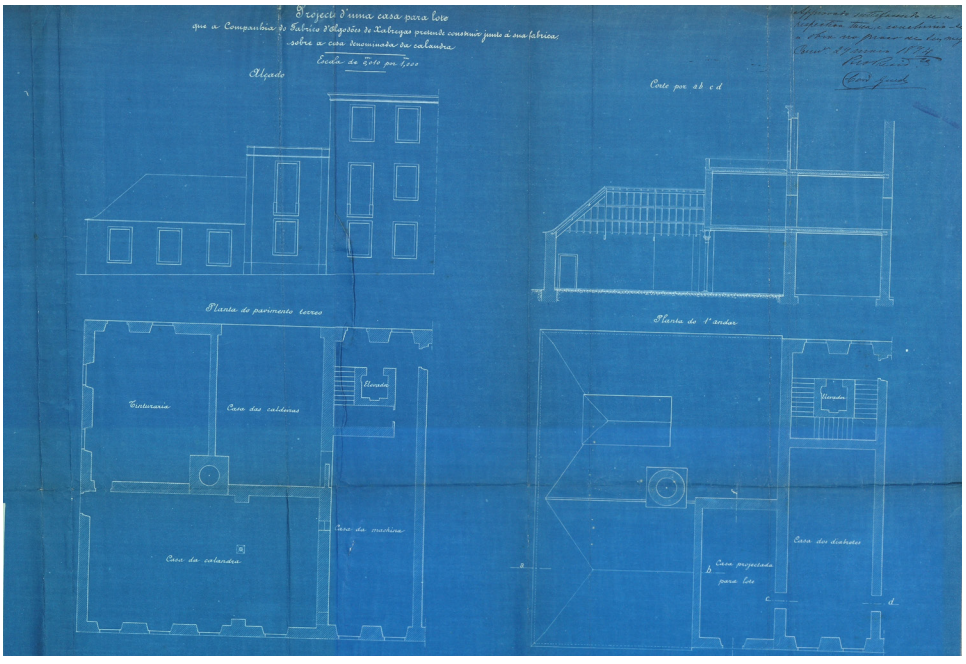
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Planta do complexo da Fábrica da Samaritana. (1967)

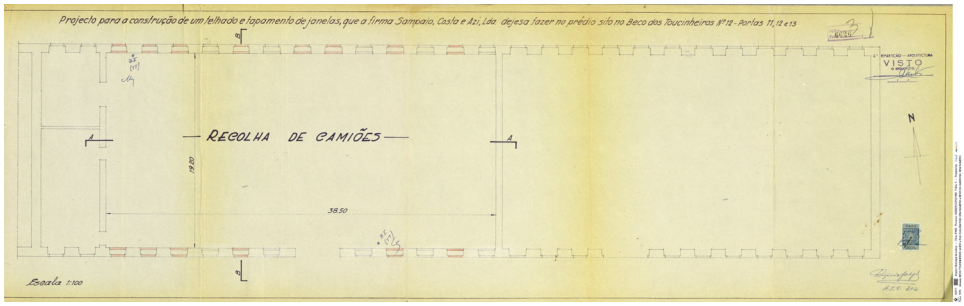
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa

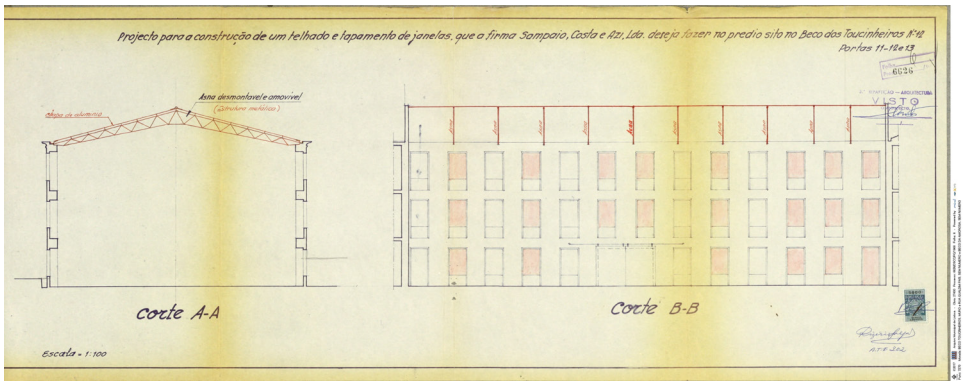


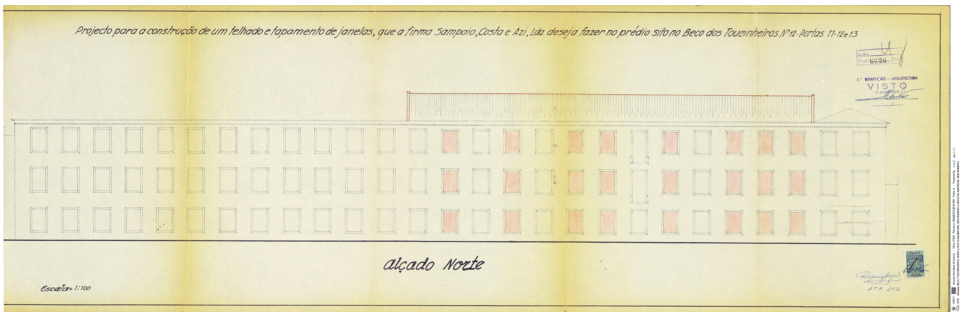


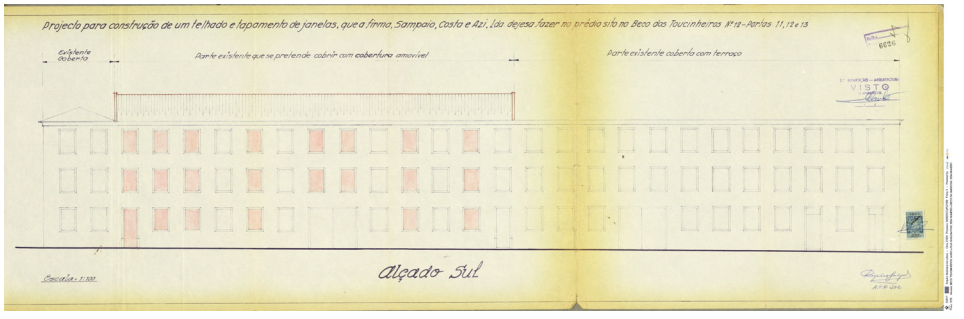
Desenhos técnicos do projeto "d'uma casa para estufa" que a Companhia do Fabrico de Algodões de Xabregas pretendia construir (1902)

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



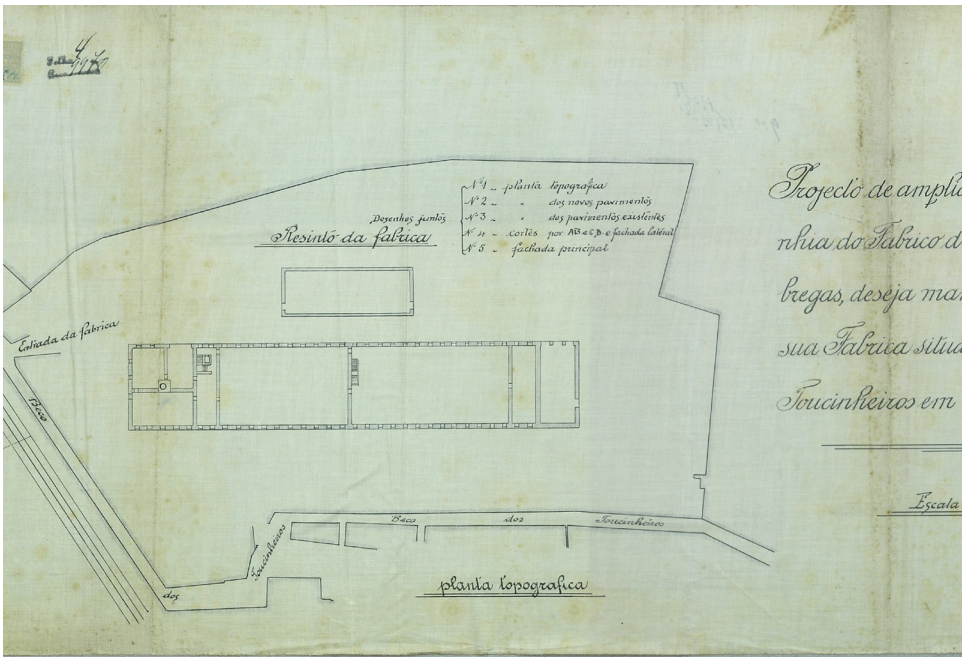






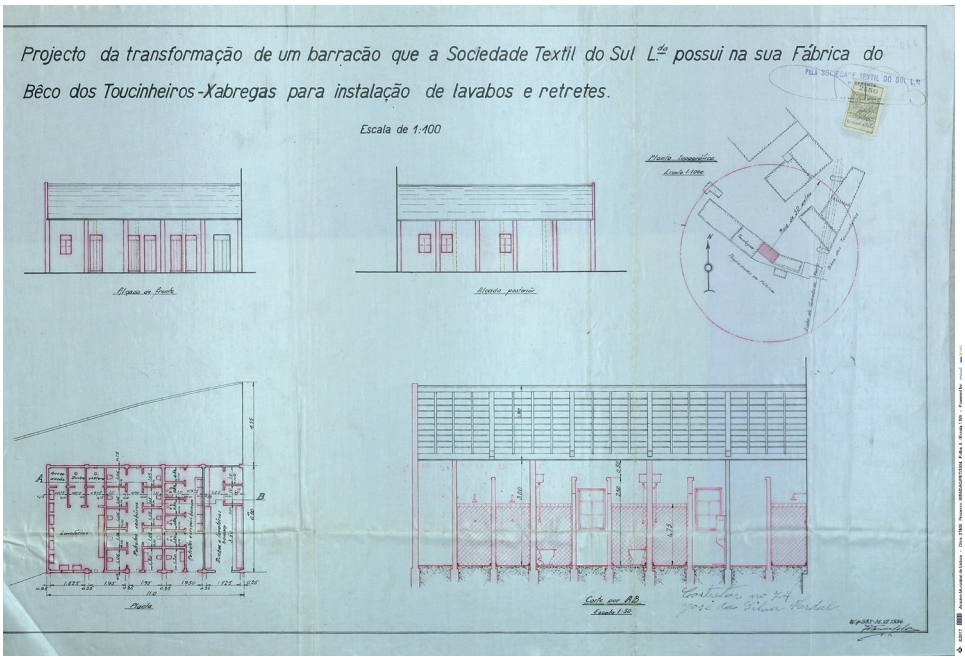
Desenhos técnicos da Fábrica da Samaritana com proposta de alteração pela firma Sampaio, Costa Azi, Lda. (1968)

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



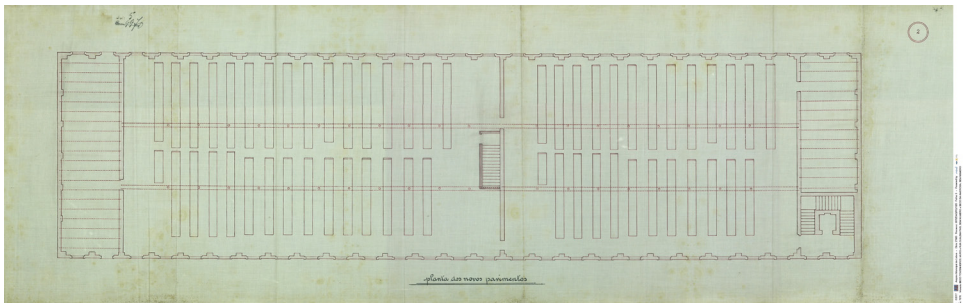
Planta projeto de ampliação da Fábrica da Samaritana (1920)

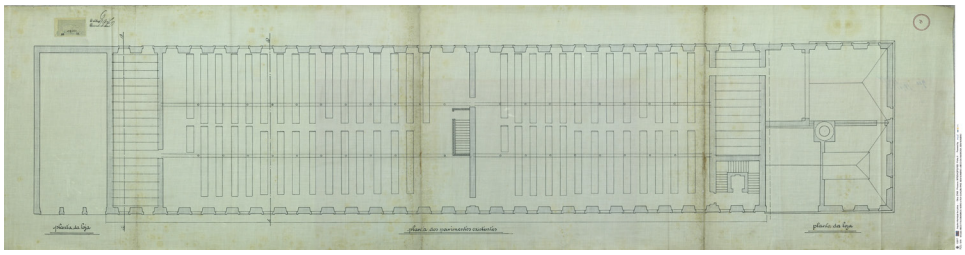
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa

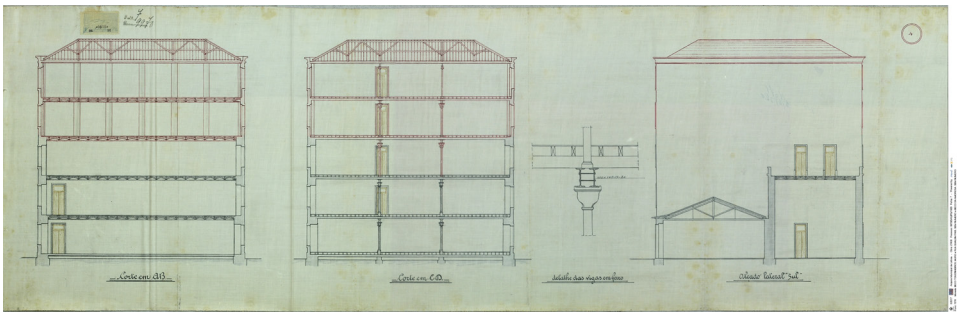


Desenhos técnicos do projeto da transformação de um barracão na Fábrica da Samaritana (1934)

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



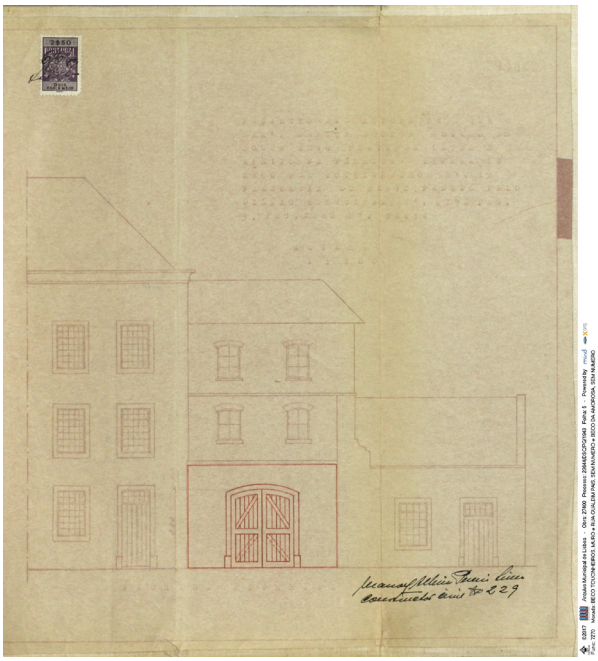


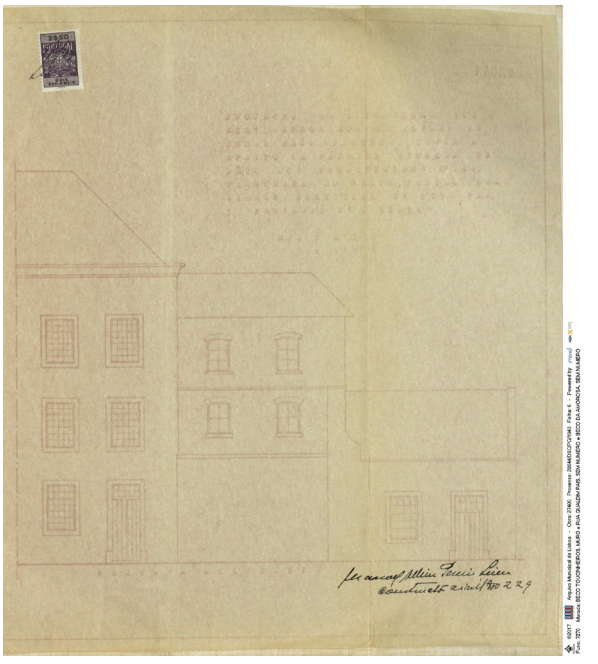




Desenhos técnicos da proposta de alteração a vermelho da Fábrica da Samaritana (acrescento de dois pisos). (1920)

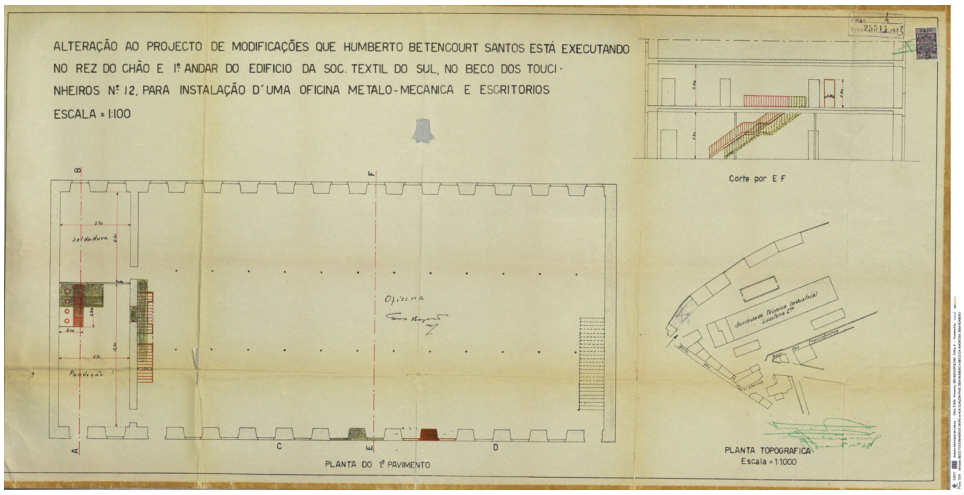
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa

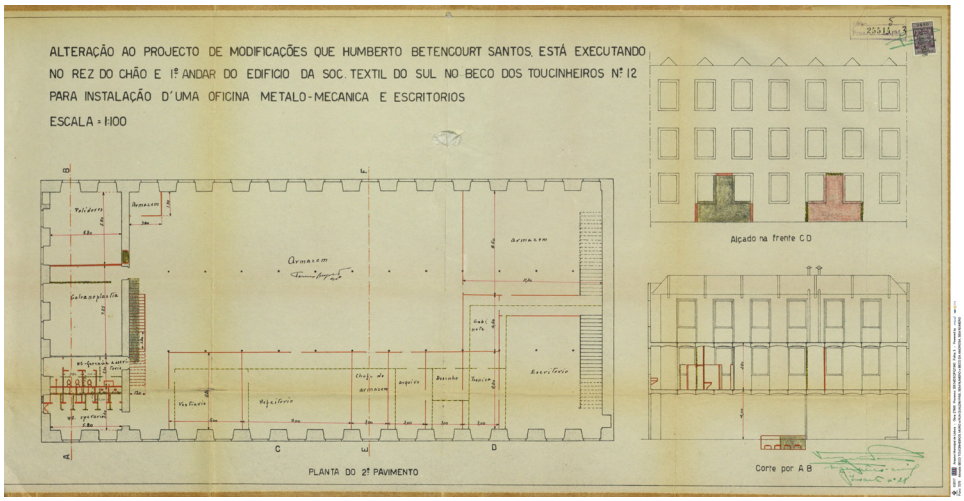


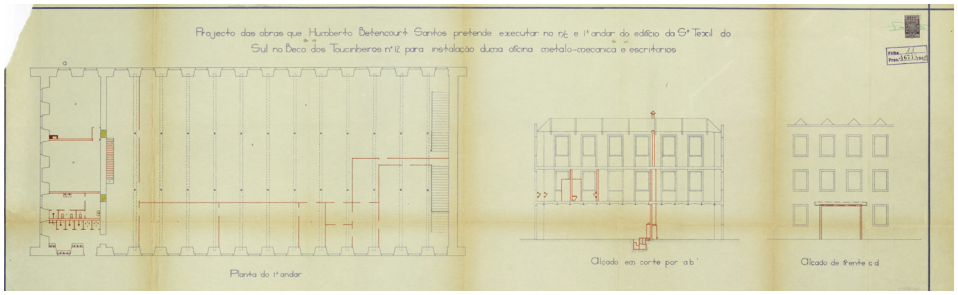


Desenhos técnicos do projeto da transformação do portão do topo Sul da Fábrica da Samaritana (1943)

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa







Desenhos técnicos da proposta de alteração para a Fábrica da Samaritana para a instação de uma oficina e escritórios por Humberto Betencourt Santos. (1943)

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Planta da cidade de Lisboa de Filipe Folque (1856-1858)

Fonte: Centro de Cartografia FA-UL



Planta da cidade de Lisboa de Silva Pinto (1911)

Fonte: Centro de Cartografia FA-UL



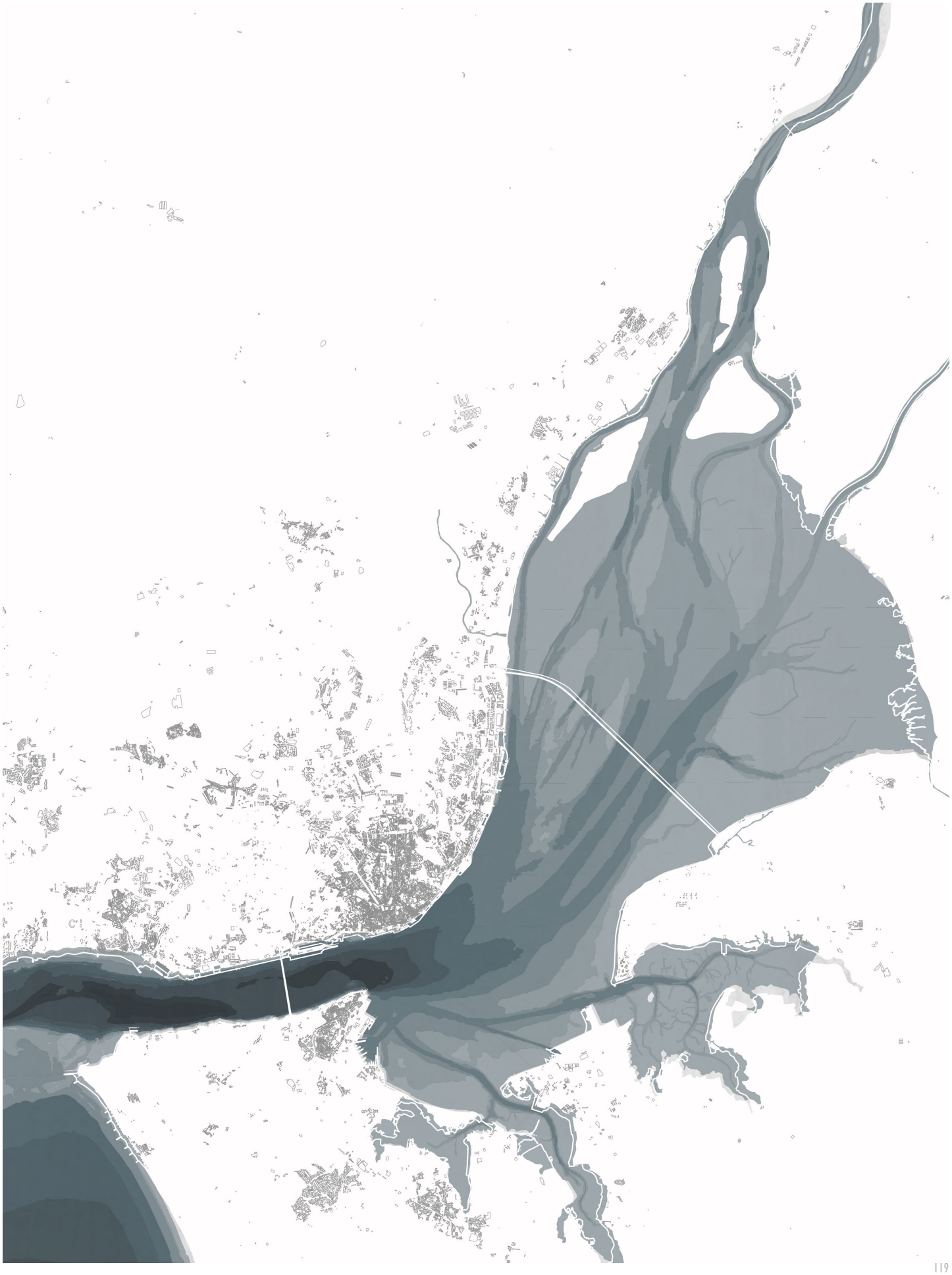
Ortofotomapa de Xabregas. (século XX)

Fonte: Gabinete dos estudos Olisiponenses

MAPAS

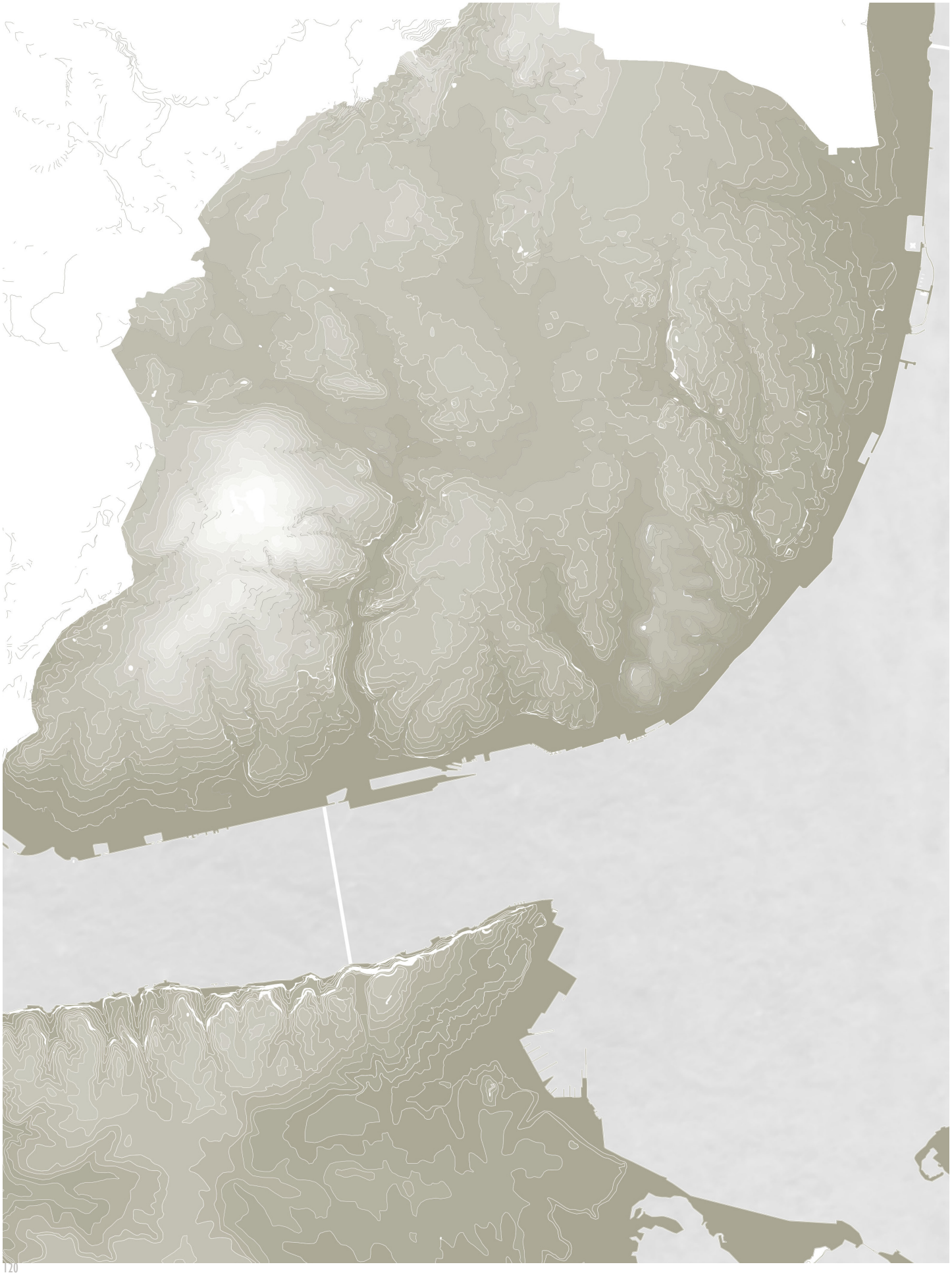
A cidade e o rio (2018)

Fonte: Realizado pelo autor



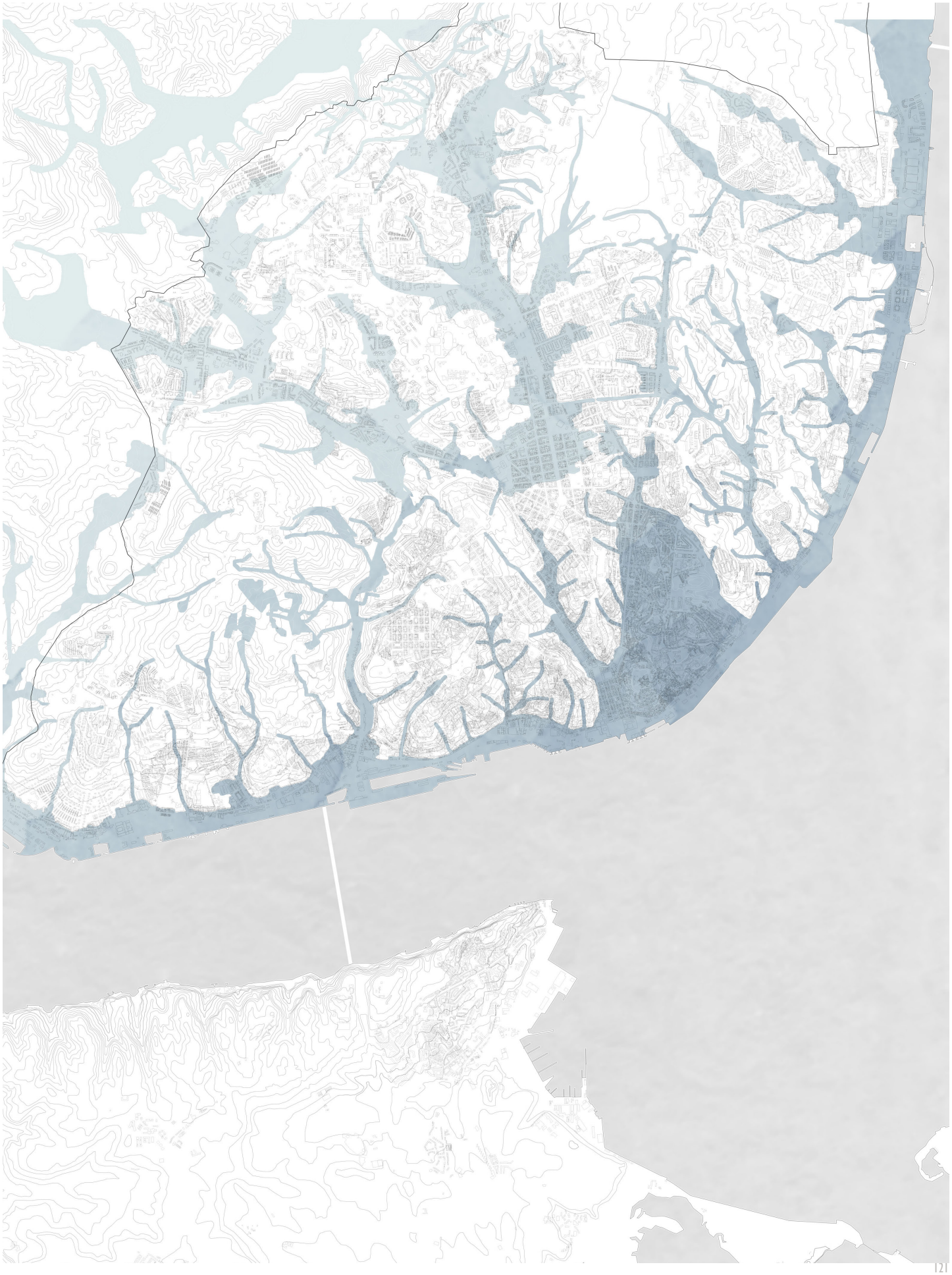
Altimetria (2018)

Fonte: Realizado pelo autor



Bacias hidrográficas (2018)

Fonte: Realizado pelo autor, com base no PDM da C.M.L.



Sistema verde (2018)

Fonte: Realizado pelo autor, com base no PDM da C.M.L.



Edificado (2018)

Fonte: Realizado pelo autor



Evolução da costa (2018)

Fonte: Realizado pelo autor



Análise da área de estudo (2017)

Fonte: Realizado pelo autor com um grupo de trabalho

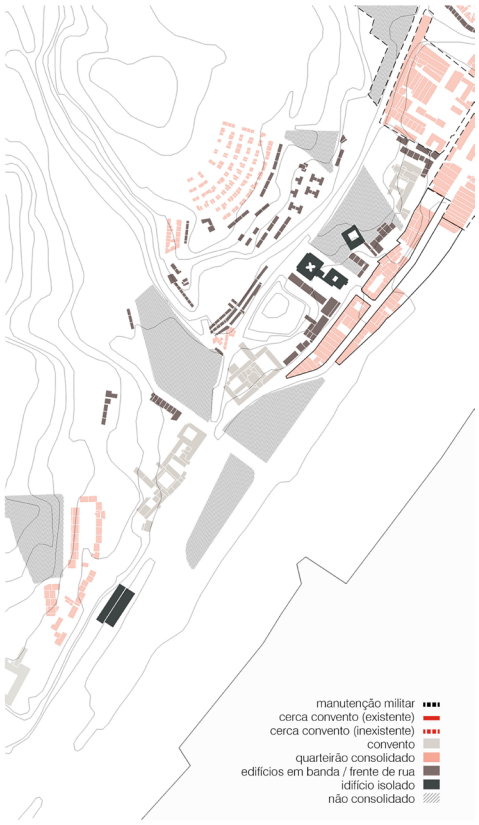










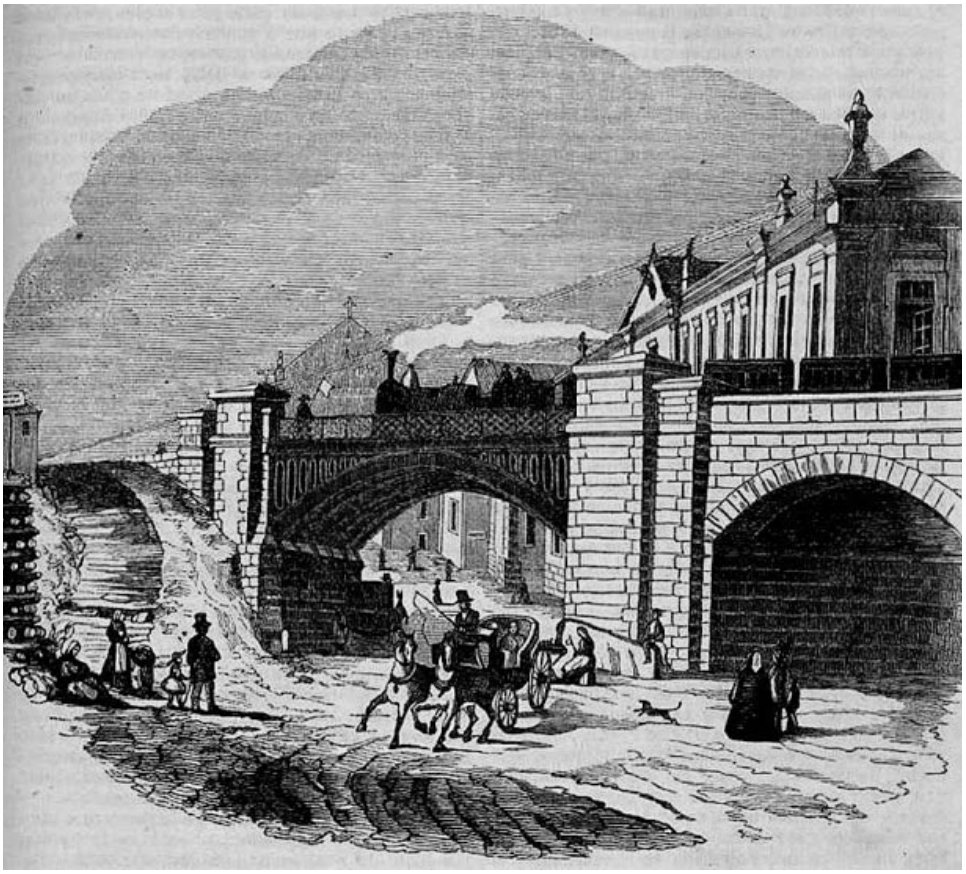


FOTOGRAFIAS ANTIGAS



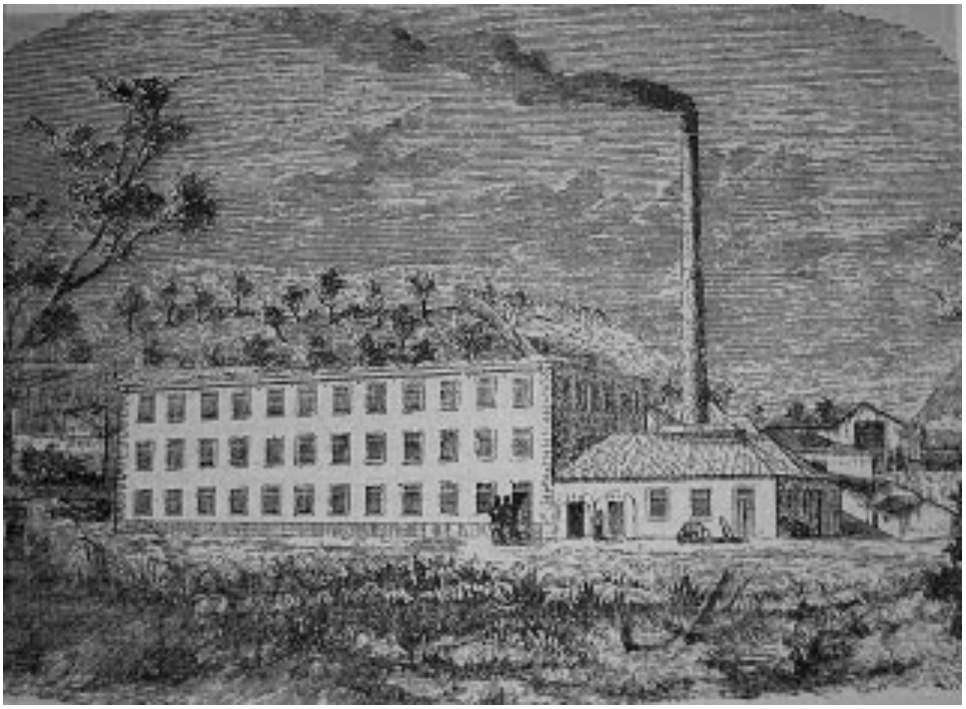
Fotografia aérea da zona do Poço do Bispo (1950)

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Caminho de ferro do Leste - Ponte de Xabregas. Autor desconhecido. (1857)

Fonte: Arquivo Pitoresco, vol 1, n°5. Gabinete dos Estudos Olisiponenses. Pág. 33



Gravura da Fábrica da Samaritana. Autor desconhecido. (século XX)

Fonte: Mario Furtado. Do antigo sítio de Xabregas. 1ª Edição. Lisboa: Vega, 1997. s/p.



Fotografia dos arcos do viaduto da CP. Fernando Martinez Pozal. (1954)

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Fotografia do areal em frente a Xabregas. Eduardo Portugal. (1940/48)

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Fotografia do Beco dos Toucinheiros, Eduardo Portugal, (1938)

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Fotografia da Estrada de Chelas, Autor desconhecido, (1921)

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Fotografia panorâmica do Beato, Eduardo Portugal, (1949)

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Fotografia da Vila dias, Alberto Carlos Lima, (1910)

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Fotografia da Vila dias. Alberto Carlos Lima. (191-)

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Fotografia do Porto de Xabregas. Autor desconhecido. (s/d.)

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Fotografia aérea de Xabregas. Autor desconhecido. (s/d.)

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



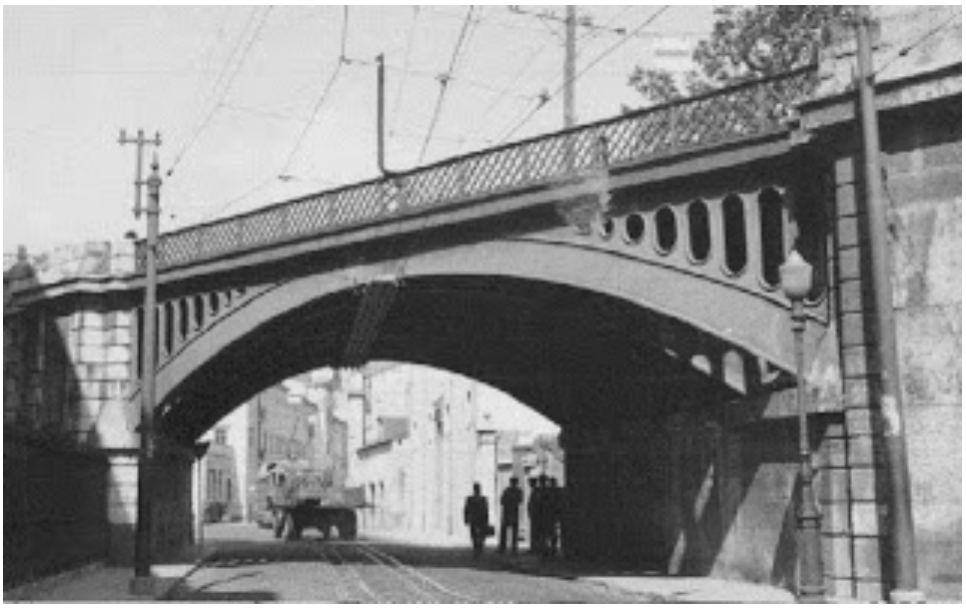
Fotografia do Convento da Madre Deus. Nunes Abreu. (195-)

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Fotografia das cheias no antigo Mercado de Xabregas, Ferreira Cunha, (1945)

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Fotografia do viaduto de Xabregas, Fernando Martinez Pozal, (1954)

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Fotografia do Mercado de Xabregas. Eduardo Portugal. (1939)

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Fotografia do Mercado de Xabregas. Autor desconhecido. (s/d.)

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Fotografia do viaduto de Xabregas. Eduardo Portugal. (1938)

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Fotografia dos arcos do viaduto da CP. Arnaldo Madureira. (1968)

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Fotografia da Fonte da Samaritana. Eduardo Portugal. (1939)

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Fotografia da passagem de nível do Beco dos Toucinheiros. Eduardo Portugal. (1940/48)

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Fotografia de um descarrilamento de comboio à saída do túnel deXabregas. Joshua Benoliel. (1914)

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Fotografia do Palácio do Maquês de Nisa. André Salgado. (1945)

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Fotografia de um descarrilamento de comboio à saída do túnel de Xabregas. Joshua Benoliel. (1914)

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



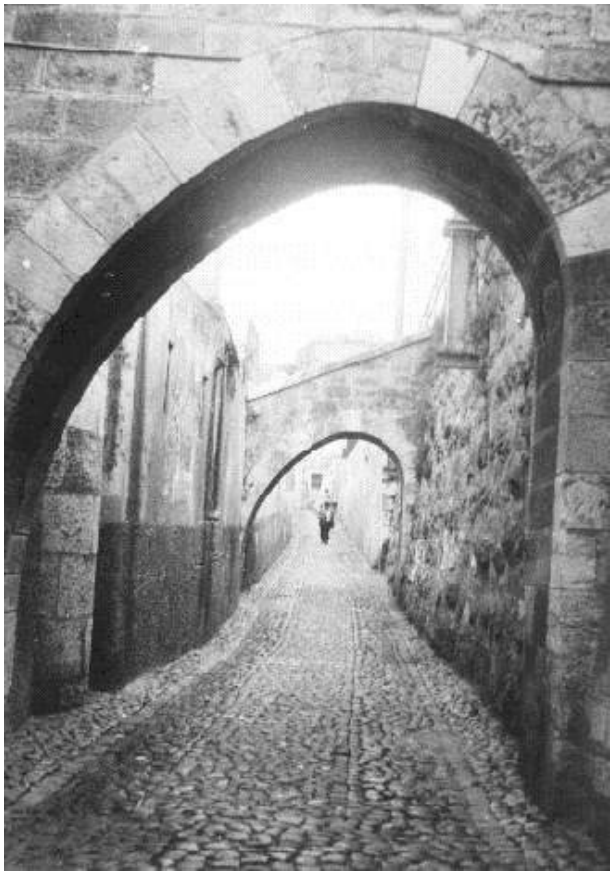
Fotografia do viaduto ferroviário da Rua do Sol a Chelas. Artur Goulart. (1961)

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Fotografia do Mercado de Xabregas. Vasco Gouveia de Figueiredo. (s/d.)

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Fotografia do arco da Vila Dias. Fernando Martinez Pozal. (1954)



Fotografia da Estrada de Chelas. António Sachetti. (1998)

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



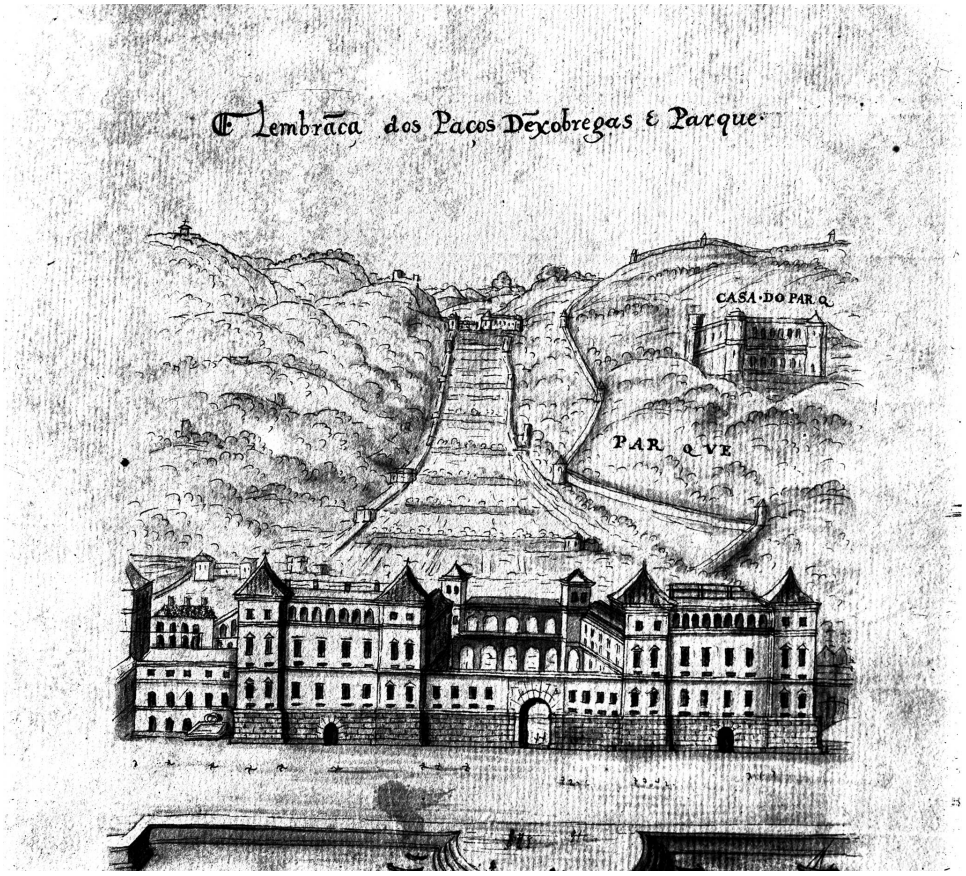
Fotografia da Estrada de Chelas. Autor desconhecido. (1983)

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Fotografia das cheias no antigo Mercado de Xabregas, Ferreira Cunha, (1945)

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Desenho do Paço de Xabregas e parque, José Artur Leitão Bárcia, (1900-1945)

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Fotografia do Mercado de Xabregas. Eduardo Portugal. (1939)

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Fotografia do Mercado de Xabregas. João Marques de Oliveira. (1967)

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Fotografia do Mercado de Xabregas. João Marques de Oliveira. (1967)

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Fotografia dos arcos do viaduto da Cp, entrada Beco dos Touchinheiros. Fernando Martinez Pozal. (1954)

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa

REFERÊNCIAS VISUAIS

PEDROSA & RODRIGUES, SA

PROJ3CT

Localização Barcelos, Portugal

Ano 2016

Fonte: proj3ct.eu/industry





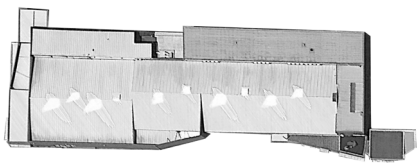


















CONVENTO DAS BERNARDAS

EDUARDO SOUTO MOURA

Localização Tavira, Portugal

Ano 2012

Fonte: archdaily.com.br/br/769152/convento-das-bernardas-eduardo-souto-de-moura











SESC POMPÉIA

LINA BO BARDI

Localização São Paulo, Brasil

Ano 1986

Fonte: archdaily.com.br/br/01-153205/classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi



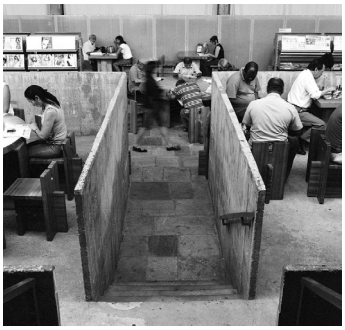


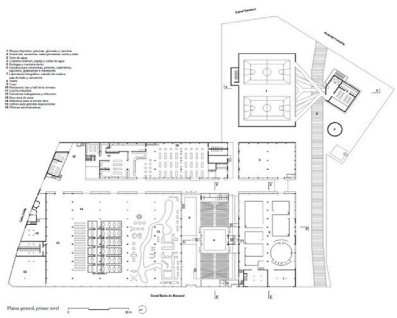


















CAN FRAMIS MUSEUM

JORDI BADIA

Localização Barcelona, Espanha

Ano 2008

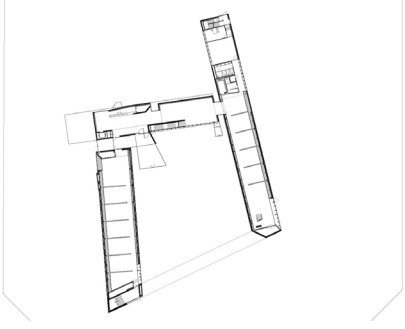
Fonte: archdaily.com/40219/cam-framis-museum-jordi-badia











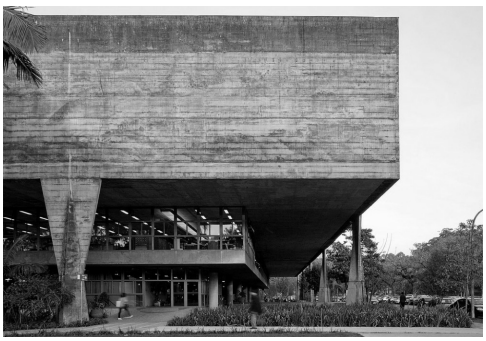
FAU-USP

JOÃO VILA NOVAS ARTIGAS E CARLOS CASCALDI

Localização São Paulo, Brasil

Ano 1969

Fonte: archdaily.com.br/br/01-12942/classicos-da-arquitetura-faculdade-de-arquitetura-e-urbanismo-da-universidade-de-sao-paulo-fau-usp-joao-vilanova-artigas-e-carlos-cascaldi



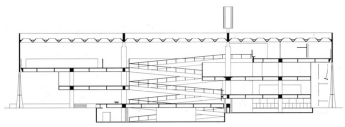


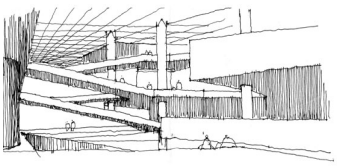


















FINLANDIA HALL

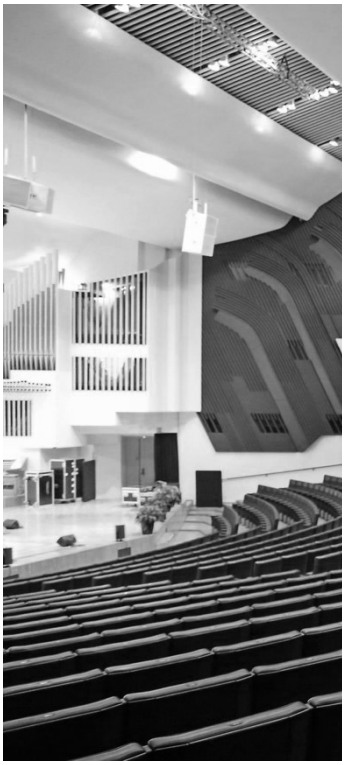
ALVAR AALTO

Localização Helsinki, Finlândia

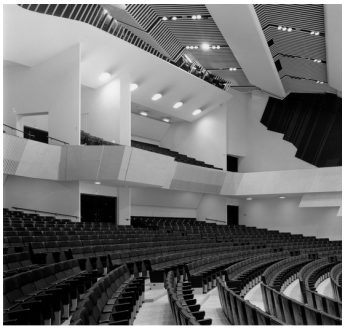
Ano 1967-1975

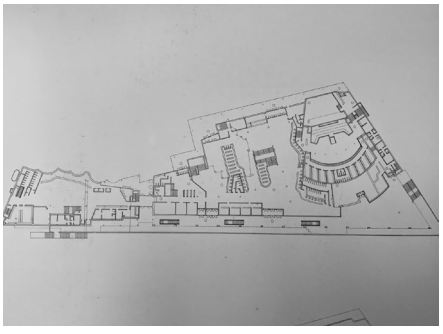
Fonte: finlandiahallarc308.blogspot.com











IGREJA DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS
NUNO PORTAS E NUNO TEOTÓNIO PEREIRA

Localização Lisboa, Portugal

Ano 1961-1970

Fonte: Fotografias do autor











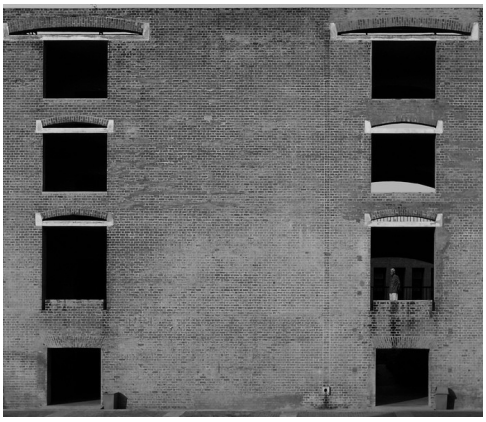












INDIAN INSTITUTE OF MANAGEMENT

LOUIS KAHN

Localização Gujarat, Índia

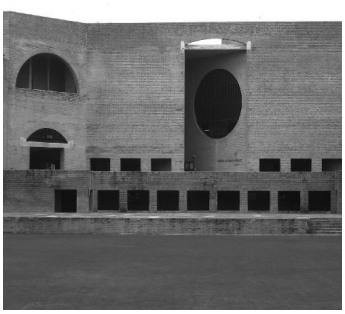
Ano 1976

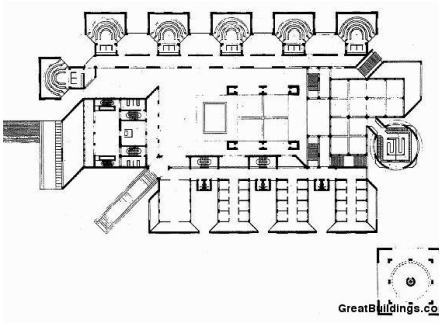
Fonte: archdaily.com/83697/ad-classics-indian-institute-of-management-louis-kahn











SOSEIKAN-YAMAGUCHI HOUSE

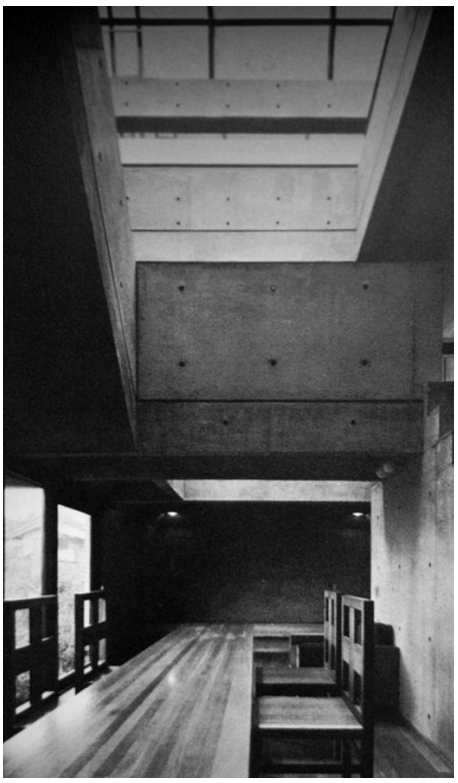
TADAO ANDO

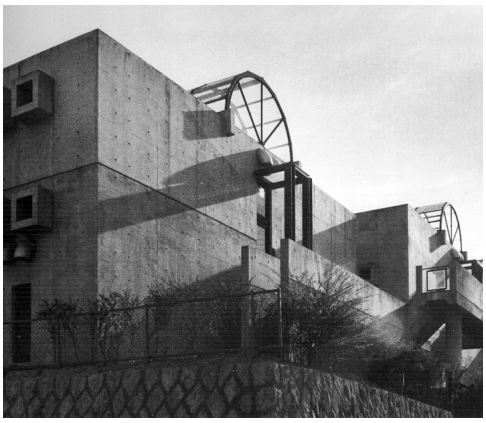
Localização Hyogo, Japão

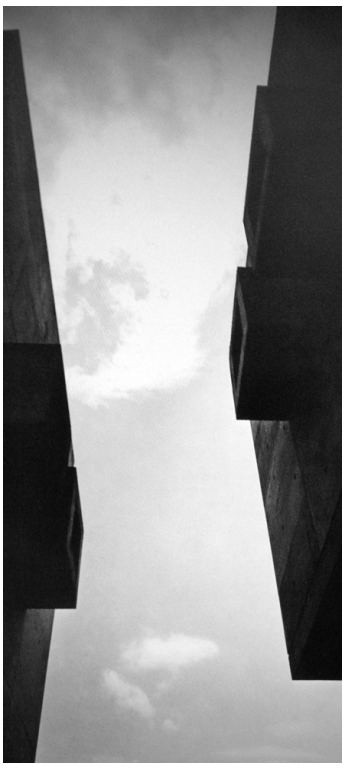
Ano 1975-1976

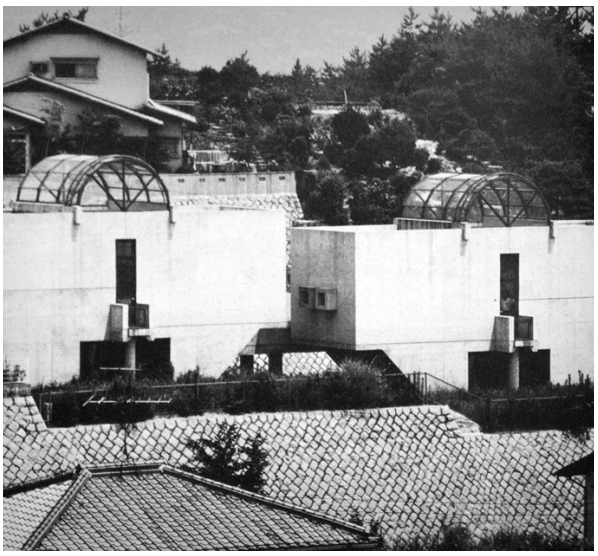
Fonte: ofhouses.tumblr.com/post/153764761750/373-tadao-ando-soseikan-yamaguchi-house

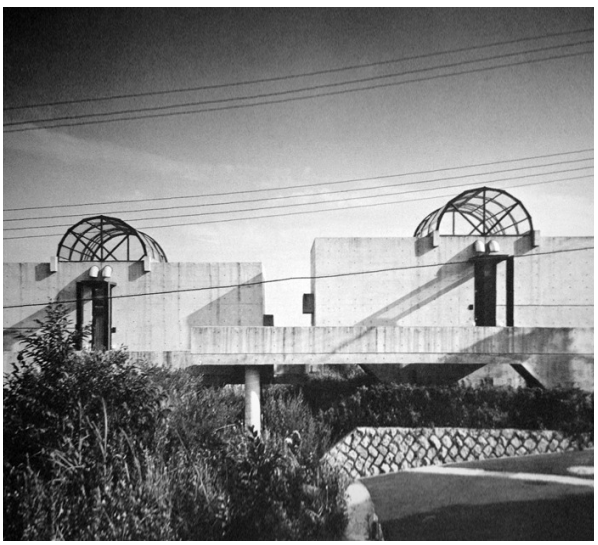




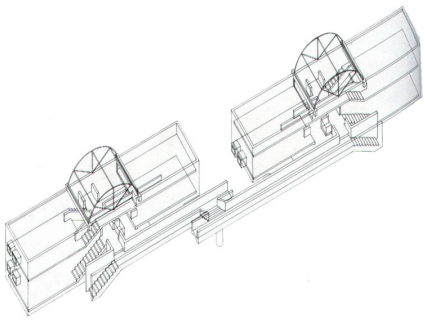


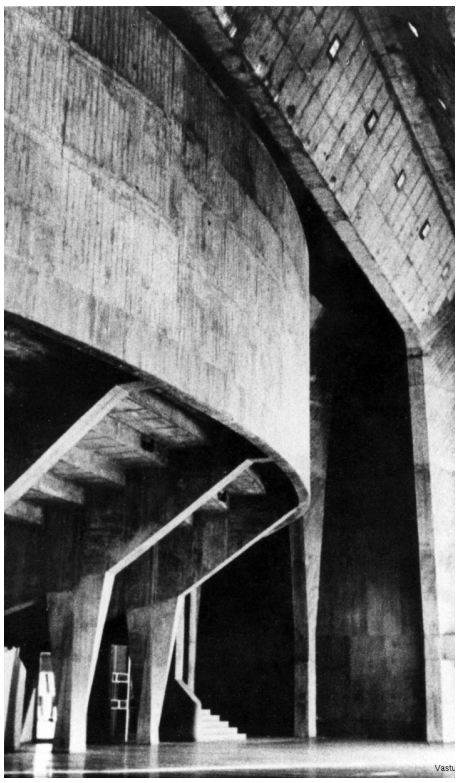
















TAGORE HALL

BALKRISHNA DOSHI

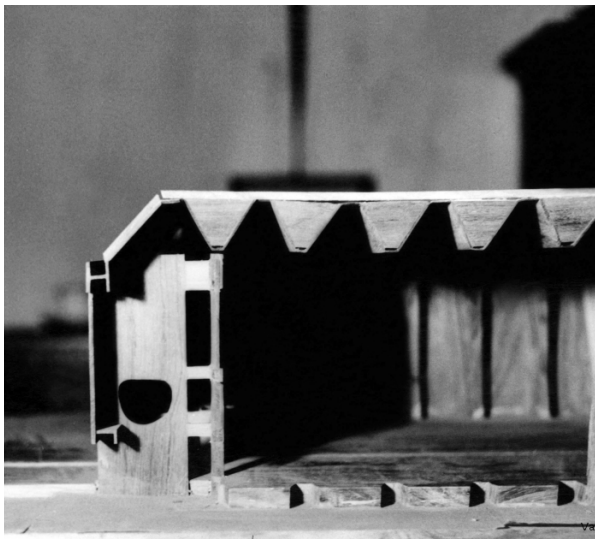
Localização Ahmedabad, Índia

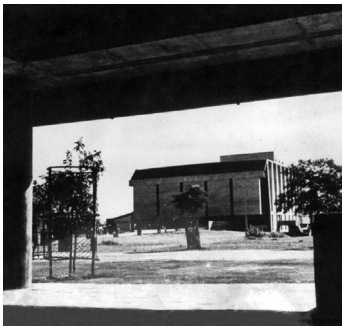
Ano 1967

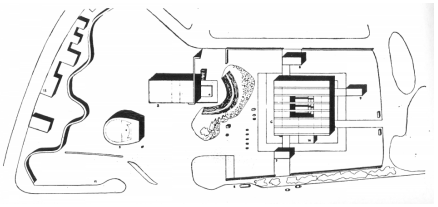
Fonte: architexturez.net/doc/az-cf-168251











ARQUIPÉLAGO CENTRO DE ARTES CONTEMPORÂNEAS
JOÃO MENDES RIBEIRO E CRISTINA GUEDES

Localização Açores, Portugal

Ano 2014

Fonte: archdaily.com/597622/arquipelago-nil-contemporary-arts-centre-menos-e-mais-arquitectos-joao-mendes-ribeiro-arquitecto























BRION TOMB AND SANCTUARY

CARLO SCARPA

Localização Treviso, Itália

Ano 1968-1977

Fonte: architectours.it/brion-tomb-sanctuary/









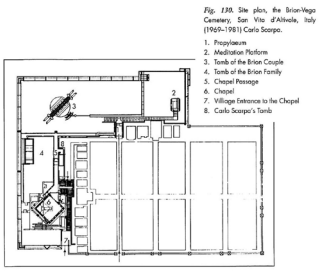
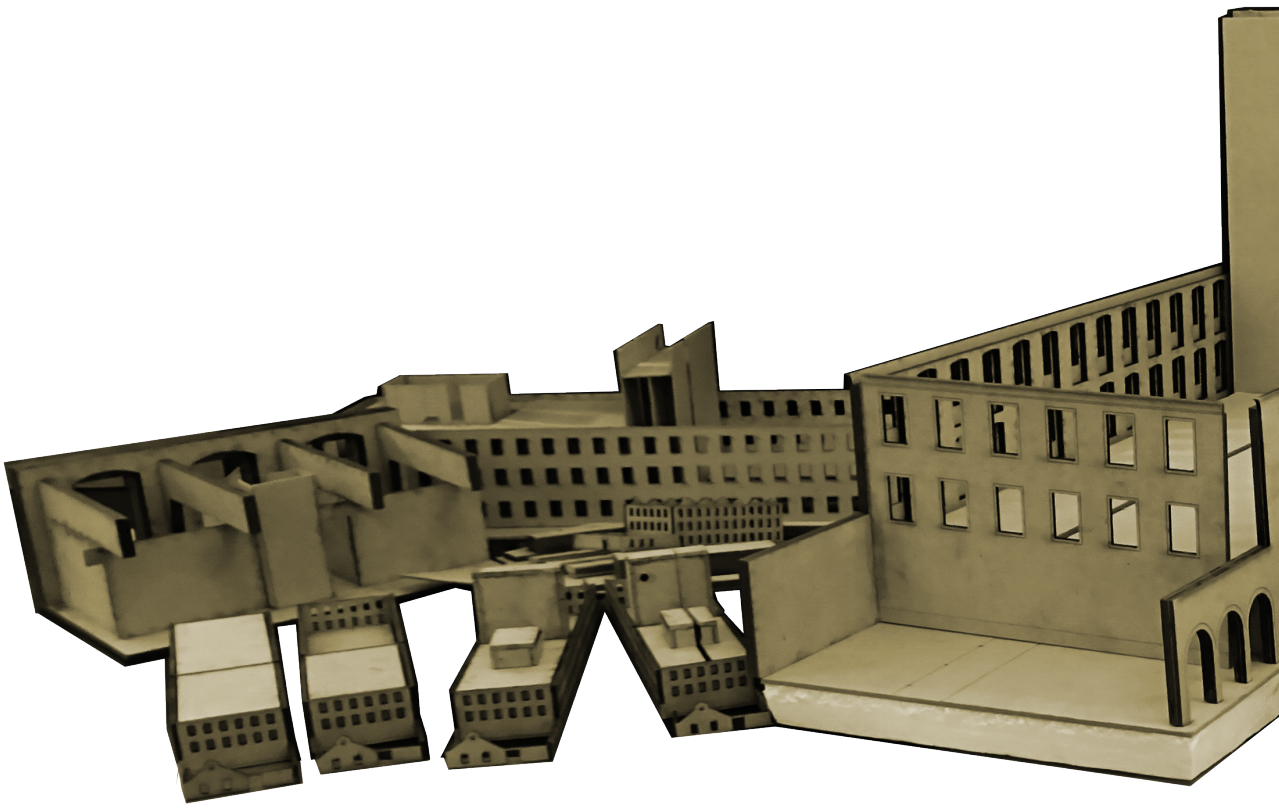
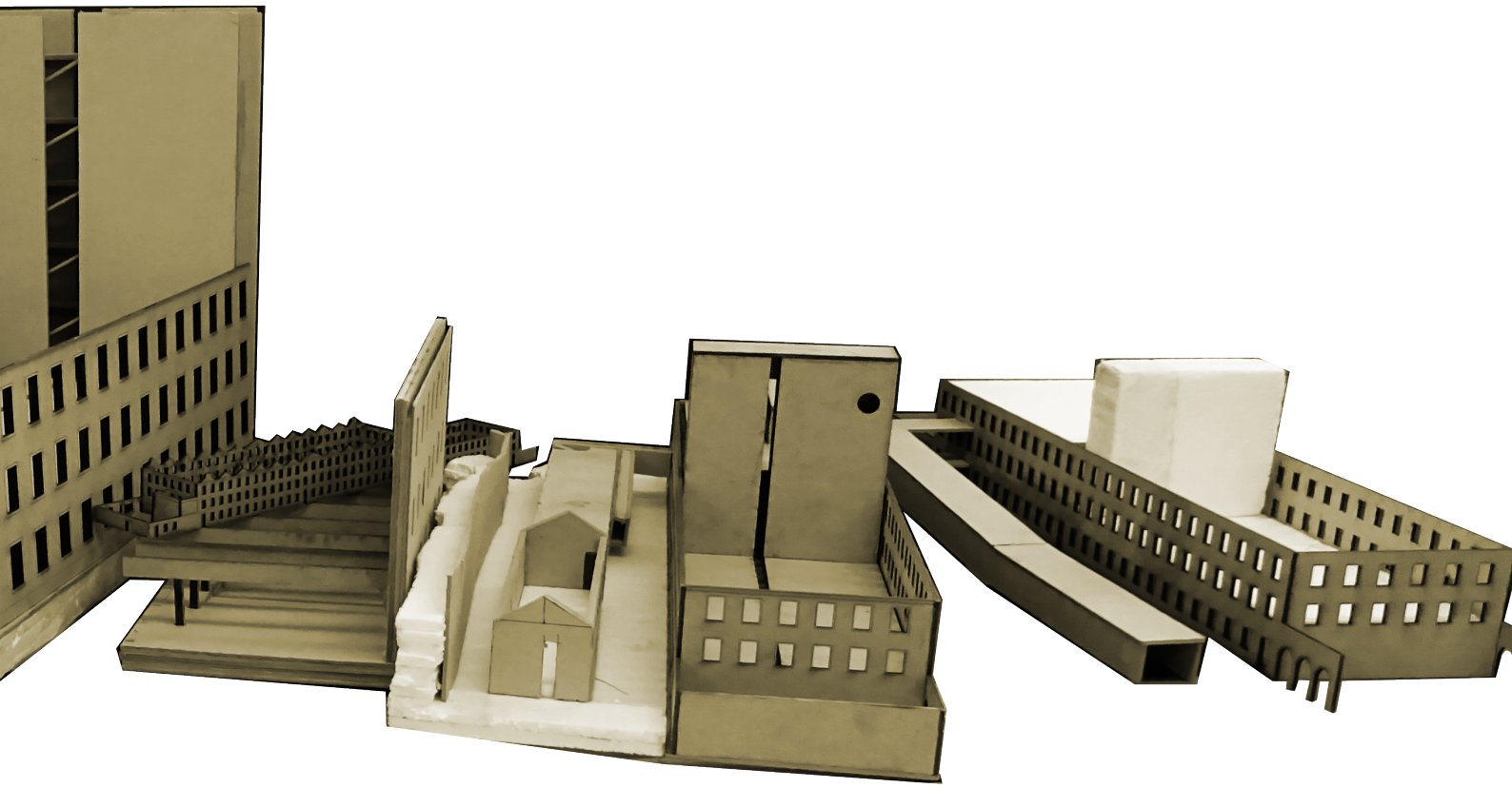


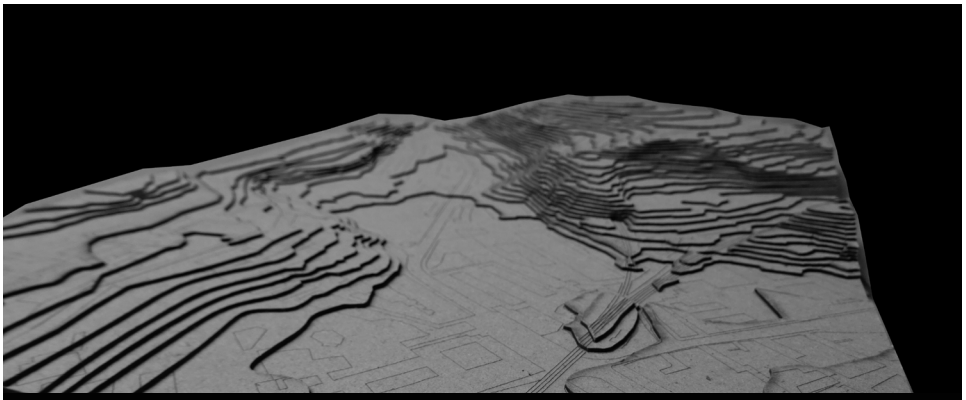
Fig. 130. Site plan, the Brion-Vega Cemetery, San Vito d'Altivole, Italy (1969–1981) Carlo Scarpa.

1. Propylaeum
2. Meditation Platform
3. Tomb of the Brion Couple
4. Tomb of the Brion Family
5. Chapel Passage
6. Chapel
7. Village Entrance to the Chapel
8. Carlo Scarpa's Tomb

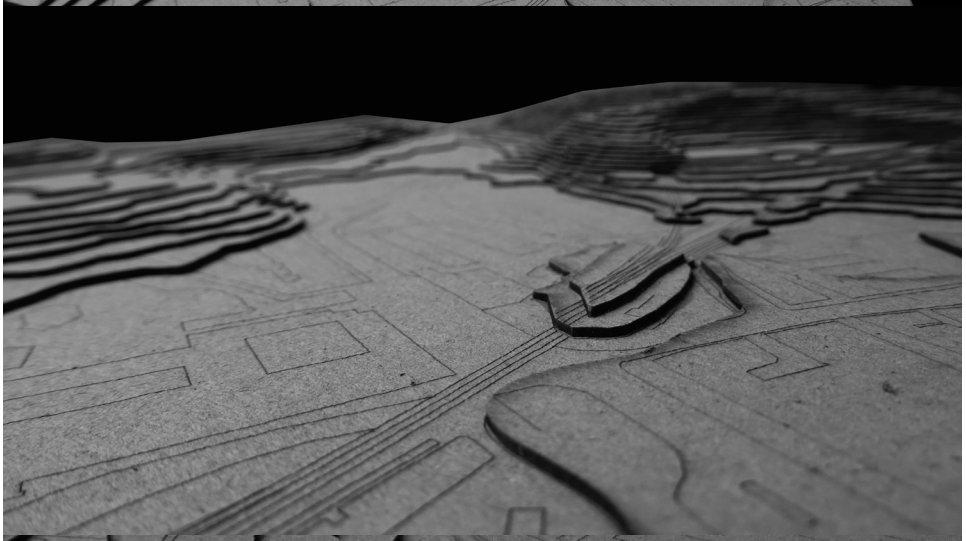


FOTOGRAFIAS DAS MAQUETES





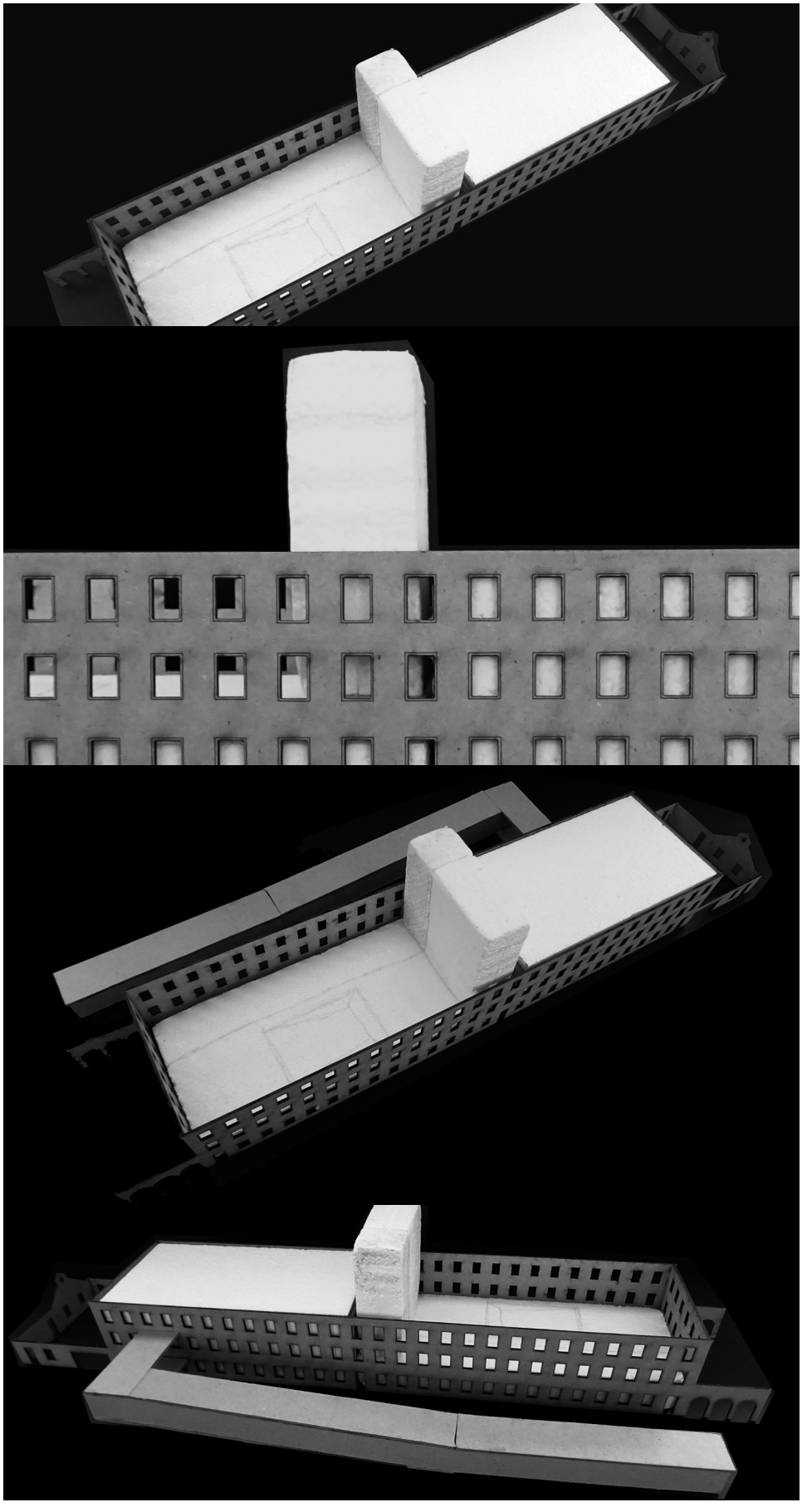
Maquete do existente do Vale de Chelas. Escala 1/2000

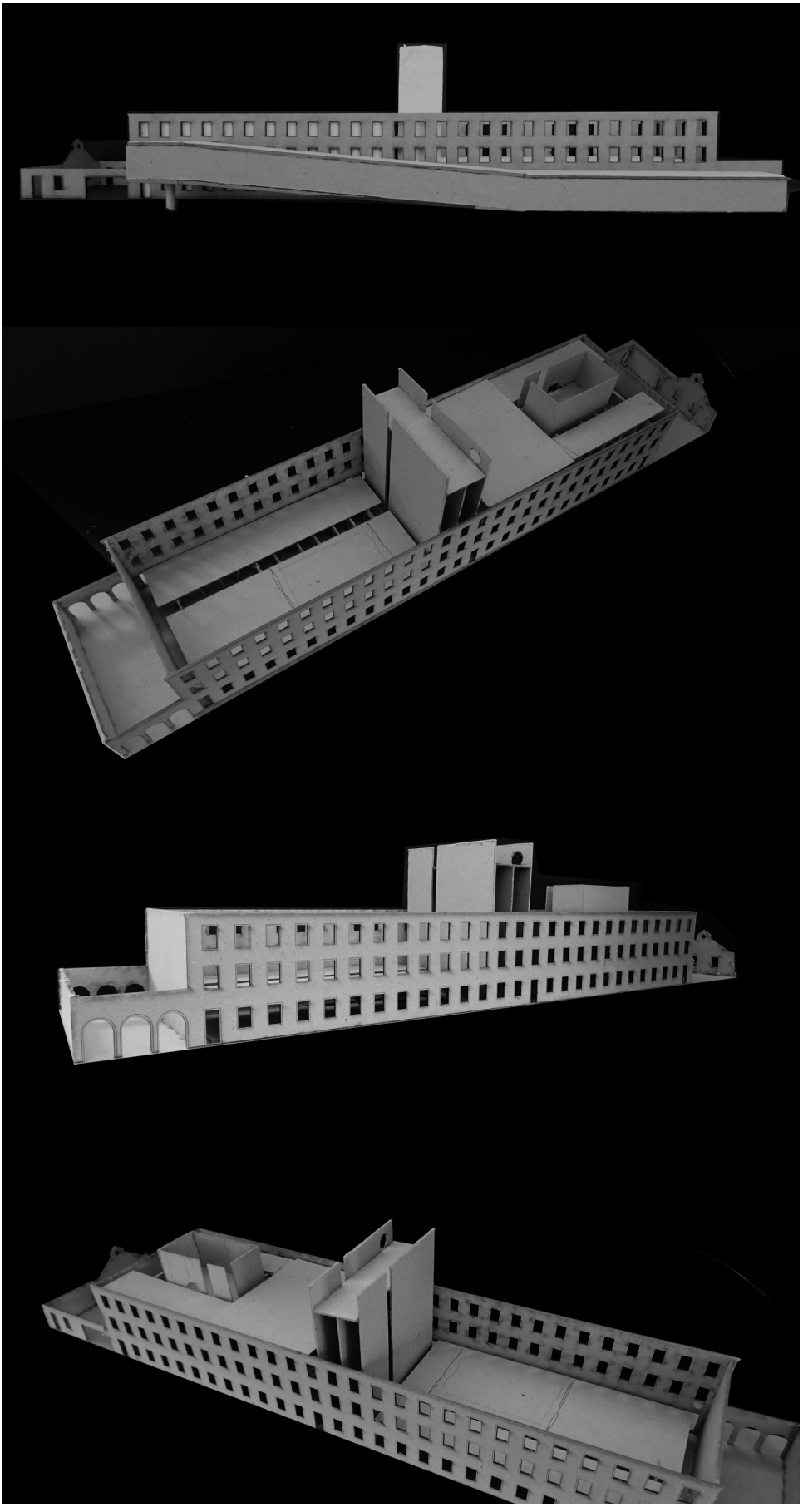




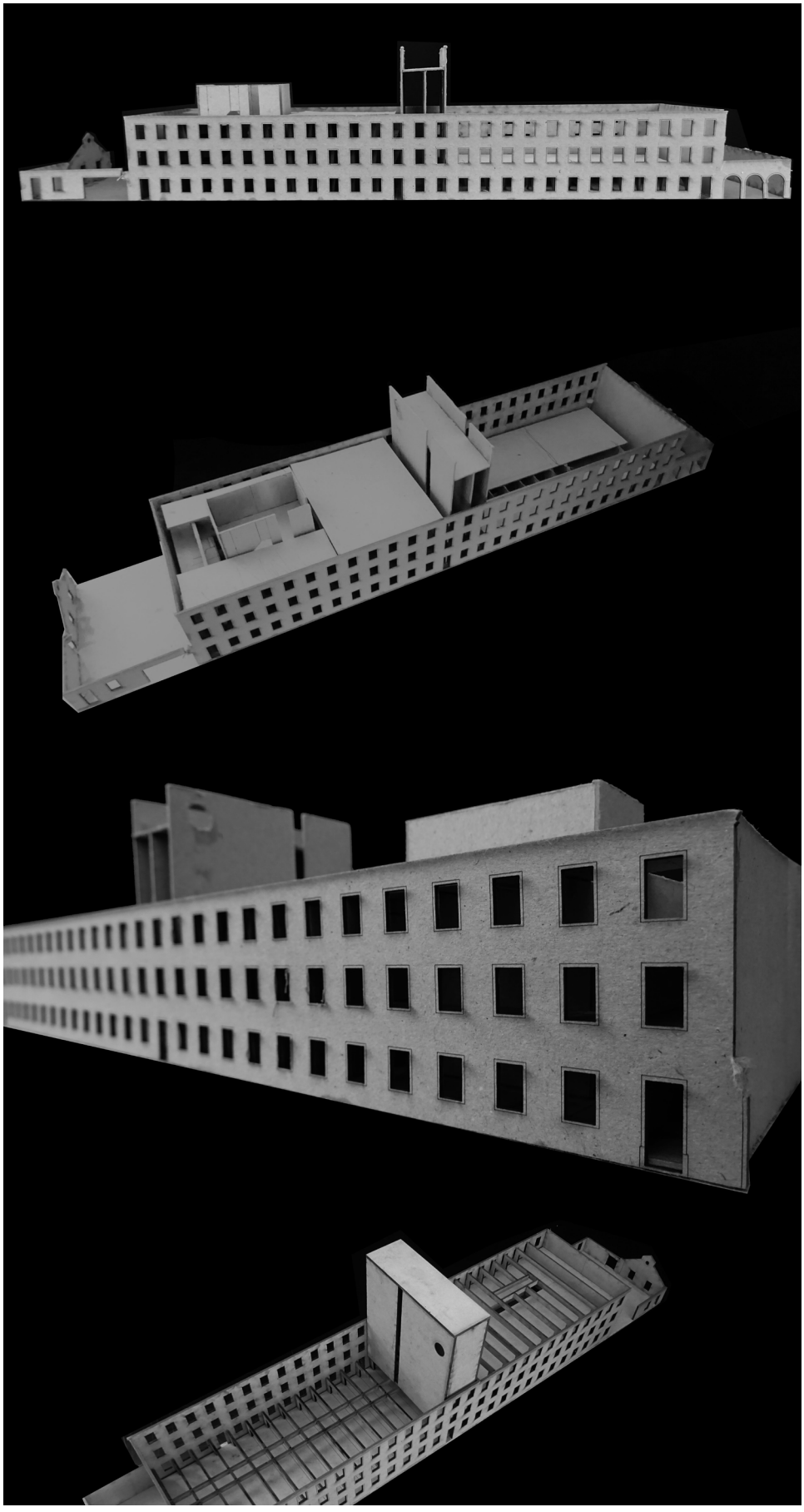


Maquete de estudo da volumetria. Escala 1/200

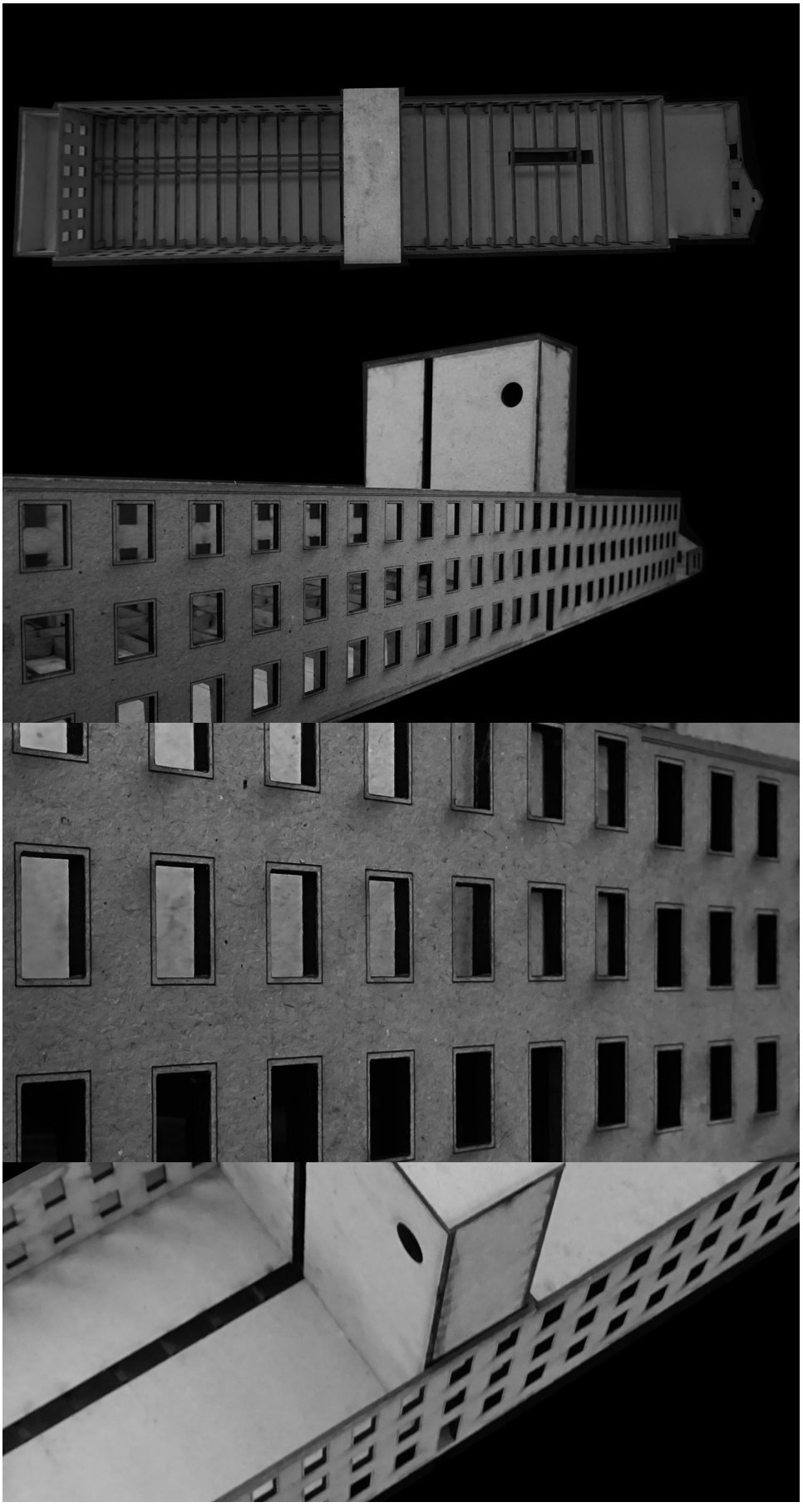




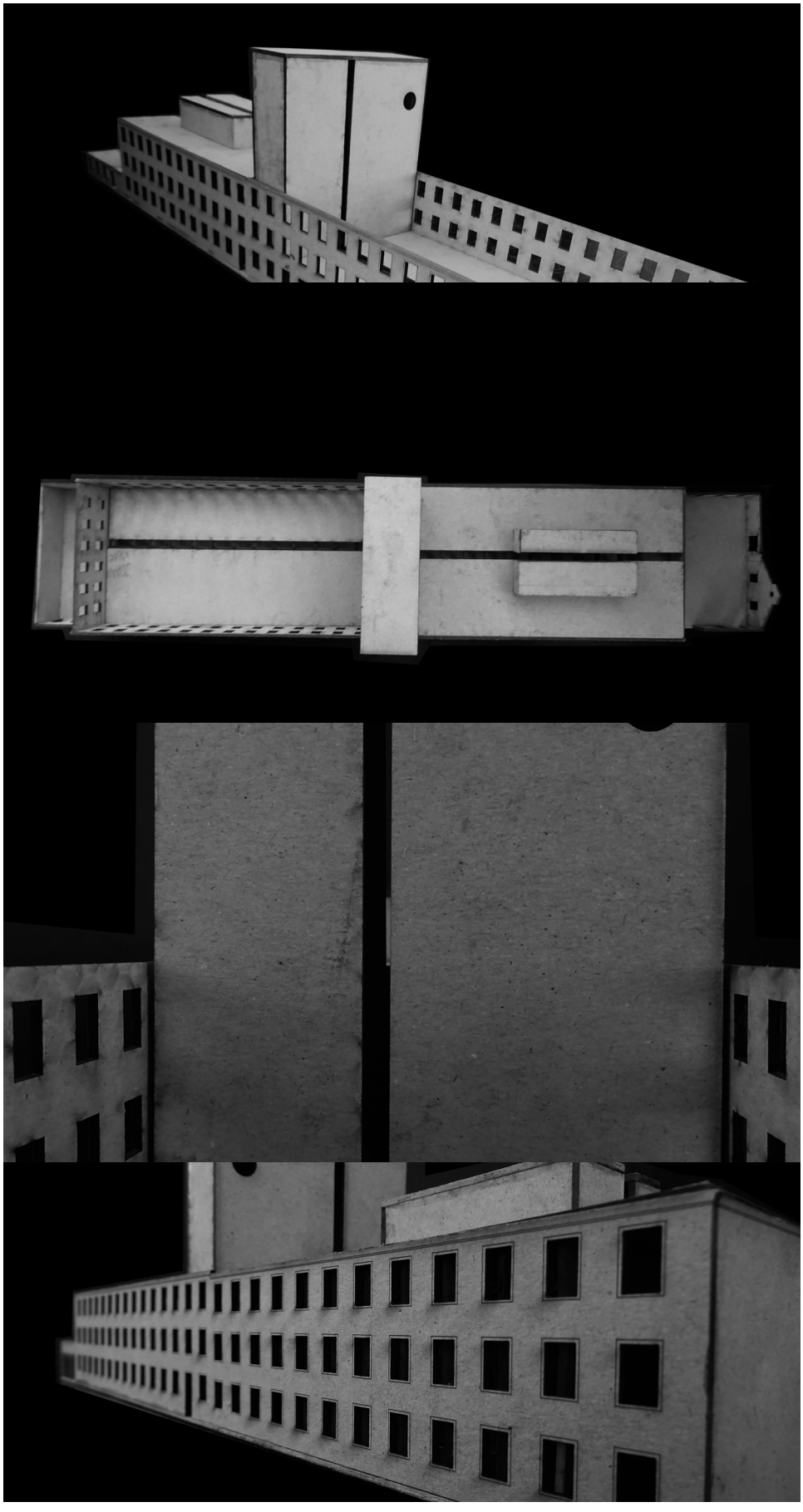
Maquete de estudo da proposta, escala 1/200

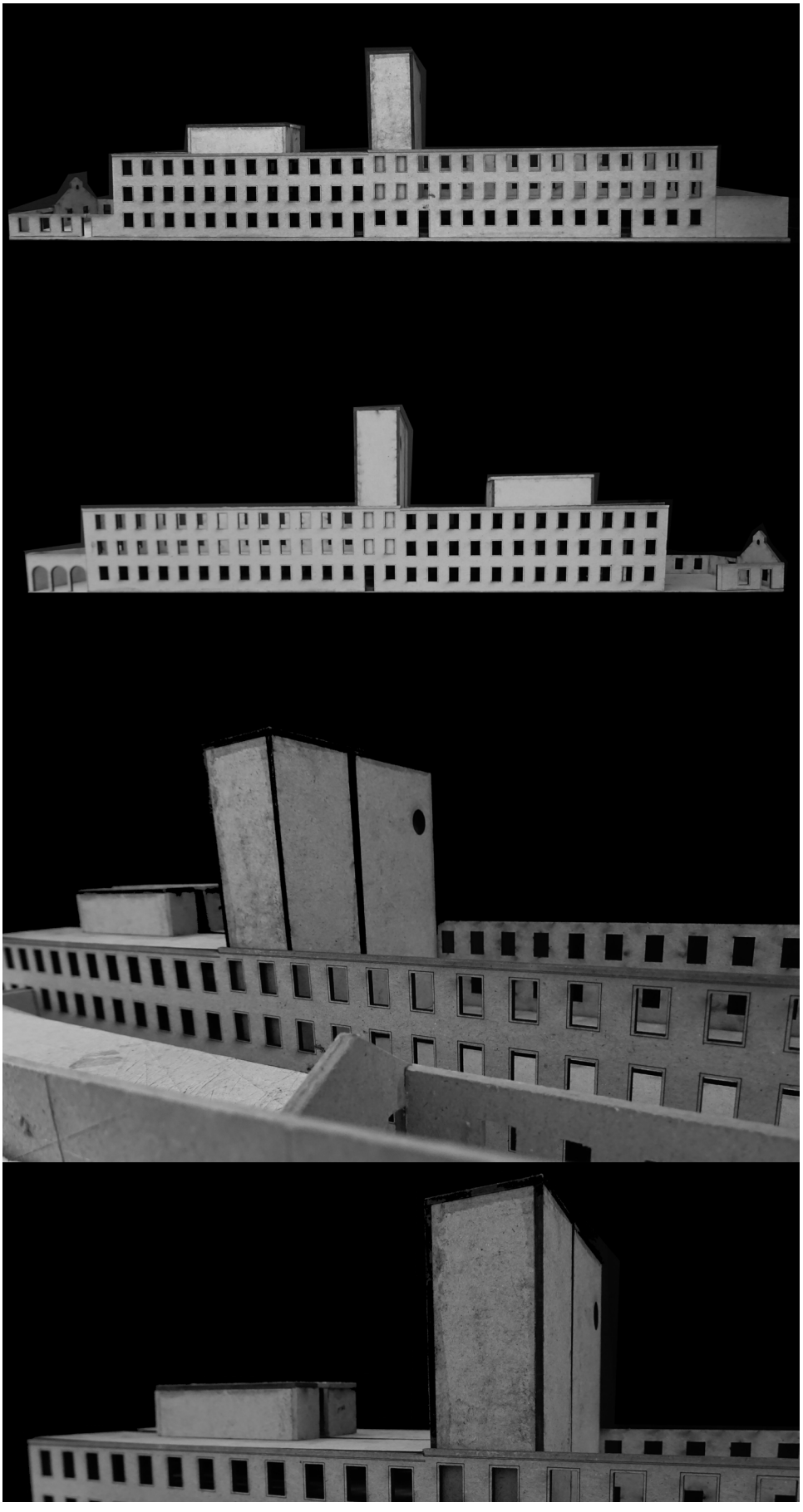


Maquete de estudo da estrutura, escala 1/200



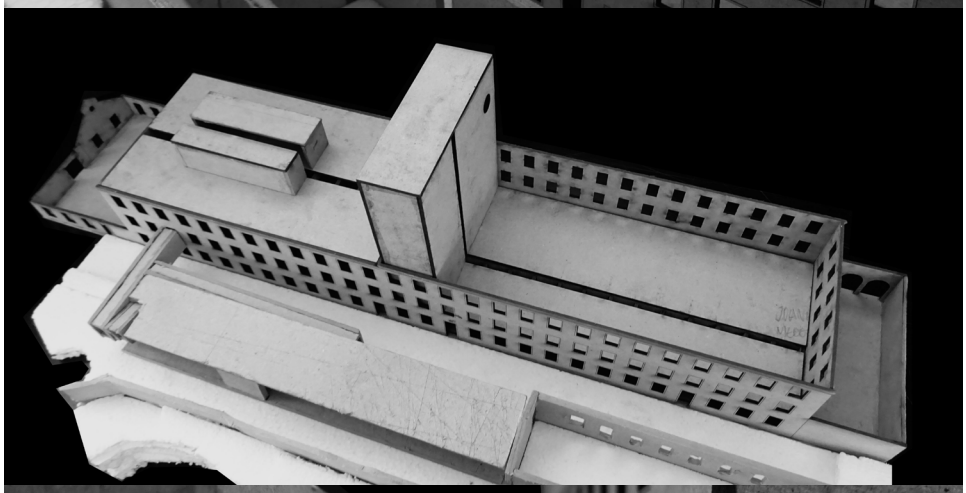
Maquete de relação torre/terraço, escala 1/200





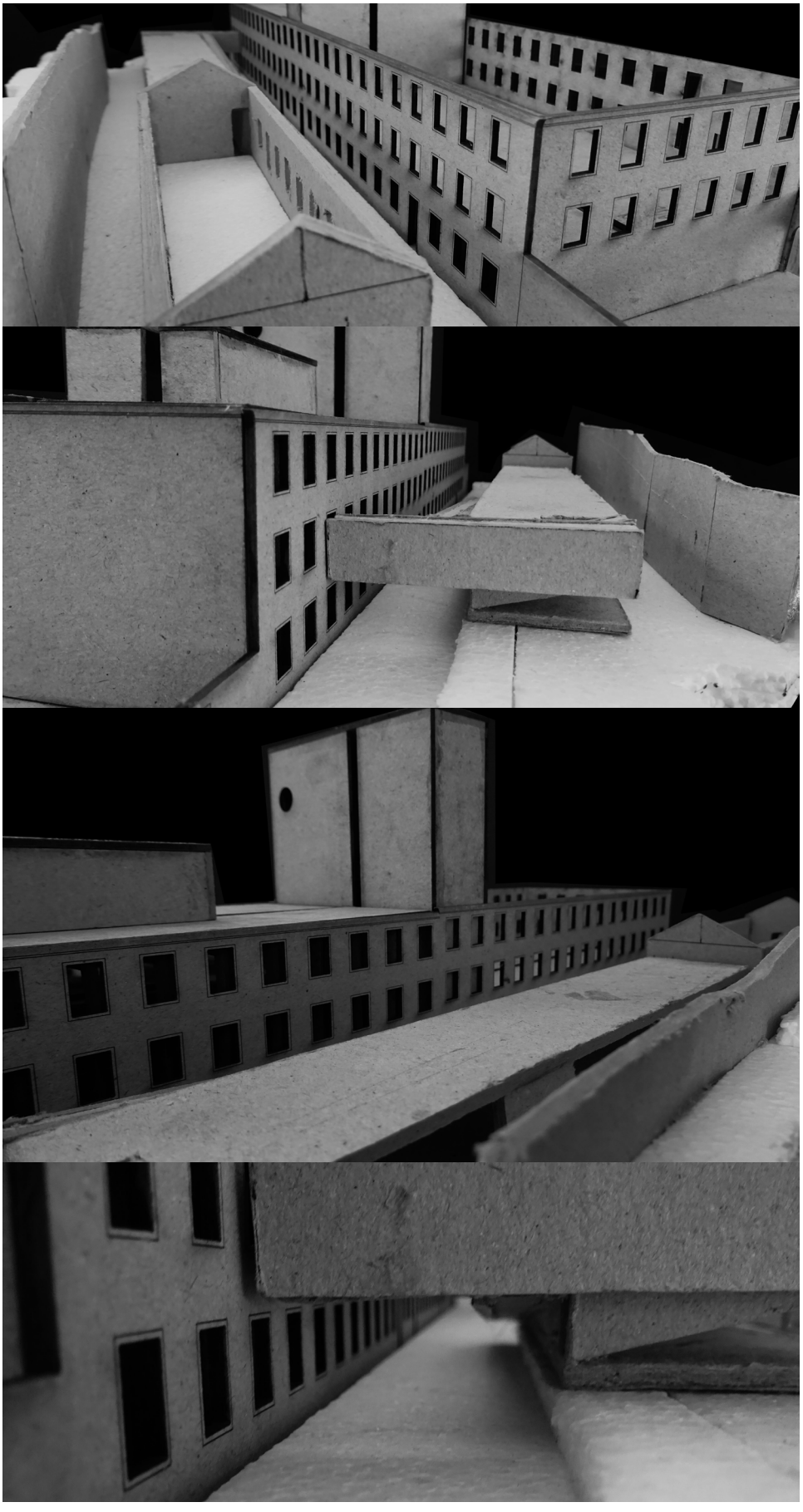
Maquete de estudo do toque da "manga", escala 1/200

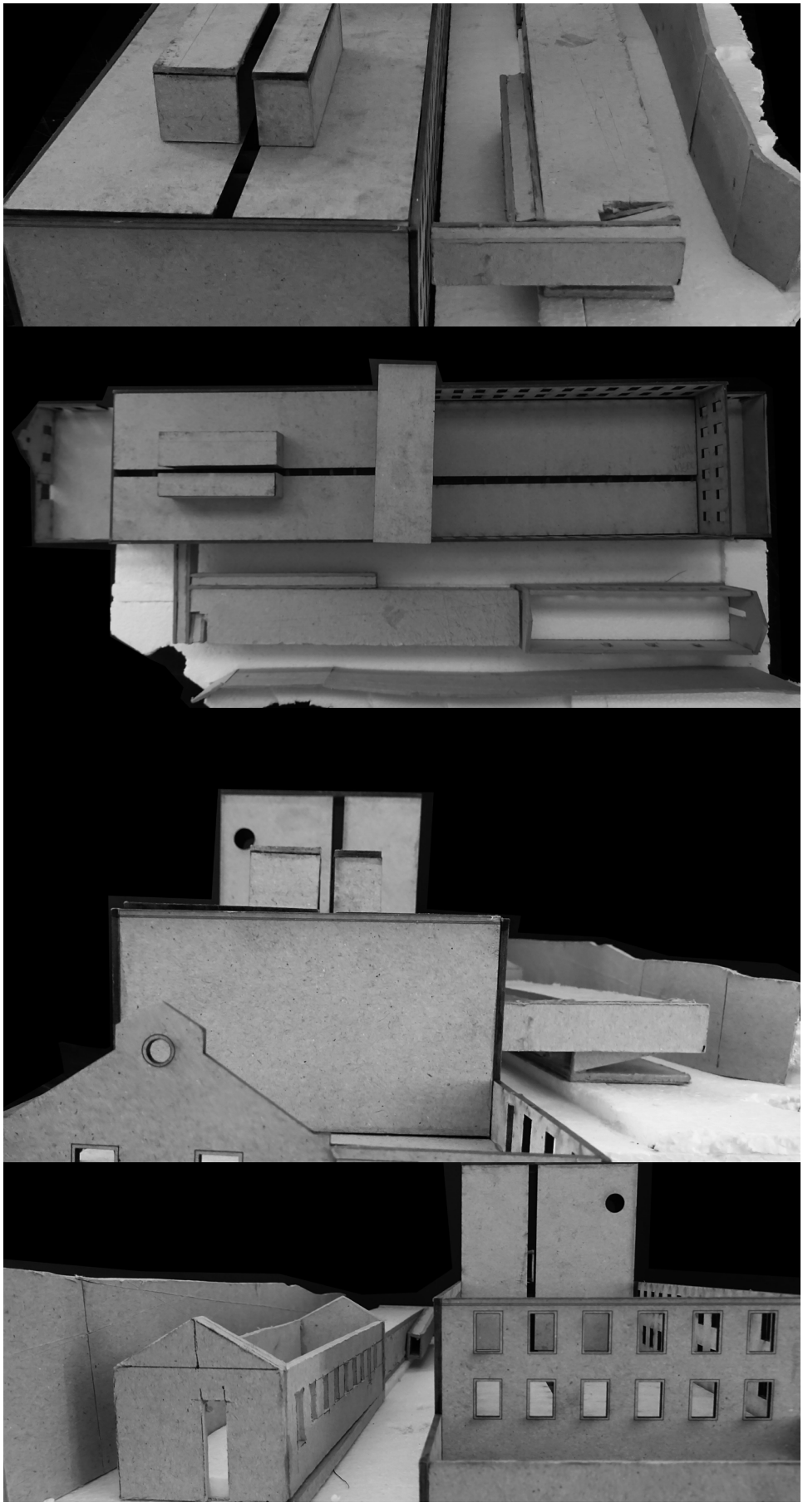


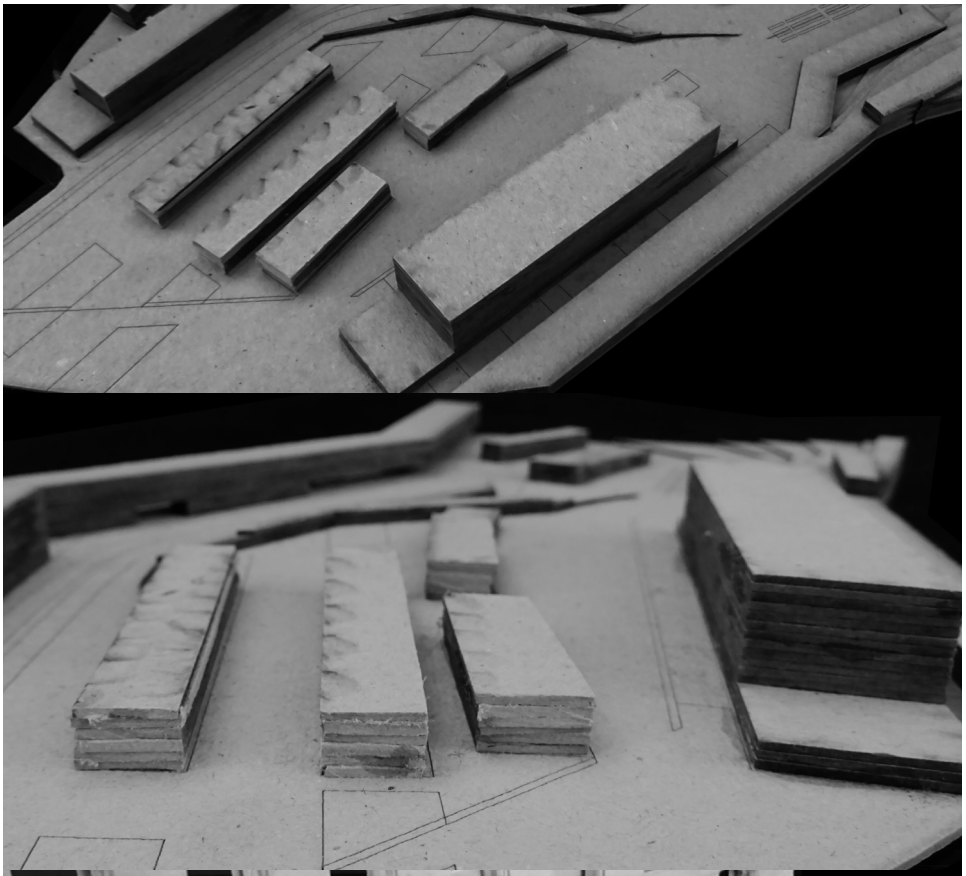












Maquete de estudo volumetrico da praça, escala 1/500



Maquete de estudo do auditório, escala 1/100



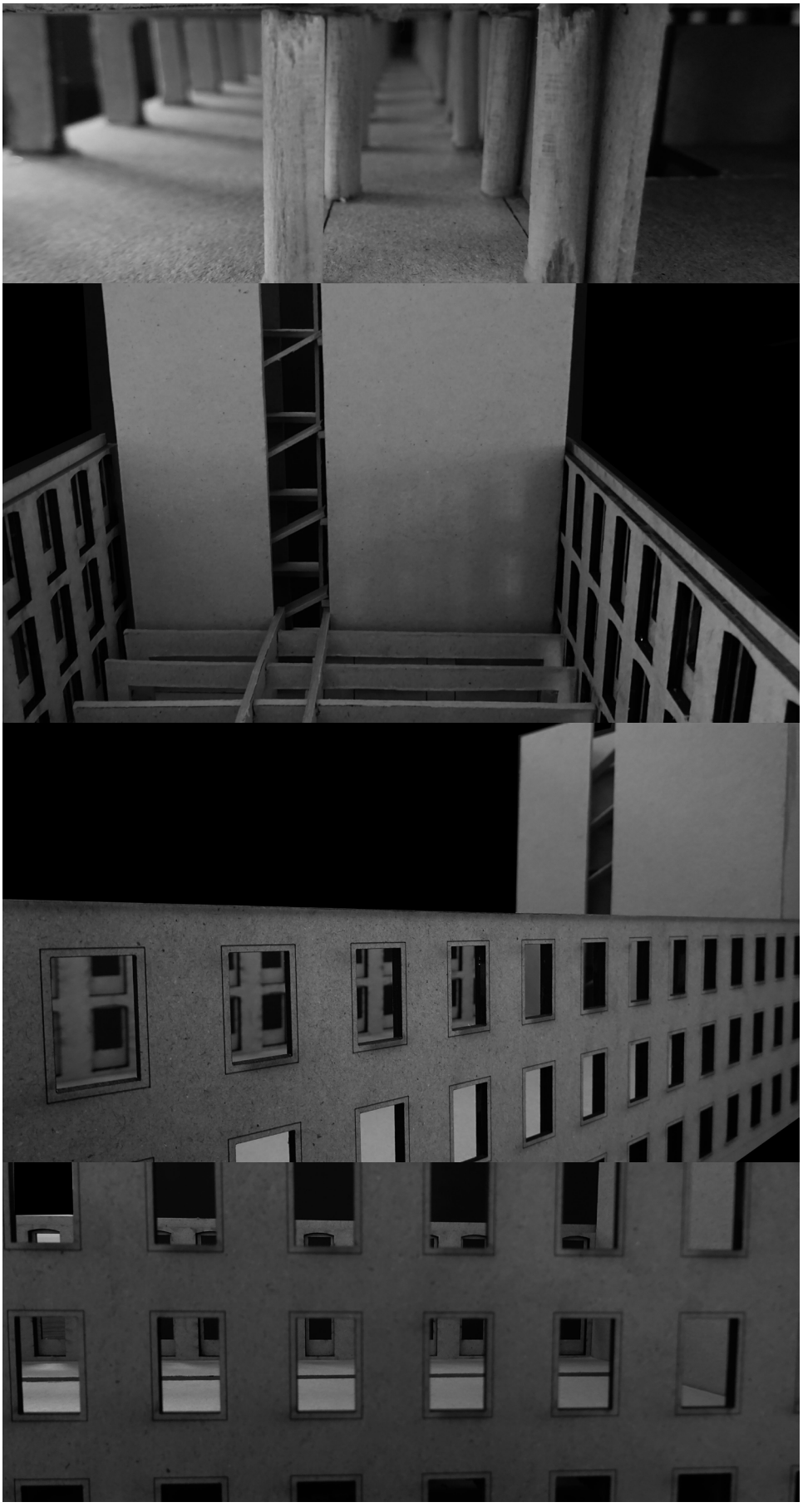


Maquete de estudo da torre, escala 1/100





Maquete de estudo do corpo Norte, escala 1/100

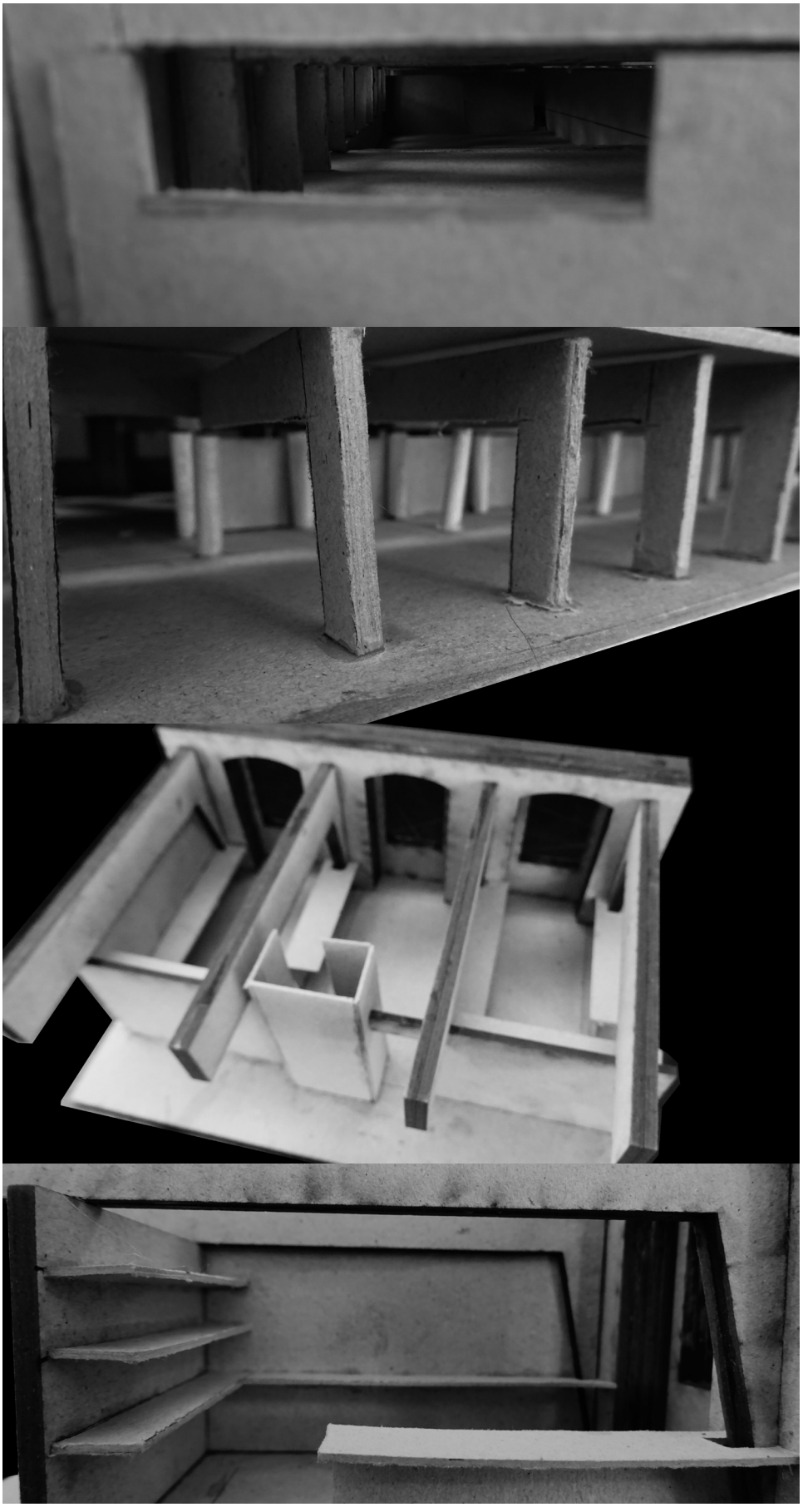






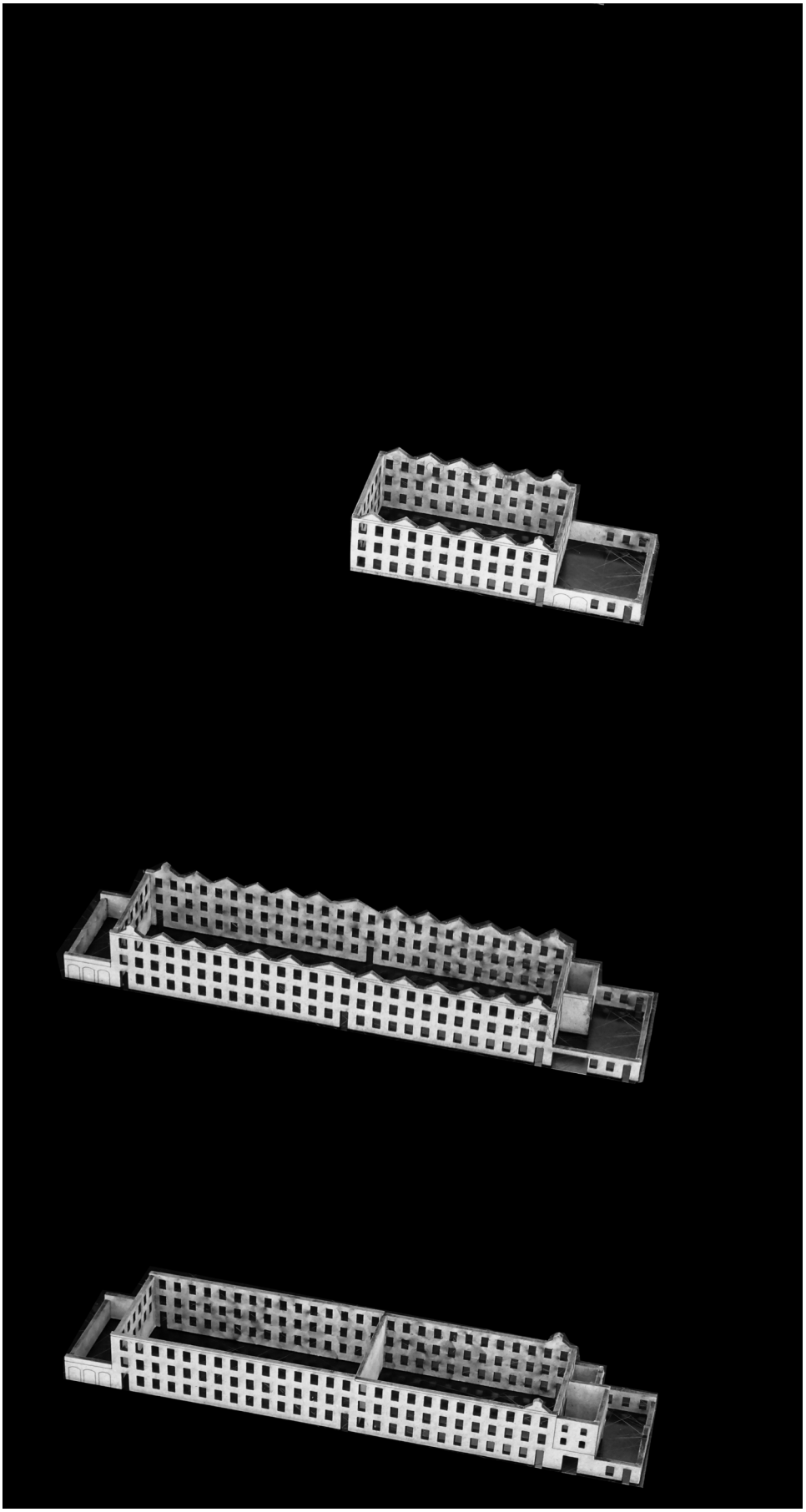




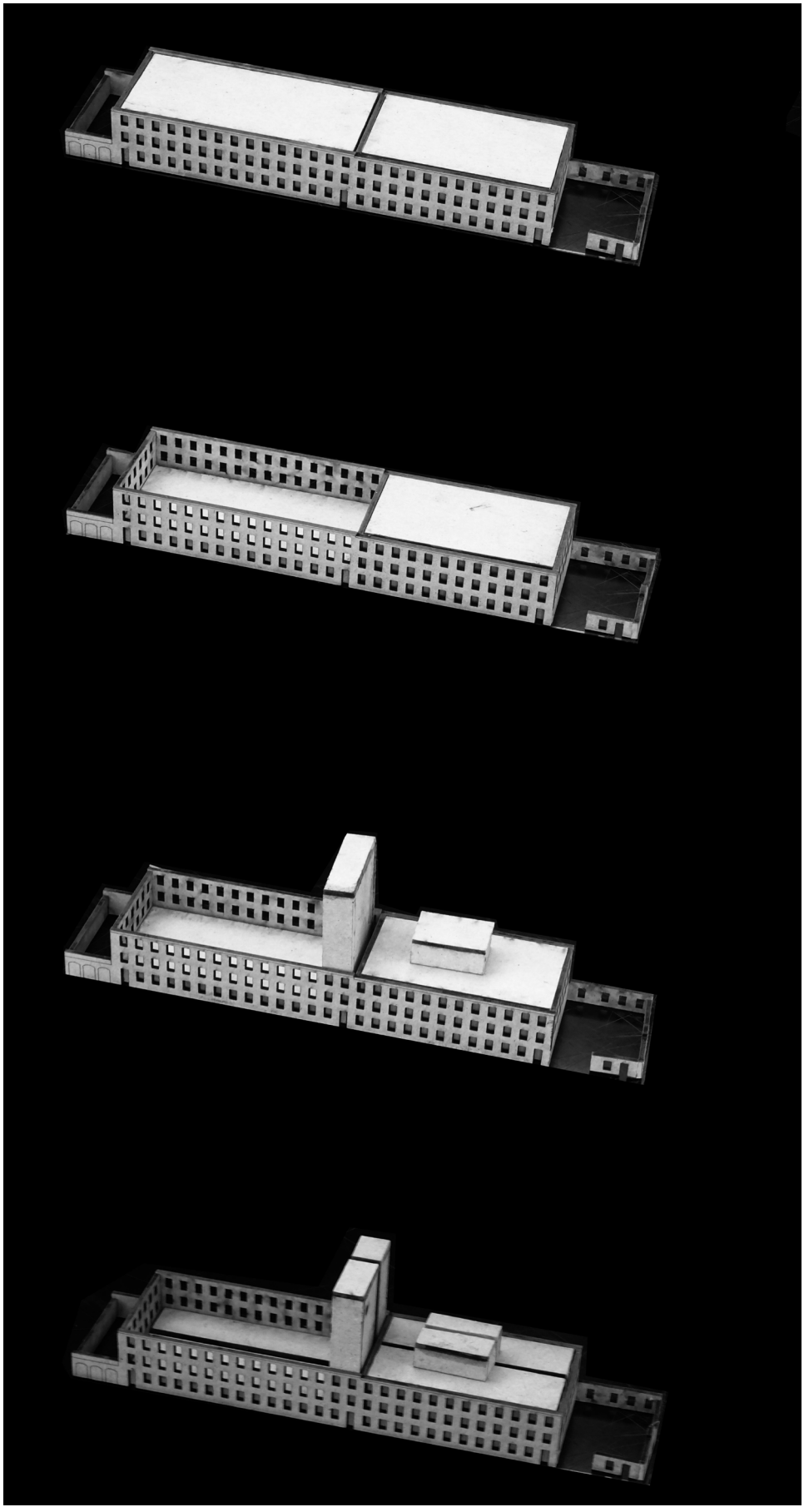


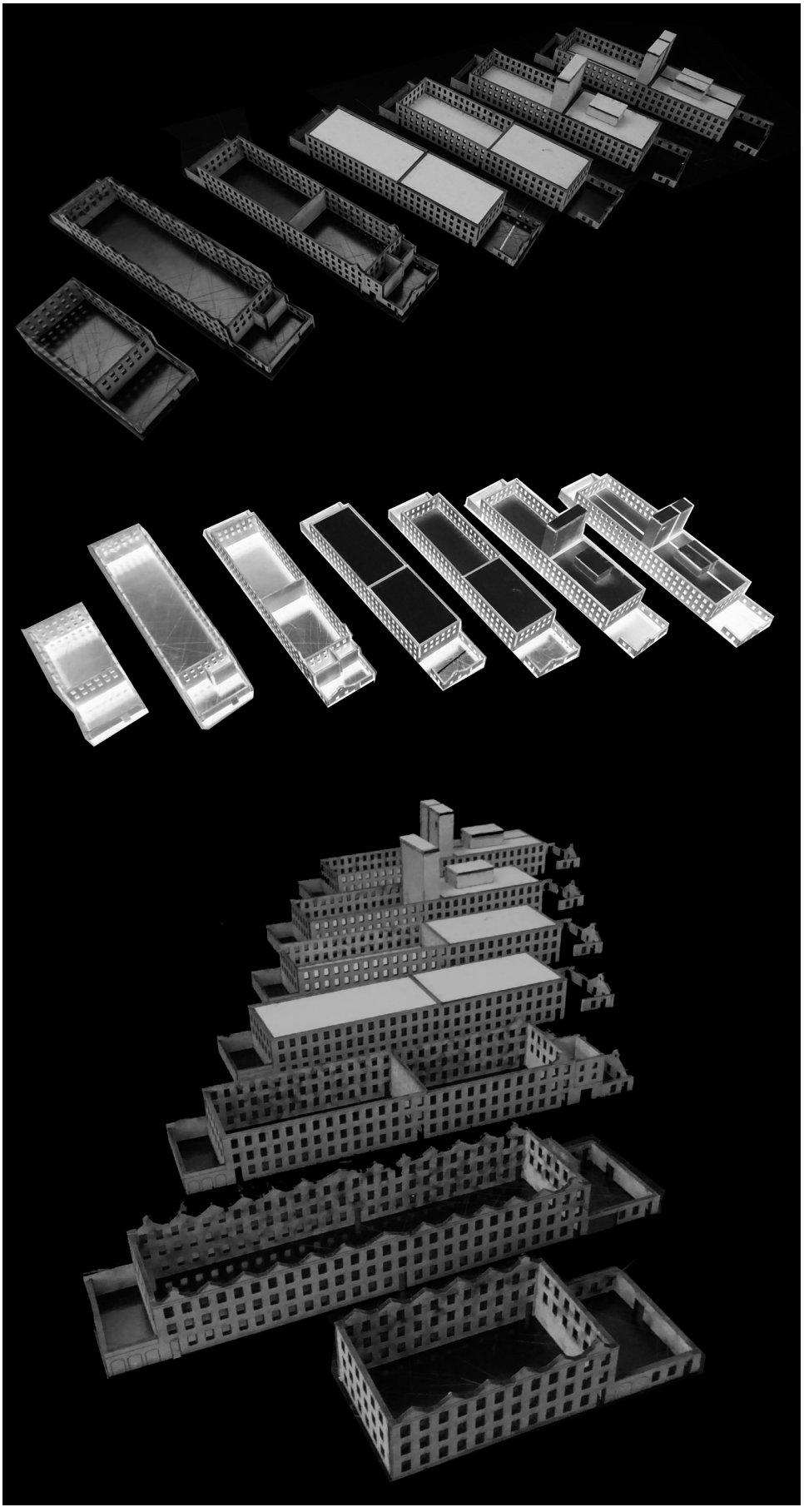
Maquete de estudo do atelier, escala 1/50

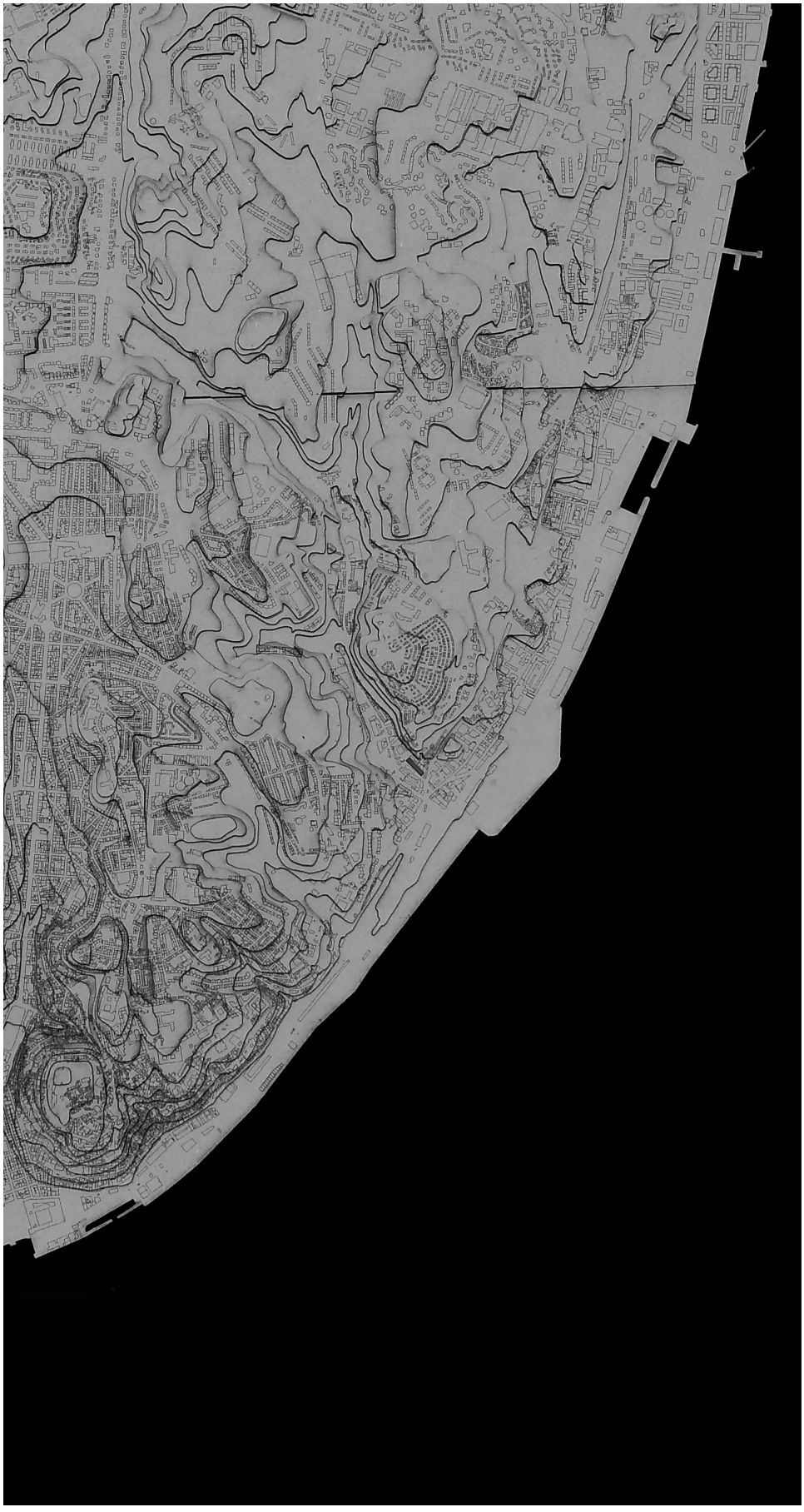




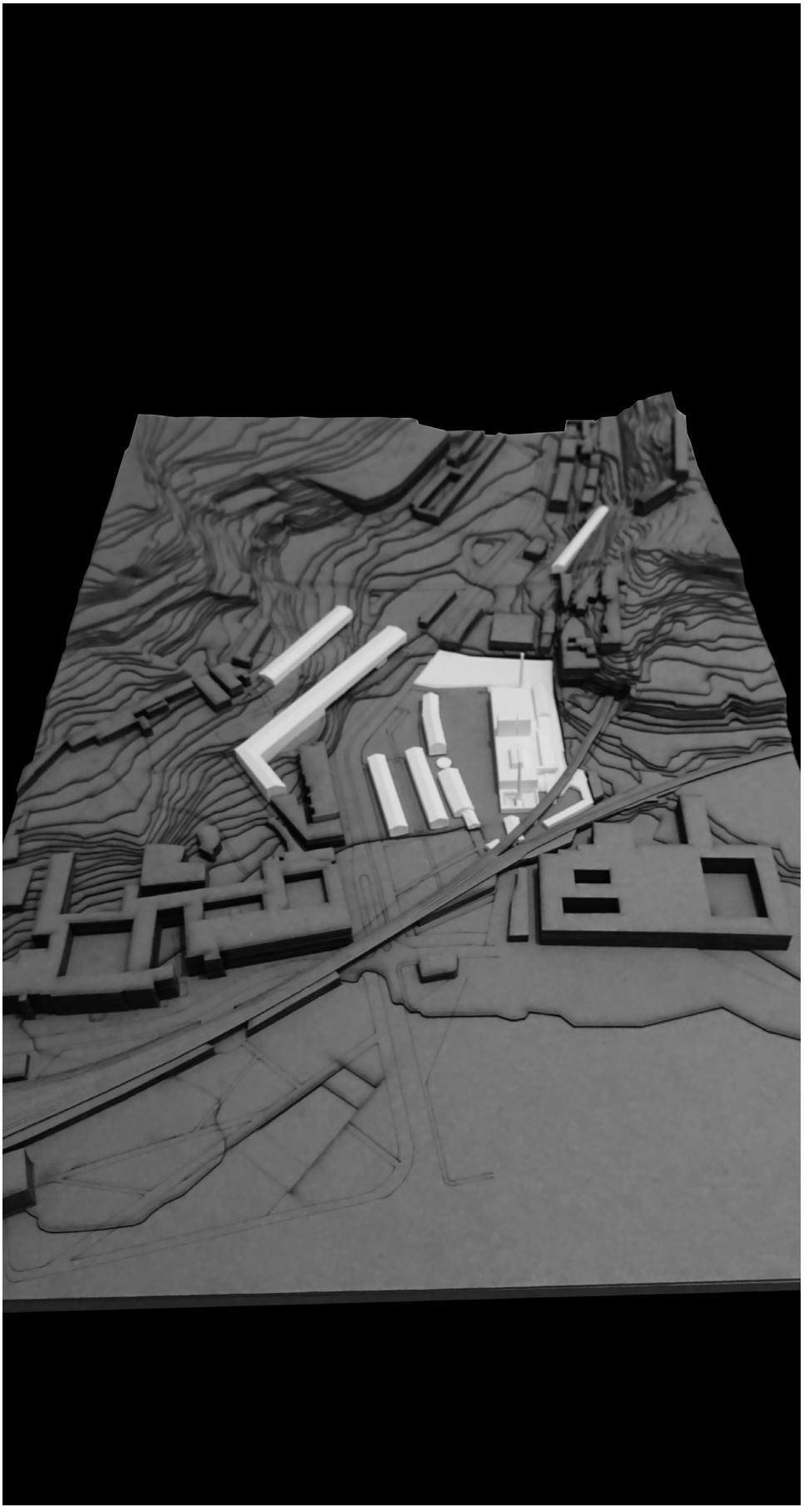
Maquete de evolução da Fábrica vs volume, escala 1/500



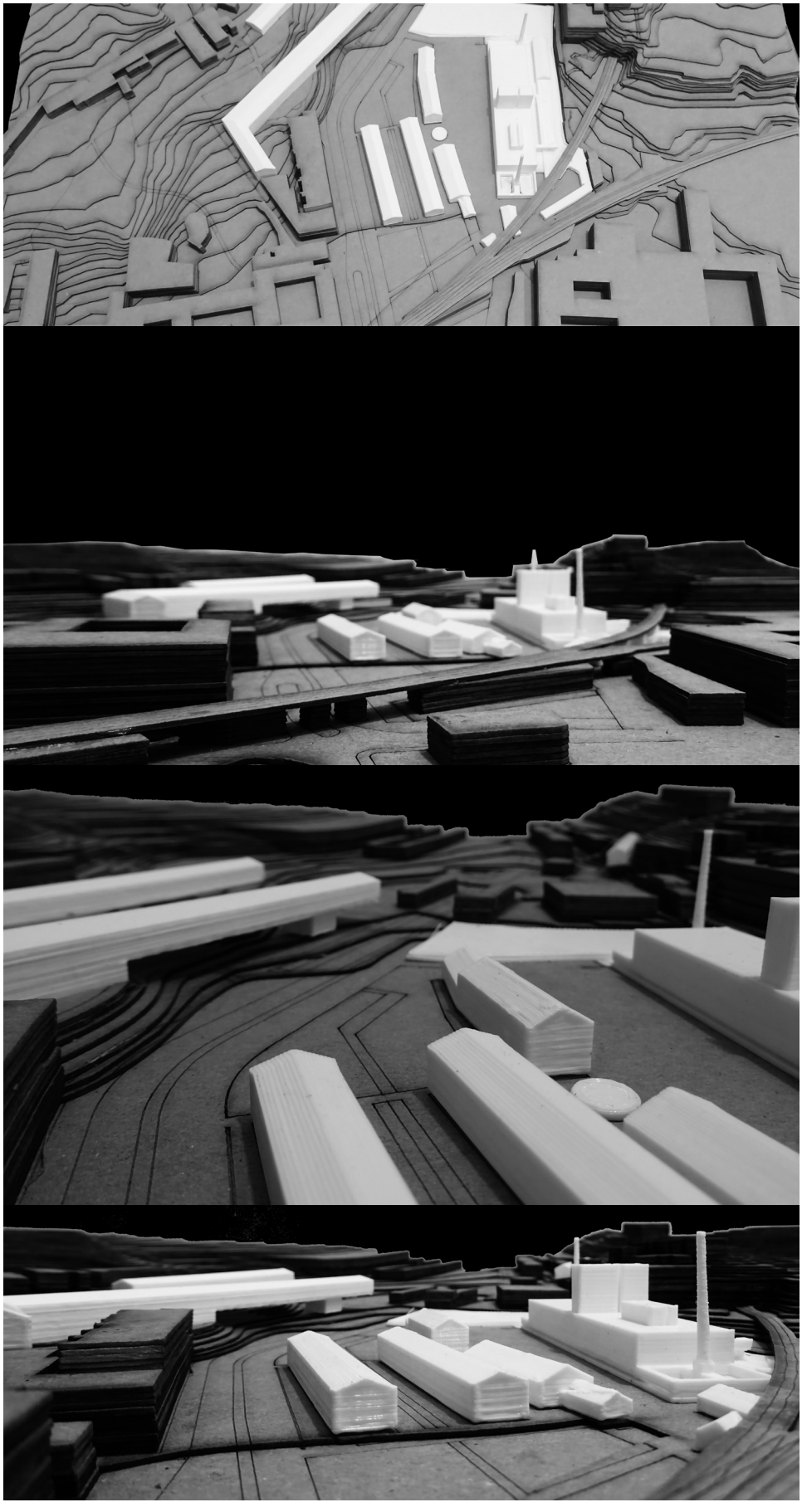


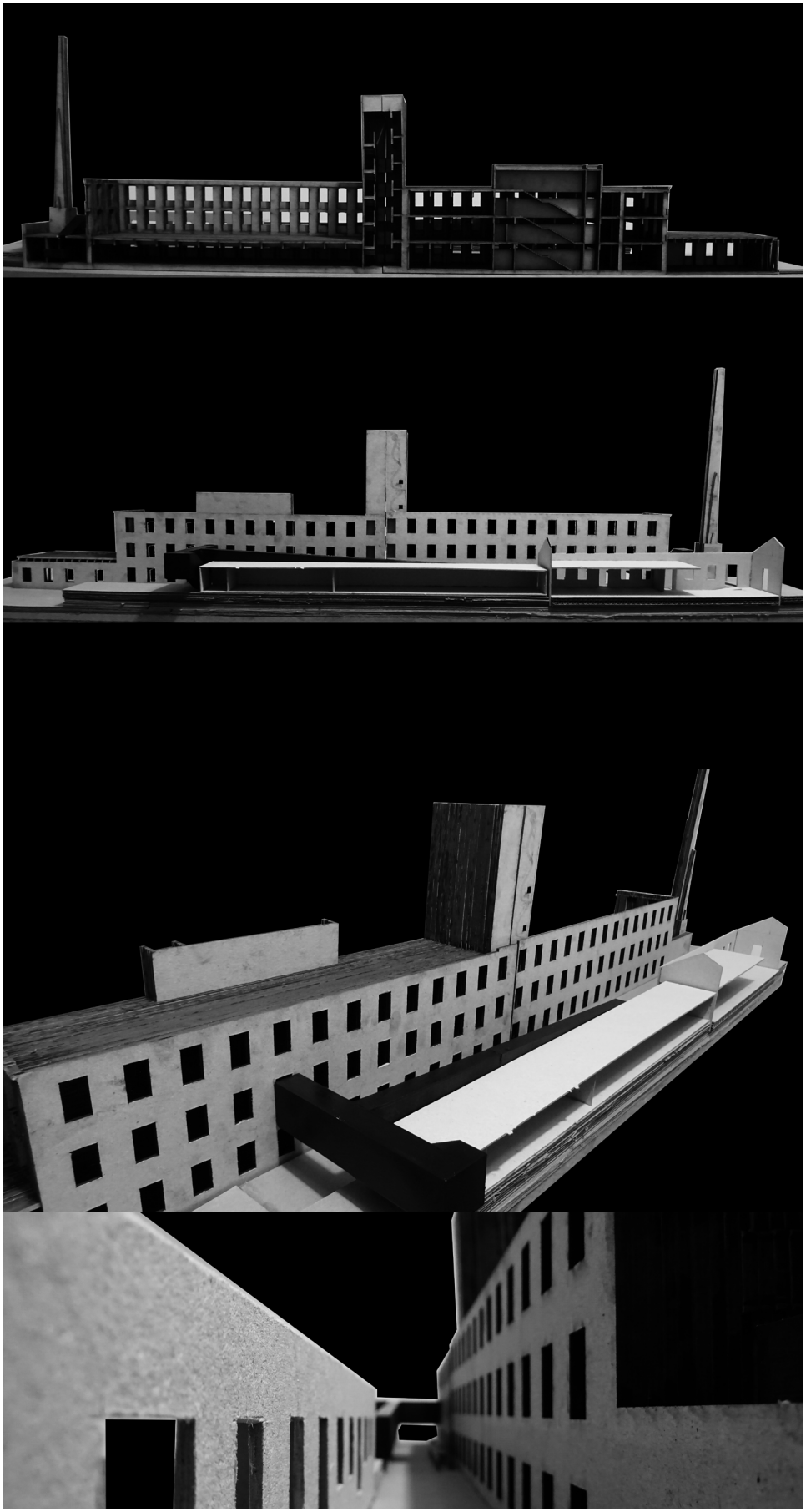


Maquete da cidade de Lisboa com identificação da Fábrica, escala 1/20000

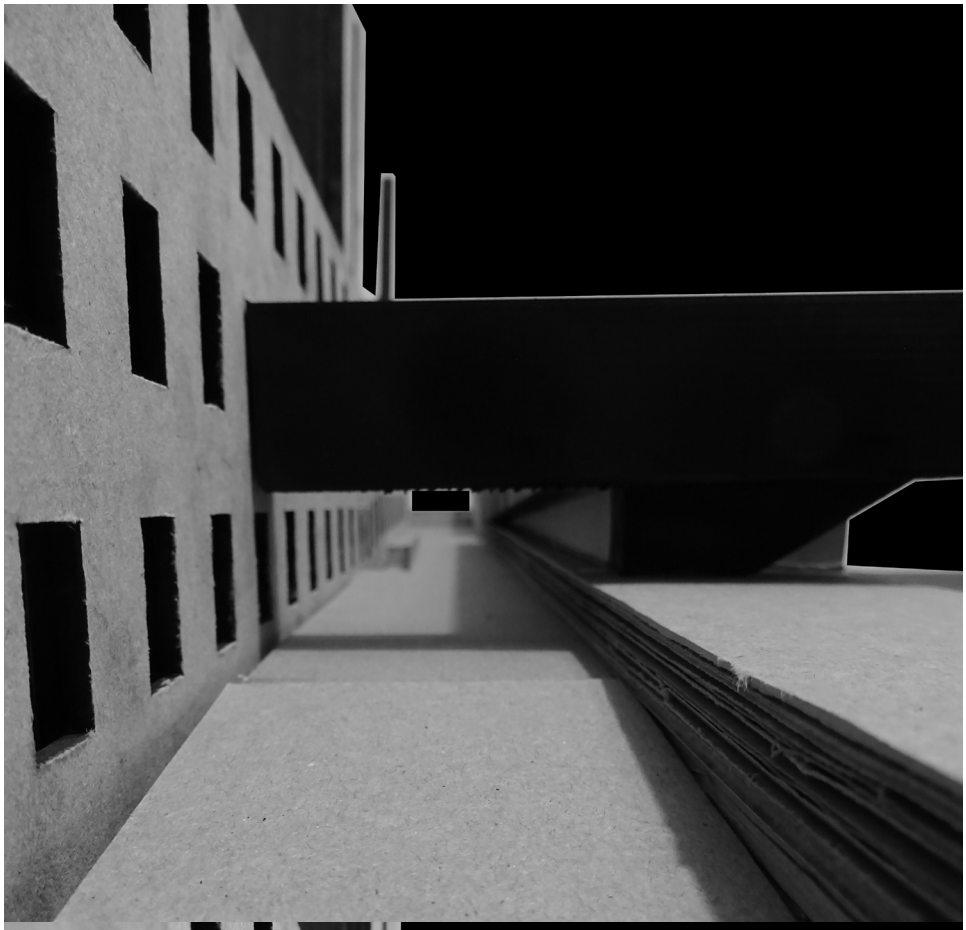


Maquete do plano urbano, escala 1/100

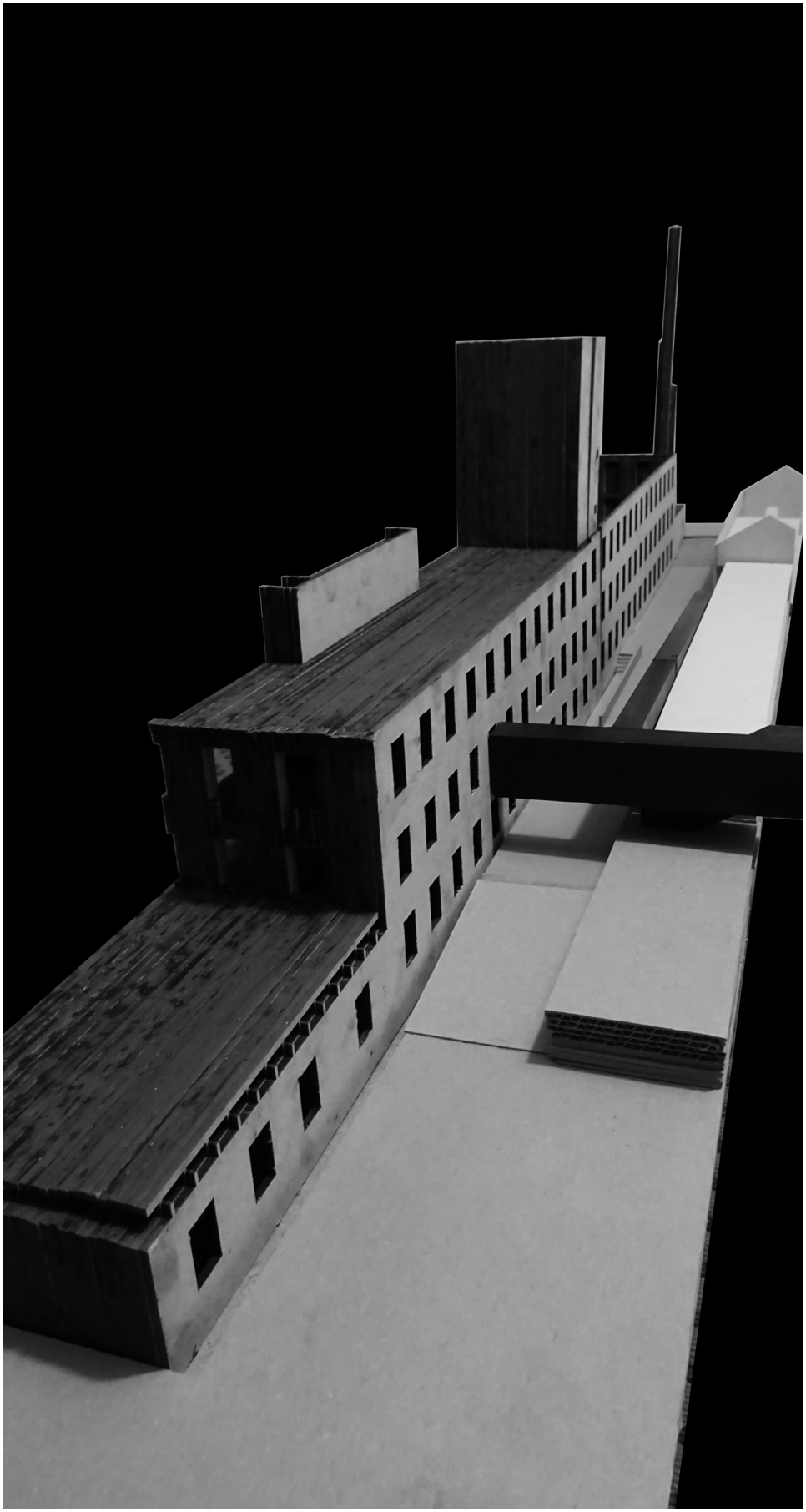


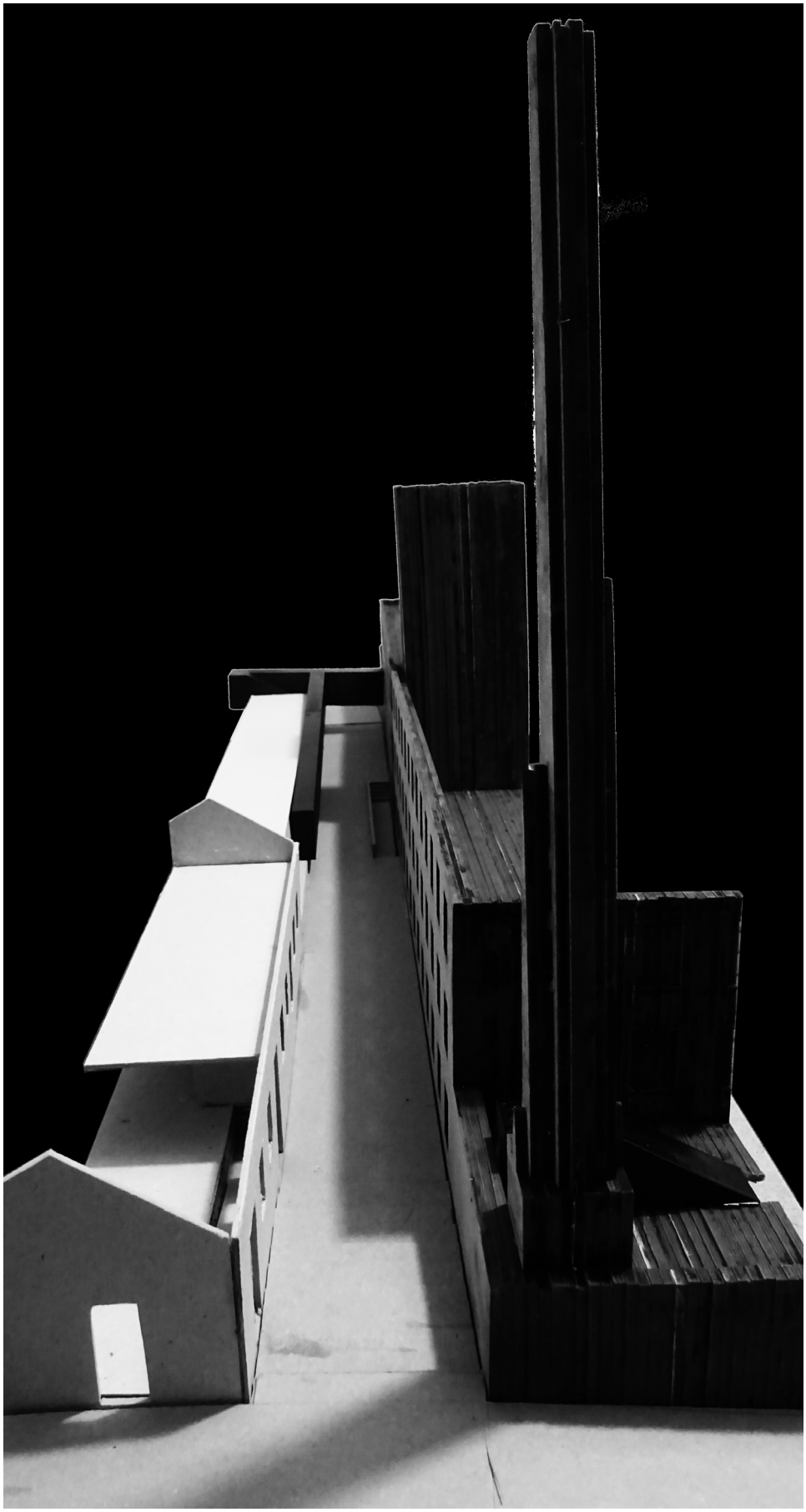


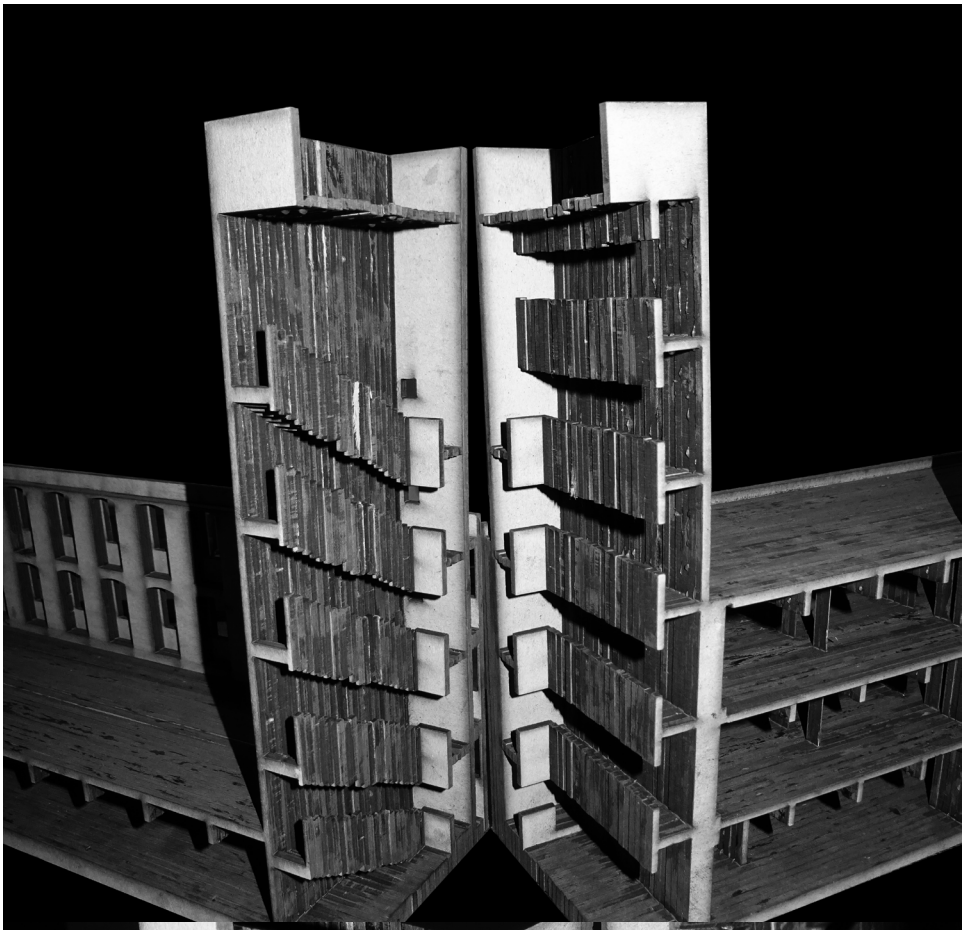
Maquete do projeto, escala 1/100



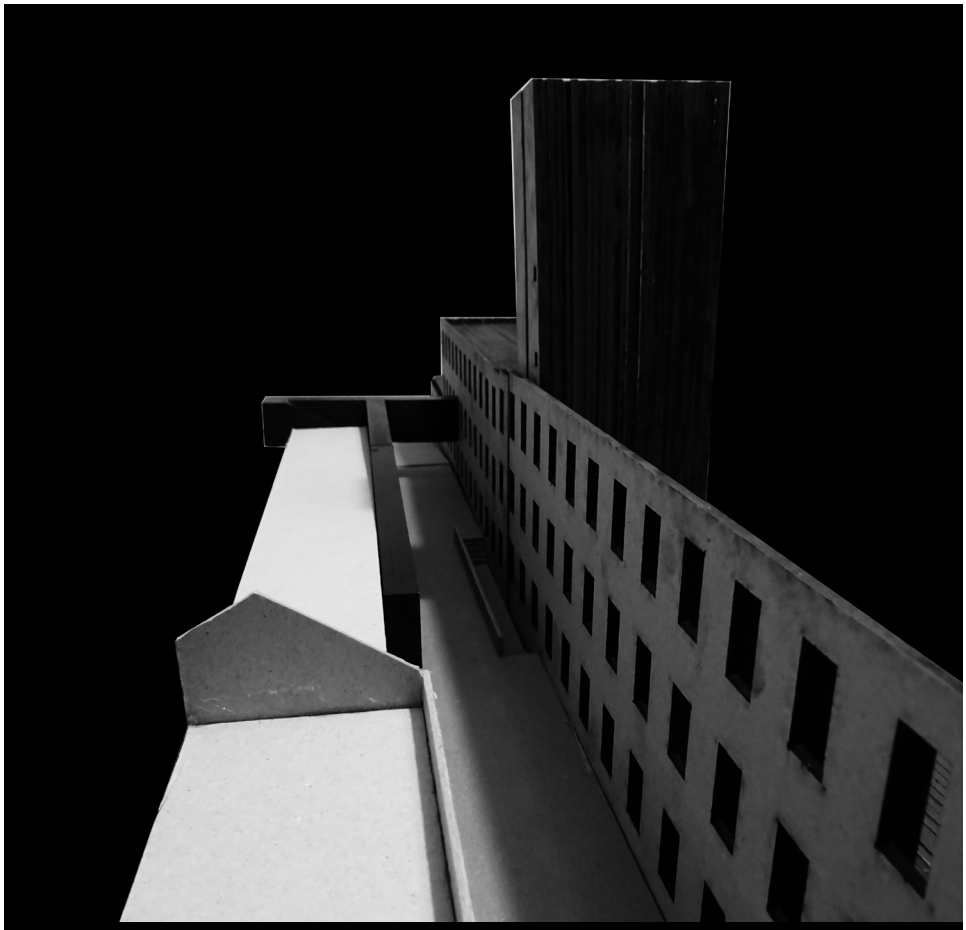




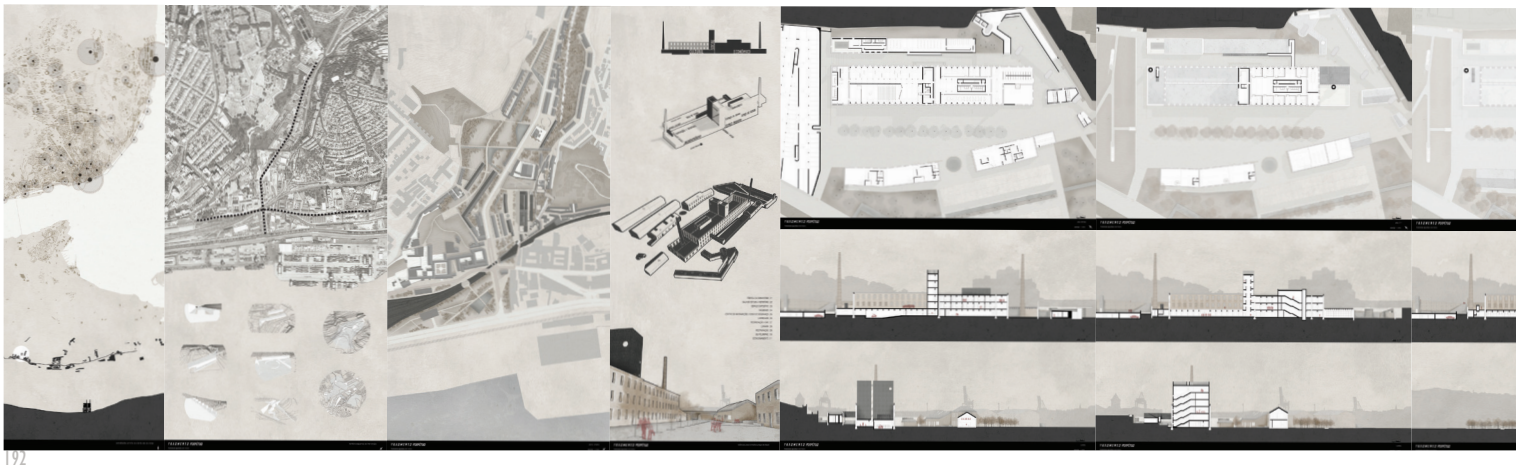




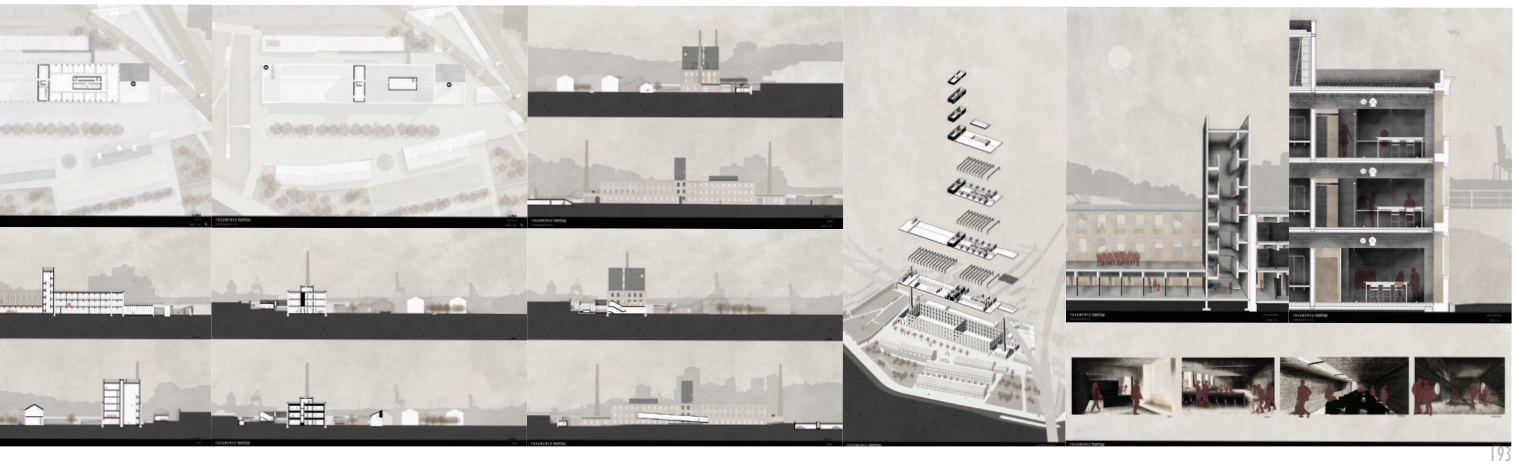








PEÇAS DESENHADAS



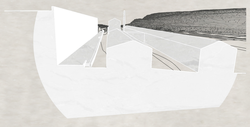


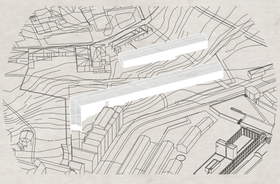
FRAGMENTO PERPÉTUO

francisco guedes 20121203

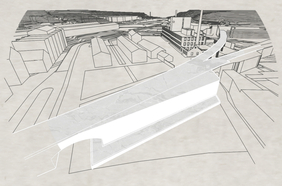
centralidades.caminho do oriente.vale de chelas

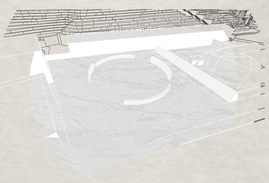




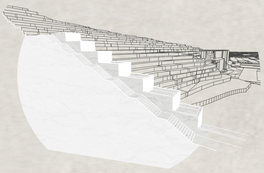


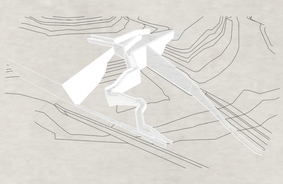












FRAGMENTO PERPÉTUO

francisco guedes 20121203

território.esquemas de intervenção



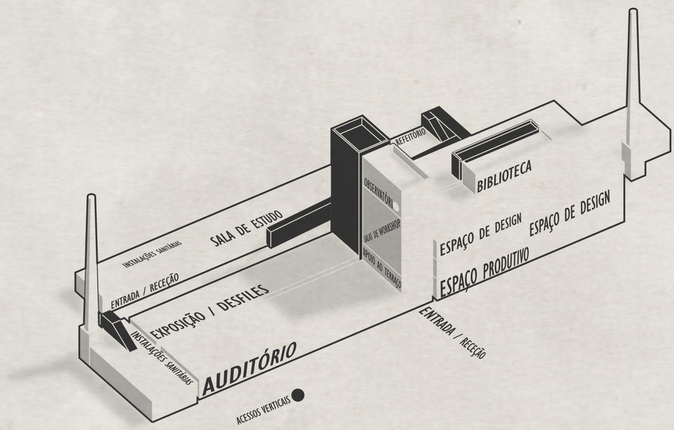
FRAGMENTO PERPÉTUO

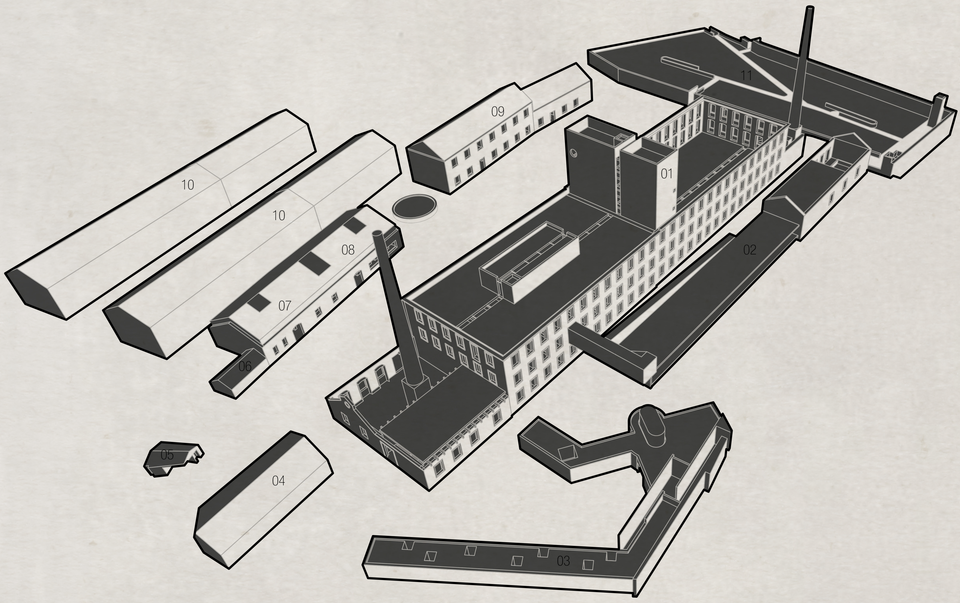
francisco guedes 20121203

plano urbano

escala 1 | 1000







FÁBRICA DA SAMARITANA .01
SALA DE ESTUDO / REFEITÓRIO .02
ESPAÇO EXPOSITIVO .03
BALNEÁRIO .04
CENTRO DE INFORMAÇÕES / CASA DO SEGURANÇA .05
LAVANDARIA .06
RESTAURAÇÃO / BAR .07
LIVRARIA .08
RESTAURAÇÃO .09
VILA FLAMIANO .10
ESTACIONAMENTO .11



FRAGMENTO PERPÉTUO

francisco guedes 20121203

piso térreo

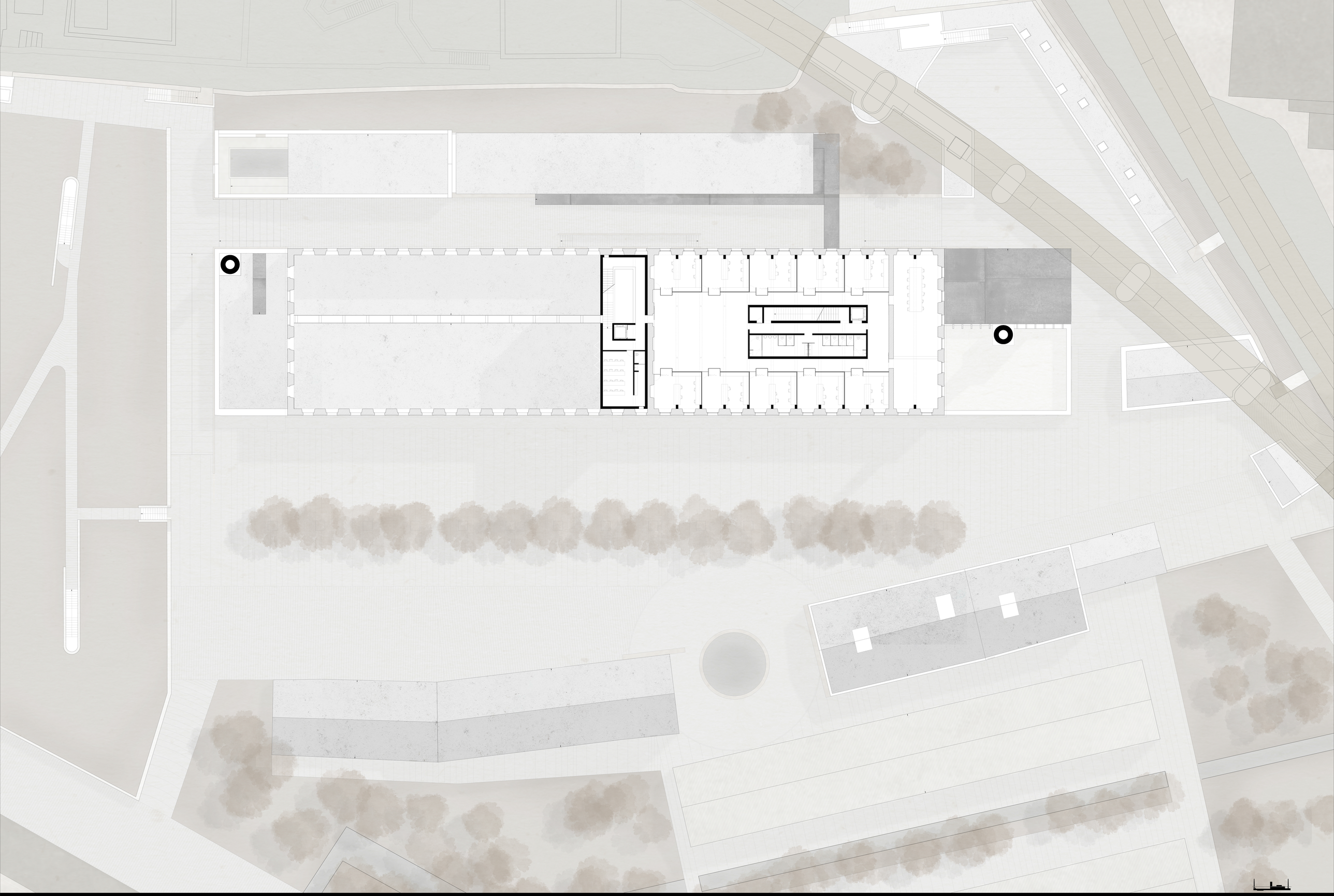
escala 1 | 200

FRAGMENTO PERPÉTUO

francisco guedes 20121203

piso 01

escala 1 | 200

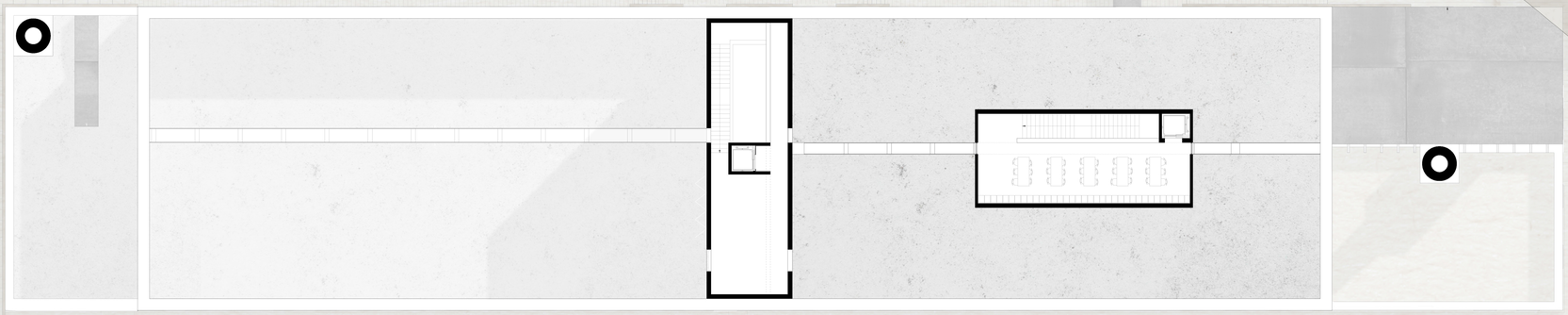


FRAGMENTO PERPÉTUO

francisco guedes 20121203

piso 02

escala 1 | 200

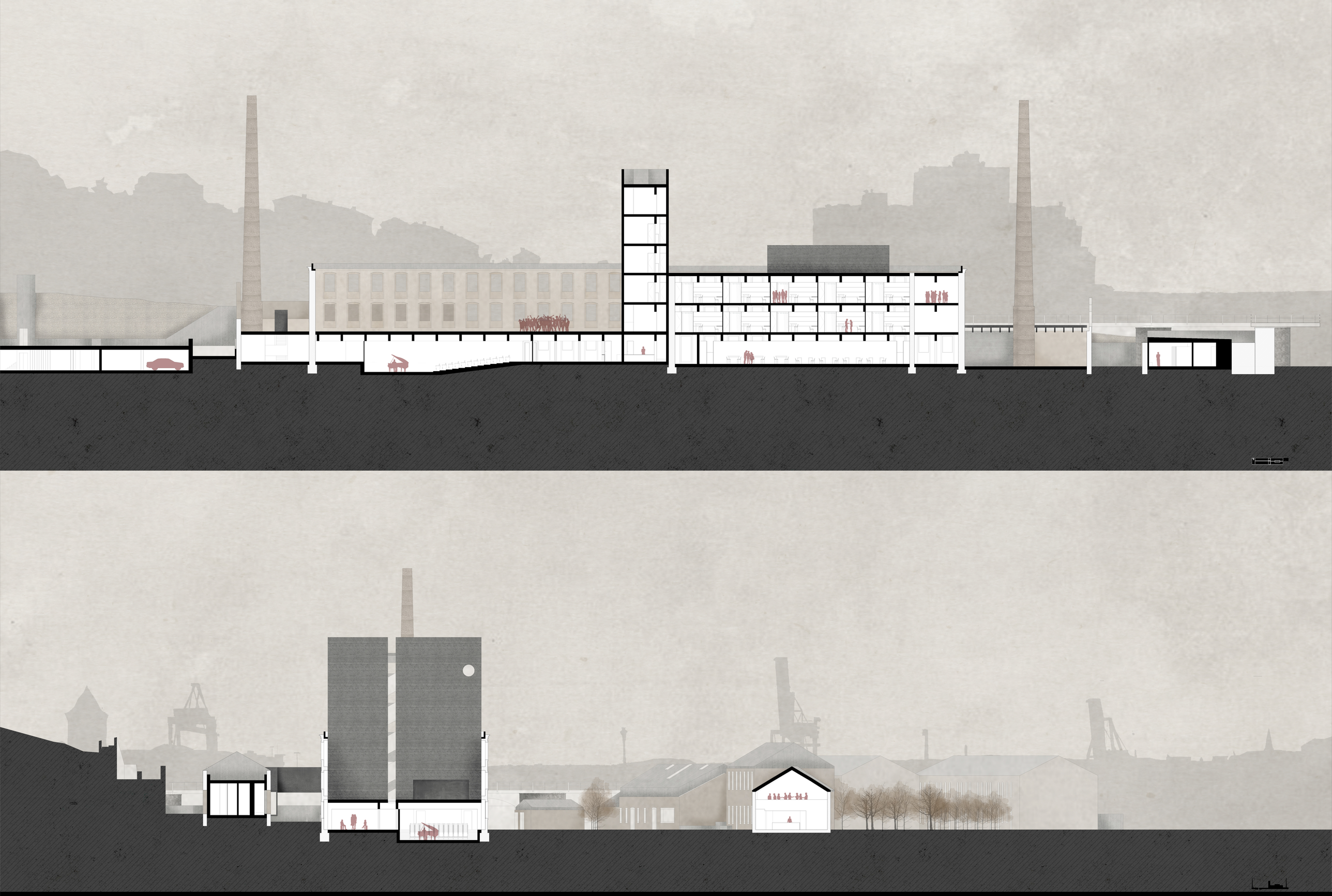


FRAGMENTO PERPÉTUO

francisco guedes 20121203

piso 03+05

escala 1 | 200

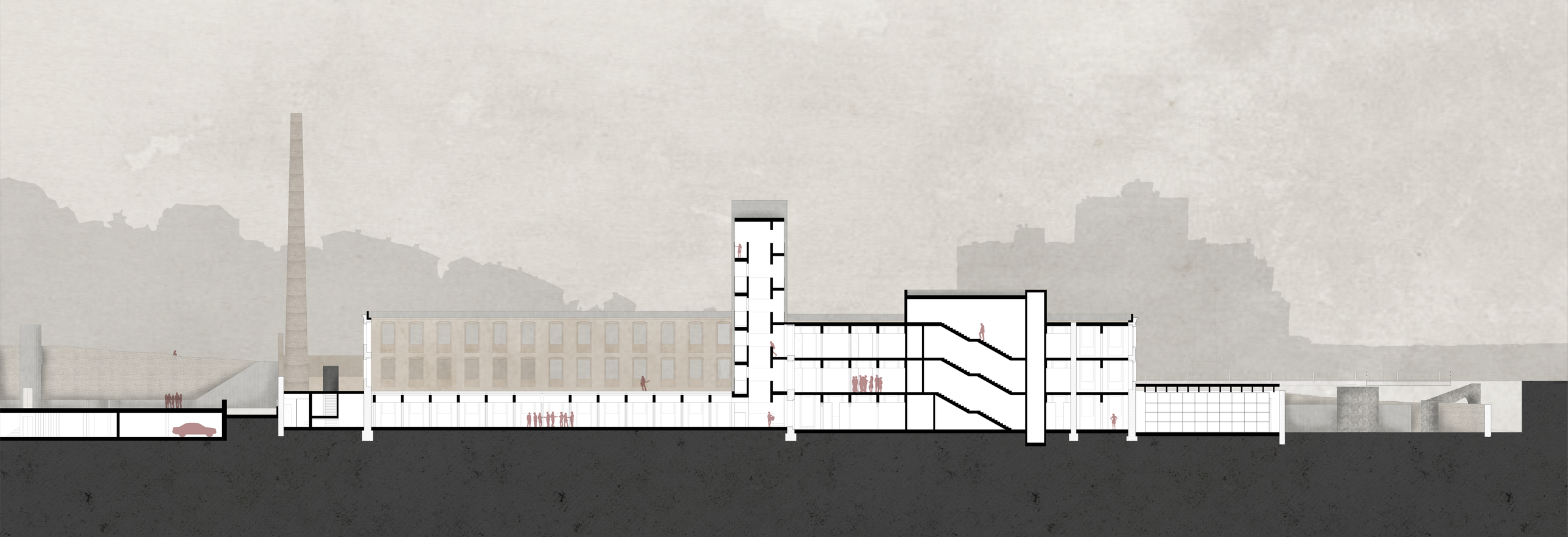


FRAGMENTO PERPÉTUO

francisco guedes 20121203

cortes

escala 1 | 200



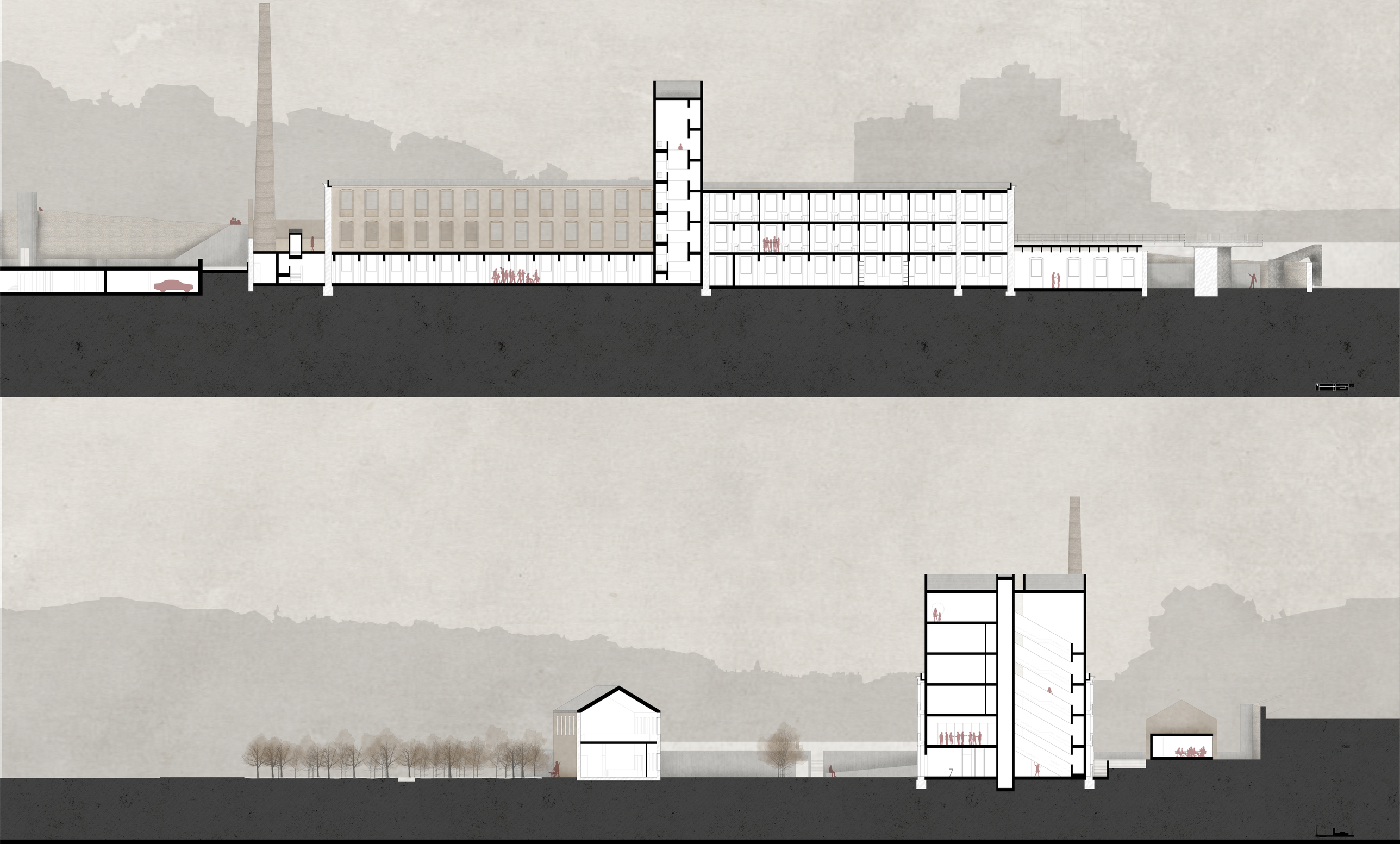


FRAGMENTO PERPÉTUO

francisco guedes 20121203

cortes

escala 1 | 200



FRAGMENTO PERPÉTUO

francisco guedes 20121203

cortes

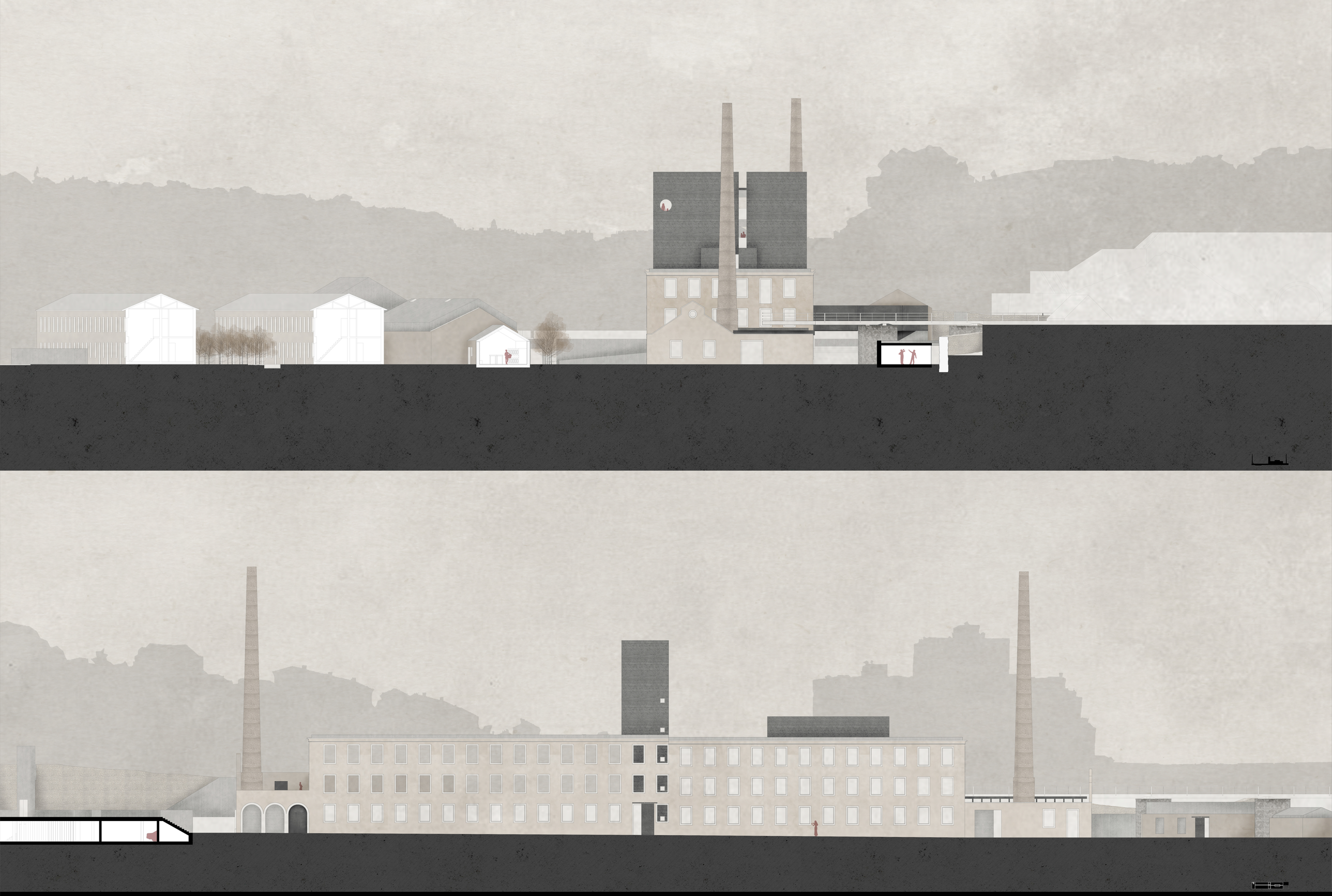
escala 1 | 200

FRAGMENTO PERPÉTUO

francisco guedes 20121203

cortes

escala 1 | 200



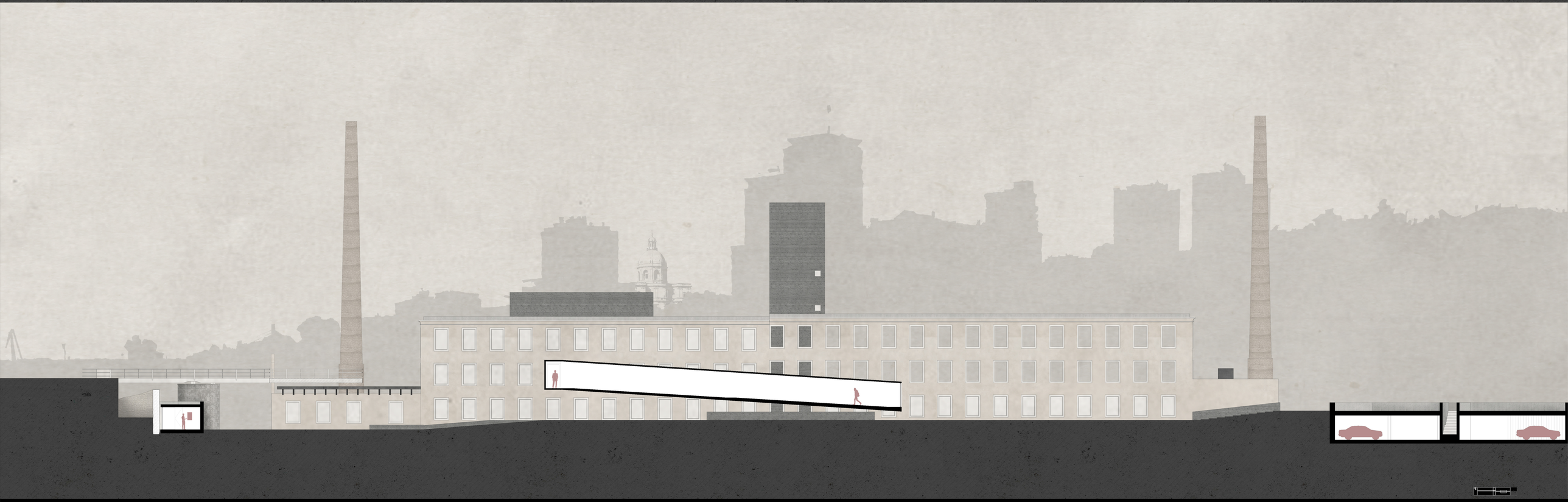
FRAGMENTO PERPÉTUO

francisco guedes 20121203

alçados

escala 1 | 200



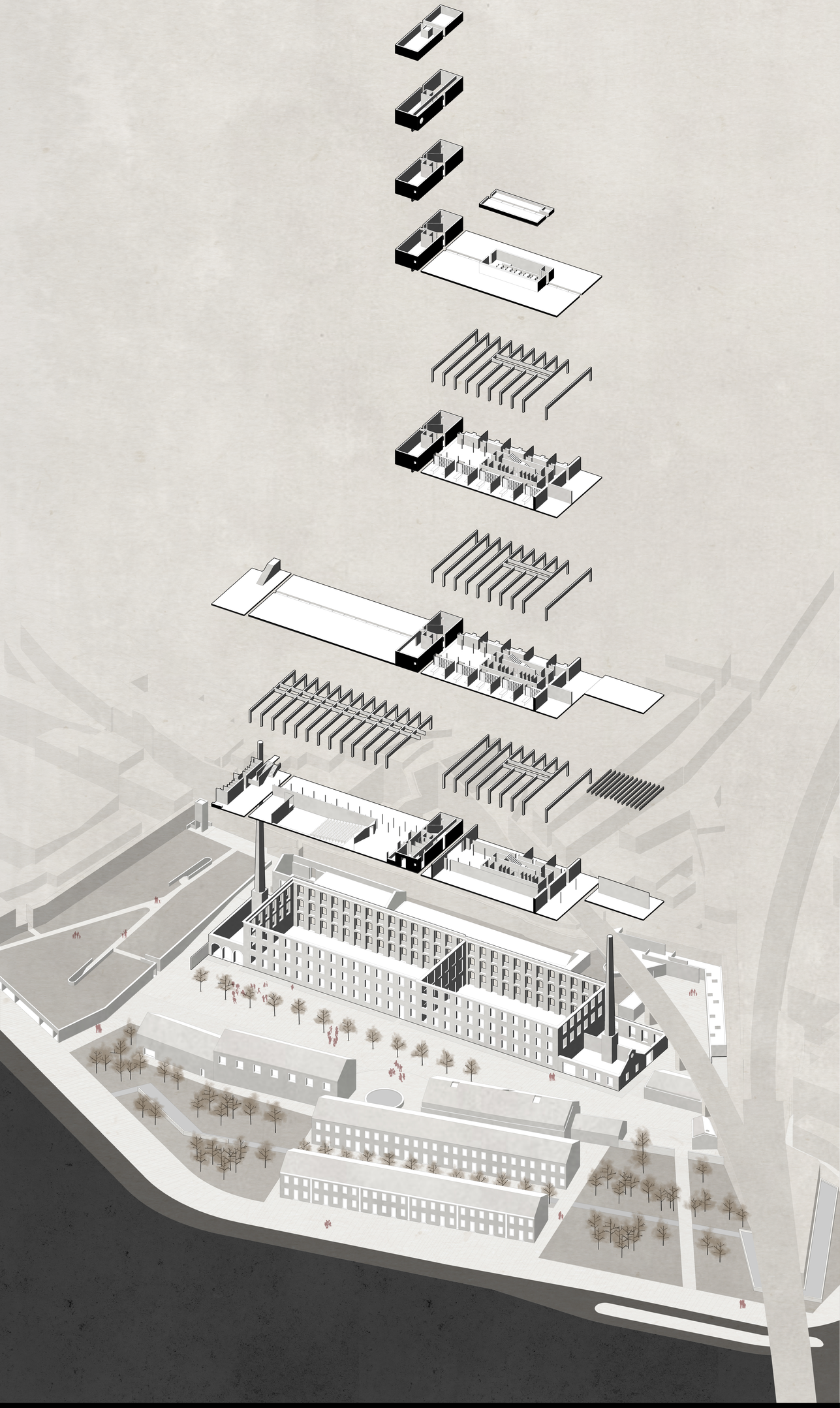


FRAGMENTO PERPÉTUO

francisco guedes 20121203

alçados

escala 1 | 200



FRAGMENTO PERPÉTUO

francisco guedes 20121203

axonometria explodida

FRAGMENTO PERPÉTUO

francisco guedes 20121203

corte perspectivado

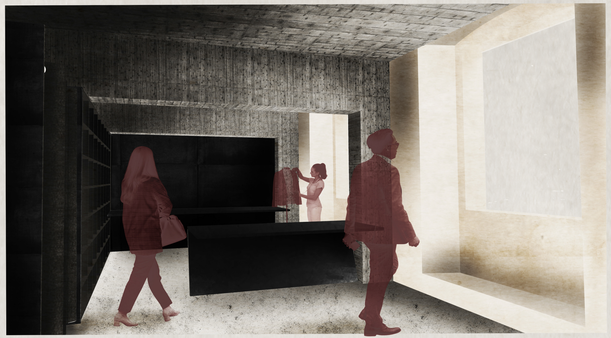
escala 1 | 50

FRAGMENTO PERPÉTUO

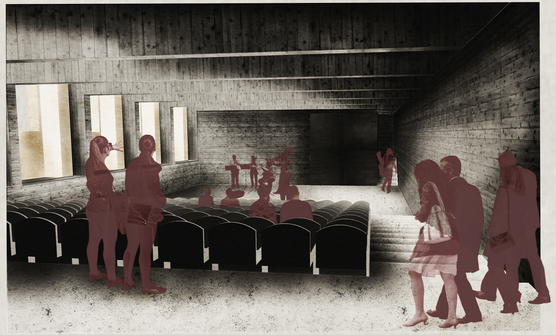
francisco guedes 20121203

corte de pormenor

escala 1 | 20



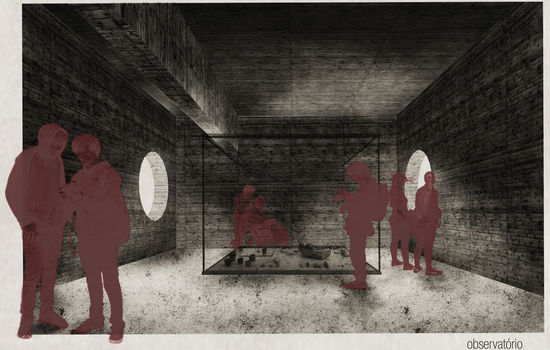
atelier



auditório



biblioteca



observatório